

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • NOVEMBRO DE 2012

A Liahona



Discursos da Conferência Geral

**Redução da Idade
para os Missionários
de Tempo Integral**

**Dois Novos Templos
Anunciados**

**Apresentado o Novo
Currículo dos Jovens**



© WALTER RANE, REPRODUÇÃO PROIBIDA

Todos Foram Cheios, Walter Rane

“E tomando [Jesus] os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, abençoou e partiu os pães, e deu-os aos seus discípulos para que pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos.

E todos comeram, e ficaram fartos” (Marcos 6:41–42).

“E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças” (Mateus 14:21).

SESSÃO DA MANHÃ DE SÁBADO

- 4 Bem-vindos à Conferência
Presidente Thomas S. Monson
- 6 Podeis Agora Sentir Isso?
Élder Quentin L. Cook
- 10 Sei Disso. Vivo Isso. Adoro Isso.
Ann M. Dibb
- 12 Um Inexprimível Dom de Deus
Élder Craig C. Christensen
- 15 “Porque Eu Vivo, e Vós Vivereis”
Élder Shayne M. Bowen
- 18 Perguntem aos Missionários!
Eles Podem Ajudá-los!
Élder Russell M. Nelson
- 21 Remorsos e Decisões
Presidente Dieter F. Uchtdorf

SESSÃO DA TARDE DE SÁBADO

- 25 Apoio aos Líderes da Igreja
Presidente Henry B. Eyring
- 26 Tornar-se Bons Pais
Élder L. Tom Perry
- 29 Ocupar-se Zelosamente
Élder M. Russell Ballard
- 32 “Vinde a Mim Ó Vós, Casa de Israel”
Élder Larry Echo Hawk
- 34 O Que Dará o Homem em
Recompensa da Sua Alma?
Élder Robert C. Gay
- 37 O Padrão do Templo
Élder Scott D. Whiting
- 39 Prova da Vossa Fé
Élder Neil L. Andersen
- 43 Proteger as Crianças
Élder Dallin H. Oaks

SESSÃO DO SACERDÓCIO

- 47 Irmãos, Temos Trabalho a Fazer
Élder D. Todd Christofferson
- 51 Ser Valorosos Quanto à Coragem,
Vigor e Atividade
Bispo Gary E. Stevenson
- 54 Acautelai-vos
Élder Anthony D. Perkins
- 57 A Alegria do Sacerdócio
Presidente Dieter F. Uchtdorf
- 60 Ajudá-los a Estabelecer Metas
Elevadas
Presidente Henry B. Eyring
- 68 Ver os Outros Como Eles Podem
Vir a Ser
Presidente Thomas S. Monson

SESSÃO DA MANHÃ DE DOMINGO

- 72 Onde Está o Pavilhão?
Presidente Henry B. Eyring
- 75 A Expição
Presidente Boyd K. Packer
- 78 Primeiro Observar, Depois Servir
Linda K. Burton
- 81 Aprender com Nosso Coração
Élder Walter F. González
- 83 O Primeiro Grande Mandamento
Élder Jeffrey R. Holland
- 86 Pensem nas Bênçãos
Presidente Thomas S. Monson

SESSÃO DA TARDE DE DOMINGO

- 90 Ser um Cristão Mais Cristão
Élder Robert D. Hales
- 93 A Alegria de Redimir os Mortos
Élder Richard G. Scott
- 96 Um Passo para Mais Perto
do Salvador
Russell T. Osguthorpe
- 99 Pela Fé Todas as Coisas
São Cumpridas
Élder Marcus B. Nash
- 101 Tornar-se um Verdadeiro
Discípulo
Élder Daniel L. Johnson
- 104 As Bênçãos do Sacramento
Élder Don R. Clarke
- 106 Convertidos ao Senhor
Élder David A. Bednar
- 110 Deus Vos Guarde
*Presidente Thomas S.
Monson*

REUNIÃO GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO

- 111 Temos a Fé na Expição de Jesus
Cristo Escrita em Nosso Coração?
Linda K. Burton
- 115 Despertar Plenamente para Nossos
Deveres
Carole M. Stephens
- 118 O Senhor Não Se Esqueceu de Você
Linda S. Reeves
- 121 A Cuidadora
Presidente Henry B. Eyring
- 64 Revista Internacional de A Igreja
de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias
- 125 Índice das Histórias Contadas
na Conferência
- 126 Notícias da Igreja
- 128 Presidências Gerais das Auxiliares



Resumo da 182ª Conferência Geral Semestral

MANHÃ DE SÁBADO, 6 DE OUTUBRO DE 2012, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson. Dirigida por: Presidente Henry B. Eyring. Oração de Abertura: Élder Kevin R. Duncan. Oração de Encerramento: Élder Juan A. Uceda. Música pelo Coro do Tabernáculo; Mack Wilberg e Ryan Murphy, regentes; Clay Christiansen e Richard Elliott, organistas: “Glória a Deus Cantai”, *Hinos* nº 33; “Que Firme Alicerce”, *Hinos* nº 42, arr. Wilberg, pub. Oxford; “Sim, Eu Te Seguirei”, *Hinos*, nº 134; “Graças Damos, Ó Deus, por um Profeta”, *Hinos*, nº 9; “Vou Cumprir o Plano de Deus”, *Músicas para Crianças*, p. 86, arr. Hofheins, não publicado; “Alegres Cantemos”, *Hinos*, nº 3, arr. Wilberg, não publicado.

TARDE DE SÁBADO, 6 DE OUTUBRO DE 2012, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson. Dirigida por: Presidente Dieter F. Uchtdorf. Oração de Abertura: Élder Gerrit W. Gong. Oração de Encerramento: Élder Jose L. Alonso. Música por um coro combinado de jovens de Bennion e Taylorsville, Utah; Leah Tarrant, regente; Linda Margetts e Bonnie Goodliffe, organistas: “Arise, O Glorious Zion”, *Hymns*, nº 407; “Sou um Filho de Deus”, *Hinos*, nº 193, arr. Perry, não publicado; “Trabalhemos Hoje”, *Hinos*, nº 141; “On This Day of Joy and Gladness”, *Hymns*, nº 64, arr. Huff, não publicado.

NOITE DE SÁBADO, 6 DE OUTUBRO DE 2012, SESSÃO DO SACERDÓCIO

Preside: Presidente Thomas S. Monson. Dirigida por: Presidente Dieter F. Uchtdorf. Oração de Abertura: Élder Jay E. Jensen. Oração de Encerramento: Élder Patrick Kearon. Música por um coro do Sacerdócio de Melquisedeque de Ogden, Utah; Stephen P. Schank e Derek Furch, regentes; Andrew Unsworth, organista: “Louvai a Deus”, *Hinos* nº 34; “Amai-vos Uns aos Outros”, *Hinos* nº 197, arr. Furch, não publicado; “Jeová, Sê Nosso Guia”, *Hinos*, nº 40; “Juventude da Promessa”, *Hinos*, nº 182, arr. Schank, não publicado.

MANHÃ DE DOMINGO, 7 DE OUTUBRO DE 2012, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson. Dirigida por: Presidente Dieter F. Uchtdorf.

Oração de Abertura: Élder Marlin K. Jensen. Oração de Encerramento: Élder Keith R. Edwards. Música pelo Coro do Tabernáculo; Mack Wilberg, regente; Richard Elliott e Andrew Unsworth, organistas: “A Verdade o Que É?” *Hinos*, nº 171; “A Alva Rompe”, *Hinos*, nº 1, arr. Wilberg, não publicado; “Does the Journey Seem Long?” *Hymns*, nº 127, arr. Wilberg, não publicado (Shane Warby, solista); “Chamados a Servir”, *Hinos*, nº 166; “Se ao Meu Lado Estivesse o Salvador”, Esboço para o Tempo de Compartilhar de 2008, p. 11, arr. Sally DeFord. Cardon, não publicado; “If the Way Be Full of Trial, Weary Not”, *Songs of Zion*, 1912, nº 158, arr. Wilberg, não publicado.

TARDE DE DOMINGO, 7 DE OUTUBRO DE 2012, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson. Dirigida por: Presidente Henry B. Eyring. Oração de Abertura: Élder Octaviano Tenorio. Oração de Encerramento: Élder Larry W. Gibbons. Música pelo Coro do Tabernáculo; Mack Wilberg e Ryan Murphy, regentes; Bonnie Goodliffe e Linda Margetts, organistas: “O Mundo Desperta”, *Hinos*, nº 26, arr. Murphy, não publicado; “Com Fervor Fizeste a Prece?” *Hinos*, nº 83, arr. Wilberg, pub. Jackman; “A Deus, Senhor e Rei”, *Hinos*, nº 35; “Deus Vos Guarde”, *Hinos*, nº 85, arr. Wilberg, não publicado.

TARDE DE SÁBADO, 29 DE SETEMBRO DE 2012, REUNIÃO GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO

Preside: Presidente Thomas S. Monson. Dirigida por: Linda K. Burton. Oração de Abertura: Maria Torres. Oração de Encerramento: Melinda Barrow. Música por um coro de jovens adultas solteiras das Estacas Salt Lake Bonneville, Salt Lake Holladay e Murray Utah YSA; Emily Wadley, regente; Linda Margetts, organista: “Trabalhemos Hoje”, *Hinos* nº 141; medley de “Ele Mandou Seu Filho”, *Músicas para Crianças*, p. 20, e “Eu Quero Ser Como Cristo”, *Músicas para Crianças*, p. 40, arr. Sally DeFord, não publicado; “Assombro Me Causa”, *Hinos*, nº 112; “Careço de Jesus”, *Hinos*, nº 61, arr. Beebe, pub. Larice.

GRAVAÇÃO DAS SESSÕES DA CONFERÊNCIA

Para acessar os discursos da conferência geral em vários idiomas pela Internet, visite

o site conference.LDS.org. Selecione um idioma. Geralmente, dois meses após a conferência, as gravações também são disponibilizadas nos Centros de Distribuição.

MENSAGENS DE MESTRES FAMILIARES E PROFESSORAS VISITANTES

Para as mensagens de mestres familiares e professoras visitantes, escolha um discurso que mais atenda às necessidades daqueles a quem você visita.

NA CAPA

Primeira capa: Fotografia: Derek Israelsen. Última capa: Fotografia: Leslie Nilsson.

FOTOGRAFIAS DA CONFERÊNCIA

As cenas da conferência geral em Salt Lake City foram fotografadas por Craig Dimond, Welden C. Andersen, John Luke, Matthew Reier, Cody Bell, Leslie Nilsson, Weston Colton, Sarah Jensen, Derek Israelsen, Scott Davis, Kristy Jordan, Randy Collier, Lloyd Eldredge e Cara Call; em Botsuana por John Huntsman; no Brasil por Francisco Flávio Dias Carneiro; na Estônia por Amanda Robinson; na Grécia por David L. Mower; na Itália por Christopher Dean; no México por Carlos Israel Gutierrez Robles; em Moçambique por Daniel Osborn; na Polônia por Lois Jensen; na Escócia por John J. Graham; na Espanha por Antoni García Corrius; e em Taiwan por Danny Chan La.



Revista Internacional em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Thomas S. Monson, Henry B. Eyring e Dieter F. Uchtdorf

Quórum dos Doze Apóstolos: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson e Neil L. Andersen

Editor: Craig A. Cardon

Consultores: Shayne M. Bowen, Bradley D. Foster, Christoffel Golden Jr., Anthony D. Perkins

Diretor Administrativo: David T. Warner

Diretor de Apoio à Família e aos Membros: Vincent A. Vaughn

Diretor das Revistas da Igreja: Allan R. Loyborg

Gerente de Relações Comerciais: Garff Cannon

Gerente Editorial: R. Val Johnson

Gerente Editorial Assistente: LaRene Porter Gaunt

Assistente de Publicações: Melissa Zenteno

Equipe de Composição e Edição de Textos: Susan Barrett, Ryan Carr, David Dickson, David A. Edwards, Matthew D. Flitton, Lia McClanahan, Michael R. Morris, Richard M. Romney, Paul VanDenBerghe, Julia Woodbury

Diretor Administrativo de Arte: J. Scott Knudsen

Diretor de Arte: Tadd R. Peterson

Equipe de Diagramação: Jeanette Andrews, Fay P. Andrus, C. Kimball Bott, Thomas Child, Kerry Lynn C. Herrin, Colleen Hinckley, Eric P. Johnsen, Scott M. Mooy, Brad Teare

Coordenadora de Propriedade Intelectual:

Collette Nebeker Aune

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Equipe de Produção: Connie Bowthorpe Bridge, Howard G. Brown, Julie Burdett, Bryan W. Gygi, Kathleen Howard, Denise Kirby, Ginny J. Nilson, Gayle Tate Rafferty

Pré-Impressão: Jeff L. Martin

Diretor de Impressão: Craig K. Sedgwick

Diretor de Distribuição: Evan Larsen

Tradução: Edson Lopes

Distribuição:

Corporação do Bispado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Steinmühlstrasse 16, 61352 Bad Homburg v.d.H., Alemanha.

Para assinatura ou mudança de endereço, entre em contato com o Serviço ao Consumidor. Ligação Gratuita: 00800 2950 2950. Telefone: +49 (0) 6172 4928 33/34. E-mail: orderseu@ldschurch.org. Online: store.lds.org. Preço da assinatura para um ano: € 3,75 para Portugal, € 3,00 para Açores e CVE 83,5 para Cabo Verde.

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do Canadá, acesse o site store.LDS.org ou entre em contato com o Centro de Distribuição local ou o líder da ala ou do ramo. Envie manuscritos e perguntas online para liahona.LDS.org; pelo correio, para: *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou por e-mail, para: liahona@LDSchurch.org.

A Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "guia", é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama, búlgaro, cambiano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, filipino, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatiano, romeno, russo, samoano, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2012 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

O texto e o material visual encontrados na revista *A Liahona* podem ser copiados para uso eventual, na Igreja ou no lar, não para uso comercial. O material visual não poderá ser copiado se houver qualquer restrição indicada nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada:

November 2012 Vol. 65 No. 11. LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new addresses *must* be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Poste Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, PO Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368.



LISTA DE ORADORES

Andersen, Neil L., 39
Ballard, M. Russell, 29
Bednar, David A., 106
Bowen Shayne M., 15
Burton, Linda K., 78, 113
Christensen, Craig C., 12
Christofferson, D. Todd, 47
Clarke, Don R., 104
Cook, Quentin L., 6
Dibb, Ann M., 10
Echo Hawk, Larry, 32
Eyring, Henry B., 60, 72, 121
Gay, Robert C., 34
González, Walter F., 81
Hales, Robert D., 92
Holland, Jeffrey R., 88
Johnson, Daniel L., 101
Monson, Thomas S., 4, 68, 86, 110
Nash, Marcus B., 105
Nelson, Russell M., 18
Oaks, Dallin H., 43
Osguthorpe, Russell T., 98
Packer, Boyd K., 75
Perkins, Anthony D., 54
Perry, L. Tom, 26
Reeves, Linda S., 123
Scott, Richard G., 93
Stephens, Carole M., 115
Stevenson, Gary E., 51
Uchtdorf, Dieter F., 21, 57
Whiting, Scott D., 37

ÍNDICE POR ASSUNTO

Adversidade, 39, 112, 115
Alegria, 21, 57
Amor, 10, 78, 88, 123
Aprendizado, 10, 98
Arbítrio, 51
Arrependimento, 34, 75
Ativação, 68
Caridade, 121
Casa de Israel, 32
Casamento, 26, 43, 47
Castidade, 6, 39
Convênios, 54
Conversão, 6, 54, 81, 98, 106
Coragem, 51, 68
Crianças, 15, 43
Cristianismo, 92
Cura, 81
Dedicação, 51
Dever, 115
Discipulado, 21, 29, 78, 88, 92, 101
Emprego, 47
Ensino, 18, 98
Esperança, 15
Espírito Santo, 12, 81, 105
Expiação, 6, 75, 104, 113
Família, 26, 43, 54
Fé, 39, 72, 105, 113
Gratidão, 112

História da família, 93
Humildade, 34, 72
Inspiração, 86
Jesus Cristo, 15, 18, 75, 105, 113, 123
Jovens, 60
Lealdade, 88
Livro de Mórmon, 32
Morte, 15
Obediência, 101
Obra missionária, 4, 18
Orar, 86
Padrões, 37
Pornografia, 6
Prioridades, 21
Restauração, 15
Restauração, 18
Revelação, 60
Sacerdócio, 47, 51, 54, 57
Sacramento, 104
Sacrifício, 34
Serviço, 12, 29, 57, 72, 78, 101, 112, 115, 121
Sociedade de Socorro, 111, 115, 121
Talentos, 60
Templos, 4, 12, 37, 93
Testemunho, 68, 106
Trabalho, 29



Presidente Thomas S. Monson

Bem-Vindos à Conferência

Ouçamos com atenção às mensagens (...); que possamos sentir o Espírito do Senhor e obter o conhecimento que Ele deseja nos dar.

Até onde consigo ver, todos os assentos estão ocupados, exceto alguns bem ali atrás. Acho que podemos melhorar. Isso é uma cortesia para com aqueles que talvez estejam um pouco atrasados por causa do trânsito, para que encontrem um assento quando chegarem.

Este é um dia espetacular: dia de conferência. Ouvimos um lindo coro cantar uma música magnífica. Toda vez que ouço o coro, ou o órgão, ou o piano, penso em minha mãe, que disse: “Gosto muito de tudo o que lhe foi concedido, de todos os diplomas que conquistou e todo o trabalho que realizou. Minha única frustração

é que você não prosseguiu com o piano”. Obrigado, mãe. Quisera ter continuado.

Como é bom, meus irmãos e irmãs, dar-lhes as boas-vindas à 182ª Conferência Geral Semestral de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Desde nosso último encontro, há seis meses, três novos templos foram dedicados e outro foi rededicado. Em maio, tive o privilégio de dedicar o belo Templo de Kansas City Missouri e de assistir à celebração cultural relacionada à dedicação. Vou mencionar essa celebração com mais detalhes em meu discurso de amanhã cedo.

Em junho, o Presidente Dieter F. Uchtdorf dedicou o tão aguardado templo em Manaus, Brasil, e no início de setembro, o Presidente Henry B. Eyring rededicou o recém-restaurado Templo de Buenos Aires, Argentina, templo esse que tive o privilégio de dedicar há quase 27 anos. Há apenas duas semanas, o Presidente Boyd K. Packer dedicou o belo Templo de

Brigham City, cidade onde ele nasceu e foi criado.

Como já disse antes, nenhum edifício construído pela Igreja é mais importante do que um templo, e temos o prazer de ter 139 templos em funcionamento em todo o mundo, com 27 outros anunciados ou em construção. Somos gratos por esses santos edifícios e pelas bênçãos que trazem a nossa vida.

Nesta manhã, tenho o prazer de anunciar mais dois templos que serão construídos nos próximos meses e anos, nos seguintes locais: Tucson, Arizona, e Arequipa, Peru. Detalhes sobre esses templos serão fornecidos futuramente quando as permissões e aprovações necessárias forem obtidas.

Irmãos e irmãs, passarei agora a outra questão, a saber, o serviço missionário.

Por um tempo, a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos permitiram que os rapazes com 18 anos de idade, em alguns países, servissem desde que fossem dignos, capazes, tivessem terminado o Ensino Médio e que tivessem expressado o desejo sincero de servir. Essa foi uma prática específica para certos países e permitiu que milhares de rapazes servissem missões honradas e também cumprissem as obrigações militares necessárias e as oportunidades educacionais.

Nossa experiência com esses missionários de 18 anos de idade tem sido positiva. Os presidentes de missão deles relatam que são obedientes, fiéis, maduros e servem de maneira tão competente quanto o fazem os missionários mais velhos que servem na mesma missão. A fidelidade, a obediência e a maturidade deles fizeram com que desejássemos que essa mesma opção de servir como missionário antecipadamente fosse estendida a *todos* os rapazes, independentemente do seu país de origem.

Estou feliz por anunciar que, a vigorar a partir de agora, todos os rapazes dignos e capazes que tiverem se formado no Ensino Médio ou equivalente, independentemente de onde morem, terão a opção de





serem recomendados para o serviço missionário a partir dos 18 anos de idade, em vez de aos 19. Não estou sugerindo que todos os rapazes irão — ou deverão — servir com a idade de 18 anos. Em vez disso, com base nas circunstâncias individuais, bem como após a determinação dos líderes do sacerdócio, essa opção agora está disponível.

Ao orarmos fervorosamente a respeito da idade em que os rapazes devem iniciar o trabalho missionário, levamos em consideração também a idade em que uma moça deve servir missão. Hoje, tenho o prazer de anunciar que toda moça capaz e digna,

que tenha o desejo de servir, pode ser recomendada para o serviço missionário a partir dos 19 anos de idade, em vez de aos 21.

Afirmamos que o trabalho missionário é um dever do sacerdócio, e incentivamos todos os rapazes dignos, fisicamente aptos e mentalmente capazes a responder ao chamado para servir. Muitas moças também servem, mas não estão sob a mesma obrigação de servir que os rapazes. Asseguramos às jovens sísteres da Igreja, entretanto, que elas dão uma valiosa contribuição como missionárias, e nos sentimos muito felizes pelo serviço que prestam.

Ainda precisamos de muitos mais casais idosos. Se as circunstâncias permitirem, quando estiverem prontos para se aposentar, e se sua saúde permitir, incentivo-os a apresentarem-se como voluntários para servir como missionários de tempo integral. Marido e mulher terão maior alegria ao servir juntos aos filhos do Pai Celestial.

Agora, queridos irmãos e irmãs, ouçamos com atenção às mensagens que serão apresentadas nos próximos dois dias; que possamos sentir o Espírito do Senhor e obter o conhecimento que Ele deseja nos dar. Que seja essa a nossa experiência, oro em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Quentin L. Cook
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Podeis Agora Sentir Isso?

Alguns na Igreja sentem que não podem responder à pergunta de Alma com um retumbante “sim”. Eles não podem “sentir isso agora”.

Presidente Monson, nós o amamos, honramos e apoiamos! Esse anúncio de importância histórica em relação ao serviço missionário é muito inspirador. Lembro-me da emoção que senti, em 1960, quando a idade para que os rapazes servissem missão foi reduzida de 20 para 19 anos. Fui para a Missão Britânica quando eu tinha 20 anos. O primeiro a chegar com 19 anos em nossa missão foi o Élder Jeffrey R. Holland, um missionário incrível. Faltavam-lhe poucos meses para completar 20 anos. Depois, naquele ano, muitos outros missionários de 19 anos chegaram à missão. Eram missionários fiéis e obedientes, e o trabalho progrediu muito. Tenho certeza de que uma colheita ainda maior será alcançada agora, quando missionários dignos e comprometidos cumprirem o mandamento do Senhor de pregar Seu evangelho.

Em minha opinião, vocês da nova geração estão mais bem preparados do que os de qualquer geração anterior. Seu conhecimento das escrituras é particularmente impressionante. Contudo, os desafios que sua geração enfrenta ao preparar-se para o serviço

são semelhantes aos enfrentados por todos os membros da Igreja. Estamos todos cientes de que a cultura da maioria do mundo não é propícia para o desenvolvimento da retidão e do comprometimento espiritual. Ao longo da história, os líderes da Igreja admoestaram o povo e ensinaram

arrependimento. No Livro de Mórmon, Alma, o filho, ficou tão preocupado com a iniquidade e a falta de comprometimento que abdicou do cargo de juiz supremo, o líder do povo de Néfi, e concentrou todos os seus esforços em seu chamado profético.¹

Em um dos mais profundos versículos de todas as escrituras, Alma proclamou: “Se haveis experimentado uma mudança no coração, se haveis sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime, eu perguntaria: Podeis agora sentir isso?”²

Os líderes locais do mundo inteiro relatam que, como um todo, os membros da Igreja, especialmente nossos jovens, nunca foram mais fortes do que são hoje. Mas quase sempre relatam duas preocupações: primeiro, o problema do aumento da iniquidade no mundo e, segundo, a apatia e a falta de comprometimento de alguns membros. Eles buscam conselho sobre como ajudar os membros a seguir o Salvador e a alcançar uma conversão mais profunda e duradoura.

A pergunta: “Podeis agora sentir isso?” ressoa ao longo dos séculos. Com tudo o que recebemos nesta dispensação, incluindo a Restauração da plenitude do evangelho de Jesus Cristo, a concessão de dons espirituais e as inegáveis bênçãos do céu,



o desafio de Alma nunca foi mais importante do que agora.

Pouco depois que Ezra Taft Benson foi chamado como apóstolo, em 1943, o Presidente George Albert Smith³ aconselhou: “Sua missão [é] a de (...) advertir o povo (...) da maneira mais bondosa possível que o arrependimento será o único remédio para os males deste mundo”.⁴ Quando essa declaração foi feita, estávamos no meio da conflagração da Segunda Guerra Mundial.

Hoje, a deterioração moral aumentou vertiginosamente. Um escritor preeminente disse: “Todos sabem que a cultura é venenosa, mas ninguém espera que isso mude”.⁵ A constante exibição de violência e imoralidade na música, nos meios de entretenimento, na arte e em outras mídias de nossa cultura do dia a dia não tem precedentes. Isso foi dramaticamente descrito por um teólogo batista altamente respeitado, ao declarar: “O sistema imunológico espiritual de toda uma civilização foi lesado”.⁶

Não é de surpreender que alguns na Igreja sintam que não podem responder à pergunta de Alma com um retumbante “sim”. Eles não podem “sentir isso agora”. Sentem que estão espiritualmente secos. Outros estão zangados, magoados ou desiludidos. Se essas descrições se aplicam a você,⁷ é importante que avalie por que não consegue “sentir isso agora”.

Muitos que estão carentes de espiritualidade e de comprometimento não se envolveram obrigatoriamente em pecados ou transgressões importantes, mas fizeram escolhas pouco sensatas. Alguns são negligentes em seu cumprimento dos convênios sagrados. Outros passam a maior parte do tempo se dedicando primordialmente a causas de menor importância. Alguns permitem que fortes pontos de vista culturais ou políticos enfraqueçam sua lealdade ao evangelho de Jesus Cristo. Alguns se imergiram em conteúdos da Internet que ampliam, exageram e, em alguns casos, inventam falhas de antigos líderes da Igreja, tirando conclusões equivocadas que podem afetar seu testemunho. Todos os que fizeram

essas escolhas podem arrepender-se e ser espiritualmente renovados.

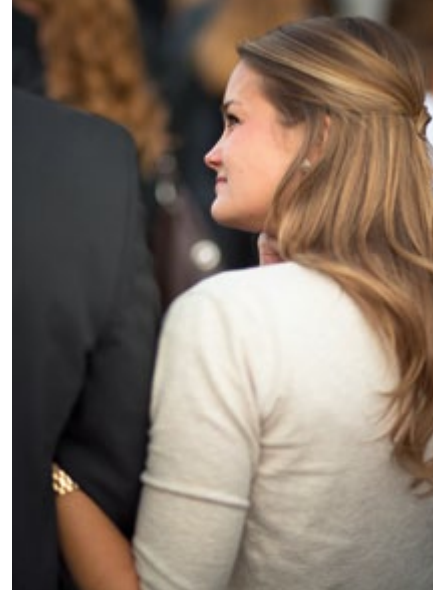
A imersão nas escrituras é essencial para o sustento espiritual.⁸ A palavra de Deus inspira o comprometimento e atua como um bálsamo que cura mágoas, raiva ou desilusão.⁹ Quando nosso comprometimento diminui por qualquer motivo, parte da solução é o arrependimento.¹⁰ O comprometimento e o arrependimento estão intimamente ligados entre si.

C. S. Lewis, o prolífico e pragmático escritor cristão, formulou essa questão de modo comovente. Declarou que o cristianismo diz às pessoas que se arrependam e lhes promete o perdão; mas enquanto as pessoas não souberem e sentirem que precisam de perdão, o cristianismo não terá significado para elas. Explicou: “Quando sabemos que estamos doentes, damos ouvidos ao médico”.¹¹

O Profeta Joseph salientou que, antes do batismo, podemos ser neutros em relação ao bem e ao mal. Mas “quando você se filiou a esta Igreja, comprometeu-se a servir a Deus. Ao fazê-lo, você saiu do solo neutro e jamais poderá voltar para lá”. Seu conselho foi de que jamais podemos abandonar o Mestre.¹²

Alma salientou que, graças à Expição de Jesus Cristo, “os braços de misericórdia (...) estão estendidos” para os que se arrependem.¹³ Ele então fez perguntas pungentes e sublimes, como: Estamos preparados para encontrar-nos com Deus? Estamos nos conservando sem culpa? Todos deveríamos ponderar essas perguntas. A própria experiência pessoal de Alma, que deixou de seguir seu fiel pai, mas depois adquiriu a drástica compreensão de quanto precisava do perdão e do que significava entoar o cântico do amor que redime, é muito forte e instigante.

Embora tudo o que diminua o comprometimento tenha consequências, dois relevantes problemas são muito prevalentes e significativos. O primeiro inclui a grosseria, a violência e os maus-tratos domésticos. O segundo, a imoralidade sexual e os pensamentos impuros. Essas coisas frequentemente



antecedem e explicam a decisão de diminuir o comprometimento.

O modo como tratamos as pessoas mais próximas de nós é de fundamental importância. A violência, os maus-tratos, a falta de educação e o desrespeito no lar são inaceitáveis — tanto para os adultos quanto para a nova geração. Meu pai não era ativo na Igreja, mas foi um exemplo extraordinariamente bom, especialmente no modo como tratava minha mãe. Ele costumava dizer: “Deus fará os homens prestarem conta de cada lágrima que fizerem a esposa derramar”. Esse mesmo conceito é salientado em “A Família: Proclamação ao Mundo”. Lemos ali: “[Aqueles] que maltratam o cônjuge ou os filhos (...) deverão um dia responder perante Deus”.¹⁴ Independentemente da cultura em que fomos criados e quer nossos pais tenham ou não nos maltratado, não podemos maltratar física, emocional ou verbalmente ninguém.¹⁵

A necessidade de boa educação na sociedade nunca foi mais importante do que agora. O alicerce da bondade e da boa educação começa no lar. Não é de surpreender que nosso discurso público tenha declinado em igual medida com a fragmentação da família. A família é o alicerce do amor e da manutenção da espiritualidade. A família promove um ambiente no qual a observância religiosa pode florescer. Realmente “tudo é belo em derredor com amor no lar”.¹⁶

A imoralidade sexual e os pensamentos impuros violam o padrão



nas reuniões e nos programas da Igreja, mesmo que essencial, conseguia suprir a responsabilidade sagrada que vocês têm de ensinar seus filhos a levar uma vida moralmente pura e digna e a andar em retidão perante o Senhor. Com o anúncio feito pelo Presidente Monson nesta manhã, é essencial que essa responsabilidade seja fielmente cumprida nos lares, que são um local de refúgio, nos quais prevalecem a bondade, o perdão, a verdade e a retidão. Os pais precisam ter a coragem de filtrar ou monitorar o acesso à Internet, à televisão, aos filmes e à música. Os pais precisam ter a coragem de dizer não, de defender a verdade e de prestar um vigoroso testemunho. Seus filhos precisam saber que vocês têm fé no Salvador, que amam seu Pai Celestial e que apoiam os líderes da Igreja. A maturidade espiritual precisa florescer em seu lar. Minha esperança é que ninguém saia desta conferência sem compreender que as questões morais de nossos dias precisam ser abordadas na família. Os bispos e os líderes do sacerdócio e das auxiliares precisam apoiar as famílias e certificar-se de que sejam ensinados princípios espirituais. Os mestres familiares e as professoras visitantes podem auxiliar, especialmente no caso de filhos que têm só o pai ou só a mãe.

O rapaz que mencionei perguntou sinceramente se os apóstolos sabiam quão cedo na vida devia-se começar o ensino e a proteção contra a pornografia e os pensamentos impuros. Com ênfase, ele declarou que, em alguns lugares, não seria cedo demais começar antes mesmo de o jovem se formar na Primária.

Os jovens que foram expostos a imagens imorais em tenra idade ficam aterrorizados, achando que talvez já se tenham desqualificado para o serviço missionário ou para os convênios sagrados. Em consequência disso, sua fé pode ficar gravemente prejudicada. Quero assegurar a vocês, jovens, conforme foi ensinado por Alma, que por meio do arrependimento vocês podem se qualificar para todas as bênçãos do céu.²⁰ É isso que significa a Expição

estabelecido pelo Salvador.¹⁷ Fomos advertidos no início desta dispensação que a imoralidade sexual talvez fosse o maior desafio.¹⁸ Essa conduta, sem que haja arrependimento, causará perda de espiritualidade e de comprometimento. Os filmes, a televisão e a Internet, com frequência, transmitem mensagens e imagens degradantes. O Presidente Dieter F. Uchtdorf e eu estivemos recentemente em um vilarejo na selva amazônica e vimos antenas parabólicas em até algumas das menores e mais simples cabanas. Regozijamo-nos com a maravilhosa informação disponível naquela área remota. Também reconhecemos que praticamente não há nenhum lugar do mundo que não possa ser afetado por imagens picantes, imorais e sedutoras. Esse é um dos motivos pelos quais a pornografia se tornou tamanha praga em nossos dias.

Tive recentemente uma conversa muito esclarecedora com um portador do Sacerdócio Aarônico de 15

anos. Ele me ajudou a compreender com que facilidade, nesta era da Internet, os jovens são quase inadvertidamente expostos a imagens impuras e até pornográficas. Ele salientou que, para a maioria dos princípios que a Igreja ensina, há pelo menos algum reconhecimento na sociedade em geral de que a violação desses princípios pode ter efeitos devastadores na saúde e no bem-estar. Mencionou o fumo, o abuso de drogas e o consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens. Observou, porém, que não há uma condenação correspondente, nem mesmo um alerta significativo da sociedade em geral, no tocante à pornografia ou à imoralidade.

Meus queridos irmãos e irmãs, a análise daquele jovem é correta. Qual é a resposta? Por anos, os profetas e apóstolos ensinaram a importância da observância religiosa no lar.¹⁹

Pais, já há muito se foram os dias em que a participação ativa e regular

do Salvador. Por favor, conversem com seus pais ou com um consultor de confiança e aconselhem-se com seu bispo.

No tocante à moralidade, alguns adultos acreditam que aderir a um único projeto humanitário ou princípio importante anula a necessidade de cumprir os ensinamentos do Salvador. Dizem a si mesmos que uma transgressão sexual “é uma coisa pequena (...) [se eu for] uma pessoa bondosa e caridosa”.²¹ Quem pensa assim está enganando terrivelmente a si mesmo. Alguns jovens me dizem que em nossa cultura atual não é bem visto empenhar-se demais em certas áreas, inclusive viver estritamente de acordo com princípios de retidão.²² Não caíam nessa armadilha.

No batismo, prometemos tomar sobre nós “o nome de [Jesus] Cristo, com a firme *resolução* de servi-lo até o fim”.²³ Esse convênio exige esforço corajoso, comprometimento e integridade, se quisermos continuar a entoar o cântico do amor que redime e permanecer verdadeiramente convertidos.

Um exemplo histórico e perene do compromisso de ser forte e inamovível foi dado por um atleta olímpico britânico que competiu nas Olimpíadas de 1924, em Paris, França.

Eric Liddell era filho de um missionário escocês, na China, e um homem devotadamente religioso. Ele enfureceu o comitê olímpico britânico ao se recusar, mesmo sob enorme pressão, a participar em uma corrida preliminar de 100 metros, que seria realizada num domingo. Por fim, saiu-se vitorioso na corrida de 400 metros. O exemplo deixado por Liddell ao recusar-se a correr no domingo foi particularmente inspirador.

Representações e memoriais em sua honra mencionam as palavras inspiradoras de Isaías: “Mas os que esperam no Senhor renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão”.²⁴

A admirável conduta de Liddell influenciou grandemente a decisão tomada por nosso filho de não participar de atividades esportivas

no domingo e, mais importante, de afastar-se de condutas iníquas e mundanas. Ele usou a citação de Isaías como sua contribuição para o anuário de sua escola. Eric Liddell deixou um exemplo vigoroso de determinação e de comprometimento a um princípio.

À medida que os jovens seguirem o conselho do Presidente Monson de prepararem-se para servir missão e ao vivermos os princípios que o Salvador ensinou e nos prepararmos para encontrar Deus,²⁵ venceremos uma corrida bem mais importante.²⁶ Teremos o Espírito Santo como nosso guia para orientação espiritual. Para todos aqueles cuja vida não está em ordem, lembrem-se de que nunca é tarde demais para fazer da Expição do Salvador o alicerce de sua fé e de sua vida.²⁷

Citando as palavras de Isaías: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã”.²⁸

Minha sincera oração é que cada um de nós faça tudo o que for necessário para sentir o Espírito, *agora*, de modo a *poder* entoar o cântico do amor que redime do fundo do coração. Presto testemunho do poder da Expição do Salvador, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Alma 4:15–19.
2. Alma 5:26.
3. George Albert Smith era na época o Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos. Ele se tornou Presidente da Igreja em 21 de maio de 1945 (ver *Deseret News 2012 Church Almanac*, 2012, p. 98).
4. George Albert Smith, Sheri L. Dew, *Ezra Taft Benson: A Biography*, 1987, p. 184.
5. Peggy Noonan, “The Dark Night Rises”, *Wall Street Journal*, 28–29 de julho de 2012, p. A17.
6. Dr. R. Albert Mohler Jr., reitor, The Southern Baptist Theological Seminary, apresentação para líderes religiosos, Cidade de Nova York, 5 de setembro de 2012.
7. Ver 2 Néfi 2:27.
8. Ver João 5:39; Amós 8:11; ver também James E. Faust, “A Personal Relationship with the Savior”, *Ensign*, novembro de 1976, p. 58.
9. Ver Alma 31:5.
10. Ver Alma 36:23–26.
11. C. S. Lewis, *Mere Christianity*, 1952, pp. 31–32. Lewis foi membro do Conselho de Literatura Inglesa da Universidade

de Oxford, posteriormente foi professor de Inglês Medieval e Renascentista da Universidade de Cambridge.

12. Ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, pp. 339–340; ver também Apocalipse 3:15–16.
13. Alma 5:33.
14. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.
15. Ver Richard G. Scott, “Removing Barriers to Happiness”, *Ensign*, maio de 1998, pp. 85–87. Algumas exigências culturais são contrárias aos ensinamentos do Salvador e podem nos afastar do rumo certo. Quando eu estava no Sul do Pacífico, conheci um homem que havia pesquisado a Igreja por muitos anos. Ele relatou que ficou profundamente tocado quando um líder da Igreja ensinou o seguinte em uma conferência do sacerdócio: “As mãos que você usou anteriormente para bater em seus filhos devem ser usadas para abençoar seus filhos”. Ele recebeu as lições missionárias, foi batizado e tornou-se um grande líder.
16. “Com Amor no Lar”, *Hinos*, n° 188.
17. Ver Alma 39.
18. Ver Ezra Taft Benson, “Cleansing the Inner Vessel”, *Ensign*, maio de 1986, p. 4.
19. O Presidente Gordon B. Hinckley apresentou “A Família: Proclamação ao Mundo” na reunião geral da Sociedade de Socorro, em setembro de 1995. O Presidente Thomas S. Monson presidiu a alteração feita no primeiro capítulo do *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, “A Família e a Igreja no Plano de Deus”.
20. Ver Alma 13:27–30; 41:11–15.
21. Ross Douthat, *Bad Religion: How We Became a Nation of Heretics* [Como nos Tornamos uma Nação de Hereges], 2012, p. 238; ver também Alma 39:5.
22. Não permitam que uma cultura que está cheia de violência e imoralidade e que critica aqueles que vivem os princípios que o Salvador ensinou abale sua fé. Conforme escreveu o poeta Wordsworth: “Nutre a [tua mente] com pensamentos elevados, para que nem as más línguas nem os juízos precipitados nem o desprezo de homens egoístas jamais subjuguem (...) ou perturbem [tua] jubilosa fé” (“Lines Composed a Few Miles above Tintern Abbey”, em *The Oxford Book of English Verse*, ed. Christopher Ricks, 1999, p. 346).
23. Morôni 6:3; grifo do autor; ver também Mosias 18:15.
24. Isaías 40:31; ver Robert L. Backman, “Day of Delight”, *New Era*, junho de 1993, p. 48.
25. Ver Alma 34:32.
26. Ver I Coríntios 9:24–27.
27. Ver Helamã 5:12. Oliver Wendell Holmes Sênior aconselhou: “Concluí que as coisas grandiosas deste mundo não dependem tanto do lugar em que nos encontramos, mas, sim, da direção em que nos movemos. Para alcançarmos o ancoradouro do céu devemos navegar às vezes ao sabor do vento e outras vezes contra ele, mas temos de navegar sempre, e não nos deixar levar pelo vento nem jogar a âncora” (*The Autocrat of the Breakfast Table*, 1858, p. 105).
28. Isaías 1:18.



Ann M. Dibb

Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças

Sei Disso. Vivo Isso. Adoro Isso.

Somos seguidores de nosso Salvador Jesus Cristo. Essa conversão e confiança é o resultado de um esforço diligente e deliberado. É individual. É um processo que dura a vida inteira.

Sinto-me *inspirada* pelos exemplos dados pelos membros justos da Igreja, inclusive os nobres jovens. Vocês corajosamente olham para o Salvador. São fiéis, obedientes e puros. As bênçãos que recebem devido a suas virtudes afetam não apenas sua própria vida, mas também a minha e a de inúmeros outros de modo profundo, porém muitas vezes desconhecido.

Há poucos anos, eu estava na fila para fazer uma compra na mercearia local. À minha frente, estava uma moça, com seus 15 anos. Parecia confiante e feliz. Notei sua camiseta e não resisti ao desejo de conversar com ela. Comecei, dizendo: “Você é de fora do Estado, não é?”

Ela ficou surpresa com minha pergunta e respondeu: “Sim, eu sou. Sou do Colorado. Como sabe?”

Expliquei: “Por causa de sua camiseta”. Supus aquilo acertadamente depois de ler o que estava escrito na camiseta dela: “Sou mórmon. E você?”

Continuei, dizendo: “Devo dizer que estou impressionada com sua confiança de se destacar e de vestir uma declaração tão destemida. Vejo

algo diferente em você e gostaria que toda moça e todo membro da Igreja tivessem sua mesma convicção e confiança”. Terminadas nossas compras, despedimo-nos uma da outra.

Mas por dias e semanas depois daquele encontro fortuito, fiquei refletindo seriamente sobre aquilo. Perguntei-me como aquela moça do Colorado adquirira tamanha confiança em sua identidade como membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não pude deixar de me perguntar que frase significativa eu escolheria para imprimir em *minha* camiseta, retratando minha crença e meu testemunho. Na mente, considere muitas frases possíveis. Por fim, cheguei a uma declaração ideal que usaria com orgulho: “Sou mórmon. Sei disso. Vivo isso. Adoro isso”.

Gostaria hoje de concentrar meu discurso nessa declaração destemida e esperançosa.

A primeira parte da declaração é uma afirmação cheia de segurança e sem rodeios: “Sou mórmon”. Assim como a moça que conheci na mercearia não tinha receio de deixar o mundo saber que ela era membro

de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, espero que jamais tenhamos ou relutemos em reconhecer: “Sou mórmon”. Devemos ser confiantes, como foi o Apóstolo Paulo ao proclamar: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”.¹ Como membros, somos seguidores de nosso Salvador Jesus Cristo. Essa conversão e confiança é o resultado de um esforço diligente e deliberado. É individual. É um processo que dura a vida inteira.

A parte seguinte da declaração afirma: “Sei disso”. No mundo atual, há uma infinidade de atividades, assuntos e interesses competindo por todo minuto de nossa atenção. Com tantas distrações, será que temos a força, a disciplina e o comprometimento para nos manter concentrados no que mais importa? Será que estamos tão bem versados nas verdades do evangelho como estamos em nossos estudos, hobbies, esportes, nossa carreira ou nossas mensagens de textos e *tweets*? Será que ativamente buscamos respostas a nossas dúvidas banqueteadando-nos nas escrituras e nos ensinamentos dos profetas? Será que buscamos a confirmação do Espírito?

A importância de adquirir conhecimento é um princípio eterno. O Profeta Joseph Smith “adorava o conhecimento por causa de seu poder de retidão”.² Ele disse: “O conhecimento é necessário para a vida e a divindade. (...) Ouçam, todos vocês, irmãos, este grande conceito-chave: O conhecimento é o poder de Deus para a salvação”.³

Toda verdade e todo conhecimento são importantes, mas em meio às constantes distrações de nossa vida cotidiana, precisamos prestar especial atenção à tarefa de aumentar nosso conhecimento do evangelho para compreender como aplicar os princípios do evangelho a nossa vida.⁴ À medida que nosso conhecimento do evangelho aumenta, começamos a sentir-nos confiantes em nosso testemunho e somos capazes de declarar: “Sei disso”.



A declaração seguinte é: “Vivo isso”. As escrituras ensinam que precisamos ser “cumpridores da palavra, e não somente ouvintes”.⁵ Vivemos o evangelho e nos tornamos “cumpridores da palavra” exercendo fé, sendo obedientes, servindo amorosamente ao próximo e seguindo o exemplo do Salvador. Agimos com integridade e fazemos o que sabemos ser certo “em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares”,⁶ não importando quem esteja ou não observando.

Em nossa condição mortal, ninguém é perfeito. Até em nosso empenho mais diligente de viver o evangelho, todos cometemos erros e todos pecamos. Que garantia confortadora é saber que graças ao sacrifício redentor de nosso Salvador, podemos ser perdoados e nos tornar limpos de novo. Esse processo do verdadeiro arrependimento e perdão fortalece nosso testemunho e nossa determinação de obedecer aos mandamentos do Senhor e de viver a vida de acordo com os padrões do evangelho.

Quando penso na frase “Vivo isso”, lembro-me de uma moça que conheci chamada Karigan. Ela escreveu: “Sou membro da Igreja há pouco mais

de um ano. (...) Para mim, quando pesquisava, um sinal de que esta era a Igreja verdadeira foi quando senti que finalmente havia encontrado uma igreja que ensinava o recato e os padrões. Vi com meus próprios olhos o que acontece com as pessoas quando elas desprezam os mandamentos e escolhem o caminho errado. Decidi em minha mente, há muito tempo, que viveria elevados padrões morais. (...) Sinto-me imensamente abençoada por ter encontrado a verdade e por ter sido batizada. Estou muito feliz”.⁷

A frase final de minha declaração é “Adoro isso.” A aquisição de um conhecimento do evangelho de Jesus Cristo e a diligente aplicação prática de princípios do evangelho em nossa vida diária fazem com que muitos membros da Igreja exclaimem com entusiasmo: “Amo o evangelho!”

Temos esse sentimento quando o Espírito Santo testifica para nós que somos filhos de nosso Pai Celestial, que Ele Se importa conosco e que estamos no caminho certo. Nosso amor pelo evangelho cresce à medida que sentimos o amor de nosso Pai Celestial e a paz prometida pelo Salvador ao mostrarmos a Ele que estamos

dispostos a obedecê-Lo e a segui-Lo.

Em diversas ocasiões da vida, quer sejamos recém-conversos na Igreja ou membros a vida inteira, podemos sentir que esse vibrante entusiasmo diminuiu. Às vezes, isso acontece em momentos desafiadores, quando precisamos exercer paciência. Às vezes, acontece no auge de nossa prosperidade e abundância. Sempre que tivermos esse sentimento, sei que precisamos voltar a nos concentrar na tarefa de aumentar nosso conhecimento do evangelho e na aplicação prática mais plena dos princípios do evangelho na vida.

Alguns dos princípios do evangelho mais eficazes, porém, às vezes, mais difíceis de ser aplicados, são a humildade e a submissão à vontade de Deus. Na oração de Cristo no Jardim do Getsêmani, Ele expressou ao Pai: “Não se faça a minha vontade, mas a tua”.⁸ Essa deve ser nossa oração também. Muitas vezes, é nesses momentos serenos e fervorosos que nos sentimos envolvidos pelo amor do Pai Celestial, e aqueles sentimentos felizes e amorosos são restaurados.

Em uma reunião de liderança das Moças em Eugene, Oregon, tive

o privilégio de conhecer e conversar com a irmã Cammy Wilberger. A história que a irmã Wilberger me contou foi um testemunho do poder e da bênção que é o fato de uma moça conhecer, viver e amar o evangelho.

A filha da irmã Wilberger, Brooke, de 19 anos, faleceu tragicamente há vários anos nas férias de verão, depois de seu primeiro ano na faculdade. A irmã Wilberger lembrou: “Foi uma época difícil e tenebrosa para nossa família. Contudo, Brooke nos deixou uma grande dádiva. Não reconhecemos isso enquanto ela crescia, mas em todo o ano e a todo o momento de sua curta vida, Brooke nos deu a maior dádiva que uma filha poderia dar aos pais. Brooke era uma filha justa de Deus. (...) Graças a essa dádiva e principalmente devido ao poder capacitador da Expição, tivemos a força, o consolo e a paz prometida pelo Salvador. Não tenho dúvidas de onde Brooke está agora e anseio pelo nosso amoroso reencontro”.⁹

Tenho um testemunho do grande plano de felicidade eterna de nosso Pai Celestial. Sei que Ele nos conhece e nos ama. Sei que Ele preparou um profeta, o Presidente Thomas S. Monson, para incentivar-nos e guiarnos de volta a Ele. Oro para que cada um de nós se esforce para ser capaz de declarar com confiança: “Sou mórmon. Sei disso. Vivo isso. Adoro isso”. Digo essas coisas com humildade, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

Observação: *Para estudar mais sobre esse assunto, recomendo a leitura de Alma 32 e do discurso do Élder Dallin H. Oaks, “O Desafio de Tornar-se” (A Liahona, janeiro de 2001, p. 40).*

NOTAS

1. Romanos 1:16.
2. George Q. Cannon, *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 273.
3. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, p. 277; ver também Martha Jane Knowlton Coray, caderno, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
4. Ver experiência número 1 com o valor Conhecimento, *Progresso Pessoal das Moças*, livro 2, 2009, p. 38.
5. Tiago 1:22.
6. Mosias 18:9.
7. Correspondência pessoal.
8. Lucas 22:42.
9. Correspondência pessoal.



Élder Craig C. Christensen
Da Presidência dos Setenta

Um Inexprimível Dom de Deus

O Espírito Santo trabalha em perfeita união com o Pai Celestial e Jesus Cristo, desempenhando muitos papéis importantes e responsabilidades diferentes.

Em 1994, o Presidente Howard W. Hunter convidou todos os membros da Igreja a “fazer do templo (...) o grande símbolo de [nossa] condição de membros da Igreja”.¹ Mais tarde, naquele mesmo ano, foi concluída a construção do Templo de Bountiful Utah. Como muitos, estávamos ansiosos para levar nossa jovem família para a visitação pública antes da dedicação. Trabalhamos diligentemente para preparar nossos filhos para entrar no templo, orando sinceramente para que tivessem uma experiência espiritual, a fim de que o templo se tornasse o ponto principal da vida deles.

Ao entrarmos reverentemente no templo, admirei a magnífica arquitetura, o elegante acabamento, a luz que brilhava através das imensas janelas e as muitas pinturas inspiradoras. Todos os aspectos daquele edifício sagrado eram realmente primorosos.

Ao entrar na sala celestial, subitamente me dei conta de que nosso filho caçula, Ben, de seis anos, estava agarrado a minha perna. Parecia ansioso, talvez até um pouco preocupado.

“O que foi, filho?” Sussurrei.

“Pai”, respondeu ele, “o que está

acontecendo aqui? Nunca me senti assim antes”.

Reconhecendo que aquela provavelmente era a primeira vez que nosso filhinho sentia tão forte a influência do Espírito Santo, ajoelhei-me ao lado dele. Enquanto os outros visitantes passavam por nós, Ben e eu passamos vários minutos, lado a lado, aprendendo juntos a respeito do Espírito Santo. Fiquei admirado com a facilidade com que pudemos conversar sobre aqueles sentimentos sagrados. Ao conversarmos, ficou claro que a coisa mais inspiradora para o Ben não foi o que ele *viu*, mas o que ele *sentiu* — não foi a beleza física a nosso redor, mas a voz mansa e delicada do Espírito de Deus dentro de seu coração. Compartilhei com ele o que havia aprendido por experiência própria, ao mesmo tempo em que seu maravilhamento de criança reacendeu em mim um profundo sentimento de gratidão por este inexprimível dom de Deus: o dom do Espírito Santo.²

Quem É o Espírito Santo?

O Espírito Santo é o terceiro membro da Trindade e, como tal, da mesma forma que Deus, o Pai, e Jesus Cristo,

Ele conhece nossos pensamentos e os intentos de nosso coração.³ O Espírito Santo nos ama e quer que sejamos felizes. Como Ele conhece os desafios que enfrentamos, Ele pode nos guiar e nos ensinar todas as coisas que precisamos fazer para voltar a viver com nosso Pai Celestial novamente.⁴

Ao contrário do Pai Celestial e Jesus Cristo, que têm um corpo glorificado de carne e ossos, o Espírito Santo é um ser espiritual que Se comunica com nosso espírito por meio de sentimentos e impressões.⁵ Como um ser espiritual, Ele tem a responsabilidade exclusiva de ser o agente pelo qual é recebida a revelação pessoal. Nas escrituras, o Espírito Santo muitas vezes é chamado de Santo Espírito, o Espírito do Senhor, o Santo Espírito da Promessa ou simplesmente o Espírito.⁶

Qual É a Missão do Espírito Santo?

O Espírito Santo trabalha em perfeita união com o Pai Celestial e Jesus Cristo, desempenhando muitos papéis importantes e responsabilidades diferentes. O principal propósito do Espírito Santo é prestar testemunho de Deus, o Pai, e de Seu Filho, Jesus Cristo,⁷ e nos ensinar a verdade de todas as coisas.⁸ Um testemunho seguro do Espírito Santo proporciona muito mais certeza do que o testemunho proveniente de qualquer outra fonte. O Presidente Joseph Fielding Smith ensinou que “falando ao espírito do homem, o Espírito de Deus tem o poder de comunicar a verdade com muito mais eficiência e entendimento do que ela poderá ser comunicada por contato pessoal até mesmo com seres celestiais”.⁹

O Espírito Santo também é conhecido como o Consolador.¹⁰ Nos momentos de dificuldade ou desespero, ou simplesmente quando precisamos saber que Deus está perto de nós, o Espírito Santo pode elevar-nos o espírito, dar-nos esperança e ensinar-nos “as coisas pacíficas do reino”¹¹ ajudando-nos a sentir “a paz de Deus, que excede todo o entendimento”.¹²

Há vários anos, quando nossos parentes se reuniram para um jantar de feriado, meu pai começou a



brincar com seus muitos netos. De repente, e sem aviso, ele perdeu os sentidos e logo depois faleceu. Aquele acontecimento inesperado poderia ter sido arrasador, especialmente para os netos, suscitando perguntas difíceis de responder. Contudo, ao reunirmos nossos filhos a nossa volta e ao orarmos e lermos as palavras dos profetas do Livro de Mórmon sobre o propósito da vida, o Espírito Santo consolou cada um de nós pessoalmente. De maneiras difíceis de descrever com palavras, as respostas que buscávamos vieram com clareza a nossa mente. Sentimos naquele dia uma paz que realmente excedia *nosso* entendimento, mas o testemunho do Espírito Santo era seguro, inegável e verdadeiro.

O Espírito Santo é um professor e um revelador.¹³ Ao estudarmos, ponderarmos e orarmos a respeito de verdades do evangelho, o Espírito Santo nos enriquece a mente e vivifica nosso entendimento.¹⁴ Ele faz com que a verdade seja indelevelmente

escrita em nossa alma e faz com que uma vigorosa mudança ocorra em nosso coração. Ao compartilhar essas verdades com nossa família, com outros membros da Igreja e com amigos e vizinhos de nossa comunidade, o Espírito Santo Se torna professor deles também, porque transmite a mensagem do evangelho “ao coração dos filhos dos homens”.¹⁵

O Espírito Santo nos inspira a estender a mão para prestar serviço a outros. Para mim, o exemplo mais vívido de como dar ouvidos aos sussurros do Espírito Santo no serviço ao próximo está na vida e no ministério do Presidente Thomas S. Monson, que disse: “No cumprimento de nossas responsabilidades, aprendi que quando damos ouvidos a um sussurro silencioso e o colocamos em prática sem demora, nosso Pai Celestial guia nossos passos e abençoa a nossa vida e a de outras pessoas. Não conheço experiência mais agradável ou sentimento mais precioso do que dar ouvidos a um sussurro do Espírito e, então, descobrir



sempre as reconhecamos. Quando pensamentos inspirados nos vêm à mente, sabemos que eles são verdadeiros pelo sentimento espiritual que nos entra no coração. O Presidente Boyd K. Packer ensinou: “O Espírito Santo fala com uma voz que mais se *sente* do que se *escuta*. (...) Apesar de dizermos que ‘ouvimos’ os sussurros do Espírito, é mais comum descrevermos o influxo espiritual, dizendo: ‘Tive um *sentimento* (...)’”.¹⁸ É por meio desses sentimentos sagrados provenientes do Espírito Santo que passamos a saber o que Deus quer que façamos, porque, conforme está declarado nas escrituras, esse “é o espírito de revelação”.¹⁹

O Que Significa Receber o Dom do Espírito Santo?

Ao ensinar nosso filho Ben, de seis anos, achei importante salientar a diferença entre o que ele estava sentindo, que era a influência do Espírito Santo, e o dom do Espírito Santo, que ele receberia depois do batismo. Antes do batismo, todo aquele que sinceramente busca a verdade pode sentir a influência do Espírito Santo de tempos em tempos. Contudo, a oportunidade de receber a companhia constante do Espírito Santo e a *plenitude* de todas as bênçãos correspondentes somente está ao alcance dos membros dignos e batizados que recebem o dom do Espírito Santo pela imposição de mãos daqueles que possuem a autoridade do sacerdócio.

Por meio do dom do Espírito Santo, recebemos maior capacidade e mais dons espirituais, maior revelação e proteção, orientação e direção seguras, e as bênçãos prometidas de santificação e exaltação no reino celestial. Todas essas bênçãos são concedidas como resultado de nosso desejo pessoal de recebê-las e vêm quando tornamos nossa vida condizente com a vontade de Deus e buscamos Sua orientação constante.

Ao refletir sobre o que aconteceu comigo e com o Ben no Templo de Bountiful Utah, tive muitos bons sentimentos e impressões. Uma lembrança bem clara é que enquanto eu

que o Senhor atendeu às orações de outra pessoa por nosso intermédio”.¹⁶

Quero compartilhar mais uma terna experiência pessoal. Quando o Presidente Monson servia como bispo, ficou sabendo que um membro de sua ala, Mary Watson, estava no hospital. Ao ir visitá-la, descobriu que ela estava em uma grande enfermaria com vários outros pacientes. Ao aproximar-se da irmã Watson, percebeu que uma paciente de um leito vizinho rapidamente cobriu a cabeça.

Depois que o Presidente Monson conversou com a irmã Watson e lhe deu uma bênção do sacerdócio, ele apertou a mão dela, despediu-se e preparou-se para sair. Então, uma coisa simples, porém impressionante, aconteceu. Vou citar agora as próprias recordações do Presidente Monson do que aconteceu:

“Não consegui ir embora. Era como se alguém houvesse tocado meu ombro e como se eu ouvisse, no fundo da alma, as seguintes palavras: ‘Vá até o leito daquela senhora que cobriu o rosto quando você entrou’. Foi o que eu fiz. (...)”

Aproximei-me da cama da outra mulher, toquei-lhe o ombro gentilmente e afastei com cuidado o lençol que lhe cobria o rosto. E, vejam só! Ela também era membro de minha ala. Eu não sabia que ela estava no hospital. Seu nome era Kathleen McKee. Quando nossos olhos se encontraram, ela exclamou, em prantos: ‘Oh, Bispo, quando o vi entrar por aquela porta, pensei que tinha vindo para me visitar e abençoar, em resposta a minhas orações. Fiquei feliz, pensando que o senhor sabia que eu estava aqui, mas quando parou junto ao outro leito, minha esperança desmoronou e percebi que não estava aqui para me ver’.

Eu disse à [irmã] McKee: ‘Não importa que eu não soubesse que você estava aqui. O importante é que o Pai Celestial sabia, e que você tenha orado em silêncio, pedindo uma bênção do sacerdócio. Foi Ele que me impeliu a invadir sua privacidade’”.¹⁷

Como o Espírito Santo Fala Conosco?

Todos temos experiências pessoais com o Espírito Santo, mesmo que nem

me admirava com a grandiosidade do que podia ver, uma criancinha a meu lado reconhecia o vigoroso sentimento que tinha no coração. Como um bondoso lembrete, fui convidado não apenas a parar e me ajoelhar, mas também a dar ouvidos à conclamação do Salvador de tornar-me como uma criancinha: humilde, manso e pronto para ouvir a voz mansa e delicada de Seu Espírito.

Presto testemunho da realidade viva e da missão divina do Espírito Santo e de que pelo poder do Espírito Santo podemos conhecer a verdade de todas as coisas. Testifico que o dom do Espírito Santo é o precioso e inexprimível dom que o Pai Celestial concede a todos os que se achegam a Seu Filho, são batizados em Seu nome e recebem o Espírito Santo pela confirmação em Sua Igreja. Presto meu testemunho pessoal dessas verdades sagradas, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Howard W. Hunter, Jay M. Todd, "President Howard W. Hunter: Fourteenth President of the Church", *Ensign*, julho de 1994, p. 5; ver também Howard W. Hunter, "The Great Symbol of Our Membership", *Tambuli*, novembro de 1994, p. 3.
2. Ver Doutrina e Convênios 121:26.
3. Ver Alma 12:7; 18:16–18; Doutrina e Convênios 6:15–16.
4. Ver 2 Néfi 32:5.
5. Ver Doutrina e Convênios 130:22.
6. Ver Lucas 4:1, 18; 11:13; João 1:33; Efésios 1:13; Doutrina e Convênios 88:3.
7. Ver 2 Néfi 31:18; 3 Néfi 28:11; Doutrina e Convênios 20:27.
8. Ver Morôni 10:5.
9. Joseph Fielding Smith, *Doutrinas de Salvação*, comp. por Bruce R. McConkie, 3 vols., 1954–1956, vol. I, pp. 52–53.
10. Ver João 14:26; Doutrina e Convênios 35:19.
11. Doutrina e Convênios 36:2.
12. Filipenses 4:7.
13. Ver Lucas 12:12; I Coríntios 2:13; Doutrina e Convênios 50:13–22; *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, pp. 138–139.
14. Ver Doutrina e Convênios 11:13.
15. 2 Néfi 33:1.
16. Thomas S. Monson, "Paz, Não Temais", *A Liahona*, novembro de 2002, p. 55.
17. Ver Thomas S. Monson, "Cristo no Tanque de Betesda", *A Liahona*, janeiro de 1997, p. 16.
18. Boyd K. Packer, "Revelação Pessoal: O Dom, o Teste e a Promessa", *A Liahona*, junho de 1997, p. 10.
19. Doutrina e Convênios 8:3; ver também o versículo 2.



Élder Shayne M. Bowen
Dos Setenta

"Porque Eu Vivo, e Vós Vivereis"

Graças a Ele, sim, nosso Salvador Jesus Cristo, esses sentimentos de tristeza, solidão e desespero serão um dia substituídos por uma plenitude de alegria.

Enquanto servíamos como jovens missionários no Chile, meu companheiro e eu conhecemos uma família de sete pessoas no ramo. A mãe ia todas as semanas à Igreja com seus filhos. Presumimos que fossem membros antigos da Igreja. Após várias semanas, ficamos sabendo que não tinham sido batizados.

Imediatamente contatamos a família e perguntamos se poderíamos ir à casa deles para ensiná-los. O pai não estava interessado em conhecer o evangelho, mas não fazia objeção a que ensinássemos sua família.

A irmã Ramirez progrediu rapidamente nas palestras. Estava ansiosa para aprender toda a doutrina que ensinávamos. Certa noite, quando falávamos do batismo de crianças, ensinamos que as criancinhas são inocentes e que não precisam de batismo. Pedimos que ela lesse uma passagem no livro de Morôni:

"Eis que te digo que isto deverás ensinar — arrependimento e batismo aos que são responsáveis e capazes de cometer pecados; sim, ensina aos pais que devem arrepender-se e ser batizados e tornar-se humildes como as suas

criancinhas; e serão todos salvos com suas criancinhas.

E suas criancinhas não necessitam de arrependimento nem de batismo. Eis que batismo é para arrependimento, a fim de que se cumpram os mandamentos para a remissão de pecados.

As criancinhas, porém, estão vivas em Cristo desde a fundação do mundo; se não for assim, Deus é um Deus parcial e também um Deus variável, que faz acepção de pessoas; porque quantas criancinhas morreram sem batismo!"¹

Depois de ler essa escritura, a irmã Ramirez começou a soluçar. Meu companheiro e eu ficamos sem saber o que fazer. Perguntei: "Irmã Ramirez, dissemos ou fizemos algo que a ofendeu?"

Ela disse: "Oh, não, Élder, vocês não fizeram nada de errado. Há seis anos tive um bebê. Ele morreu antes que pudéssemos batizá-lo. Nosso sacerdote disse que por não ter sido batizado ele ficaria no limbo por toda a eternidade. Por seis anos, carreguei comigo essa dor e culpa. Depois de ler essa escritura, sei pelo poder do

Espírito Santo que é verdade. Senti um grande peso ser tirado de mim, e estas são lágrimas de alegria”.

Lembrei-me dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, que ensinou esta consoladora doutrina: “O Senhor leva muitas crianças, mesmo na tenra infância, para que escapem da inveja dos homens e das tristezas e males do mundo atual; elas são por demais puras e belas para viver na Terra; portanto, se pensarmos corretamente, ao invés de chorar teremos motivos para regozijar-nos por elas terem sido libertadas do mal, e em breve as teremos conosco novamente”.²

Após passar por sofrimento e dor quase insuportáveis por seis anos, a doutrina verdadeira, revelada por um amoroso Pai Celestial, por intermédio de um profeta vivo, proporcionou doce paz àquela mulher atormentada. Não é preciso dizer que a irmã Ramirez e seus filhos que tinham oito anos ou mais foram batizados.

Lembro-me de ter escrito para minha família expressando a gratidão que senti no coração pelo conhecimento daquela e de muitas outras verdades claras e preciosas do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Nem imaginava como aquele maravilhoso princípio verdadeiro voltaria a mim nos anos futuros e seria meu bálsamo de Gileade.

Gostaria de falar aos que perderam um filho e que se perguntaram: “Por que eu?” ou que talvez tenham questionado sua própria fé em um amoroso Pai Celestial. É minha



oração que pelo poder do Espírito Santo eu possa lhes proporcionar alguma porção de esperança, de paz e de compreensão. Desejo ser um instrumento para restaurar sua fé em nosso amoroso Pai Celestial, que conhece todas as coisas e permite que passemos por provações para que venhamos a conhecê-Lo e amá-Lo e a compreender que sem Ele nada temos.

Em 4 de fevereiro de 1990, nasceu nosso terceiro filho homem, o sexto filho da família. Nós o chamamos de Tyson. Era um lindo bebê, e a família o recebeu de coração e braços abertos. Seus irmãos e irmãs ficaram muito orgulhosos dele. Todos achamos que ele era o bebê mais perfeito que já havia nascido.

Quando tinha oito meses, Tyson aspirou um pedaço de giz que encontrou no tapete. O giz se alojou na garganta de Tyson, e ele parou de respirar. Seu irmão mais velho o carregou nos braços até o andar de cima, gritando: “O bebê não está respirando. O bebê não está respirando!” Começamos a fazer a ressuscitação cardiopulmonar e ligamos para o telefone de emergência.

Os paramédicos chegaram e levaram-no às pressas para o hospital. Na sala de espera, continuamos em fervorosa oração, pedindo a Deus um milagre. Depois do que nos pareceu uma eternidade, a médica entrou na sala e disse: “Sinto muitíssimo. Não há nada mais que podemos fazer. Fiquem o tempo que precisarem”. Depois disso, ela saiu.

Quando entramos no quarto onde Tyson estava, vimos nosso pequenino bebê inerte. Parecia ter um brilho celestial em volta do corpinho. Estava muito radiante e puro.

Naquele momento, parecia que nosso mundo tinha chegado ao fim. Como poderíamos voltar para junto de nossos outros filhos e tentar de algum modo explicar que Tyson não voltaria para casa?

Vou expressar-me no singular para contar o restante do que aconteceu. Minha angelical esposa e eu passamos por essa provação juntos,

mas não me sinto capaz de explicar os sentimentos de uma mãe e nem quero tentar fazê-lo.

É impossível descrever a mescla de sentimentos que tive naquele ponto de minha vida. Na maior parte do tempo, senti que estava tendo um sonho ruim e que logo despertaria, e aquele terrível pesadelo chegaria ao fim. Por muitas noites, não dormi. Ficava perambulando de noite, de um quarto para o outro, certificando-me de que nossos outros filhos estavam todos seguros.

Sentimentos de culpa me atormentaram a alma. Senti-me muito culpado. Senti-me sujo. Eu era o pai dele, e devia ter feito mais para protegê-lo. Se ao menos eu tivesse feito isto ou aquilo. Às vezes, mesmo hoje, 22 anos depois, esses sentimentos começam a penetrar meu coração, e preciso livrar-me deles rapidamente, porque podem ser destrutivos.

Mais ou menos um mês depois que Tyson morreu, tive uma entrevista com o Élder Dean L. Larsen. Ele reservou algum tempo para me ouvir, e sempre serei grato por seu conselho e amor. Ele disse: “Não acho que o Senhor deseja que você se puna pela morte de seu filhinho”. Senti o amor de meu Pai Celestial por intermédio de um de Seus vasos escolhidos.

Contudo, continuei sendo atormentado por pensamentos ruins, e logo comecei a sentir raiva. “Não era justo! Como Deus podia fazer aquilo comigo? Por que eu? O que tinha eu feito para merecer aquilo?” Até senti raiva das pessoas que apenas tentavam nos consolar. Lembro que os amigos diziam: “Sei como você se sente”. Eu pensava comigo: “Você não tem ideia de como me sinto. Apenas me deixe em paz”. Logo descobri que a autocomiseração pode ser muito debilitadora. Sinto vergonha de mim mesmo por ter pensado mal de amigos queridos que estavam apenas tentando ajudar.

Ao sentir a culpa, a raiva e a autocomiseração tentarem me consumir, orei para que meu coração pudesse mudar. Por meio de experiências



pessoais muito sagradas, o Senhor deu-me um novo coração, e embora ainda me sentisse solitário e triste, toda a minha perspectiva mudou. Soube que nada me fora roubado, mas que uma grande bênção me aguardava se eu provasse ser fiel.

Minha vida começou a mudar, e consegui olhar para frente com esperança, em vez de olhar para trás com desespero. Testifico que esta vida não é o fim. O mundo espiritual é real. Os ensinamentos dos profetas sobre a vida após a morte são verdadeiros. Esta vida é apenas um passo transitório ao longo de nossa jornada de volta à presença de nosso Pai Celestial.

Tyson continua a ser uma parte integrante de nossa família. Ao longo dos anos, foi maravilhoso ver a misericórdia e a bondade de um amoroso Pai Celestial, que permitiu que nossa família sentisse de modo muito tangível a influência de Tyson. Testifico que o véu é fino. Os mesmos sentimentos de lealdade, amor e união familiar não terminam quando nossos entes queridos passam para o outro lado. Pelo contrário, esses sentimentos se intensificam.

Às vezes as pessoas perguntam: “Quanto tempo levou para você superar?” A verdade é que nunca nos recuperamos completamente até que estejamos novamente com nossos entes queridos que partiram. Jamais

teremos uma plenitude de alegria até nos reunirmos na manhã da Primeira Ressurreição.

“Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, e espírito e elemento, inseparavelmente ligados, recebem a plenitude da alegria;

E, quando separados, não pode o homem receber a plenitude da alegria.”³

Mas, por enquanto, como ensinou o Salvador, podemos continuar a ter bom ânimo.⁴

Aprendi que a dor amarga e quase insuportável pode tornar-se doce ao voltar-nos para nosso Pai Celestial e suplicar Seu consolo, que vem por meio de Seu plano, de Seu Filho Jesus Cristo e de Seu Consolador, que é o Espírito Santo.

Que gloriosa bênção é essa em nossa vida! Não seria trágico se não sentíssemos grande tristeza quando perdemos um filho? Como sou grato a meu Pai Celestial por Ele permitir que amemos profunda e eternamente. Como sou grato pelas famílias eternas. Como sou grato por Ele ter revelado novamente, por meio de Seus profetas vivos, o glorioso plano de redenção.

Lembrem-se de quando foram ao funeral de um ente querido, do que sentiram no coração ao saírem do cemitério e olharem para trás e verem o caixão solitário — com o coração esfacelado de dor.

Testifico que graças a Ele, sim, nosso Salvador, Jesus Cristo, esses sentimentos de tristeza, solidão e desespero serão um dia substituídos por uma plenitude de alegria. Testifico que podemos confiar Nele quando disse:

“Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós.

Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis”.⁵

Testifico que, como está escrito em *Pregar Meu Evangelho*, “se confiarmos na Expição de Jesus Cristo, Ele pode ajudar-nos a suportar nossas provações, doenças e dores. Podemos ter uma vida cheia de alegria, paz e consolo. Tudo o que é injusto nesta vida pode ser corrigido por meio da Expição de Jesus Cristo”.⁶

Testifico que naquela brilhante e gloriosa manhã da Primeira Ressurreição, seus entes queridos e os meus se levantarão da sepultura, conforme foi prometido pelo próprio Senhor, e teremos uma plenitude de alegria. Porque Ele vive, eles e nós também viveremos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Morôni 8:10–12.
2. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, pp. 184–185.
3. Doutrina e Convênios 93:33–34.
4. Ver João 16:33.
5. João 14:18–19.
6. *Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 52.



Élder Russell M. Nelson

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Perguntem aos Missionários! Eles Podem Ajudá-los!

Todos os missionários, jovens e idosos, servem com a única esperança de tornar melhor a vida de outras pessoas.

Meus amados irmãos, irmãs e amigos, expressamos nosso amor e nossas saudações a cada um de vocês. Estamos empolgados com o anúncio feito pelo Presidente Thomas S. Monson esta manhã, que ajusta a idade mínima do serviço missionário para 18 anos para os rapazes e 19 anos para as moças. Com essa opção, mais de nossos jovens podem usufruir das bênçãos de uma missão.

O Presidente Monson declarou há dois anos e reafirmou de modo enfático esta manhã “que todo rapaz digno e capaz deve preparar-se para servir em uma missão. O serviço missionário é um dever do sacerdócio — uma obrigação que o Senhor espera de nós, que tanto recebemos Dele”.¹ Novamente, ele explicou que, para as jovens sísteres, a missão é uma opção que nos deixa muito felizes, mas não é uma responsabilidade. E novamente ele convidou muitos mais casais maduros para servir.

A preparação para a missão é

importante. Uma missão é um ato voluntário de serviço a Deus e à humanidade. Os missionários sustentam esse privilégio com suas economias pessoais. Os pais, a família, os amigos e os doadores do Fundo Missionário Geral também podem ajudar. Todos os missionários, jovens e idosos, servem com a única esperança de tornar melhor a vida de outras pessoas.

A decisão de servir uma missão molda o destino espiritual do missionário, de seu cônjuge e de sua posteridade por várias gerações futuras. O desejo de servir é um resultado natural da conversão, da dignidade e da preparação.

Neste imenso público mundial, muitos de vocês não são filiados à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e conhecem bem pouco sobre nós e sobre nossos missionários. Vocês estão sintonizados porque querem conhecer mais a respeito dos mórmons e sobre o que nossos missionários ensinam. Ao aprenderem mais a nosso respeito, descobrirão que

compartilhamos muitos dos mesmos valores. Incentivamos vocês a manter tudo o que têm de bom e verdadeiro e a ver se podemos acrescentar algo mais. Neste mundo repleto de desafios, precisamos de ajuda de tempos em tempos. A religião, a verdade eterna e nossos missionários são uma parte vital dessa ajuda.

Nossos jovens missionários deixam de lado seus estudos, seu emprego, o namoro e tudo o mais que os jovens adultos geralmente estariam fazendo nessa fase da vida. Por 18 a 24 meses, eles deixam tudo de lado, por causa de seu profundo desejo de servir ao Senhor.² E alguns de nossos missionários servem quando são mais idosos. Sei que a família deles é abençoada. Em nossa própria família, há oito que servem atualmente como missionários de tempo integral: três filhas e seus respectivos maridos, uma neta e um neto.

Alguns de vocês podem se perguntar o que significa o nome *Mórmon*. É um apelido nosso. Não é nosso nome real, embora sejamos amplamente conhecidos como mórmons. O termo deriva de um livro de escrituras sagradas conhecido como O Livro de Mórmon.

O verdadeiro nome da Igreja é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ela é a Igreja original de Jesus Cristo restabelecida. Quando viveu na Terra, Ele organizou Sua Igreja. Chamou Apóstolos, Setentas e outros líderes a quem concedeu a autoridade do sacerdócio para agir em Seu nome.³ Depois que Cristo e Seus apóstolos morreram, os homens mudaram as ordenanças e a doutrina. A Igreja original e o sacerdócio foram perdidos. Depois da Idade das Trevas, e sob a direção do Pai Celestial, Jesus Cristo trouxe Sua Igreja de volta. Agora ela está viva de novo, restaurada e funcionando sob Sua direção divina.⁴

Seguimos o Senhor Jesus Cristo e ensinamos a respeito Dele. Sabemos que, depois de Seu glorioso triunfo sobre a morte, o Senhor ressuscitado apareceu a Seus discípulos em inúmeras ocasiões. Ele fez refeições



Milão, Itália

com eles. Andou com eles. Antes de sua Ascensão final, Ele lhes deu um encargo, dizendo: “Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.⁵ Os apóstolos obedeceram a essa instrução. Também chamaram outros para ajudá-los a cumprir o mandamento do Senhor.

Hoje, sob a direção de apóstolos e profetas modernos, esse mesmo encargo foi dado aos missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Esses missionários servem em mais de 150 nações. Como representantes do Senhor Jesus Cristo, eles se esforçam para cumprir esse mandamento divino — renovado em nossos dias pelo próprio Senhor — de levar a plenitude do evangelho a outros países e abençoar a vida das pessoas do mundo inteiro.⁶

Os missionários que estão no final da adolescência ou com pouco mais de 20 anos são muito jovens, na visão do mundo. Mas são abençoados com dons — como o poder do Santo Espírito, o amor de Deus e testemunhos da verdade — que os tornam

poderosos embaixadores do Senhor. Eles compartilham as boas novas do evangelho que proporcionarão alegria verdadeira e felicidade eterna a todos os que derem ouvidos a sua mensagem. E em muitas ocasiões, fazem isso num país e num idioma que lhes são desconhecidos.

Os missionários se esforçam para seguir Jesus Cristo, tanto por palavras quanto por ações. Pregam o evangelho de Jesus Cristo e Sua Expição.⁷ Ensinam a respeito da restauração literal da antiga Igreja de Cristo por intermédio do primeiro profeta do Senhor nestes últimos dias, Joseph Smith.

Pode ser que vocês tenham encontrado anteriormente nossos missionários, ou até os ignorado. Minha esperança é que não os temam, mas que aprendam com eles. Os missionários podem ser um recurso enviado pelo céu para vocês.

Isso aconteceu com Jerry, um senhor protestante com pouco mais de 60 anos, que mora em Mesa, Arizona. O pai de Jerry era ministro batista, e sua mãe era ministra metodista. Um dia, Pricilla, uma amiga

querida de Jerry, compartilhou com ele a dor que sentia por causa da morte do filho dela ao nascer e por um sofrido divórcio que ocorrera logo depois. Passando muitas dificuldades como mãe descasada, Pricilla tinha quatro filhos: três filhas e um filho. Ao abrir o coração para Jerry, ela confessou que pensava em tirar a própria vida. Com toda a força e todo o amor que pôde reunir, Jerry tentou ajudá-la a compreender que sua vida era valiosa. Ele a convidou a frequentar sua igreja, mas Pricilla explicou que havia desistido de Deus.

Jerry não sabia o que fazer. Mais tarde, enquanto regava as árvores de seu jardim, aquele homem de fé orou pedindo orientação a Deus. Ao orar, ouviu uma voz em sua mente dizendo: “Pare os rapazes de bicicleta”. Jerry, um pouco confuso, perguntou a si mesmo o que aquilo queria dizer. Ao refletir sobre aquele sentimento, olhou para a rua e viu dois rapazes de camisa branca e gravata andando de bicicleta e se aproximando de sua casa. Atônito com aquela “coincidência”, ficou olhando

os rapazes passarem por ele. Então, dando-se conta de que a situação exigia ação, gritou: “Ei, vocês, parem por favor! Preciso conversar com vocês!”

Surpresos, porém animados, os rapazes pararam. Ao se aproximarem, Jerry notou que eles tinham um crachá que os identificava como missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Jerry olhou para eles e disse: “Isso pode soar um pouco estranho, mas eu estava orando, e foi-me dito: ‘Pare os rapazes de bicicleta’. Olhei para a rua, e lá estavam vocês. Podem me ajudar?”

Os missionários sorriram e disseram: “Sim, é claro que podemos”.

Jerry explicou a preocupante situação de Pricilla. Pouco depois, os missionários estavam reunidos com Pricilla, os filhos dela e Jerry. Conversaram sobre o propósito da vida e sobre o plano eterno de Deus para eles. Jerry, Pricilla e os filhos dela cresceram na fé por meio de oração sincera, de seu estudo do Livro de Mórmon e da carinhosa integração de membros da Igreja. A forte fé que Jerry já tinha em Jesus Cristo se fortaleceu ainda mais. As dúvidas e as ideias de suicídio de Pricilla se transformaram em esperança e felicidade. Eles foram batizados e se

tornaram membros da Igreja restaurada de Cristo.⁸

Sim, os missionários podem ajudar de muitas maneiras. Por exemplo: alguns de vocês talvez queiram conhecer mais sobre seus antepassados. Pode ser que saibam o nome de seus pais e de seus quatro avós, mas e quanto a seus oito bisavós? Sabem o nome deles? Gostariam de conhecer mais a respeito deles? Perguntem aos missionários! Eles podem ajudá-los!⁹ Eles têm pronto acesso aos vastos registros de história da família da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Alguns de vocês são membros, mas não participam atualmente. Amam o Senhor e pensam frequentemente em voltar ao rebanho Dele. Mas não sabem como começar. Sugiro que perguntem aos missionários!¹⁰ Eles podem ajudá-los! Também podem ajudá-los ensinando seus entes queridos. Nós e os missionários amamos vocês e desejamos levar a alegria e a luz do evangelho de volta para sua vida.

Alguns de vocês podem querer saber como vencer um vício ou como viver mais e desfrutar de melhor saúde. Perguntem aos missionários! Eles podem ajudá-los! Vários estudos independentes mostraram que, como

grupo, os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são muito saudáveis. Seu índice de mortalidade está entre os mais baixos, e sua longevidade é maior do que a de qualquer outro grupo estudado por um longo período de tempo.¹¹

Alguns de vocês podem sentir que a vida é atarefada e frenética, mas no fundo do coração sentem um vazio incômodo, sem direção nem propósito. Perguntem aos missionários! Eles podem ajudá-los! Eles podem ajudá-los a aprender mais sobre o verdadeiro propósito da vida — por que estão aqui na Terra e para onde irão depois da morte. Vocês podem aprender como o evangelho restaurado de Jesus Cristo vai abençoar mais sua vida do que qualquer coisa que possam imaginar atualmente.

Se tiverem preocupações com sua família, perguntem aos missionários! Eles podem ajudá-los! O fortalecimento do casamento e da família é de extrema importância para os santos dos últimos dias. As famílias podem ser eternas. Peçam aos missionários que os ensinem como isso é possível para sua família.

Os missionários também podem ajudá-los com seu desejo de obter mais conhecimento. O espírito humano anseia por maior entendimento. Quer a verdade provenha de um laboratório científico ou por revelação de Deus, nós a buscamos! A glória de Deus é realmente inteligência.¹²

O avanço no aprendizado inclui tanto o conhecimento espiritual quanto o secular. Salientamos a importância da compreensão das sagradas escrituras. Um estudo independente revelou recentemente que os santos dos últimos dias são os que têm maior conhecimento sobre o cristianismo e sobre a Bíblia.¹³ Se quiserem compreender melhor a Bíblia, compreender melhor o Livro de Mórmon e adquirir uma compreensão mais ampla da irmandade dos homens e da paternidade de Deus, perguntem aos missionários! Eles podem ajudá-los!

Muitos de vocês têm um profundo desejo de ajudar pessoas necessitadas. Como seguimos Jesus Cristo, os santos



dos últimos dias também são compelidos por esse anseio insaciável.¹⁴ Todos os que quiserem podem unir-se a nós para ajudar os necessitados e oferecer auxílio às vítimas de desastres ocorridos em qualquer lugar do mundo. Se quiserem participar, perguntem aos missionários! Eles podem ajudá-los!

E se quiserem saber mais sobre a vida após a morte, sobre o céu, sobre o plano de Deus para vocês; se quiserem saber mais sobre o Senhor Jesus Cristo, Sua Expição e a Restauração de Sua Igreja, tal como foi originalmente estabelecida, perguntem aos missionários! Eles podem ajudá-los!

Sei que Deus vive. Jesus é o Cristo. Sua Igreja foi restaurada. Oro fervorosamente para que Deus abençoe cada um de vocês e cada um de nossos preciosos missionários, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Thomas S. Monson, “Ao Voltarmos a Nos Encontrar”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 4.
2. Ver Doutrina e Convênios 4:3.
3. Ver Mateus 10:1; Lucas 6:13; 10:1; Efésios 4:11–12.
4. Ver Doutrina e Convênios 1:30.
5. Mateus 28:19.
6. Ver Doutrina e Convênios 68:8; 84:62; 112:28.
7. Ver I Coríntios 2:2; 2 Néfi 25–26.
8. Comunicação pessoal com W. Tracy Watson, ex-presidente da Missão Arizona Mesa.
9. Fiz o convite “Perguntem aos missionários”, mas, nesse caso, vocês também podem perguntar a um amigo que seja membro da Igreja para que os ajude.
10. Parentes ativamente participantes, amigos e líderes da Igreja também ficariam muito contentes em ajudar.
11. Ver James E. Enstrom and Lester Breslow, “Lifestyle and Reduced Mortality among Active California Mormons, 1980–2004”, *Preventive Medicine*, vol. 46, 2008, p. 135.
12. Ver Doutrina e Convênios 93:36.
13. Ver Pew Research Center, *U.S. Religious Knowledge Survey* (28 de setembro de 2010), p. 7.
14. Ver Ram Cnaan, Van Evans, Daniel W. Curtis, *Called to Serve: The Prosocial Behavior of Active Latter-day Saints*, University of Pennsylvania School of Social Policy and Practice, 2012; “Mormon Volunteerism Highlighted in New Study (16 de março de 2012), <http://www.mormonnewsroom.org/article/mormon-volunteerism-report; Mormons in America; Certain in Their Beliefs but Uncertain of Their Place in Society> (Pew Forum on Religion and Public Life, 12 de janeiro de 2012), p. 43; Robert D. Putnam e David E. Campbell, *American Grace: How Religion Divides and Unites Us*, 2010, pp. 444–454.



Presidente Dieter F. Uchtdorf

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Remorsos e Decisões

Quanto mais nos dedicarmos à busca da santidade e da felicidade, menos provável será que estejamos no caminho do remorso.

Remorsos

Presidente Monson, nós o amamos. Obrigado pelo anúncio inspirado e histórico sobre a construção de novos templos e sobre o trabalho missionário. Devido a eles, estou certo de que grandes bênçãos virão a nós e a muitas futuras gerações.

Queridos irmãos e irmãs, meus queridos amigos! Somos todos mortais. Espero que isso não seja surpresa para ninguém.

Nenhum de nós estará na Terra por muito tempo. Temos um número de anos preciosos, os quais, na perspectiva eterna, mal duram um piscar de olhos.

E então partimos. Nosso espírito “é levado de volta para aquele Deus que [nos] deu vida”.¹ Deixamos nosso corpo e as coisas materiais deste mundo para trás ao mover-nos para a próxima esfera da nossa existência.

Quando somos jovens, parece-nos que viveremos para sempre. Achamos que há uma quantidade ilimitada de alvoradas esperando logo além do horizonte, e o futuro nos parece uma estrada ininterrupta que se estende infinitamente a nossa frente.

Contudo, quanto mais velhos ficamos, mais tendemos a olhar para trás e a nos admirar de quão

verdadeiramente curta é a estrada. Ficamos assombrados ao ver como os anos passaram tão rapidamente. E começamos a pensar nas escolhas que fizemos e nas coisas que realizamos. Nesse processo, lembramos de muitos momentos agradáveis que nos aquecem a alma e alegam o coração. Mas lembramos dos remorsos — das coisas que gostaríamos de voltar no tempo e mudar.

Uma enfermeira que cuida de doentes terminais disse que geralmente faz uma simples pergunta a seus pacientes quando estes se preparam para deixar esta vida.

“Tem algum remorso?” pergunta ela.²

Essa proximidade do dia final da mortalidade geralmente produz uma clareza de pensamentos e proporciona entendimento e perspectiva. Portanto, quando ela perguntava àquelas pessoas sobre seus remorsos, eles abriam o coração. Refletiam sobre o que teriam mudado se pudessem voltar no tempo.

Ao considerar o que disseram, chamou-me a atenção o quanto os princípios fundamentais do evangelho de Jesus Cristo podem influenciar o rumo de nossa vida para o bem, se simplesmente os colocarmos em prática.

Nada há de misterioso em relação



aos princípios do evangelho. Nós os estudamos nas escrituras, trocamos ideias sobre eles na Escola Dominical e os ouvimos do púlpito muitas vezes. Esses princípios e valores divinos são diretos e claros. São belos, profundos e poderosos, e sem dúvida podem ajudar-nos a evitar remorsos futuros.

Gostaria de Ter Passado Mais Tempo com as Pessoas Que Amo

Talvez o remorso mais universal que os pacientes terminais expressaram foi o de que desejariam ter passado mais tempo com as pessoas a quem amavam.

Os homens, em especial, entoam esta lamúria universal: “Lamentam profundamente ter passado tanto tempo de sua vida no moinho [diário] do (...) trabalho”.³ Muitos perderam a oportunidade de criar recordações especiais de momentos que passaram com a família e com os amigos. Sentem falta de ter desenvolvido um vínculo profundo com aqueles que mais significavam para eles.

Não é verdade que com frequência ficamos ocupados demais? Além disso, é triste dizer, até usamos

nosso trabalho como uma medalha de honra, como se o fato de estarmos atarefados, por si só, fosse uma realização ou um sinal de uma vida superior.

Mas será que é?

Penso em nosso Senhor e exemplo, Jesus Cristo, e em Sua curta vida em meio ao povo da Galileia e de Jerusalém. Tentei imaginá-Lo correndo de uma reunião para outra ou fazendo mil coisas ao mesmo tempo para cumprir uma lista de coisas urgentes.

Não consigo ver isso.

Em vez disso, vejo o compassivo e carinhoso Filho de Deus vivendo com propósito a cada dia. Quando Ele interagiu com as pessoas a Seu redor, elas se sentiam importantes e amadas. Ele conhecia o infinito valor das pessoas que encontrava. Ele as abençoou e ministrou a elas. Ergueu-as e curou-as. Deu-lhes a preciosa dádiva de Seu tempo.

Em nossos dias, é fácil simplesmente fingir que passamos um tempo com as pessoas. Com um clique do mouse podemos “conectar-nos” com milhares de “amigos” sem sequer ter de encarar um só deles. A tecnologia pode ser uma coisa maravilhosa, e é

muito útil quando não podemos estar próximos de nossos entes queridos. Minha mulher e eu moramos bem longe de preciosos familiares; sabemos como é isso. Contudo, creio que não estamos indo na direção certa, tanto individualmente quanto como sociedade, quando nos conectamos com a família ou amigos especialmente para repassar imagens bem-humoradas, reencaminhar coisas triviais ou enviar links da Internet a nossos entes queridos. Suponho que haja espaço para esse tipo de atividade, mas quanto tempo estamos dispostos a ocupar-nos com isso? Se deixarmos de compartilhar nossa presença, nosso tempo e nossa atenção exclusiva com aqueles que nos são realmente importantes, um dia teremos remorso disso.

Tomemos a decisão de valorizar aqueles a quem amamos passando um tempo significativo com eles, fazendo coisas juntos e cultivando lembranças preciosas.

Gostaria de Ter Vivido à Altura de Meu Potencial

Outro remorso que as pessoas expressaram foi o de terem deixado de se tornar a pessoa que sentiam

que poderiam e deveriam ter sido. Ao rever sua vida, deram-se conta de que nunca viveram à altura de seu potencial, e que muitas possibilidades não foram plenamente aproveitadas.

Não estou falando aqui de galgar a escada do sucesso em nossas várias profissões. Essa escada, por mais sublime que possa parecer nesta Terra, nem chega a representar um único degrau na grande jornada eterna que nos aguarda.

Em vez disso, refiro-me a tornarmos a pessoa que Deus, nosso Pai Celestial, desejava que fôssemos.

Chegamos a este mundo, como disse o poeta, “trilhando nuvens de glória”,⁴ vindos da esfera pré-mortal.

Nosso Pai Celestial vê nosso real potencial. Ele sabe coisas a nosso respeito que nós mesmos não sabemos. Ele nos inspira durante a vida a cumprirmos a medida de nossa criação, a vivermos uma boa vida e a retornarmos a Sua presença.

Por que, então, dedicamos tanto de nosso tempo e de nossa energia a coisas que são tão fugazes, tão sem importância e tão superficiais? Por que nos recusamos a ver a insensatez de buscar coisas triviais e temporárias?

Não nos seria mais sensato “[ajuntar] tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam”?⁵

Como fazemos isso? Seguindo o exemplo do Salvador, incorporando Seus ensinamentos a nosso cotidiano e realmente amando a Deus e a nosso próximo.

Sem dúvida, não podemos realizar isso com uma abordagem de discipulado do tipo “fazer de má vontade”, “ficar olhando para o relógio” ou “reclamar o tempo todo”.

No tocante à aplicação prática do evangelho, não podemos ser como o menino que só molha o dedão do pé na água e diz que nadou. Como filhos e filhas de nosso Pai Celestial, somos capazes de fazer muito mais. Para isso, as boas intenções não são suficientes. Precisamos *fazer*. E ainda mais importante, precisamos *tornar-nos* o que o Pai Celestial deseja que sejamos.

É bom declarar nosso testemunho, mas ser um exemplo vivo do evangelho restaurado é melhor. É bom desejarmos sermos mais fiéis a nossos convênios; mas é bem melhor realmente ser fiel aos convênios sagrados, o que inclui viver de modo virtuoso, pagar nosso dízimo e nossas ofertas, cumprir a Palavra de Sabedoria e prestar serviço aos necessitados. É bom anunciar que vamos dedicar mais tempo à oração familiar, ao estudo das escrituras e a atividades familiares sadias; mas é quando realmente fazemos todas essas coisas com constância que recebemos as bênçãos do céu em nossa vida.

O discipulado é a busca da santidade e da felicidade. É o caminho para uma existência melhor e mais feliz.

Tomemos a decisão de seguir o Salvador e de trabalhar com diligência para nos tornar a pessoa que fomos designados a ser. Ouçamos e obedecemos aos sussurros do Santo Espírito. Ao fazermos isso, o Pai Celestial vai revelar-nos coisas que não sabíamos a nosso próprio respeito. Ele vai iluminar o caminho a nossa frente e abrir nossos olhos para que vejamos nossos talentos que desconhecíamos ou nem sequer imaginávamos que existiam.

Quanto mais nos dedicarmos à busca da santidade e da felicidade, menos provável será que estejamos no caminho do remorso. Quanto mais confiarmos na graça do Salvador, mais sentiremos que estamos no caminho que nosso Pai Celestial planejou para nós.

Gostaria de Ter-me Permitido Ser Mais Feliz

Outro remorso daqueles que sabem que estão morrendo pode ser de certa forma surpreendente. Eles desejariam ter-se permitido ser mais felizes.

Muito frequentemente temos a ilusão de que há algo que está quase a nosso alcance e que nos traria felicidade — uma melhor situação familiar, uma melhor condição financeira ou o fim de uma prova difícil.

Quanto mais velhos ficamos, mais olhamos para trás e nos damos conta

de que as circunstâncias externas realmente não importam nem determinam nossa felicidade.

Nós é que importamos. *Nós* determinamos nossa felicidade.

Vocês e eu, no final das contas, é que estamos encarregados de nossa própria felicidade.

Minha mulher, Harriet, e eu adoramos andar de bicicleta. É maravilhoso sair ao ar livre e desfrutar as belezas da natureza. Temos certas rotas que gostamos de percorrer de bicicleta, mas não prestamos muita atenção à distância que percorremos ou na rapidez em que viajamos em relação aos outros ciclistas.

Contudo, às vezes, eu penso que deveríamos ser um pouco mais competitivos. Até acredito que conseguiríamos fazer um tempo melhor ou ir mais depressa se apenas nos esforçássemos um pouco mais. E às vezes até cometo o grande erro de mencionar essa ideia para minha maravilhosa esposa.

Sua reação típica para minhas sugestões dessa natureza é sempre muito bondosa, bem clara e muito direta. Ela sorri e diz: “Dieter, não estamos numa corrida, é um passeio. Desfrute o momento”.

Como ela está certa!

Às vezes na vida, ficamos tão concentrados na linha de chegada que deixamos de encontrar alegria na jornada. Não saio para andar de bicicleta com minha mulher porque estou entusiasmado com a chegada. Eu vou porque a oportunidade de estar com ela é muito agradável e prazerosa.

Não parece tolice destruir experiências pessoais agradáveis e felizes por estarmos constantemente ansiando pelo momento em que elas chegarão ao fim?

Será que ouvimos uma bela música esperando que a nota final deixe de soar antes de nos permitir desfrutá-la de verdade? Não. Ouvimos e nos conectamos com as variações da melodia, do ritmo e com a harmonia da composição musical.

Será que fazemos oração tendo apenas o “amém” ou o final dela em mente? É claro que não. Oramos para nos aproximar de nosso Pai Celestial, para receber Seu Espírito e sentir Seu amor.



Não devemos esperar até que cheguemos a um ponto futuro para sermos felizes, ou para descobrir que a felicidade já estava a nosso alcance — o tempo todo! A vida não foi feita apenas para ser apreciada retrospectivamente. “Este é o dia que fez o Senhor (...)”, escreveu o salmista. “Regozijemo-nos, e alegremo-nos nele.”⁶

Irmãos e irmãs, sejam quais forem as circunstâncias, sejam quais forem nossos desafios ou nossas provações, há algo em cada dia para entesourar e valorizar. Há algo em cada dia que pode suscitar gratidão e alegria, se apenas o virmos e apreciarmos.

Talvez devêssemos olhar menos com os olhos e mais com o coração. Adoro esta citação: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.⁷

Somos ordenados a “render graças por todas as coisas”.⁸ Então não seria melhor ver com os olhos e o coração até as pequenas coisas pelas quais *podemos* ser gratos, em vez de magnificar as coisas negativas em nossa situação atual?

O Senhor prometeu: “E aquele que receber todas as coisas com gratidão será glorificado; e as coisas desta Terra ser-lhe-ão acrescentadas, mesmo centuplicadas”.⁹

Irmãos e irmãs, com as abundantes bênçãos de nosso Pai Celestial, Seu generoso plano de salvação, as sublimes verdades do evangelho

restaurado e as muitas belezas desta jornada mortal, “não temos razão para regozijar-nos?”¹⁰

Decidamos ser felizes, independentemente de nossa situação.

Decisões

Um dia, daremos aquele passo inevitável e passaremos desta esfera mortal para o estado seguinte. Um dia, olharemos para trás em nossa vida e nos perguntaremos se poderíamos ter agido melhor, tomado decisões melhores ou usado nosso tempo com mais sabedoria.

Para evitar alguns dos remorsos mais profundos da vida, seria sensato tomarmos algumas decisões hoje.

Portanto, vamos:

- Decidir passar mais tempo com aqueles a quem amamos.
- Decidir esforçar-nos mais sinceramente para tornar-nos a pessoa que Deus deseja que sejamos.
- Decidir encontrar felicidade, independentemente de nossa situação.

É meu testemunho que muitos dos mais profundos remorsos de amanhã podem ser evitados se seguirmos o Salvador hoje. Se tivermos cometido pecados ou erros — se fizemos escolhas das quais agora sentimos remorso — há a preciosa dádiva da Expição de Cristo, por meio da qual podemos ser perdoados. Não podemos voltar

no tempo e mudar o passado, mas podemos nos arrepender. O Salvador pode enxugar nossas lágrimas de remorso¹¹ e remover o fardo de nossos pecados.¹² Sua Expição permite que deixemos o passado para trás e que prossigamos com mãos limpas, com um coração puro¹³ e com a determinação de agir melhor e especialmente de nos tornarmos melhores.

Sim, esta vida passa rapidamente. Nossos dias parecem sumir velocemente, e a morte parece assustadora, às vezes. Não obstante, nosso espírito continuará a viver e um dia será unido a nosso corpo ressuscitado para receber glória imortal. Presto solene testemunho de que graças ao misericordioso Cristo, todos viveremos novamente e para sempre. Graças a nosso Salvador e Redentor, um dia compreenderemos realmente e nos regozijaremos com o significado das palavras “o aguilhão da morte é desfeito em Cristo”.¹⁴

O caminho para o cumprimento de nosso destino divino como filhos e filhas de Deus é eterno. Queridos irmãos e irmãs, queridos amigos, precisamos começar a trilhar esse caminho eterno *hoje*. Não podemos desperdiçar um único dia sequer. Oro para que não esperemos até estarmos prestes a morrer para realmente aprendermos a viver. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Alma 40:11.
2. Ver Susie Steiner, “Top Five Regrets of the Dying”, *Guardian*, 1º de fevereiro de 2012, www.guardian.co.uk/lifeandstyle/2012/feb/01/top-five-regrets-of-the-dying.
3. Bronnie Ware, Steiner, “Top Five Regrets of the Dying”.
4. “Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood”, *The Complete Works of William Wordsworth*, 1924, p. 359.
5. Mateus 6:20.
6. Salmos 118:24.
7. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, *O Pequeno Príncipe*, tradução de Dom Marcos Barbosa, Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 72.
8. Mosias 26:39; ver também Doutrina e Convênios 59:7.
9. Doutrina e Convênios 78:19.
10. Alma 26:35.
11. Ver Apocalipse 7:17.
12. Ver Mateus 11:28–30.
13. Ver Salmos 24:4.
14. Mosias 16:8; ver também I Coríntios 15:54.



Apresentado pelo Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Apoio aos Líderes da Igreja

É proposto que apoiemos Thomas Spencer Monson como profeta, vidente e revelador, e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Henry Bennion Eyring como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, e Dieter Friedrich Uchtdorf como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver, manifestem-se.

É proposto que apoiemos Boyd Kenneth Packer como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, e os seguintes como membros desse quórum: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson e Neil L. Andersen.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver alguém, pelo mesmo sinal.

O Élder Jay E. Jensen foi desobrigado como membro da Presidência dos Quóruns dos Setenta.

Os que quiserem juntar-se a nós em um voto de agradecimento, manifestem-se.

É proposto que apoiemos o Élder Craig C. Christensen como membro da Presidência dos Quóruns dos Setenta.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver, manifestem-se.

É proposto que desobriguemos com um voto de louvor por seu excelente serviço o Élder Marlin K. Jensen como Historiador e Registrador da Igreja.

Os que forem a favor, manifestem-se.

É proposto que apoiemos o Élder Steven E. Snow como Historiador e Registrador da Igreja.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, manifestem-se.

É proposto de desobriguemos os Élderes Keith K. Hilbig, Jay E. Jensen, Marlin K. Jensen e Octaviano Tenorio como membros do Primeiro Quórum dos Setenta e os designemos como Autoridades Gerais eméritas.

É proposto que desobriguemos os Élderes Keith R. Edwards e Larry W. Gibbons como membros do Segundo Quórum dos Setenta.

Os que quiserem juntar-se a nós e expressar gratidão a esses irmãos por seu excelente serviço, manifestem-se.

É proposto que apoiemos as demais Autoridades Gerais, Setentas de Área e presidências gerais das auxiliares como presentemente constituídas.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

Obrigado, irmãos e irmãs, por seu voto de apoio, por sua fé, devoção e suas orações. ■





Élder L. Tom Perry
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Tornar-se Bons Pais

Há muitas maneiras pelas quais os bons pais podem ter acesso à ajuda e ao apoio necessários para ensinar o evangelho de Jesus Cristo aos filhos.

Atingi um marco especial da vida neste verão: comemorei meu aniversário de 90 anos. Ao chegarmos a certos marcos da vida, é útil e instrutivo refletir sobre os acontecimentos e as experiências pessoais do passado. Vocês, jovens, que ouvem ou leem este discurso talvez não se impressionem muito com 90 anos de vida, mas, na época em que nasci, era considerada uma grande realização chegar a essa idade. Todos os dias, sou grato ao Pai Celestial por ter-me abençoado com uma vida longa.

Muita coisa mudou durante minha vida. Vi o desenvolvimento da era industrial e da era da informação. A produção em massa de automóveis, os telefones e os aviões foram grandes inovações em minha juventude. Hoje, o meio pelo qual encontramos, compartilhamos e usamos as informações muda quase diariamente. Na minha idade, maravilho-me com o mundo em que vivemos que muda tão rapidamente. Muitas das importantes descobertas de hoje instigam a imaginação com seu potencial para melhorar nossa vida.

Com todas as rápidas mudanças que ocorrem a nossa volta, trabalhamos e oramos sinceramente para

garantir que os valores do evangelho de Jesus Cristo sejam preservados. Alguns deles já estão sob risco de se perderem. No topo da lista desses valores, sendo, portanto, os principais alvos do adversário, estão a santidade do casamento e a importância central da família. Eles proveem uma âncora e o porto seguro do lar onde cada filho do amoroso Pai Celestial pode ser influenciado para o bem e adquirir valores eternos.

Minha própria família, antecipando a comemoração desse marco de 90 anos da minha vida, começou a ajudar-me a lembrar e a valorizar as experiências pessoais que tive em minha longa vida. Por exemplo: minha sobrinha coletou e compartilhou comigo várias cartas que escrevi para meus pais, há quase 70 anos, de minha base dos fuzileiros navais na Ilha de Saipan, no Pacífico, durante a Segunda Guerra Mundial.

Uma dessas cartas particularmente me chamou a atenção. Era uma carta que escrevi para minha mãe para que ela a abrisse e lesse no Dia das Mães de 1945. Gostaria de ler para vocês alguns trechos, na esperança de que vejam por que serei eternamente grato a meus amorosos pais pelas lições que aprendi com seu ensino no lar.

Meus pais são o exemplo definidor que guardo comigo de bons pais que colocaram seu casamento e a criação adequada dos filhos como sua maior prioridade.

Minha carta do Dia das Mães de 1945 começa assim:

“Querida mãe,

Nos últimos quatro anos, tive o grande infortúnio de passar o Dia das Mães longe de você. A cada ano, eu quis estar com você para lhe dizer o quanto a amo e em que alta estima a tenho, mas como isso novamente é impossível, terei de fazer o melhor que posso, enviando-lhe meus pensamentos pelo correio.

Neste ano, mais do que em qualquer outro, posso ver o que uma mãe maravilhosa fez por mim. Acima de tudo, sinto saudade das pequenas coisas que você costumava fazer por mim. Sempre que eu levantava da cama pela manhã, nunca tive de me preocupar se encontraria uma camisa limpa e meias limpas. Tudo o que tinha de fazer era abrir a gaveta, e as encontrava. Na hora das refeições, eu sempre sabia que encontraria algo de que gostava preparado da melhor maneira possível. À noite, eu sempre sabia que encontraria lençóis limpos na minha cama e a quantidade certa de cobertores para manter-me muito confortável. Morar em casa realmente foi um grande prazer”.

Quando li aqueles dois primeiros parágrafos da carta, fiquei chocado a princípio por tudo aquilo soar tão sentimental. Talvez o fato de morar em uma barraca, sob um mosquiteiro, em uma cama de acampamento me tenha feito pensar no lar muito especial que eu tinha.

Minha carta para minha mãe prosseguia assim:

“Porém, os sentimentos mais profundos que tenho por você se devem ao exemplo que você me deixou. A vida foi tão agradável para nós em família que quisemos seguir seus passos, para continuar sentindo a mesma alegria que tínhamos em nossa juventude. Você sempre encontrava tempo para levar a família para passear no desfiladeiro, e podíamos



contar com você para fazer qualquer coisa, desde subir montanhas até jogar bola conosco. Você e o pai nunca tiravam férias sozinhos. A família sempre estava com vocês. Agora que estou longe de casa, sempre gosto de falar de minha vida em casa porque tudo era tão agradável. Não poderia desviarme de seus ensinamentos agora porque minhas ações refletiriam seu caráter. Em minha vida, é um grande desafio, para mim, manter-me digno de ser chamado o filho de Nora Sonne Perry. Tenho muito orgulho desse título e espero que eu sempre seja digno dele.

Espero que no ano que vem eu esteja com você para mostrar-lhe as coisas boas que tenho planejado mostrar-lhe no Dia das Mães dos quatro últimos anos.

Que o Senhor a abençoe por todas as coisas maravilhosas que fez por este mundo conturbado.

Com todo o meu amor, Tom”.¹

Ao reler minha carta, também refleti sobre a cultura da família, da

ala, da estaca e da comunidade em que fui criado.

A cultura é definida como o estilo de vida de um povo. Há uma cultura exclusiva do evangelho, um conjunto de valores, expectativas e práticas que são comuns a todos os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Essa cultura do evangelho, ou estilo de vida, vem do plano de salvação, dos mandamentos de Deus e dos ensinamentos de profetas vivos. Ela é expressa no modo pelo qual criamos nossa família e conduzimos nossa vida pessoal.

A primeira instrução dada a Adão para sua responsabilidade mortal se encontra em Gênesis 2:24: “Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne”.

A união de um homem e uma mulher, para serem legal e legitimamente casados, não é apenas uma preparação para que as futuras gerações herdem a Terra, mas também proporciona a maior alegria e satisfação que

podem ser encontradas nesta vida mortal. Isso é especialmente verdade quando os poderes do sacerdócio proclamam que um casamento é para esta vida e para toda a eternidade. Os filhos nascidos desse casamento têm uma segurança que não se encontra em nenhum outro lugar.

As lições ensinadas no lar por bons pais estão se tornando cada vez mais importantes no mundo atual, no qual a influência do adversário é tão difundida. Como sabemos, ele está tentando minar e destruir o próprio alicerce de nossa sociedade: a família. De modo astuto e cuidadosamente camuflado, ele está atacando o comprometimento para com a vida em família no mundo inteiro e debilitando a cultura e os convênios dos fiéis santos dos últimos dias. Os pais precisam decidir com firmeza que o ensino no lar é uma responsabilidade extremamente sagrada e importante. Embora outras instituições, como a igreja e a escola, possam auxiliar os pais a “[educar] a criança no caminho

em que deve andar” (Provérbios 22:6), essa responsabilidade, em última análise, cabe aos pais. De acordo com o grande plano de felicidade, aos bons pais é que foram confiados a criação e o desenvolvimento dos filhos do Pai Celestial.

Em nossa extraordinária mormonia de pais, há muitas maneiras pelas quais os bons pais podem ter acesso à ajuda e ao apoio necessários para ensinar o evangelho de Jesus Cristo aos filhos. Gostaria de sugerir cinco coisas que os pais podem fazer para criar uma cultura familiar mais forte:

Primeiro, os pais podem orar sinceramente, pedindo que nosso Pai Celestial os ajude a amar, a compreender e a guiar os filhos que Ele enviou a eles.

Segundo, eles podem realizar a oração familiar, o estudo das escrituras e as noites familiares e fazer as refeições juntos sempre que possível, tornando o jantar um momento de comunicação e ensino de valores.

Terceiro, os pais podem fazer pleno uso da rede de apoio da Igreja, comunicando-se com os professores da Primária, os líderes de jovens e as presidências de classe e quórum a que seus filhos pertencem. Ao comunicar-se com aqueles que foram chamados e designados para trabalhar com seus filhos, os pais podem prover-lhes uma compreensão essencial das necessidades especiais e específicas de seus filhos.

Quarto, os pais podem prestar seu testemunho com frequência aos filhos, fazer com que se comprometam a guardar os mandamentos de Deus e prometer-lhes as bênçãos que nosso Pai Celestial promete a Seus filhos fiéis.

Quinto, podemos organizar nossa família com base em claras e simples regras e expectativas da família, em tradições e ritos familiares sadios, e em uma “economia da família”, na qual os filhos tenham responsabilidades no lar e possam receber uma mesada para que aprendam a fazer um orçamento, a economizar e a pagar o dízimo do dinheiro que recebem.



Essas sugestões para a criação de uma *cultura familiar* mais forte trabalham em conjunto com a cultura da Igreja. Nossa cultura familiar mais forte será uma proteção para nossos filhos contra “os ardentes dardos do adversário” (1 Néfi 15:24), que estão embutidos na cultura de seus colegas, na cultura da diversão e das celebrações, na cultura do crédito e do direito ao consumo e na cultura da Internet e da mídia, às quais eles estão constantemente expostos. Uma forte cultura familiar vai ajudar nossos filhos a viver no mundo sem se tornarem “do mundo” (ver João 15:19).

O Presidente Joseph Fielding Smith ensinou: “É dever dos pais ensinar a seus filhos esses princípios de salvação estabelecidos no evangelho de Jesus Cristo, para que saibam por que devem ser batizados e para que seja gravado em seu coração o desejo de continuar a guardar os mandamentos de Deus depois que forem batizados, para que possam voltar a Sua presença. Vocês, meus bons irmãos e irmãs, querem ter sua família, seus filhos? Querem ser selados a seu pai e sua mãe que já faleceram (...)? Se quiserem, então precisam começar ensinando essas coisas desde o berço. Você precisam ensinar tanto pelo exemplo quanto por preceito”.²

Na proclamação sobre a família, lemos:

“O marido e a mulher têm a solene responsabilidade de amar-se mutuamente e amar os filhos. (...) ‘Os filhos são herança do Senhor’ (Salmos 127:3). Os pais têm o sagrado dever de criar os filhos com amor e retidão, atender a suas necessidades físicas e espirituais, ensiná-los a amar e servir uns aos outros, guardar os mandamentos de Deus e ser cidadãos cumpridores da lei, onde quer que morem. (...)”

Segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los. A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos. Nessas atribuições sagradas, o pai e a mãe têm a obrigação de ajudar-se mutuamente, como parceiros iguais”.³

Creio que é por desígnio divino que o papel da mãe salienta a criação e a educação da geração seguinte. No entanto, é maravilhoso ver marido e mulher que trabalham juntos em real parceria, mesclando sua influência, ambos se comunicando eficazmente sobre os filhos e com os filhos.

O ataque da iniquidade desferido contra nossos filhos é mais sutil e intenso do que jamais foi. A edificação de uma cultura familiar forte acrescenta outra camada de proteção a nossos filhos, isolando-os das influências mundanas.

Deus os abençoe, bons pais e mães de Sião. Ele confiou Seus filhos eternos a seus cuidados. Como pais, somos sócios de Deus no trabalho de levar a efeito Sua obra e Sua glória entre Seus filhos. É nosso sagrado dever fazer o máximo e o melhor que pudermos. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo.

Amém. ■

NOTAS

1. Carta do Dia das Mães de L. Tom Perry para sua mãe, enviada de Saipan, datada de 3 de maio de 1945.
2. Joseph Fielding Smith, *Conference Report*, outubro de 1948, p. 153.
3. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.



Élder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Ocupar-se Zelosamente

Grandes coisas são efetuadas e fardos são aliviados pelo empenho de muitas mãos que se “[ocupam] zelosamente numa boa causa”.

Élder Perry, creio que você é o jovem de 90 anos mais novo em toda a Igreja. Observaram como ele saltou agilmente de sua cadeira?

Meus amados irmãos e irmãs, toda vez que como um tomate fresco e bem maduro ou um pêssego suculento e maduro tirado diretamente do pé, meus pensamentos se voltam a 60 anos no passado, quando meu pai tinha um pequeno pomar de pessegueiros em Holladay, Utah. Ele tinha colmeias ali para polinizar as flores de pêssego, que acabavam se transformando em grandes e deliciosos pêssegos.

Meu pai amava suas boas abelhas e se maravilhava pelo modo com que milhares delas trabalhavam juntas, transformando o néctar coletado das flores de pessegueiro em doce mel dourado: um dos alimentos mais benéficos da natureza. De fato, os nutricionistas dizem que é um dos alimentos que contém todas as substâncias necessárias para sustentar a vida: enzimas, vitaminas, sais minerais e água.

Meu pai sempre tentou me envolver em seu trabalho com suas colmeias, mas eu ficava muito feliz em deixar que ele mesmo cuidasse de suas abelhas. Contudo, desde aquela época, aprendi mais sobre a organização altamente estruturada da colmeia:

uma colônia de aproximadamente 60.000 abelhas.

As abelhas são movidas instintivamente a polinizar, coletar néctar e condensar o néctar em mel. Essa é sua magnífica obsessão que foi gravada em seu código genético por nosso Criador. Estima-se que para produzir meio quilo de mel, de 20.000 a 60.000 abelhas precisam coletivamente visitar milhões de flores e viajar o equivalente a duas voltas em torno da Terra. Ao longo de seu curto tempo de vida, de apenas algumas semanas a quatro meses, a contribuição de uma única abelha para sua colmeia é de apenas

um doze avos de uma colher de chá.

Embora aparentemente insignificante quando comparado ao total, esse um doze avos de uma colher de chá de mel produzido por uma abelha é vital para a vida da colmeia. As abelhas dependem umas das outras. Um trabalho que seria demasiadamente grande para poucas abelhas torna-se mais leve porque todas as abelhas realizam fielmente a sua parte.

A colmeia sempre foi um símbolo importante na história de nossa Igreja. Lemos no Livro de Mórmon que os Jareditas levavam consigo abelhas (ver Éter 2:3), quando viajaram para a América há milhares de anos. Brigham Young escolheu a colmeia como símbolo para encorajar e inspirar o trabalho cooperativo necessário entre os pioneiros, a fim de transformar o deserto estéril que rodeava o Grande Lago Salgado nos vales férteis que temos hoje. Somos os beneficiários de sua visão e industriiosidade coletivas.

O símbolo da colmeia é encontrado tanto no interior quanto no exterior de muitos de nossos templos. Este púlpito em que me encontro é feito da madeira de uma noqueira plantada no quintal da casa do Presidente Gordon B. Hinckley e está adornado com imagens entalhadas de colmeias.

Todo esse simbolismo atesta um fato: grandes coisas são efetuadas e fardos são aliviados pelo empenho de muitas mãos que se “[ocupam] zelosamente numa boa causa” (D&C 58:27). Imaginem o que milhões de santos





chá de mel contribuído por uma única abelha para a colmeia. Há poder em nosso amor a Deus e a Seus filhos, e quando esse amor é tangivelmente manifestado em milhões de atos de bondade cristã, ele vai adoçar e nutrir o mundo com o néctar vital da fé, da esperança e da caridade.

O que precisamos fazer para nos tornar como as dedicadas abelhas e fazer com que a dedicação se torne parte de nossa natureza? Muitos de nós frequentamos diligentemente as reuniões da Igreja. Trabalhamos arduamente em nossos chamados, e especialmente aos domingos. Sem dúvida, isso é digno de louvor. Mas será que nossa mente e nosso coração estão tão zelosamente ocupados em coisas boas no restante da semana? Será que fazemos as coisas automaticamente ou estamos realmente convertidos ao evangelho de Jesus Cristo? Como levamos a semente da fé que foi nutrida em nossa mente e a plantamos com profundidade no fértil solo de nossa alma? Como fazemos acontecer a vigorosa mudança no coração que Alma diz ser essencial para nossa felicidade e paz eternas? (Ver Alma 5:12–21.)

Lembrem-se: o mel contém todas as substâncias necessárias para sustentar a vida mortal. E a doutrina e o evangelho de Cristo é o único caminho para obtermos a vida eterna. Somente quando nosso testemunho transcender o que está em nossa mente e penetrar profundamente em nosso coração é que nossa motivação para amar e servir se tornará como a do Salvador. Então, e somente então, poderemos tornar-nos discípulos de Cristo, realmente convertidos, investidos de poder pelo Espírito para tocar o coração de nosso próximo.

Quando nosso coração não estiver mais nas coisas deste mundo, não mais aspiraremos às honras dos homens nem buscaremos apenas satisfazer nosso orgulho (ver D&C 121:35). Em vez disso, assumiremos as qualidades cristãs que Jesus ensinou:

- Seremos bondosos, mansos e longânimes (ver D&C 121:41).

dos últimos dias poderiam realizar no mundo se agissem como uma colmeia em nosso comprometimento concentrado e enfocado nos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo.

O Salvador ensinou que o primeiro e grande mandamento é:

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. (...)”

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mateus 22:37, 39–40).

As palavras do Salvador são simples, porém seu significado é profundo e muito importante. Devemos amar a Deus e amar a nosso próximo como a nós mesmos e cuidar dele. Imaginem quantas coisas boas poderíamos fazer no mundo se todos nos uníssemos como seguidores de Cristo, atendendo zelosa e diligentemente às necessidades das pessoas e servindo aos que nos rodeiam: nossa família, nossos amigos, nossos vizinhos e nossos concidadãos.

Como declara a epístola de Tiago, a prestação de serviço é a própria

definição da religião pura (ver Tiago 1:27).

Lemos a respeito do serviço prestado por membros da Igreja no mundo inteiro, especialmente o serviço humanitário oferecido em momentos de crise: incêndios, inundações, furacões, tornados. Essas respostas de emergência muito necessárias e apreciadas, sem dúvida, devem continuar como um meio de carregar os fardos uns dos outros. Mas, e quanto a nossa vida cotidiana? Qual seria o efeito cumulativo de milhões de pequenos atos de caridade realizados diariamente por nós devido a nosso sincero amor cristão pelas pessoas? Ao longo do tempo, isso teria um efeito transformador sobre todos os filhos de nosso Pai Celestial por meio da expressão de Seu amor a eles por nosso intermédio. Nosso mundo conturbado precisa desse amor de Cristo, hoje mais do que nunca, e precisará dele ainda mais nos anos que virão.

Esses simples atos diários de serviço talvez não pareçam muito em si mesmos, mas quando considerados coletivamente eles se tornam como aquele um doze avos de colher de

- Seremos bondosos, sem hipocrisia nem dolo (ver D&C 121:42).
- Teremos caridade para com todos os homens (ver D&C 121:45).
- Nossos pensamentos serão sempre virtuosos (ver D&C 121:45).
- Não desejaremos mais fazer o mal (ver Mosias 5:2).
- O Espírito Santo será nosso companheiro constante, e as doutrinas do sacerdócio destilar-se-ão sobre nossa alma como o orvalho do céu (ver D&C 121:45–46).

Irmãos e irmãs, vejam bem, não estou encorajando o fanatismo nem um excessivo zelo religioso. Muito pelo contrário! Estou simplesmente sugerindo que devemos dar o próximo passo lógico para completar nossa conversão ao evangelho de Cristo, assimilando profundamente suas doutrinas no coração e na alma, para que efetuemos e vivamos de modo coerente e constante — com integridade — as coisas nas quais professamos acreditar.

Essa integridade simplifica nossa vida e amplia nossa sensibilidade ao Espírito e às necessidades das pessoas. Traz alegria a nossa vida e

paz a nossa alma — o tipo de alegria e paz que recebemos quando nos arrependemos de nossos pecados e seguimos o Salvador, guardando Seus mandamentos.

Como fazemos essa mudança? Como enraizamos esse amor de Cristo em nosso coração? Há uma prática simples e diária que pode ser muito eficaz para todo membro da Igreja, inclusive vocês, meninos e meninas, vocês, rapazes e moças, vocês, adultos solteiros, e vocês, pais e mães.

Essa prática simples é o seguinte: em sua oração matinal a cada dia, peçam ao Pai Celestial que os guie para reconhecer uma oportunidade de servirem a um de Seus filhos preciosos. Depois passem o dia com o coração cheio de fé e amor, procurando alguém para ajudar. Permaneçam concentrados, como as abelhas se concentram nas flores das quais coletam néctar e pólen. Se fizerem isso, sua sensibilidade espiritual aumentará, e vocês descobrirão oportunidades de servir que jamais imaginaram ser possíveis.

O Presidente Thomas S. Monson ensinou que em muitos casos o Pai Celestial responde às orações de uma

pessoa por nosso intermédio — por meio de vocês ou de mim — por meio de nossas palavras e ações bondosas — por meio de nossos simples atos de serviço e amor.

O Presidente Spencer W. Kimball disse: “Deus está atento a nós e preocupa-Se conosco. Contudo, é por meio de outras pessoas que Ele costuma atender a nossas necessidades. Portanto, é vital que sirvamos uns aos outros” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball, 2006, p. 92*).

Sei que se fizerem isso — em casa, na escola, no trabalho e na igreja — o Espírito vai guiá-los, e vocês conseguirão discernir as necessidades de prestação de um serviço específico que só vocês podem oferecer. Serão inspirados pelo Espírito e magnificamente motivados a ajudar a polinizar o mundo com o puro amor de Cristo e Seu evangelho.

E lembrem-se, tal como aquele um doze avos de colher de chá de mel que a abelhinha oferece à colmeia, se multiplicarmos nosso empenho por dezenas de milhares, até milhões de atos fervorosos para compartilhar o amor de Deus com Seus filhos, por meio de serviço cristão, haverá um efeito positivo combinado que trará a Luz de Cristo a este mundo cada vez mais tenebroso. Unidos, levaremos amor e compaixão para nossa própria família e para os solitários, os pobres, os quebrantados e para aqueles filhos de nosso Pai Celestial que buscam a verdade e a paz.

É minha humilde oração, irmãos e irmãs, que peçamos em nossas orações diárias a inspiração de encontrar alguém a quem possamos prestar um serviço significativo, inclusive o de compartilhar as verdades do evangelho e nosso testemunho. No final de cada dia, que sejamos capazes de dizer “sim” às perguntas: “Neste mundo, acaso, fiz hoje eu a alguém um favor ou bem?” (*Hinos, nº 136*).

Esta é a obra de Deus. Trabalhemos nela tão fielmente quanto as dedicadas abelhinhas trabalham na obra delas, é minha humilde oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Cidade do México, México



Élder Larry Echo Hawk
Dos Setenta

“Vinde a Mim Ó Vós, Casa de Israel”

À medida que todos nos achegarmos a nosso Salvador, Jesus Cristo, e purificarmos o coração, seremos todos instrumentos no cumprimento das vigorosas promessas do Livro de Mórmon.

Fui voluntário como fuzileiro naval dos Estados Unidos, durante a guerra do Vietnã. Pouco depois de chegar a Quantico, Virginia, para o treinamento básico, pus-me em posição de sentido na frente de meu leito, em nosso alojamento, juntamente com outros 54 recrutas. Fiquei conhecendo meu instrutor, um veterano durão, velho de guerra, quando ele chutou a porta do alojamento e entrou gritando um monte de palavões.

Depois daquela apresentação aterradoradora, ele começou por uma extremidade do alojamento e foi encarando cada recruta com várias perguntas. Sem exceção, o instrutor metodicamente encontrava algo para ridicularizar no recruta, usando uma linguagem bem vulgar. Foi seguindo pela fileira de leitos, e cada fuzileiro gritava a resposta, conforme ordenado: “Sim, senhor” ou “Não, sargento instrutor”. Eu não conseguia ver exatamente o que ele estava fazendo, porque fui ordenado a ficar em posição de sentido, olhando diretamente para frente. Quando chegou a minha vez, percebi que ele pegou minha mochila e esvaziou o conteúdo no meu colchão atrás

de mim. Vasculhou meus pertences, voltou até onde eu estava e me encarou. Preparei-me para o ataque. Ele tinha na mão o meu Livro de Mórmon. Imaginei que iria gritar comigo. Em vez disso, ele se aproximou e sussurrou: “Você é mórmon?”

Conforme me ordenaram, gritei: “Sim, sargento instrutor!”

Novamente, esperei o pior. Em vez disso, ele fez uma pausa e ergueu a mão que segurava o Livro de Mórmon, e numa voz bem mansa, perguntou: “Acredita neste livro?”

Novamente, gritei: “Sim, sargento instrutor!”

Nessa altura, eu tinha certeza de que ele ia gritar palavras depreciativas a respeito dos mórmons e do Livro de Mórmon, mas ele apenas manteve silêncio. Em seguida, voltou até a minha cama e cuidadosamente colocou ali meu Livro de Mórmon. Depois, passou por mim sem se deter e continuou a ridicularizar e a humilhar com linguagem profana todos os demais recrutas.

Muitas vezes me perguntei por que aquele sargento durão me poupou naquele dia. Mas fico grato por ter

sido capaz de responder sem hesitar: “Sim, sou membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” e “Sim, sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro”. Esse testemunho é uma dádiva preciosa que me foi concedida pelo Espírito Santo com a ajuda de dois missionários e um consultor do quórum de sacerdotes.

Quando eu tinha 14 anos, dois missionários, Lee Pearson e Boyd Camphuysen, ensinaram o evangelho restaurado de Jesus Cristo a minha família, e eu fui batizado. Dois anos depois, meu consultor do quórum dos sacerdotes, Richard Boren, desafiou-me a ler o Livro de Mórmon. Aceitei o desafio e li pelo menos dez páginas todas as noites, até terminá-lo.

Na página de rosto, li que ele foi “escrito aos lamanitas, que são um remanescente da casa de Israel; e também aos judeus e aos gentios”. Na Introdução do Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo está escrito que os lamanitas estão entre “os principais antepassados dos índios americanos”. Ao ler o Livro de Mórmon, pareceu-me que ele falava de meus antepassados indígenas. Ele conta a história de um povo, parte do qual foi mais tarde descrito como lamanitas, que migraram de Jerusalém para uma “terra de promessa” (1 Néfi 2:20) por volta de 600 a.C. É o relato da interação de Deus com aqueles antigos habitantes localizados em algum lugar dos continentes americanos. Inclui um relato do ministério de Jesus Cristo entre eles, após Sua Ressurreição. As passagens do Livro de Mórmon sugerem que, com o tempo, eles foram dispersos por todos os continentes americanos e pelas ilhas dos mares próximos (ver Alma 63:9–10). Seus profetas pre-disseram que multidões de gentios acabariam vindo para essa terra da promessa e que a ira de Deus cairia sobre os lamanitas, e eles seriam dispersos, feridos e quase destruídos (ver 1 Néfi 1:12–14).

Meu bisavô, Echo Hawk, um índio Pawnee, nasceu em meados do Século XIX no que hoje é chamado de



Nebraska. Quando ele tinha 19 anos de idade, o povo Pawnee foi forçado a entregar sua terra natal de mais de dez milhões de hectares para dar lugar aos colonizadores. Em 1874, o povo Pawnee foi obrigado a marchar várias centenas de quilômetros para o sul, até uma pequena reserva localizada no Território Indígena de Oklahoma. A população Pawnee de mais de 12.000 havia sido reduzida para menos de 700 ao chegar a Oklahoma. Os Pawnee, como outras tribos, tinham sido dispersos, feridos e quase destruídos.

O Livro de Mórmon tem uma mensagem especial para os descendentes dos lamanitas, que são um remanescente da casa de Israel. Néfi expressou essa mensagem ao interpretar a visão que seu pai teve destes nossos

últimos dias: “E naquele dia virão os nossos descendentes a saber que são da casa de Israel e que são o povo do convênio do Senhor; e saberão, daí, quem eram seus antepassados e terão também conhecimento do Redentor e do evangelho que foi por ele ministrado a seus pais. Portanto virão a conhecer seu Redentor e os pontos essenciais de sua doutrina, para que saibam como chegar a ele e ser salvos” (1 Néfi 15:14).

O Livro de Mórmon é uma escritura sagrada. Contém a plenitude do evangelho eterno. O Profeta Joseph Smith escreveu que “o Livro de Mórmon [é] o mais correto de todos os livros da Terra, e a pedra angular de nossa religião e que um homem poderia aproximar-se mais de Deus

seguindo seus preceitos do que os de qualquer outro livro” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 68). Portanto, ele tem uma mensagem para todas as pessoas do mundo.

Quando li o Livro de Mórmon pela primeira vez, aos 17 anos, concentrei-me na promessa de Morôni: “E quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo” (Morôni 10:4).

Ao ajoelhar-me em oração, recebi um vigoroso testemunho espiritual de que o Livro de Mórmon era verdadeiro. Esse testemunho ajudou-me a traçar o curso de minha vida.

Exorto todas as pessoas a ler O Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo.

Peço especialmente aos remanescentes da casa de Israel, os descendentes do povo do Livro de Mórmon, onde quer que estejam, que leiam e releiam o Livro de Mórmon. Aprendam as promessas contidas no Livro de Mórmon. Sigam os ensinamentos e o exemplo de Jesus Cristo. Façam e guardem convênios com o Senhor. Busquem e sigam a orientação do Espírito Santo.

Encerro com as palavras proferidas por Amaléqui, outro profeta do Livro de Mórmon: “E agora, meus queridos irmãos, quisera que viésseis a Cristo, que é o Santo de Israel, e participásseis de sua salvação e do poder de sua redenção. Sim, vinde a ele e ofertai-lhe toda a vossa alma, como dádiva; e continuei em jejum e oração, perseverando até o fim; e assim como vive o Senhor, sereis salvos” (Ômni 1:26).

À medida que nos achegarmos a nosso Salvador, Jesus Cristo, e purificarmos o coração, seremos todos instrumentos no cumprimento das vigorosas promessas do Livro de Mórmon. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Robert C. Gay
Dos Setenta

O Que Dará o Homem em Recompensa da Sua Alma?

Devemos abandonar todos os nossos pecados, grandes ou pequenos, em troca da recompensa de vida eterna concedida pelo Pai.

○ Salvador fez certa vez esta pergunta a Seus discípulos: “[O] que dará o homem em recompensa da sua alma?”¹

Essa é uma pergunta que meu pai me ensinou a ponderar cuidadosamente há vários anos. Quando eu era jovem, meus pais me designavam tarefas na casa e me pagavam uma mesada por esse trabalho. Eu costumava usar aquele dinheiro, pouco mais de 50 centavos por semana, para ir ao cinema. Naquela época, uma entrada de cinema custava 25 centavos, para um menino de 11 anos. Isso me deixava com 25 centavos para gastar em barras de chocolate, que custavam cinco centavos cada. Um filme e cinco barras de chocolate! Não havia nada melhor.

Tudo foi bem até eu fazer 12 anos. Quando estava na fila do cinema, certo dia, dei-me conta de que o bilhete para um menino de 12 anos custava 35 centavos, o que significava duas barras de chocolate a menos.

Sem estar muito preparado para fazer o sacrifício, pensei comigo mesmo: “Minha aparência é a mesma da semana passada”. Fui então em frente e pedi um bilhete de 25 centavos. O bilheteiro nem piscou e eu comprei minhas costumeiras cinco barras de chocolate, em vez de três.

Entusiasmado com o que fizera, corri depois para casa a fim de contar a meu pai o meu grande golpe. Quando relatei os detalhes, ele ficou sem dizer nada. Quando terminei, simplesmente olhou para mim e disse: “Filho, você venderia sua alma em troca de dez centavos?” Suas palavras transpassaram meu coração de doze anos. Foi uma lição que nunca esqueci.

Anos depois, vi-me fazendo aquela mesma pergunta a um portador do Sacerdócio de Melquisedeque menos ativo. Era um homem excelente que amava sua família. No entanto, fazia muitos anos que ele não ia à Igreja. Tinha um filho talentoso que fazia

parte de um time esportivo de elite que treinava e jogava aos domingos. Aquele time tinha vencido muitos campeonatos importantes. Quando nos encontramos, eu o lembrei de que, como portador do sacerdócio, fora-lhe prometido que se magnificasse seu juramento e convênio, receberia “tudo o que [nosso] Pai possui”.² Depois eu perguntei: “Será que um campeonato nacional vale mais do que tudo o que o Pai possui?” Ele respondeu com brandura: “Compreendo o que quer dizer”. Ele, então, marcou uma entrevista com seu bispo.

Atualmente é muito fácil sermos engolidos pelo tumulto do mundo, apesar de nossas boas intenções. O mundo nos pressiona a “[olhar] para além do marco”.³ Alguém me perguntou recentemente: “Será que um único drinque realmente importa?” Percebem que essa é uma pergunta do adversário? Caim perguntou: “Quem é o Senhor, para que eu deva conhecê-lo?”⁴ e então perdeu sua alma. Justificando pequenos pecados, Satanás triunfa. Por um frasco de leite,⁵ um nome escrito errado,⁶ um prato de lentilhas,⁷ heranças e primogenituras têm sido trocadas.

Ao ponderar as trocas de dez centavos ou de campeonatos nacionais que fazemos na vida, podemos justificar para nós mesmos as nossas ações, como Caim, ou procurar submeter-nos à vontade de Deus. A pergunta que temos diante de nós não é se temos coisas que fazemos que precisam ser corrigidas, porque sempre temos. Em vez disso, a pergunta é se vamos “rejeitar” ou “cumprir” o chamado que temos sobre a nossa alma de fazer a vontade do Pai?⁸

O Senhor ama nossa retidão, mas pede que continuemos a nos arrepender e a ser submissos. Na Bíblia, lemos sobre um jovem rico, que cumpria os mandamentos, e que se ajoelhou perante o Salvador e Lhe perguntou o que precisava fazer para ter a vida eterna. Ele voltou as costas pesaroso quando o Salvador disse: “Falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tens”.⁹

No entanto, outro homem rico, porém mundano, o rei supremo dos



lamanitas, o pai de Lamôni, igualmente fez a mesma pergunta sobre a vida eterna, dizendo: “Que deverei fazer para nascer de Deus, arrancar este espírito iníquo de meu peito e receber o Espírito de Deus? (...) Abandonarei o meu reino para poder receber essa grande alegria”.¹⁰

Lembram da resposta que o Senhor deu ao rei por intermédio de Seu servo Aarão? “Se te arrependeres de todos os teus pecados e te curvares diante de Deus e invocares o seu nome com fé, acreditando que receberás, então obterás a esperança que desejas”.¹¹

Quando compreendeu o sacrifício exigido, o rei se humilhou e se prostrou e então orou: “Ó Deus, (...) abandonarei todos os meus pecados para conhecer-te”.¹²

Essa é a troca que o Salvador pede que façamos: devemos abandonar todos os nossos pecados, grandes ou pequenos, em troca da recompensa de vida eterna concedida pelo Pai.

Devemos esquecer nossas justificativas, desculpas, racionalizações, mecanismos de defesa, procrastinações, aparências, orgulho pessoal, pensamentos condenatórios e a vontade de fazer as coisas a nosso próprio modo. Temos que nos separar de todas as coisas mundanas e gravar em nosso semblante a imagem de Deus.¹³

Irmãos e irmãs, lembremos de que esse encargo é mais do que apenas deixar de fazer coisas ruins. Tendo um inimigo muito engajado, precisamos também agir, e não nos sentar em “insensível estupor”.¹⁴ Assumir o semblante de Deus significa servir uns aos outros. Há pecados que são cometidos e há pecados de omissão, e temos de nos elevar acima de ambos.

Enquanto eu servia como presidente de missão na África, aprendi de modo indelével esta grande verdade. Eu estava a caminho de uma reunião quando vi um menino sozinho, chorando histericamente à beira da estrada. Uma voz interior me disse:

“Pare e ajude aquele menino”. Assim que ouvi aquela voz, em um segundo, racionalizei: “Não posso parar. Vou me atrasar. Sou o líder presidente e não posso chegar atrasado”.

Quando cheguei à capela, ouvi a mesma voz me dizer novamente: “Vá ajudar aquele menino”. Entreguei as chaves do carro a um membro da Igreja chamado Afasi e pedi que trouxesse o menino até mim. Uns 20 minutos depois, senti alguém me bater de leve no ombro. O menino estava ali fora.

Tinha uns dez anos de idade. Descobrimos que o pai estava morto e a mãe estava na cadeia. Ele morava numa das favelas de Acra com uma pessoa que cuidava dele e lhe dava comida e um lugar para dormir. Para pagar por isso, ele tinha de vender peixe defumado nas ruas. Mas depois de um dia inteiro de trabalho, ao colocar a mão no bolso, encontrou um buraco ali. Havia perdido todo o dinheiro. Afasi e eu soubemos imediatamente que, se ele voltasse sem o dinheiro, seria chamado



mais precioso”. O mesmo se dá comigo. Meu testemunho é o tesouro de minha alma, e na integridade de meu coração, deixo com vocês meu testemunho de que esta Igreja é a verdadeira Igreja de Deus, que nosso Salvador está à testa dela e que a dirige por intermédio de Seu profeta escolhido. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Mateus 16:26.
2. Doutrina e Convênios 84:38.
3. Jacó 4:14.
4. Moisés 5:16.
5. Um frasco de leite e sua nata (rica em creme) era o ponto central de uma disputa entre a esposa de Thomas B. Marsh e a Sra. Harris, que tinham concordado em combinar seus recursos para fazer queijo. Quando a Sra. Harris descobriu que a Sra. Marsh não tinha incluído a nata com o leite, mas a tinha guardado para si mesma, a Sra. Marsh reclamou, e as duas brigaram. Thomas Marsh levou o assunto para o bispo, que ficou do lado da Sra. Harris. O caso passou do bispo para o sumo conselho e para a Primeira Presidência, e todos concordaram que a Sra. Marsh estava errada. Isso abriu uma brecha entre Thomas Marsh e os líderes da Igreja. Pouco depois disso, Thomas Marsh testemunhou perante um juiz de Missouri que os mórmons eram hostis ao Estado de Missouri. (Ver George A. Smith, “Discourse”, *Deseret News*, 16 de abril de 1856, p. 44.)
6. Quando o Profeta Joseph Smith fez o chamado de Simonds Ryder para que servisse como missionário, Ryder descobriu que seu nome fora soletrado como “Rider” na revelação impressa. Ele se ofendeu, e isso o levou à apostasia, chegando a participar de um ataque ao profeta, no qual o cobriram de piche e penas. Ryder não sabia que Joseph Smith costumava ditar as revelações para seus escreventes e não tinha culpa do erro de grafia (ver Milton V. Backman Jr., *The Heavens Resound: A History of the Latter-day Saints in Ohio 1830–1838*, 1983, pp. 93–94; Donald Q. Cannon e Lyndon W. Cook, eds., *Far West Record: Minutes of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1830–1844*, 1983, p. 286).
7. Em Gênesis 25, vemos que Esaú vendeu sua primogenitura a Jacó por um “guisado de lentilhas” (versículo 34).
8. Ver Doutrina e Convênios 19:18–19.
9. Ver Marcos 10:21–22.
10. Alma 22:15.
11. Alma 22:16.
12. Alma 22:18.
13. Ver Alma 5:14–19.
14. Alma 60:7.
15. Marcos 1:18.
16. Mateus 18:11.
17. Jacó 1:8.
18. Doutrina e Convênios 58:27.
19. Ver Lucas 15:11–32.
20. Ver Joseph Smith—História 1:15–16.
21. Neal A. Maxwell, *Deposition of a Disciple*, 1976, p. 88.
22. Ver Doutrina e Convênios 19:38.

de mentiroso, provavelmente seria espancado e jogado na rua. Foi naquele momento de desespero que eu o vi na rua. Acalmamos seu medo, demos-lhe dinheiro para substituir suas perdas e depois o levamos de volta até a pessoa que cuidava dele.

Quando voltei para casa naquela noite, dei-me conta de duas grandes verdades. Primeiro, soube como nunca que Deus está ciente de cada um de nós e que jamais nos abandona. E segundo, soube que precisamos sempre dar ouvidos à voz do Espírito dentro de nós e ir “imediatamente”¹⁵ aonde quer que ela nos conduza, a despeito de nossos temores ou de qualquer inconveniência.

Certo dia, os discípulos perguntaram ao Salvador quem era o maior no reino dos céus. Ele lhes disse que se convertessem e que fossem humildes e submissos como criancinhas. Depois, Ele disse: “O Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido”.¹⁶ Nessa única frase, Ele definiu nossa missão. Devemos sair ao resgate — do que se perdeu, do último, do menor. Não é o suficiente abster-nos do mal. Precisamos “[carregar] sua cruz”¹⁷ e “ocupar-[nos] zelosamente”¹⁸ em ajudar os outros a se converter. Com compaixão e amor recebemos o filho pródigo,¹⁹ atendemos ao

choro dos órfãos em sofrimento e às súplicas dos que estão nas trevas e no desespero.²⁰ “Satanás não precisa fazer com que todos se tornem como Caim ou Judas”, disse o Élder Neal A. Maxwell. “Ele só precisa fazer com que os homens capazes (...) vejam a si mesmos como sofisticadamente neutros.”²¹

Após uma conferência de estaca recente, um adolescente veio falar comigo e perguntou: “Deus me ama?” Que nossa vida de serviço sempre afirme que Deus não abandona ninguém.

Para a pergunta “O que dará o homem em recompensa da sua alma?” Satanás quer fazer com que vendamos nossa vida em troca das barras de chocolate ou dos campeonatos deste mundo. O Salvador, no entanto, conclama-nos, sem nada cobrar, a que troquemos nossos pecados, que tomemos sobre nós Seu semblante e que o levemos para o coração dos que estão a nosso alcance. Por fazermos isso, podemos receber tudo o que Deus possui, que é mais do que todos os tesouros combinados deste mundo.²² Podem imaginar isso?

Em uma viagem que fiz recentemente à Nicarágua, notei uma placa na modesta casa de uma família. Dizia: “Meu testemunho é o que tenho de



Élder Scott D. Whiting
Dos Setenta

O Padrão do Templo

Os elevados padrões de construção de templos empregados por esta Igreja são um símbolo de como devemos levar nossa própria vida.

Ao visitar recentemente o belo Templo de Brigham City Utah, lembrei-me de uma coisa que vivenciei quando servia como coordenador da visitação pública, da rededicação e da celebração cultural do histórico Templo de Laie Havaí.

Poucos meses antes do término do grande trabalho de reforma, fui convidado a percorrer o templo com o Diretor Executivo do Departamento de Templos, o Élder William R. Walker, e seus colegas do departamento. Além disso, vários membros da empreiteira contratada estavam presentes. O propósito da visita, em parte, era analisar o progresso e a qualidade do trabalho executado. No momento daquela visita, 85% do trabalho estava concluído.

Ao percorrermos o templo, fiquei observando e ouvindo o Élder Walker e seus colegas enquanto inspecionavam a obra e conversavam com o empreiteiro geral. Em certo momento, vi um deles passar a mão nas paredes, ao irmos de uma sala para a outra. Depois de fazer isso algumas vezes, ele esfregou os dedos um no outro e então se aproximou do empreiteiro geral e disse: “Sinto aspereza nesta parede. Esse não é o padrão do templo. Você vai ter de lixar e alisar

esta parede de novo”. O empreiteiro obedientemente tomou nota de cada observação.

Ao chegarmos a uma área do templo que poucos poderiam ver, o mesmo homem nos parou e dirigiu nossa atenção para uma nova e bela janela com um vitral recém-instalado. A janela media uns 60 centímetros de largura por 1,80 metro de altura e nela estava instalado um vitral com um pequeno padrão geométrico. Ele apontou para um quadradinho de vidro colorido de cinco centímetros que fazia parte do padrão simples e disse: “Este quadrado está torto”. Olhei para o quadrado e, à minha vista, parecia bem nivelado. Contudo, ao inspecioná-lo mais de perto com um medidor na mão, vi que havia um pequeno defeito e que aquele quadradinho estava de fato uns três milímetros torto. Foram dadas instruções ao empreiteiro de que aquela janela precisaria ser substituída porque não estava no padrão do templo.

Admito que me surpreendeu ver que toda uma janela teria de ser substituída por causa de um pequeno defeito quase imperceptível. Sem dúvida, era improvável que alguém tomasse conhecimento daquela janela ou sequer a notasse,

tendo em vista sua localização isolada no templo.

Ao dirigir meu carro, voltando do templo para casa, refleti sobre o que havia aprendido com aquilo, ou melhor, o que achei que havia aprendido. Foram só várias semanas depois, quando fui convidado a percorrer novamente o templo, que então estava concluído, que minha compreensão do que acontecera anteriormente ficou mais clara.

Ao entrar no Templo de Laie Havaí totalmente reformado, fiquei extasiado com sua beleza e a qualidade do acabamento. Podem imaginar minha expectativa ao aproximar-me das paredes “ásperas” e da janela “com defeito”. Será que o empreiteiro havia lixado e alisado as paredes? Será que a janela tinha sido realmente substituída? Ao aproximar-me das paredes ásperas, fiquei surpreso ao ver um belo papel de parede colocado em todas as paredes. Meu primeiro pensamento foi: “Então foi assim que o empreiteiro resolveu a aspereza: ele a cobriu”. Mas não. Descobri que sempre fizera parte do plano a instalação do papel de parede naquelas paredes. Perguntei-me: Por que uma pequena e quase indetectável aspereza importava, se ela seria coberta? Ansiosamente me aproximei da área em que se localizava a janela defeituosa e fiquei surpreso ao ver um vaso com uma planta que ia até o teto colocado bem na frente daquela janela. Novamente pensei: “Então foi assim que o empreiteiro resolveu o quadradinho torto: ele o escondeu”. Ao mover-me para mais perto, afastei as folhas da planta e sorri ao ver que a janela tinha realmente sido substituída. O quadradinho anteriormente torto estava bem colocado e nivelado, dentro do padrão. Descobri que sempre fizera parte do projeto de decoração interna ter uma planta na frente daquela janela.

Por que as paredes levemente ásperas e uma janela com uma pequena assimetria exigiram um trabalho adicional e até uma substituição, quando poucas mãos ou olhos humanos sequer tomariam



conhecimento disso? Por que o empreiteiro concordou em seguir um padrão tão elevado?

Ao sair do templo, refletindo profundamente, encontrei a resposta ao olhar para o exterior reformado e ver estas palavras: “Santidade ao Senhor, a Casa do Senhor”.

Os templos desta Igreja são precisamente o que proclamam ser. Esses edifícios sagrados são construídos para nosso uso, e dentro deles são realizadas ordenanças sagradas de salvação. Mas não deve haver dúvida alguma a respeito de quem realmente é o Proprietário da casa. Ao exigir altíssimos padrões de construção até nos mínimos detalhes, não apenas mostramos nosso amor e respeito pelo Senhor Jesus Cristo, mas também demonstramos a todos os observadores que honramos e adoramos o Dono dessa casa.

Na revelação dada ao Profeta

Joseph Smith de que fosse construído um templo em Nauvoo, o Senhor instruiu:

“Vinde com todo o vosso ouro e vossa prata e vossas pedras preciosas e com todas as vossas antiguidades; (...) e tragam (...) as árvores preciosas da Terra;

(...) e construí uma casa ao meu nome, para que nela habite o Altíssimo”.¹

Isso segue um padrão estabelecido pelo rei Salomão no Velho Testamento, quando edificou um templo ao Senhor usando apenas os melhores materiais e mão de obra.² Continuamos a seguir esse padrão hoje, com a devida moderação, ao construir os templos da Igreja.

Apreendi que mesmo que os olhos e as mãos mortais nunca vejam ou sintam um defeito, o Senhor conhece o nível de nosso empenho e sabe se oferecemos o melhor ou não. O

mesmo se aplica a nosso empenho pessoal de levar uma vida digna das bênçãos do templo. O Senhor aconselhou:

“E se meu povo me construir uma casa em nome do Senhor e não permitir que nela entre qualquer coisa impura, de modo que não seja profanada, minha glória descansará sobre ela;

Sim, e minha presença lá estará, porque entrarei nela; e todos os puros de coração que nela entrarem verão a Deus.

Mas se for profanada, não entrarei nela e minha glória lá não estará; porque não entrarei em templos impuros”.³

Tal como o empreiteiro, quando nos damos conta de elementos de nossa própria vida que não são condizentes com os ensinamentos do Senhor, quando nosso empenho for menor do que o melhor que

podemos oferecer, devemos rapidamente corrigir tudo o que esteja falho, reconhecendo que não podemos ocultar nossos pecados do Senhor. Precisamos lembrar que “quando nos propomos a encobrir nossos pecados (...), eis que os céus se afastam; [e] o Espírito do Senhor se magoa”.⁴

Também descobri que os elevados padrões de construção de templos empregados por esta Igreja são um símbolo de como devemos levar nossa própria vida. Podemos aplicar individualmente os ensinamentos do Apóstolo Paulo, dados à Igreja antiga, quando ele disse:

“Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?

Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo”.⁵

Somos feitos dos melhores materiais e constituímos o resultado milagroso da mão de obra divina. Contudo, quando passamos da idade da responsabilidade e entramos no campo de batalha do pecado e da tentação, nosso próprio templo pode vir a necessitar de uma reforma e de reparos. Talvez haja paredes dentro de nós que estão ásperas e precisam ser lixadas, ou janelas de nossa alma que precisam ser substituídas para que possamos nos manter em lugares santos. Felizmente, o padrão do templo que nos é pedido seguir não é o de ser perfeitos, embora nos esforcemos por isso, mas, sim, o de guardar os mandamentos e de fazer o melhor que podemos para viver como discípulos de Jesus Cristo. É minha oração que todos nos esforcemos para viver uma vida digna das bênçãos do templo, dando o melhor de nós, fazendo os melhoramentos necessários e eliminando os defeitos e as imperfeições para que o Espírito de Deus habite sempre em nós. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Doutrina e Convênios 124:26–27.
2. Ver I Reis 6–7.
3. Doutrina e Convênios 97:15–17.
4. Doutrina e Convênios 121:37.
5. I Coríntios 3:16–17; ver também o versículo 19.



Élder Neil L. Andersen

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Prova de Vossa Fé

Como o fogo intenso que transforma o ferro em aço, se permanecermos fiéis durante as ardentes provas de nossa fé, seremos espiritualmente refinados e fortalecidos.

Há dez anos, quando minha mulher, Kathy, e eu morávamos em São Paulo, Brasil, o Presidente David Marriott presidia a Missão Brasil São Paulo Interlagos. Ele e a esposa, Neill, e seus filhos Will, Wesley e Trace moravam perto de nós. Tinham deixado sua casa, seus negócios e muitos familiares para atender a um chamado do profeta de servir em uma missão.

O Presidente Marriott me ligou certa tarde. Sua querida e fiel filha de 21 anos, Geórgia, que estava no último ano do curso de violino, na Universidade de Indiana, havia sido atropelada por um caminhão ao ir de bicicleta para casa, após uma reunião da Igreja. Os primeiros informes eram de que Geórgia passava bem. Algumas horas depois, suas condições pioraram drasticamente.

A família e os amigos começaram a jejuar e a orar pedindo um milagre para Geórgia. A mãe viajou de avião naquela noite, saindo do Brasil. Quando chegou ao aeroporto de Indiana, no dia seguinte, foi recebida pelos filhos mais velhos, que explicaram em meio às lágrimas que tinham estado com Geórgia quando ela faleceu.

Observei a família Marriott na época daquele ocorrido e nos meses

e anos que se seguiram. Eles choraram, oraram, falaram de Geórgia, sentiram imensa dor e tristeza, mas nunca fraquejaram. Na sessão desta manhã, ouvimos falar de fé semelhante na admirável vida das famílias Bowen e Wilberger.¹

O dom da fé é uma investidura espiritual inestimável. Jesus orou, dizendo: “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”.²

Nossa fé centraliza-se em Deus, nosso Pai, e em Seu Filho, Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor. Ela é reforçada por nosso conhecimento de que a plenitude do evangelho foi restaurada na Terra, de que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus e de que profetas e apóstolos possuem hoje as chaves do sacerdócio. Entesouramos nossa fé, trabalhamos para fortalecer nossa fé, oramos por mais fé e fazemos tudo a nosso alcance para proteger e defender nossa fé.

O Apóstolo Pedro identificou algo que ele chamou de “prova da vossa fé”.³ Ele havia vivenciado isso. Lembrem-se das palavras de Jesus:

“Simão, (...) Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo;



Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”.⁴

Pedro mais tarde encorajou outros, dizendo: “Amados, *não* estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse”.⁵

Essas ardentes provas são para torná-los mais fortes, mas elas têm o potencial de diminuir ou até destruir sua confiança no Filho de Deus e enfraquecer sua determinação de manter as promessas que fizeram a Ele. Essas provas geralmente estão camufladas, tornando-as difíceis de identificar. Elas se enraízam em nossas fraquezas, vulnerabilidades, sensibilidade ou nas coisas que mais importam para nós. Um teste real, mas suportável para alguém pode ser uma prova ardente para outro.

Como permanecemos “firmes e inabaláveis”⁶ durante uma prova de fé? Imergimo-nos naquelas mesmas coisas que ajudaram a edificar o cerne da fé: exercemos fé em Cristo, oramos, ponderamos as escrituras, arrependemo-nos, guardamos os mandamentos e servimos ao próximo.

Quando se deparar com uma prova de fé — aconteça o que acontecer, não se afaste da Igreja! Se nos distanciarmos do reino de Deus durante uma prova de fé, será como sair da segurança de um abrigo contra

tempestade justamente quando aparece um tornado.

O Apóstolo Paulo disse: “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus”.⁷ É dentro do santuário da Igreja que protegemos nossa fé. Reunindo-nos com outros que acreditam, oramos e encontramos respostas a nossas orações, adoramos por meio da música, prestamos testemunho do Salvador, servimos uns aos outros e sentimos o Espírito do Senhor. Tomamos o sacramento, recebemos as bênçãos do sacerdócio e vamos ao templo. O Senhor declarou: “[Nas] ordenanças manifesta-se o poder da divindade”.⁸ Quando se deparar com um teste de fé, permaneça na segurança e proteção da família de Deus. Sempre há um lugar para você aqui. Nenhuma prova é tão grande que não possamos vencê-la juntos.⁹

O Presidente Thomas S. Monson disse: “A bússola moral da sociedade [tem evoluído rapidamente]. As condutas que antigamente eram consideradas impróprias e imorais hoje são (...) consideradas aceitáveis por muitos”.¹⁰

Há muitos adultos solteiros na Igreja que já passaram muito de seus primeiros anos da vida adulta. Embora considerem sua vida atual diferente da que haviam previsto, guardam a lei da

castidade.¹¹ Essa pode ser uma prova de sua fé. Expresso meu profundo respeito e admiração por esses discípulos de Cristo.

“Deus ordenou que os poderes sagrados de procriação sejam empregados somente entre homem e mulher, legalmente casados”.¹² No Novo Testamento, o Salvador elevou o padrão moral para Seus seguidores ao declarar: “Qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela”.¹³ Ele nos ensinou a não condenar as pessoas, mas não teve receio de falar diretamente: “Vai-te, e não peques mais”.¹⁴

Nossa família tem uma amiga. Vocês provavelmente conhecem alguém como ela, ou talvez sejam como ela. Sempre fiel, ela serve nobremente na Igreja, é admirada profissionalmente, adorada pela família e, embora tenha sonhado em casar-se e ter filhos, é solteira. “Tomei a decisão”, disse ela, “de depositar minha (...) confiança em Jesus Cristo. Frequentar o templo regularmente ajuda-me a manter um maior foco na eternidade e me lembra de que nunca estou só. Tenho fé (...) que nenhuma (...) bênção me será negada (...) se eu (...) permanecer fiel a meus convênios, inclusive a lei da castidade”.¹⁵

Outro amigo serviu em uma missão excelente, seguindo-se uma rigorosa formação acadêmica. Ele esperava ter uma família. Sua prova de fé foram sentimentos de atração por pessoas do mesmo sexo. Ele me escreveu recentemente: “Foi-me prometido em minha bênção patriarcal que terei minha própria família um dia. Quer seja nesta vida ou na próxima, não sei. Mas o que sei é que não quero fazer nada que coloque em risco as bênçãos que Deus prometeu tanto para mim quanto para a minha futura posteridade. (...) É um desafio viver [a lei da castidade], mas não viemos à Terra para confrontar desafios e mostrar a Deus nosso amor e respeito, guardando Seus mandamentos? Sou abençoado com boa saúde, com o evangelho, com uma família amorosa e com amigos leais. Sinto-me grato por minhas muitas bênçãos”.¹⁶

O mundo protesta: Como você pode pedir tanto? O Senhor responde:

“Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos. (...)”

Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos”.¹⁷

Esses dois seguidores de Cristo e dezenas de milhares como eles sentiram a promessa do Salvador: “Deixo-vos a paz. A minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize”.¹⁸

Aqui está outra prova. Sempre houve pessoas querendo desacreditar a Igreja e destruir a fé. Hoje, elas usam a Internet.

Algumas das informações sobre a Igreja, por mais convincentes que sejam, simplesmente não são verdadeiras. Em 1985 (antes da Internet) lembro que um colega entrou no escritório onde eu trabalhava, na Flórida. Ele tinha em mãos um artigo da revista *Time* intitulado “Desafiando as Raízes do Mormonismo” que falava de uma carta recém-descoberta, supostamente escrita por Martin Harris, que

conflitava com o relato de Joseph Smith sobre a descoberta das placas do Livro de Mórmon.¹⁹

Meu colega perguntou se aquela nova informação destruiria a Igreja mórmon. O artigo citava um homem que disse estar deixando a Igreja por causa daquele documento. Mais tarde, relatou-se que outras pessoas deixaram a Igreja.²⁰ Tenho certeza de que essa foi uma prova da fé que eles tinham.

Poucos meses depois, alguns estudiosos descobriram (e o falsificador confessou) que a carta era uma fraude total. Lembro-me de ter esperado realmente que aqueles que deixaram a Igreja por causa daquela falsidade encontrassem seu caminho de volta.

Alguns questionam sua fé quando encontram uma declaração feita por um líder da Igreja, há várias décadas, que parece incongruente com nossa doutrina. Há um princípio importante que governa a doutrina da Igreja. A doutrina é ensinada por todos os 15 membros da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze. Não está oculta num obscuro parágrafo de um discurso. Os princípios verdadeiros são ensinados frequentemente por muitos. Nossa doutrina não é difícil de achar.



Os líderes da Igreja são homens sinceros, porém imperfeitos. Lembrem-se das palavras de Morôni: “Não me condeneis, em virtude de minha imperfeição, nem a meu pai (...); mas dai graças a Deus por ele vos ter manifestado nossas imperfeições, para que aprendais a ser mais sábios do que nós fomos”.²¹

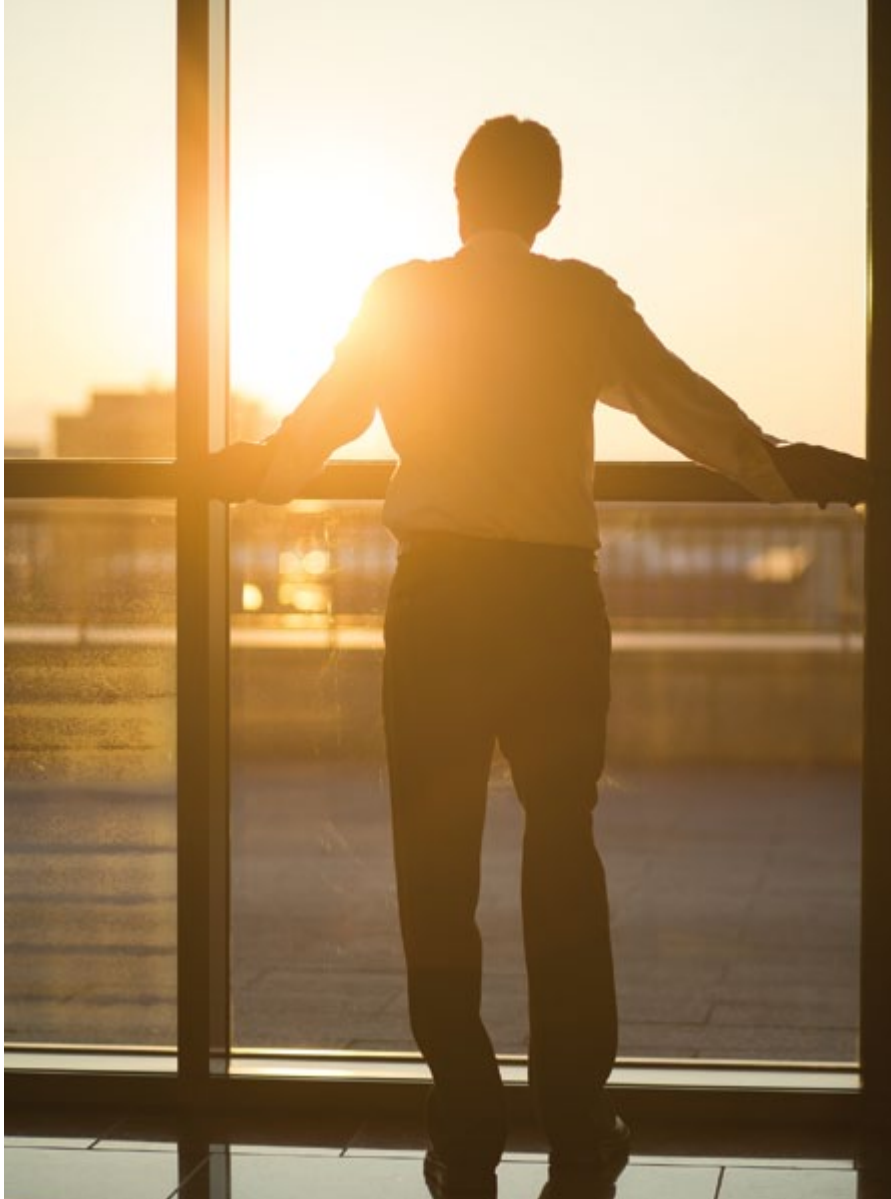
Joseph Smith disse: “Eu nunca disse que era perfeito, mas não há erro nas revelações”.²² O milagre da mão de Deus na história e no destino de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias somente é plenamente compreendido sob a ótica da inquirição espiritual. O Presidente Ezra Taft Benson disse: “Toda pessoa acabará acuada contra a parede da fé, e ali terá de defender sua posição”.²³ Não se surpreenda quando isso acontecer a você!

Por definição, as provas serão difíceis. Pode haver angústia, confusão, noites insones e travesseiros molhados de lágrimas. Mas nossas provações não precisam ser espiritualmente fatais. Não precisam tirar-nos de nossos convênios ou da família de Deus.

“Lembra-vos (...) de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces; para que, quando o diabo lançar a fúria de seus ventos, sim, seus dardos no torvelinho, sim, quando todo o seu granizo e violenta tempestade vos açoitarem, isso não tenha poder para vos arrastar ao abismo da miséria e angústia sem fim, por causa da rocha sobre a qual estais edificadas, que é um alicerce seguro; e se os homens edificarem sobre esse alicerce, não cairão.”²⁴

Como o fogo intenso que transforma o ferro em aço, se permanecermos fiéis durante as ardentes provas de *nossa* fé, seremos espiritualmente refinados e fortalecidos.

O Élder D. Todd Christofferson explicou o que aprendeu com uma provação pessoal: “Embora eu tenha sofrido na época, ao lembrar, sinto-me grato por não ter havido uma solução rápida para meu problema. O fato de eu ter sido forçado a voltar-me para Deus em busca de ajuda



quase diariamente por um extenso período de anos ensinou-me verdadeiramente a orar e a obter respostas para a oração e ensinou-me, de uma maneira bem prática, a ter fé em Deus. Conheci meu Salvador e meu Pai Celestial de um modo e em um nível que não poderiam ter acontecido de outra forma, ou que poderia ter levado muito mais tempo para conseguir. (...) Aprendi a confiar no Senhor de todo o meu coração. Aprendi a caminhar com Ele dia após dia”.²⁵

Pedro descreveu essas experiências pessoais como “muito mais [preciosas] do que o ouro”.²⁶ Morôni acrescentou que um testemunho vem depois da “prova de vossa fé”.²⁷

Comecei meu discurso com a história da família Marriott. Na semana passada, Kathy e eu estivemos com

eles na sepultura de Geórgia. Dez anos se passaram. Os familiares e amigos falaram do amor e das lembranças que tinham de Geórgia. Houve balões brancos cheios de hélio para comemorar sua vida. Entre lágrimas, a mãe de Geórgia falou da maior fé e compreensão que tem adquirido, e o pai de Geórgia contou-nos serenamente a respeito do “testemunho” prometido que recebeu.

Com a fé vêm as provas de fé, trazendo mais fé. A consoladora certeza dada pelo Senhor ao Profeta Joseph Smith é a mesma promessa que Ele faz a nós em nossa prova de fé: “Persevera (...), não temas (...), pois Deus estará contigo para todo o sempre”.²⁸ Presto meu sagrado testemunho dessas coisas, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Shayne M. Bowen, “Porque Eu Vivo, e Vós Vivereis”, e Ann M. Dibb, “Sei Disso. Vivo Isso. Adoro Isso”, na sessão da manhã de sábado, da conferência geral de outubro de 2012.
2. João 17:3.
3. I Pedro 1:7.
4. Lucas 22:31–32.
5. I Pedro 4:12; grifo do autor.
6. Alma 1:25.
7. Efésios 2:19.
8. Doutrina e Convênios 84:20.
9. Ver Mosias 18:8–10.
10. Thomas S. Monson, “Permanecer em Lugares Santos”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 82.
11. Ver Ezra Taft Benson, “The Law of Chastity”, *New Era*, janeiro de 1988, pp. 4–7; “The Law of Chastity”, *Brigham Young University, 1987–1988 Speeches*, 1988, pp. 1–5, speeches.byu.edu; ver também *Princípios do Evangelho*, 2009, pp. 233–241.
12. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.
13. Mateus 5:28.
14. João 8:11.
15. Correspondência pessoal, 2012.
16. Correspondência pessoal, 2012.
17. Isaías 55:9.
18. João 14:27.
19. Ver Richard N. Ostling, “Challenging Mormonism’s Roots”, *Time*, 20 de maio de 1985, p. 44.
20. Ver Gordon B. Hinckley, “Lord, Increase Our Faith”, *Ensign*, novembro de 1987, p. 52.
21. Mórmon 9:31.
22. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 547.
23. Ezra Taft Benson, “The Book of Mormon Is the Word of God”, *Tambuli*, maio de 1988, p. 6.
24. Helamã 5:12.
25. D. Todd Christofferson, “O Pão Nosso de Cada Dia Nos Dá Hoje”, (Serão do Sistema Educacional da Igreja, 9 de janeiro de 2011) LDS.org/broadcasts.
26. I Pedro 1:7; ver também I Pedro 4:13.
27. Éter 12:6.
28. Doutrina e Convênios 122:9; o Presidente George Q. Cannon disse: “Não importa quão difícil seja a provação, quão profunda a angústia, quão grande a aflição, [Deus] nunca nos abandonará. Ele nunca o fez e jamais o fará. Ele não pode fazer isso. Não está em Seu caráter. Ele é um ser imutável, o mesmo ontem, o mesmo hoje, e será o mesmo por todas as eras eternas que virão. Encontramos esse Deus. Fizemos Dele nosso amigo, obedecendo a Seu evangelho; e Ele nos defenderá. Podemos passar pela fornalha ardente, podemos passar pelas águas profundas, mas jamais seremos consumidos nem sobrepujados. Emergiremos de todas essas provações e dificuldades melhores e mais puros por causa delas, se apenas confiarmos em nosso Deus e guardarmos Seus mandamentos” (“Remarks”, *Deseret Evening News*; Mar. 7, 1891, 4); ver também Jeffrey R. Holland, “Come unto Me”, *Ensign*, abril de 1998, pp. 16–23.



Élder Dallin H. Oaks
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Proteger as Crianças

Ninguém deve recusar o pedido de que nos unamos para aumentar nossa preocupação com o bem-estar e o futuro de nossos filhos — a nova geração.

Todos podemos lembrar os sentimentos que tivemos quando uma criancinha chorou e nos estendeu os braços pedindo ajuda. O amoroso Pai Celestial nos deu esses sentimentos para impelir-nos a ajudar Seus filhos. Peço que relembrem esses sentimentos enquanto falo de nossa responsabilidade de proteger as crianças e de agir em favor do bem-estar delas.

Falo da perspectiva do evangelho de Jesus Cristo, incluindo Seu plano de salvação. Esse é meu chamado. Os líderes locais da Igreja têm responsabilidade por uma única jurisdição, como uma ala ou estaca, mas um apóstolo tem a responsabilidade de testificar ao mundo inteiro. Em toda nação, de todas as raças e credos, todas as crianças são filhas de Deus.

Embora eu não fale em termos políticos ou de normas públicas, da mesma forma que outros líderes da Igreja, não posso falar em favor do bem-estar das crianças sem que haja implicações no tocante às escolhas feitas por cidadãos, líderes públicos e funcionários de organizações particulares. Todos recebemos do Salvador o mandamento de amar e cuidar uns dos outros, especialmente dos fracos e indefesos.

As crianças são extremamente vulneráveis. Elas têm pouca ou nenhuma capacidade de proteger-se ou de sustentar-se e pouca influência em grande parte do que é vital para seu bem-estar. As crianças precisam de outros que falem por elas e precisam de outros que tomem decisões e que coloquem o bem-estar delas acima dos interesses egoístas dos adultos.

I.

No mundo inteiro, ficamos chocados com os milhões de crianças que são vítimas de crimes e do egoísmo de adultos maldosos.

Em alguns países varridos pela guerra, as crianças são raptadas para servir como soldados dos exércitos combatentes.

Um relatório das Nações Unidas estima que mais de dois milhões de crianças a cada ano são vítimas da prostituição e da pornografia.¹

Da perspectiva do plano de salvação, uma das formas mais graves de abuso de crianças é negar-lhes o nascimento. Essa é uma tendência mundial. O índice de natalidade nacional nos Estados Unidos é o mais baixo em 25 anos² e o índice de natalidade da maioria dos países europeus e asiáticos tem estado abaixo do nível

de reposição, há muitos anos. Essa não é apenas uma questão religiosa. À medida que as novas gerações diminuem em número, as culturas e até as nações se esvaziam e acabam desaparecendo.

Uma das causas da diminuição do índice de natalidade é a prática do aborto. No mundo inteiro, estima-se que haja mais de 40 milhões de abortos por ano.³ Há muitas leis que permitem ou até promovem o aborto, mas para nós esse é um ato maligno. Outros abusos de crianças que ocorrem durante a gestação são as lesões fetais resultantes da nutrição inadequada da mãe ou do uso de drogas.

Há uma trágica ironia na multidão de crianças eliminadas ou lesadas antes do nascimento, ao passo que inúmeros casais inférteis anseiam e procuram um bebê para adotar.

Os abusos e as negligências cometidos contra crianças depois do nascimento são mais visíveis ao público. No mundo inteiro, quase oito milhões de crianças morrem antes do quinto ano de vida, a maioria de doenças cujo tratamento e prevenção são possíveis.⁴ A Organização Mundial de Saúde relata que uma em cada quatro crianças tem o desenvolvimento mental ou físico prejudicado devido a nutrição inadequada.⁵ Por morar em vários países e viajar bastante, nós, líderes da Igreja, vemos muito disso. A presidência geral da Primária relatou que existem crianças vivendo em condições que “nem imaginamos”. Uma mãe nas Filipinas disse: “Às vezes não temos dinheiro suficiente para comprar comida, mas tudo bem porque isso me dá a oportunidade de ensinar meus filhos a respeito da fé. Nós nos reunimos e oramos pedindo ajuda, e as crianças veem o Senhor nos abençoar”.⁶ Na África do Sul, uma líder da Primária encontrou uma menininha solitária e triste. Em suas tímidas respostas a perguntas feitas com amor, ela disse que não tinha nem mãe nem pai nem avó — apenas um avô para cuidar dela.⁷ Essas tragédias são comuns em um continente no qual muitos cuidadores morreram de AIDS.

Mesmo nas nações ricas, as crianças e os jovens são prejudicados pela negligência. As crianças que crescem na pobreza contam com atendimento de saúde inferior e oportunidades educacionais inadequadas. Também são expostas a ambientes perigosos no meio cultural e físico em que vivem e até mesmo pela negligência dos pais. O Élder Jeffrey R. Holland contou recentemente o que um policial SUD vivenciou. Em uma investigação, ele encontrou cinco criancinhas encolhidas num canto da casa, tentando dormir sem cobertor no chão sujo de uma habitação em que a mãe e outros homens estavam bebendo e se divertindo. Não havia nenhum alimento no apartamento para aliviar-lhes a fome. Depois de colocar as crianças numa cama improvisada, o policial se ajoelhou e orou pedindo que fossem protegidas. Ao caminhar para a porta, uma delas, que tinha uns seis anos, foi atrás dele, agarrou-o pela mão e implorou: “Pode me adotar, por favor?”⁸

Lembramos o ensinamento do Salvador quando Ele colocou uma criancinha diante de Seus seguidores e declarou:

“E qualquer que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim me recebe.

Mas, qualquer que escandalizar um destes pequeninos, que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar” (Mateus 18:5–6).

Quando pensamos nos perigos dos quais as crianças precisam ser protegidas, devemos também incluir o abuso psicológico. Os pais, outros cuidadores, professores ou colegas que rebaixam, maltratam ou humilham crianças ou jovens podem infligir-lhes um trauma mais permanente do que as lesões físicas. Fazer uma criança ou um jovem sentir que ele não tem valor, que não é amado ou que não é benquisto é algo que pode infligir danos graves e duradouros a seu bem-estar e desenvolvimento emocional.⁹ Os jovens que se debatem com qualquer condição excepcional, inclusive a atração por pessoas do mesmo sexo,

são particularmente vulneráveis e precisam de compreensão amorosa — não de maus-tratos ou exclusão.¹⁰

Com a ajuda do Senhor, podemos nos arrepender, mudar e ser mais amorosos e prestativos com as crianças — com nossos próprios filhos ou com as crianças a nosso redor.

II.

Aqui estão alguns exemplos de ameaças físicas ou emocionais para as crianças, que são tão importantes quanto as que decorrem de seu relacionamento com os pais ou responsáveis. O Presidente Thomas S. Monson falou do que ele chamou de “comportamento abominável e hediondo”, referindo-se aos abusos e maus-tratos de crianças, nos quais um pai ou uma mãe fere ou desfigura um filho, tanto física quanto emocionalmente.¹¹ Angustiou-me ter de analisar as chocantes evidências desses casos durante meu serviço na Suprema Corte de Utah.

De suma importância para o bem-estar das crianças é o fato de seus pais serem ou não casados, a natureza e a duração do casamento e, de modo mais abrangente, a cultura e as expectativas em relação ao casamento e à criação dos filhos no lugar em que moram. Dois estudiosos da família explicaram: “Ao longo da história, o casamento foi a primeira e a principal instituição para a procriação e a criação dos filhos. Esse foi o laço cultural que procurava conectar o pai a seus filhos, unindo-o à mãe de seus filhos.

Em tempos recentes, porém, os filhos têm sido cada vez mais afastados do centro das atenções”.¹²

Um professor de Direito da universidade de Harvard descreveu as leis e a atitude atuais em relação ao casamento e ao divórcio: “A [atual] história americana do casamento, contada pelas leis e na literatura popular, diz mais ou menos o seguinte: o casamento é um relacionamento que existe principalmente para a satisfação individual dos cônjuges. Se ele deixar de cumprir essa função, ninguém tem culpa e qualquer dos cônjuges pode encerrá-lo à vontade. (...) Os filhos raramente aparecem na história. Quando muito são personagens secundários no fundo do cenário”.¹³

Os líderes da nossa Igreja ensinam que considerar o casamento “como um mero contrato que pode ser assumido a bel-prazer (...) e encerrado à primeira dificuldade (...) é um ato maligno que merece severa condenação”, especialmente quando faz com que “os filhos sofram”.¹⁴ E os filhos sofrem as consequências do divórcio. Mais da metade dos divórcios de um ano recente envolvia casais com filhos menores de idade.¹⁵

Muitos filhos teriam a bênção de ser criados por ambos os pais, se estes tivessem apenas seguido este ensinamento inspirado da proclamação sobre a família: “O marido e a mulher têm a solene responsabilidade de amar-se mutuamente e amar os filhos. (...) Os pais têm o sagrado dever de criar os filhos com amor e retidão,



atender a suas necessidades físicas e espirituais, [e] ensiná-los a amar e servir uns aos outros”.¹⁶ O meio mais eficaz de ensinar os filhos é pelo exemplo dos pais. O divórcio dos pais inevitavelmente lhes ensina uma lição negativa.

Sem dúvida, há casos em que o divórcio é necessário para o bem dos filhos, mas essas circunstâncias são excepcionais.¹⁷ Na maioria dos litígios conjugais, os pais que brigam deveriam dar um peso bem maior aos interesses dos filhos. Com a ajuda do Senhor, eles conseguem fazer isso. As crianças precisam da força emocional e pessoal que advém do fato de serem criados por pai e mãe que são unidos em seu casamento e em suas metas. Como alguém que foi criado por uma mãe viúva, sei por experiência própria que nem sempre isso pode ser alcançado, mas esse é o ideal que deve ser buscado sempre que possível.

As crianças são as primeiras vítimas das leis atuais que permitem o chamado “divórcio sem causa”. Do ponto de vista dos filhos, o divórcio é muito fácil. Resumindo décadas de pesquisa sociológica, um cuidadoso estudioso concluiu que “a estrutura familiar que produz os melhores resultados para os filhos, em média, são pai e mãe biológicos que permanecem casados”.¹⁸ Um colunista do *New York Times* observou “o fato marcante de que mesmo que os casamentos tradicionais tenham diminuído nos Estados Unidos, (...) aumentaram muito as evidências da importância dessa instituição para o bem-estar dos filhos”.¹⁹ Essa realidade deve fornecer uma importante diretriz para os pais e futuros pais em suas decisões referentes ao casamento e ao divórcio. Também precisamos que os políticos, legisladores e governantes prestem mais atenção ao que é melhor para as crianças, em vez de concentrar-se nos interesses egoístas dos eleitores e dos defensores militantes de interesses dos adultos.

As crianças também são vítimas de casamentos que não acontecem. Poucas avaliações do bem-estar da



nova geração são mais perturbadoras do que o informe recente de que 41% das crianças nascidas nos Estados Unidos são filhos de mulheres que não se casaram.²⁰ As mães não casadas enfrentam enormes desafios, sendo claras as evidências de que os filhos delas estão em significativa desvantagem quando comparados a filhos criados por pai e mãe casados.²¹

A maior parte dos filhos nascidos de mães não casadas — 58% — nasceram de casais que coabitavam.²² Seja o que for que se possa dizer sobre esses casais que não se casam, os estudos mostram que seus filhos sofrem significativas desvantagens comparativas.²³ Para os filhos, a relativa estabilidade do casamento realmente importa.

Devemos presumir as mesmas desvantagens para as crianças criadas por um casal de pessoas do mesmo sexo. Os estudos sociológicos são controversos e politicamente tendenciosos no tocante aos efeitos a longo prazo sobre essas crianças, principalmente porque, como um colunista do *New York Times* observou, “o casamento entre pessoas do mesmo sexo é uma

experiência social, e como a maioria das experiências, levará tempo para se compreender suas consequências”.²⁴

III.

Falei em favor das crianças — as crianças do mundo inteiro. Talvez haja quem rejeite alguns desses exemplos, mas ninguém deve recusar o pedido de que nos unamos para aumentar nossa preocupação com o bem-estar e o futuro de nossos filhos — a nova geração.

Estamos falando de filhos de Deus, e com Sua poderosa ajuda, podemos fazer mais para ajudá-los. Nesse pedido, dirijo-me não apenas aos santos dos últimos dias, mas às pessoas de todas as religiões e a outros que têm um sistema de valores que faz com que subordinem suas próprias necessidades às necessidades de outros, especialmente em favor do bem-estar das crianças.²⁵

As pessoas religiosas também estão cientes do ensinamento do Salvador contido no Novo Testamento de que as puras criancinhas são o modelo de humildade e capacidade de ser ensinadas:



“Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.

Portanto, aquele que se tornar humilde como este menino, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18:3–4).

No Livro de Mórmon, lemos que o Senhor ressuscitado ensinou aos nefitas que eles precisavam se arrepender e ser batizados “e [se tornar] como uma criancinha” ou não poderiam herdar o reino de Deus (3 Néfi 11:38; ver também Morôni 8:10).

Oro para que nos tornemos humildes como as criancinhas e estendamos a mão para protegê-las, porque são o futuro para nós, para nossa Igreja e para nossas nações. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver UNICEF, *The State of the World's Children 2005: Childhood under Threat*, 2004, p. 26.
2. Ver Haya El Nasser, “National Birthrate Lowest in 25 Years”, *USA Today*, 26 de julho de 2012, p. A1.
3. Ver Gilda Sedgh e outros, “Induced Abortion: Incidence and Trends Worldwide from 1995 to 2008”, *The Lancet*, vol. 379, n° 9816 (18 de fevereiro de 2012), pp. 625–632.
4. Ver UNICEF, “Young Child Survival and Development”, <http://www.unicef.org/childsurvival/index.html>.
5. Ver World Health Organization, *World Health Statistics 2012*, pp. 109, 118.
6. Relatório da presidência geral da Primária, 13 de setembro de 2012.
7. Relatório da presidência geral da Primária.
8. Ver Jeffrey R. Holland, “Israel, Israel, God Is Calling”, (Devocional do Sistema Educacional para jovens adultos, 9 de setembro de 2012) LDS.org/broadcasts; ver também R. Scott Lloyd, “Zion Not Only Where, but How We Live, Says Elder Holland,” *Deseret News*, 10 de setembro de 2012, p. B2.
9. Ver Kim Painter, “Parents Can Inflict Deep Emotional Harm”, *USA Today*, 30 de julho de 2012, p. B8; Rachel Lowry, “Mental Abuse as Injurious as Other Forms of Child Abuse, Study Shows”, *Deseret News*, 5 de agosto de 2012, p. A3.
10. Ver “End the Abuses”, *Deseret News*, 12 de junho de 2012, p. A10.
11. Thomas S. Monson, “Filhos Preciosos, uma Dádiva de Deus”, *A Liahona*, junho de 2000, p. 2.
12. W. Bradford Wilcox e Elizabeth Marquardt, eds., *The State of Our Unions: Marriage in America*, 2011, p. 82.
13. Mary Ann Glendon, *Abortion and Divorce in Western Law: American Failures, European Challenges*, 1987, p. 108.
14. David O. McKay, “Structure of the Home Threatened by Irresponsibility and Divorce”, *Improvement Era*, junho de 1969, p. 5.
15. Ver Diana B. Elliott and Tavia Simmons, “Marital Events of Americans: 2009”, *American Community Survey Reports*, agosto de 2011.
16. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.
17. Ver Dallin H. Oaks, “Divórcio”, *A Liahona*, maio de 2007, p. 70.
18. Charles Murray, *Coming Apart: The State of White America, 1960–2010*, 2012, p. 158.
19. Ross Douthat, “Gay Parents and the Marriage Debate”, *New York Times*, 11 de junho de 2012, <http://douthat.blogs.nytimes.com/2012/06/11/gay-parents-and-the-marriage-debate/>.
20. Ver Joyce A. Martin e outros, “Births: Final Data for 2010”, *National Vital Statistics Reports*, vol. 60, n° 1 (agosto de 2012), p. 10.
21. Ver William J. Doherty e outros, *Why Marriage Matters: Twenty-One Conclusions from the Social Sciences*, 2002; W. Bradford Wilcox e outros, *Why Marriage Matters: Thirty Conclusions from the Social Sciences*, 3ª ed., 2011.
22. Ver Martin e outros, “Births: Final Data for 2010”, pp. 10–11.
23. Ver Wilcox e outros, *Why Marriage Matters*.
24. Douthat, “Gay Parents and the Marriage Debate”. O último e mais minucioso estudo encontra desvantagens significativas relatadas por jovens adultos que têm um dos pais que se envolveu em um relacionamento com pessoa do mesmo sexo antes de o filho ter 18 anos de idade (ver Mark Regnerus, “How Different Are the Adult Children of Parents Who Have Same-Sex Relationships? Findings from the New Family Structures Study”, *Social Science Research*, vol. 41, 2012, pp. 752–770).
25. Os santos dos últimos dias estão especialmente comprometidos com o papel de pais, considerando-o uma das metas mais importantes da vida (ver Pew Research Center's Forum on Religion and Public Life, *Mormons in America: Certain in Their Beliefs, Uncertain of Their Place in Society*, 12 de janeiro de 2012, pp. 10, 16, 51).



Élder D. Todd Christofferson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Irmãos, Temos Trabalho a Fazer

Como homens do sacerdócio, temos um papel essencial a desempenhar na sociedade, no lar e na Igreja.

Irmãos, muito tem sido dito e escrito nos últimos anos sobre os desafios enfrentados por homens e rapazes. Alguns títulos de livros, por exemplo, incluem *Por Que Não Sobraram Homens Bons*, *A Morte dos Caras*, *O Fim dos Homens*, *Por Que os Meninos Fracassam* e *A Infantilização dos Homens*. É interessante notar que a maioria deles foi escrito por mulheres. De qualquer forma, um tema comum que perpassa essas análises é o de que, em muitas sociedades atuais, os homens e os meninos recebem sinais conflitantes e degradantes em relação a seu papel e valor na sociedade.

A autora do livro *Manning Up* caracterizou esse fato desta maneira: “Era regra quase universal da civilização que as meninas se tornavam mulheres simplesmente por atingir a maturidade física, ao passo que os meninos precisavam passar por um teste. Tinham de demonstrar coragem, aptidão física ou domínio das habilidades necessárias. O objetivo era provar sua competência como protetores das mulheres e crianças. Esse sempre foi o principal papel

social deles. Hoje, porém, com as mulheres passando à frente numa economia avançada, os maridos e pais provedores são agora opcionais, e as qualidades de caráter necessárias aos homens para desempenhar seu papel — força moral, estoicismo, coragem, fidelidade — são obsoletos e até um pouco embaraçosos”.¹

Em seu zelo em promover oportunidades para as mulheres, algo que louvamos, há pessoas que menosprezam os homens e suas contribuições, como se considerassem a vida como uma competição entre homens e mulheres — um precisa dominar o outro, e agora é a vez das mulheres. Algumas argumentam que a carreira profissional é tudo, e que o casamento e os filhos deveriam ser inteiramente opcionais. Portanto, precisamos dos homens para quê?² Em inúmeros filmes de Hollywood, da TV e da programação a cabo, e até em comerciais, os homens são retratados como incompetentes, imaturos e egocêntricos. Essa emasculação cultural dos homens tem um efeito muito lesivo.

Nos Estados Unidos, por exemplo, relata-se o seguinte: “As mulheres têm um desempenho melhor que os homens em todos os níveis, desde o Ensino Fundamental até a pós-graduação. Na oitava série, por exemplo, apenas 20% dos meninos têm proficiência na escrita e 24%, na leitura. As notas dos rapazes no exame do vestibular em 2011, por enquanto, foram as piores dos últimos 40 anos. De acordo com o National Center for Education Statistics (NCES), os homens têm uma probabilidade 30% maior de abandonar a escola, tanto no Ensino Médio quanto na faculdade. (...) Está previsto que as mulheres vão conquistar 60% dos diplomas universitários, 63% dos mestrados e 54% dos doutorados em 2016. Dois terços dos estudantes que estão nos programas educacionais especiais de recuperação são homens”.³

Alguns homens e rapazes usam os sinais negativos como desculpa para fugir das responsabilidades e nunca crescem realmente. Uma observação que com muita frequência é precisa, de acordo com um professor universitário, é a de que “os homens vêm para a sala de aula com seu boné virado para trás e suas desculpas [esfarrapadas] de que ‘o processador de texto comeu meu trabalho de casa’. Enquanto isso, as mulheres estão consultando sua agenda do dia e pedindo uma recomendação para a Faculdade de Direito”.⁴ Uma mulher que trabalha como crítica de cinema expressou o ponto de vista bem cínico de que “só se pode contar com os homens, caso você tenha sorte e decida ter um parceiro, para ser apenas isso: um parceiro. Alguém que permaneça no próprio espaço e que respeite que permaneçamos no nosso”.⁵

Irmãos, isso não pode acontecer conosco. Como homens do sacerdócio, temos um papel essencial a desempenhar na sociedade, no lar e na Igreja. No entanto, precisamos ser homens nos quais as mulheres possam confiar, os filhos possam confiar e Deus possa confiar. Na Igreja e no reino de Deus nestes últimos dias,



não podemos nos dar ao luxo de ter rapazes e homens que vagam errantes pela vida. Não podemos ter rapazes que carecem de autodisciplina e vivem apenas para se divertir. Não podemos ter jovens adultos que não estão indo a lugar nenhum na vida, que não levam a sério o encargo de formar uma família e de fazer uma contribuição real neste mundo. Não podemos ter maridos e pais que deixam de prover a liderança espiritual no lar. Não podemos deixar que aqueles que exercem o Santo Sacerdócio, segundo a Ordem do Filho de Deus, desperdicem suas forças em pornografia ou passem a vida no mundo virtual da Internet (ironicamente sendo *do* mundo, embora não estejam *no* mundo).

Irmãos, temos trabalho a fazer.

Rapazes, vocês precisam ir bem na escola e depois continuar seus estudos além do Ensino Médio. Alguns de vocês vão querer estudar na faculdade e ter uma carreira nos negócios, na agricultura, no governo ou em outras profissões. Alguns vão

destacar-se nas artes, na música e no ensino. Outros vão escolher a carreira militar ou aprender um ofício. Ao longo dos anos, vários profissionais fizeram serviços e reparos em minha casa, e tenho admirado o trabalho árduo e a aptidão daqueles homens. Não importa o que escolham fazer, é essencial que vocês se tornem habilitados para que possam sustentar uma família e fazer uma contribuição positiva em sua comunidade e em seu país.

Vi recentemente um vídeo que mostrava a vida diária de um rapaz de 14 anos da Índia, chamado Amar. Ele acorda cedo e trabalha em dois empregos, antes e depois da escola, seis dias e meio por semana. Sua renda provê uma parte substancial do sustento de sua família. Ele corre para casa em sua velha bicicleta, depois de seu segundo emprego, tendo já anoitecido, e consegue de alguma forma dedicar algumas horas para os trabalhos de casa, antes de se deitar, no chão, entre seus irmãos adormecidos, por volta das

11 horas da noite. Embora eu não o conheça, sinto-me orgulhoso dele e de sua diligência e coragem. Ele está fazendo o máximo que pode com seus recursos e oportunidades limitadas, e é uma bênção para sua família.

Vocês, homens adultos — pais, adultos solteiros, líderes, mestres familiares — sejam um exemplo digno e ajudem a nova geração de rapazes a tornarem-se homens. Ensinem aptidões sociais e outras aptidões a eles: como participar de uma conversa, como conhecer pessoas e interagir com elas, como se relacionar com as mulheres e moças, como ser ativo e se divertir, como se dedicar a um hobby sem que isso se torne um vício, como corrigir erros e como fazer escolhas melhores.

Então, para todos os que me ouvem, aonde quer que chegue esta mensagem, digo o mesmo que Jeová disse a Josué: “Esforça-te, e tem bom ânimo” (Josué 1:6). Anime-se e prepare-se da melhor forma que puder, seja qual for sua situação. Prepare-se para ser um

bom marido e pai, prepare-se para ser um cidadão bom e produtivo, prepare-se para servir ao Senhor, cujo sacerdócio você possui. Onde quer que esteja, seu Pai Celestial está ciente de você. Você não está sozinho e tem o sacerdócio e o dom do Espírito Santo.

Dentre os muitos lugares em que vocês são necessários, um dos mais importantes é seu quórum do sacerdócio. Precisamos de quóruns que proporcionem nutrição espiritual a seus membros no domingo e que também prestem serviço. Precisamos de líderes de quóruns que se concentrem em fazer o trabalho do Senhor e em apoiar os membros do quórum e a família deles.

Pensem no trabalho missionário. Rapazes, vocês não têm tempo a perder. Não podem esperar até os 17 ou 18 anos para levar a preparação a sério. Os quóruns do Sacerdócio Aarônico podem ajudar seus integrantes a compreender o juramento e convênio do sacerdócio e a preparar-se para sua ordenação como élderes, podem ajudá-los a compreender e preparar-se para as ordenanças do templo e podem ajudá-los a preparar-se para uma missão bem-sucedida. Os quóruns do Sacerdócio de Melquisedeque e a Sociedade de Socorro podem ajudar os pais a preparar missionários que conheçam o Livro de Mórmon e que irão para o campo plenamente comprometidos. E em cada ala e ramo, esses mesmos quóruns podem assumir a liderança em uma colaboração eficaz com os missionários de tempo integral que lá servem.

Um trabalho correlato que cabe principalmente aos portadores do sacerdócio é a conclamação do Salvador, renovada pelo Presidente Thomas S. Monson, de que resgatamos aqueles que se afastaram do evangelho ou que ficaram magoados por qualquer motivo. Tivemos um sucesso maravilhoso nesse trabalho, inclusive um excelente trabalho realizado pelos rapazes. Um quórum do Sacerdócio Aarônico da ala (de língua espanhola) de Rio Grande, em

Albuquerque, Novo México, reuniu-se em conselho para saber quem poderiam trazer de volta e, depois, como grupo, foram visitar cada um deles. Um deles disse: “Quando eles apareceram em minha porta, eu me senti importante”, enquanto outro confidenciou: “Sinto-me feliz porque alguém na verdade quer que eu vá à Igreja; isso faz com que agora eu queira ir”. Quando os membros do quórum convidavam um rapaz a voltar, pediam que ele os acompanhasse na visita seguinte, e ele ia. Não estavam apenas convidando o rapaz a frequentar a Igreja; estavam tornando-o imediatamente parte do quórum.

Outro trabalho desafiador, mas estimulante do sacerdócio é o de história da família e do templo. Aguardem uma carta da Primeira Presidência que chegará em breve e trará um renovado convite e uma visão mais elevada desta parte vital do trabalho que temos de realizar.

Nossos quóruns também formam uma irmandade de apoio mútuo. O Presidente Gordon B. Hinckley disse certa vez: “Será um dia maravilhoso, meus irmãos — será um dia de cumprimento dos propósitos do Senhor — quando nossos quóruns do sacerdócio se tornarem uma âncora de força para todo homem que a ele pertença, quando cada um desses homens for capaz de dizer com propriedade: ‘Sou membro de um quórum do sacerdócio de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Estou pronto para ajudar meus irmãos em todas as suas necessidades, assim como confio que eles estão prontos para me ajudar nas minhas. (...) Trabalhando juntos, podemos resistir, sem embaraço ou medo, a todo vento de adversidade que possa vir a soprar, seja econômico, social ou espiritual’”.⁶

Apesar de nossos melhores esforços, as coisas nem sempre saem conforme planejamos e um “vento de adversidade” específico que pode surgir na vida de um homem é o desemprego. Um antigo folheto de Bem-Estar da Igreja declarava: “Um homem sem trabalho é uma preocupação importante para a Igreja

porque, privado de seu legado, ele está sendo testado como Jó: em sua integridade. À medida que os dias se transformam em semanas e meses e até anos de adversidade, a mágoa se aprofunda. (...) A Igreja não pode esperar salvar um homem no domingo se durante a semana ela é uma testemunha complacente da crucificação da alma dele”.⁷

Em abril de 2009, o ex-conselheiro no Bispado Presidente, Richard C. Edgley, contou a história de um quórum exemplar que se mobilizou para ajudar um companheiro de quórum que perdera o emprego:

“A oficina Phil Automecânica, de Centerville, Utah, é um testemunho do que a liderança do sacerdócio e um quórum são capazes de realizar. Phil era membro de um quórum de élderes e trabalhava como mecânico em uma oficina local. Infelizmente, a oficina passou por dificuldades econômicas e tiveram de despedi-lo. Ele sentiu-se arrasado com o que aconteceu.

Ao ouvir o problema, o bispo dele, Leon Olson, e a presidência do quórum de élderes debateram, em espírito de oração, diversas maneiras de ajudar Phil a se reerguer. Afinal, ele era membro de um quórum, um irmão, e precisava de ajuda. Concluíram que Phil tinha competência para ter seu próprio negócio. Um dos membros do quórum ofereceu uma velha garagem que talvez pudesse ser usada como oficina. Outros membros do quórum conseguiram angariar as ferramentas e os produtos necessários para equipar a nova oficina. Quase todos ajudaram, ainda que apenas limpando a velha garagem.

Contaram ao Phil o que tinham em mente e, então, apresentaram o plano aos membros do quórum. A garagem foi limpa e reformada, as ferramentas providenciadas, tudo foi organizado. A oficina Phil Automecânica foi bem-sucedida e depois se mudou para um local melhor e permanente — tudo porque os irmãos de seu quórum o ajudaram numa época de crise”.⁸

Evidentemente, como foi repetido pelos profetas ao longo dos anos: “O trabalho mais importante do Senhor

será aquele que realizaremos entre as paredes do nosso próprio lar”.⁹ Temos muito que fazer para fortalecer o casamento em uma sociedade que cada vez mais banaliza sua importância e seu propósito. Temos muito a fazer para ensinar nossos filhos “a orar e a andar em retidão perante o Senhor” (D&C 68:28). Nossa tarefa é nada menos que ajudar nossos filhos a sentir aquela vigorosa mudança no coração ou a conversão ao Senhor, tão eloquentemente mencionada no Livro de Mórmon (ver Mosias 5:1–12; Alma 26). Juntamente com a Sociedade de Socorro, os quóruns do sacerdócio podem edificar os pais e os casamentos, e os quóruns podem proporcionar as bênçãos do sacerdócio a famílias que não tenham o pai em casa.

Sim, irmãos, temos trabalho a fazer. Obrigado pelos sacrifícios e pelo bem que fazem. Continuem assim e o Senhor vai ajudá-los. Por vezes, talvez não saibam muito bem o que fazer ou o que dizer — simplesmente vão em frente. Comecem a agir, e o Senhor garante que “uma porta eficaz ser-lhes-á aberta” (D&C 118:3). Comecem a falar, e Ele promete: “Não sereis confundidos diante dos homens; pois naquela mesma hora, sim, naquele mesmo momento, ser-vos-á dado o que dizer” (D&C 100:5–6). É verdade que de muitos modos somos comuns e imperfeitos, mas temos um Mestre perfeito que realizou uma Expição perfeita, e recorreremos a Sua graça e Seu sacerdócio. Ao nos arrependermos e purificarmos a alma, é-nos prometido que seremos ensinados do alto e investidos de poder (ver D&C 43:16).

A Igreja, o mundo e as mulheres clamam por homens, homens que estejam desenvolvendo sua capacidade e seus talentos, que estão dispostos a trabalhar e a fazer sacrifícios, que ajudam os outros a alcançar felicidade e salvação. Estão clamando: “Erguei-vos, ó homens de Deus!”¹⁰ Que Deus nos ajude a fazer isso, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Kay S. Hymowitz, *Manning Up: How the Rise of Women Has Turned Men into Boys*, 2011, p. 16.

2. “Quando se pergunta aos jovens de hoje o que os tornará adultos, quase ninguém menciona o casamento. É bem mais provável que vejam as questões referentes ao trabalho — terminar os estudos, ter independência financeira, conseguir um emprego de tempo integral — como sinais de que chegaram lá. Trabalho, carreira, independência: essas são as fontes primárias de identidade hoje em dia” (Hymowitz, *Manning Up*, p. 45). A pressão exercida sobre as mulheres para que adotem essa ética contrária ao casamento é particularmente intensa. Uma colunista do *Times* de Londres escreveu: “Ninguém, nem minha família ou meus professores, jamais disse: ‘Oh, sim, e a propósito, você talvez queira ser esposa e mãe também’. Estão muito determinados a fazer com que sigamos um caminho novo, moderno e igualitário que as históricas ambições de gerações de mulheres — casar e criar uma família — foram intencionalmente apagadas de sua visão de nosso futuro (Eleanor Mills, “Learning to Be Left on the Shelf”, *Sunday Times*, 18 de abril de 2010, www.thetimes.co.uk; Hymowitz, *Manning Up*, p. 72). Outra escritora, com mais de 40 anos, citou algumas respostas ao artigo que escreveu sobre sua frustração em não ter-se casado: “Estou totalmente abismada com sua necessidade de um homem”, “Tenha mais autoestima!” “Você levou a codependência a um nível totalmente novo” e “se minha filha crescer para ter metade do anseio que você tem por se casar, saberei que fiz algo errado ao criá-la” (Lori Gottlieb, *Marry Him: The Case for Settling for Mr. Good Enough*, 2010, p. 55).

As boas notícias são que a maioria das pessoas, inclusive os jovens adultos com estudo, não está engolindo essa mensagem contrária ao casamento e à família. “De acordo com um estudo feito por uma universidade da Pensilvânia, nos Estados

Unidos, em 2008, 86% das mulheres brancas com formação universitária estavam casadas aos 40, comparado com 88% daquelas que tinham menos do que um diploma superior. As estatísticas referentes aos homens brancos com formação universitária são semelhantes: 84% deles estavam casados aos 40 anos de idade, em 2008. A sabedoria convencional, não resultante de pesquisa, por sinal, parece indicar que o casamento é um mau negócio para as mulheres. Mas as mulheres brancas com formação universitária parecem não acreditar nisso. Mais do que qualquer outro grupo, é mais provável que elas pensem que ‘as pessoas casadas são geralmente mais felizes do que as não casadas’. (...) A grande maioria — 70% — das calouras universitárias acha que criar uma família é ‘essencial’ ou ‘muito importante’ para seu futuro” (Hymowitz, *Manning Up*, pp. 173–174).

3. Philip G. Zimbardo e Nikita Duncan, *The Demise of Guys: Why Boys Are Struggling and What We Can Do about It*, 2012, e-book; ver o capítulo “Behind the Headlines”.
4. Barbara Dafoe Whitehead, *Why There Are No Good Men Left: The Romantic Plight of the New Single Woman*, 2003, p. 67.
5. Amanda Dickson, “‘Hunger Games’ Main Character a Heroine for Our Day”, *Deseret News*, 2 de abril de 2012, www.deseretnews.com.
6. Gordon B. Hinckley, “Welfare Responsibilities of the Priesthood Quorums”, *Ensign*, novembro de 1977, p. 86.
7. *Helping Others to Help Themselves: The Story of the Mormon Church Welfare Program*, 1945, p. 4.
8. Richard C. Edgley, “A Responsabilidade É Sua”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 53.
9. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee*, 2000, p. 134.
10. “Rise Up, O Men of God” [Erguei-vos, Ó Homens de Deus], *Hymns*, nº 323.





Bispo Gary E. Stevenson
Bispo Presidente

Ser Valorosos Quanto à Coragem, ao Vigor e à Atividade

Convido vocês a se qualificarem como fizeram os 2000 jovens guerreiros, sendo valorosos quanto à coragem, como dignos portadores do sacerdócio.

Hoje à noite, sinto-me especialmente abençoado por falar, como bispo aos rapazes, portadores do Sacerdócio Aarônico, reunidos no mundo inteiro para esta reunião geral do sacerdócio. Compartilharei com vocês um relato do Livro de Mórmon que descreve Helamã e seus 2000 jovens guerreiros. Essa escritura nos dará um entendimento do caráter daqueles antigos rapazes — e inspiração para vocês, rapazes destes últimos dias. Vou citar uma escritura favorita: “E eram todos jovens e muito valorosos quanto à coragem e também vigor e atividade; mas eis que isto não era tudo — eles eram homens fiéis em todas as ocasiões”.¹ Coragem, vigor, atividade e verdade — que características maravilhosas!

Gostaria de concentrar-me na primeira característica que os descreve: “valorosos quanto à coragem”. Para mim, isso descreve a convicção daqueles rapazes para corajosamente fazer o que era certo, ou como Alma

descreveu, para “servir de testemunhas de Deus em todos os momentos (...) e em todos os lugares”.² Os 2000 jovens guerreiros tiveram inúmeras ocasiões para demonstrar sua coragem. Cada um de vocês também terá momentos decisivos da vida que exigirão coragem. Um amigo meu, John, contou-me sobre um desses momentos de sua vida.

Há alguns anos, John foi aceito em uma renomada universidade japonesa. Ele faria parte do programa estudantil internacional com muitos outros dos melhores alunos do mundo inteiro. Alguns se matricularam na esperança de aprofundar seu conhecimento da cultura e da língua, outros viam o programa como um degrau para uma futura profissão e um emprego no Japão, mas todos tinham saído de casa para estudar em um país estrangeiro.

Logo após a chegada do John, foi anunciado entre os alunos estrangeiros que uma festa seria realizada no terraço de uma residência particular.

Naquela noite, John e dois amigos foram até o endereço informado.

Depois de subir pelo elevador até o topo do prédio, John e seus amigos subiram a estreita escada que levava até o terraço e começaram a se misturar com os outros. À medida que a noite avançou, o ambiente mudou. O barulho, o volume da música e as bebidas aumentaram, assim como o desconforto de John. Então, de repente, alguém começou a organizar os alunos em um grande círculo, com a intenção de compartilhar cigarros de maconha. John fez uma careta e rapidamente informou a seus dois amigos que era hora de ir embora. Quase o ridicularizando, um deles replicou: “John, é fácil — vamos apenas ficar no círculo e quando chegar nossa vez, vamos apenas passar o cigarro à frente em vez de fumar. Assim, não vamos ficar constrangidos diante de todos saindo da festa”. Parecia fácil para John, mas não parecia certo. Ele sabia que teria de anunciar sua intenção e agir. Em um instante, John juntou coragem e disse que eles podiam fazer o que quisessem, mas ele iria embora. Um amigo decidiu ficar e unir-se ao círculo. O outro seguiu relutantemente John escada abaixo para pegar o elevador. Para surpresa deles, quando as portas do elevador se abriram, vários policiais japoneses saíram dele e subiram correndo as escadas até o terraço. John e seu amigo entraram no elevador e partiram.

Quando a polícia apareceu no alto da escada, os estudantes rapidamente jogaram fora as drogas ilegais para não serem apanhados. Depois de impedir o acesso às escadas, porém, os policiais fizeram todos formar uma fila no terraço e pediram a cada aluno que estendesse as mãos. Os policiais percorreram a fila, cheirando cuidadosamente o polegar e o indicador de cada aluno. Todos os que seguraram a maconha, quer a tivessem fumado ou não, foram considerados culpados, e houve enormes consequências. Quase sem exceção, os estudantes que permaneceram no terraço foram expulsos de suas respectivas universidades e os que foram condenados por algum

crime, provavelmente foram deportados do Japão. Os sonhos de uma formação educacional, os anos de preparação e a possibilidade de um futuro emprego no Japão se desfizeram de um momento para o outro.

Deixem-me contar o que aconteceu com aqueles três amigos. O amigo que permaneceu no terraço foi expulso da universidade japonesa, para a qual tinha se esforçado muito para ser aceito, e foi obrigado a voltar para casa. O amigo que saiu da festa com o John naquela noite, terminou os estudos no Japão e conquistou títulos em duas das principais universidades dos Estados Unidos. Sua carreira o levou de volta à Ásia, onde teve imenso sucesso profissional. Até hoje ele se sente grato pela coragem do exemplo do John. Quanto ao John, as consequências em sua vida foram imensuráveis. Seu tempo no Japão o levou a um casamento feliz e subsequentemente ao nascimento de dois filhos. Ele foi um empresário de muito sucesso e recentemente se tornou professor em uma universidade japonesa. Imaginem como sua vida teria sido diferente se não tivesse tido

a coragem de sair da festa naquela importante noite no Japão.³

Rapazes, haverá ocasiões em que vocês, tal como o John, terão de mostrar sua justa coragem diante de seus colegas, o que pode ter como consequências a ridicularização e o constrangimento. Além disso, em seu mundo, as batalhas contra o adversário também são travadas num silencioso e solitário campo de batalha diante de uma tela de computador. A tecnologia com seus substanciais benefícios também traz desafios que não eram enfrentados pelas gerações que precederam vocês. Uma recente pesquisa nos Estados Unidos mostrou que os adolescentes de hoje são tentados em níveis alarmantes a cada dia não apenas nas escolas, mas também no mundo virtual da Internet. Foi revelado que os adolescentes que são expostos a imagens de uso de bebidas ou drogas nos sites de rede social têm uma probabilidade de três a quatro vezes maior de usá-las. Ao comentar sobre essa pesquisa, um ex-secretário de estado americano declarou: “A pesquisa deste ano revela um novo tipo de potente pressão dos colegas

— a pressão digital. A pressão digital vai além dos amigos e colegas de uma criança com quem ela convive. Invade o lar e o quarto da criança via Internet”.⁴ A demonstração da justa coragem com frequência será tão sutil quanto a decisão de clicar ou não clicar em algo. Os missionários são ensinados em *Pregar Meu Evangelho*: “O que você escolhe pensar e fazer quando está sozinho e acredita que ninguém o está observando é uma medida muito importante de sua virtude”.⁵ Sejam corajosos! Sejam fortes! “Permaneçam em lugares santos e não sejam movidos.”⁶

Rapazes, prometo que o Senhor lhes dará a capacidade de fazer isso. “Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza.”⁷ Ele vai recompensá-los por sua coragem e por seu comportamento justo — com felicidade e alegria. Essa coragem será fruto de sua fé em Jesus Cristo e na Expição, de suas orações e de sua obediência aos mandamentos.

O Presidente N. Eldon Tanner declarou: “Um rapaz no pátio da escola pode exercer uma vigorosa influência para o bem. Um rapaz no time de futebol, no campus ou entre seus colegas de trabalho, por viver o evangelho, honrar seu sacerdócio e defender o certo, faz um bem indescritível. Com frequência, vocês vão sofrer muitas críticas ou ridicularizações, até daqueles que acreditam nas mesmas coisas que vocês, mesmo que eles os respeitem por fazer o certo. Mas lembrem-se de que as pessoas atormentaram, ridicularizaram, cuspiram e, por fim, crucificaram o próprio Salvador porque Ele não fraquejou em Sua convicção. Já pararam para pensar no que teria acontecido se ele tivesse fraquejado e dito: ‘Oh, de que vale tudo isso?’ e tivesse abandonado Sua missão? Será que queremos ser desistentes ou queremos ser servos valorosos a despeito de toda a oposição e de todos os males que existem no mundo? Temos a coragem de permanecer firmes e ser contados como leais e dedicados seguidores de Cristo!”⁸

Convido vocês a se qualificarem como fizeram os 2000 jovens





guerreiros, sendo valorosos quanto à coragem, como dignos portadores do sacerdócio. Lembrem-se: o que vocês fazem, os lugares aonde vão e as coisas que veem vão moldar a pessoa em que vocês se tornarão. Quem desejam se tornar? Tornem-se um diácono digno, um mestre digno, um sacerdote digno. Estabeçam a meta de ser dignos de entrar no templo agora e de ser dignos de receber sua ordenação seguinte na devida idade e de, por fim, receber o Sacerdócio de Melquisedeque. Esse é um caminho de retidão que leva ao auxílio divino. O Senhor declarou: “Em suas ordenanças manifesta-se o poder da divindade”.⁹

Seus pais, os líderes do sacerdócio e as prioridades proféticas que se encontram nos livretos *Dever para com Deus* e *Para o Vigor da Juventude* os guiarão no caminho.

O Presidente Thomas S. Monson aconselhou recentemente:

“Para [tomar decisões] com sabedoria, precisamos de coragem — a coragem de dizer ‘não’ e a coragem de dizer ‘sim’.

(...) Peço que decidam aqui, agora mesmo, que não se desviarão do caminho que vai levá-los a nossa meta: a vida eterna com nosso Pai Celestial”.¹⁰

Assim como os 2000 guerreiros atenderam ao chamado à batalha proferido por seu líder, Helamã, e exibiram sua valorosa coragem, vocês também podem fazer o mesmo, seguindo seu líder profeta, o Presidente Thomas S. Monson.

Meus jovens portadores do Sacerdócio Aarônico, para encerrar presto meu testemunho de Deus, o Pai, e de Jesus Cristo, e destas palavras de Joseph Smith: “Irmãos, não prosseguiremos

em tão grande causa? Ide avante e não para trás. Coragem, irmãos; e avante, avante para a vitória!”¹¹ Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Alma 53:20.
2. Mosias 18:9.
3. História pessoal contada ao autor.
4. Joseph A. Califano Jr., fundador e presidente emérito da National Center on Addiction and Substance Abuse at Columbia University [Centro Americano de Combate ao Vício e ao Uso de Substâncias Entorpecentes da Universidade de Colúmbia], em um comunicado à imprensa referente à pesquisa, www.casacolumbia.org.
5. *Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 125.
6. Doutrina e Convênios 87:8.
7. II Timóteo 1:7.
8. N. Eldon Tanner, “For They Loved the Praise of Men More Than the Praise of God”, *Ensign*, novembro de 1975, p. 74.
9. Doutrina e Convênios 84:20.
10. Thomas S. Monson, “Os Três Rs da Escolha”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 68.
11. Doutrina e Convênios 128:22.



Élder Anthony D. Perkins
Dos Setenta

Acautelai-Vos

Convido todos os rapazes e homens a permanecer no caminho do sacerdócio, aprofundando sua conversão e fortalecendo sua família. (...) Evitem a tragédia dando atenção aos sinais espirituais de “Cuidado” colocados ao longo do caminho por Deus e pelos profetas.

Quando eu era jovem, nossa família costumava percorrer as Montanhas Rochosas dos Estados Unidos para visitar nossos avós. A estrada começava nas planícies recobertas de sálvias, subia por encostas cobertas de pinheiros e terminava em bosques de álamos e planaltos de onde se podia avistar um horizonte quase infinito.

Mas aquela bela estrada não era perfeitamente segura. Grande parte da rodovia tinha sido escavada nas íngremes encostas das montanhas. Para proteger os viajantes, os construtores da estrada fizeram muretas de proteção e instalaram placas com os dizeres: “Cuidado: Queda de Pedras”. Observamos muitos motivos para aqueles avisos. Havia rochas e pedras espalhadas pelo leito do rio bem abaixo da estrada. Ocasionalmente, viam-se carros amassados no fundo do desfiladeiro, um trágico registro de motoristas que não tomaram cuidado.

Juramento e Convênio do Sacerdócio

Ir್ಮãos, cada um de vocês fez ou em breve fará o juramento e convênio do Sacerdócio de Melquisedeque.¹

Nesse convênio está incorporada uma gloriosa jornada que começa com o recebimento do sacerdócio menor e do sacerdócio maior, progride por meio da magnificação de nossos chamados e sobe sempre em direção às mais magníficas paisagens de Deus, até recebermos “tudo o que [o] Pai possui”.²

O sábio projetista dessa estrada celestial ergueu sinais de perigo para nossa jornada. O juramento e convênio do sacerdócio contém este alerta referente à condição de nossa alma: “E agora vos dou o mandamento de que vos acauteleis”.³

Por que Deus nos ordenaria a acautelar-nos? Ele sabe que Satanás é um ser real⁴ que procura arrastar nossa alma para o abismo da miséria.⁵ Deus também sabe que no interior de cada portador do sacerdócio há um “homem natural”,⁶ “propenso a desviar-se do rumo”.⁷ Portanto, os profetas nos convidam a “[despojarnos] do velho homem”⁸ e “[revestirnos] de Cristo”⁹ por meio da fé, do arrependimento, das ordenanças de salvação e da aplicação prática diária do evangelho.

Evitar Tragédias

Ao subir pela senda do sacerdócio, qualquer rapaz ou homem pode ser arrastado para baixo se deixar de tomar cuidado. Já ficaram chocados e entristecidos pela queda inesperada de um excelente rapaz, de um missionário recém-retornado do campo, de um respeitado líder do sacerdócio ou de um querido membro da família?

O relato do Velho Testamento sobre Davi é um trágico exemplo do mau uso do sacerdócio. Embora em sua juventude ele tenha derrotado Golias e vivido em retidão por décadas,¹⁰ esse rei-profeta ainda estava espiritualmente vulnerável. Naquele momento crucial, quando do alto do telhado viu a bela Bate-Seba se banhando, nenhum salva-vidas moral estava por perto para gritar: “Cuidado, Davi, seu tolo!” A falha em acautelar-se consigo mesmo¹¹ e em seguir os sussurros do Espírito¹² resultou na perda de sua família eterna.¹³

Ir್ಮãos, se até o poderoso Davi pôde ser varrido da estrada que leva à exaltação, como podemos evitar destino semelhante?

As muretas duplas da profunda conversão pessoal e do forte relacionamento familiar nos ajudam a manter-nos na estrada celestial.

Sabendo disso, Satanás desloca rochas que podem esmagar a conversão e fragmentar a família e as faz cruzar nosso caminho do sacerdócio. Felizmente, Jesus Cristo e Seus profetas colocaram sinais de “Cuidado” ao longo do caminho. Esses sinais nos advertem do orgulho¹⁴ que aniquila a conversão e de pecados que enfraquecem a família, como a ira, a ganância e a luxúria.

Há muito Moisés aconselhou: “Guarda-te, que não te esqueças do Senhor”.¹⁵ Em nosso mundo acelerado e saturado de diversões, os homens são ainda mais rápidos em “se [esquecer] do Senhor (...) [para praticar] iniquidades e [deixar-se] levar pelo maligno”.¹⁶

Aprofundar a Conversão e Fortalecer a Família

Para manter-nos em segurança na senda do sacerdócio em meio aos



deslizamentos de rochas da tentação, eu lembraria seis princípios fundamentais que aprofundam a conversão e fortalecem a família.

Primeiro, a oração constante abre a porta para a ajuda divina necessária para “vencer Satanás”.¹⁷ Toda vez que Jesus alerta o portador do sacerdócio a “se [acautelar], pois Satanás deseja peneirá-lo”, Ele prescreve a oração como uma ação que combate a tentação.¹⁸ O Presidente Thomas S. Monson ensinou: “Se houver pessoas que têm sido lentas em atender ao conselho de orar sempre, não há melhor momento para começar do que agora. (...) Quando o homem está de joelhos, atinge sua estatura máxima”.¹⁹

Segundo, o estudo das escrituras antigas e modernas nos conecta a Deus. O Senhor preveniu os membros da Igreja, dizendo “que se acautelem de como (...) consideram [os profetas], para que não os menosprezem e se ponham, assim, sob condenação e tropecem e caiam”.²⁰ Para evitar essa solene condenação, devemos

ler diligentemente as escrituras, bem como as revistas e os sites da Igreja que nos permitem “ser aconselhados de modo íntimo e pessoal pelo profeta escolhido [do Senhor]”.²¹

Terceiro, a participação digna nas ordenanças nos prepara para tomar “o Santo Espírito por [nosso] guia”.²² Quando o Salvador adverte, dizendo “Acautelai-vos para que não vos enganem”, Ele promete que não seremos enganados se “[procurarmos] com zelo os melhores dons” do Espírito.²³ Ao tomar o sacramento dignamente a cada semana, qualificamo-nos para “ter sempre [conosco] o seu Espírito”.²⁴ Na adoração no templo, podemos “[receber] a plenitude do Espírito Santo”.²⁵

Quarto, a demonstração de genuíno amor está no cerne da conversão pessoal e do relacionamento familiar. O rei Benjamim instruiu: “Cuidado (...) para que não surjam contendas entre vós”.²⁶ Jamais se esqueçam de que Satanás é o “pai da discórdia”²⁷ e deseja que os membros

da família “briguem e disputem”.²⁸ Irmãos, se formos emocional, verbal ou fisicamente abusivos com qualquer membro de nossa família ou quem quer que seja, perdemos o poder do sacerdócio.²⁹ Decidam controlar a ira. Os membros da família devem ouvir bênçãos de nossa boca, não maldições. Devemos influenciar os outros apenas por meio de persuasão, longanimidade, brandura, mansidão, amor não fingido, bondade e caridade.³⁰

Quinto, a obediência à lei do dízimo é um elemento essencial de fé e união familiar. Como Satanás usa a avareza e a busca de posses para varrer as famílias para fora da estrada celestial, Jesus nos adverte: “Guardai-vos da avareza”.³¹ A avareza é restringida quando projetamos nossa renda, pagamos um dízimo honesto e ofertas de jejum generosas, fazemos um orçamento das despesas necessárias, abtemo-nos de dívidas desnecessárias, economizamos para necessidades futuras e nos tornamos materialmente autossuficientes. Deus nos prometeu o seguinte: “Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”.³²

Sexto, o pleno cumprimento da lei da castidade gera confiança para colocar-nos “na presença de Deus”, tendo o Espírito Santo por nosso “companheiro constante”.³³ Satanás ataca a virtude e o casamento com uma avalanche de obscenidades. Quando o Senhor adverte os adúlteros de que “se acautelem e se arrependam depressa”, Sua definição se estende além do ato físico do adultério, abrangendo os pensamentos lascivos que o precedem.³⁴ Os profetas e apóstolos modernos falam frequente e claramente sobre a praga da pornografia. O Presidente Gordon B. Hinckley ensinou: “[A pornografia] é como uma tempestade furiosa, destruindo pessoas e famílias, arruinando totalmente o que era sadio e belo. (...) Chegou a hora, para todos aqueles que estão envolvidos, de se livrarem desse mal”.³⁵ Se vocês estão tentados a violar a lei da castidade de qualquer forma,

sigam o exemplo de José do Egito, que “fugiu, e saiu para fora”.³⁶

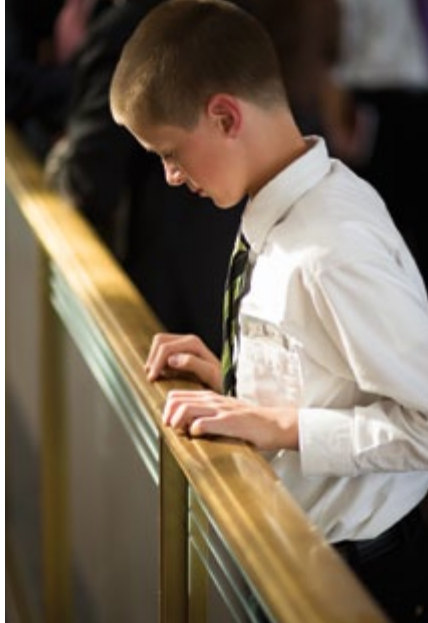
Esses seis princípios fundamentais ajudam os portadores do sacerdócio a continuar a subir pela estrada celestial com segurança entre as muretas espirituais da conversão pessoal e dos relacionamentos familiares. Rapazes, a obediência a esses princípios vai prepará-los para os convênios do templo, para o serviço missionário de tempo integral e para o casamento eterno. Maridos e pais, o cumprimento desses princípios vai qualificá-los para presidir o lar em retidão ao servir como líder espiritual de sua família, tendo sua esposa como parceira igual.³⁷ A trilha do sacerdócio é uma jornada plena de alegria.

Permanecer na Senda do Sacerdócio

Voltando ao que vivenciei quando jovem, lembro-me de uma vez em que cruzamos as Montanhas Rochosas. Depois de passar por um sinal de “Cuidado: Queda de Pedras”, meu pai notou alguns pedregulhos e pedras caídos na estrada a nossa frente. Rapidamente diminuí a velocidade do carro, quase parando, quando uma rocha do tamanho de uma bola de basquete passou zunindo por nós. Meu pai esperou que o deslizamento de rochas cessasse antes de continuar. A constante atenção e a imediata ação de meu pai garantiram que nossa família chegasse em segurança a nosso destino final.

Irmãos, Satanás procura “destruir a alma dos homens”.³⁸ Se sua alma estiver à beira de um abismo espiritual, pare agora antes de cair e volte para o caminho certo.³⁹ Se sente que sua alma jaz despedaçada no fundo de um desfileiro em vez de estar no alto do caminho do sacerdócio porque você negligenciou os sinais de “Cuidado” e pecou, testifico que por meio do sincero arrependimento e do poder do sacrifício expiatório de Jesus Cristo você pode ser erguido e restaurado à estrada celestial de Deus.⁴⁰

Jesus ensinou: “Acautelai-vos (...) [da] hipocrisia”.⁴¹ Se estiverem indignos de exercer o sacerdócio, falem com seu bispo, que pode ajudá-los a



se arrepender. Sintam-se encorajados pelo fato de que, embora o Salvador tenha afirmado: “Acautelai-vos (...) [e] abstende-vos do pecado”⁴², Ele também prometeu: “Eu, o Senhor, vos perdoo (...); segui vossos caminhos e não pequeis mais”.⁴³

Convido todos os rapazes e homens a permanecer no caminho do sacerdócio, aprofundando sua conversão e fortalecendo sua família. As orações, as escrituras e as ordenanças fortalecem a conversão. O amor, o dízimo e a castidade fortalecem a família. Evitem a tragédia dando atenção aos sinais espirituais de “Cuidado” colocados ao longo do caminho por Deus e pelos profetas. Esforcem-se para seguir o exemplo perfeito de Jesus Cristo, que “sofreu tentações, mas não lhes deu atenção”.⁴⁴

Prometo que se os homens guardarem o convênio do sacerdócio de “acautelar-se”,⁴⁵ nós e nossa família poderemos ter a certeza e a alegria de chegar em segurança a nosso destino exaltado no reino celestial. Presto testemunho disso no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Doutrina e Convênios 84:33–44.
2. Doutrina e Convênios 84:38.
3. Doutrina e Convênios 84:43.
4. Ver Joseph Smith—História 1:16; ver também Moisés 1:12–22.
5. Ver Helamã 5:12; ver também 2 Néfi 1:13; Helamã 7:16.
6. Mosias 3:19; ver também I Coríntios 2:14.
7. “Come, Thou Fount of Every Blessing” [Vem, Tu Fonte de Todas as Bênçãos], *Hymns*, 1948, n° 70.

8. Ver Colossenses 3:8–10; ver também Efésios 4:22–24.
9. Gálatas 3:27; ver também Romanos 13:14.
10. Ver I Samuel 13:14; 17:45–47.
11. Ver II Samuel 11:1–17.
12. “Você não vão cometer um erro importante sem antes serem avisados pelos sussurros do Santo Espírito” (Boyd K. Packer, “Conselho para os Jovens”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 18).
13. Ver Doutrina e Convênios 132:39; ver também Bible Dictionary, “David”.
14. Ver Doutrina e Convênios 23:1; 35:14; 38:39; ver também Ezra Taft Benson, “Acautelai-vos do Orgulho”, *A Liahona*, julho de 1989, p. 3.
15. Deuteronômio 6:12; ver também Deuteronômio 8:11–19.
16. Alma 46:8.
17. Ver Doutrina e Convênios 10:5.
18. Ver Doutrina e Convênios 52:12–15; ver também Lucas 22:31–32; Alma 37:15–17; 3 Néfi 18:18–19.
19. Thomas S. Monson, “Achegar-se a Ele com Oração e Fé”, *A Liahona*, março de 2009, p. 3.
20. Doutrina e Convênios 90:5; ver também Doutrina e Convênios 41:1, 12.
21. Gordon B. Hinckley, “Faith: The Essence of True Religion”, *Ensign*, novembro de 1981, p. 5.
22. Doutrina e Convênios 45:57.
23. Doutrina e Convênios 46:8; ver também Efésios 4:14; Doutrina e Convênios 52:14–16; Colossenses 2:8.
24. Morôni 4:3; Doutrina e Convênios 20:77; ver também 3 Néfi 18:1–11.
25. Doutrina e Convênios 109:15.
26. Mosias 2:32.
27. Ver 3 Néfi 11:29–30.
28. Mosias 4:14.
29. Ver Doutrina e Convênios 121:36–37; ver também Doutrina e Convênios 63:61–63.
30. Ver Doutrina e Convênios 121:41–45.
31. Lucas 12:15; ver também Doutrina e Convênios 38:39.
32. Mateus 6:33; 3 Néfi 13:33.
33. Doutrina e Convênios 121:45–46; ver também Doutrina e Convênios 67:11; Moisés 1:11.
34. Doutrina e Convênios 63:14–16; ver também Mateus 5:27–28; 3 Néfi 12:27–30.
35. Gordon B. Hinckley, “Um Mal Trágico entre Nós”, *A Liahona*, maio de 2005, p. 87; Jeffrey R. Holland, “Não Dar Mais Lugar ao Inimigo de Minha Alma”, *A Liahona*, maio de 2010, p. 44.
36. Gênesis 39:12.
37. Ver *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, 2.3.
38. Doutrina e Convênios 10:27; ver também I Pedro 5:8.
39. Ver Doutrina e Convênios 3:9–10; I Coríntios 10:12–13; II Pedro 3:17.
40. Ver Alma 13:27–29; Doutrina e Convênios 109:21.
41. Lucas 12:1; ver também Doutrina e Convênios 50:6–9.
42. Doutrina e Convênios 82:2.
43. Doutrina e Convênios 82:1, 7.
44. Doutrina e Convênios 20:22; ver também Hebreus 2:17–18; 4:14–16.
45. Ver Doutrina e Convênios 84:43; ver também Deuteronômio 4:9; Mosias 4:29–30.



Presidente Dieter F. Uchtdorf

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

A Alegria do Sacerdócio

Aceitemos e compreendamos o assombro e privilégio que é o sacerdócio. Aceitemos e amemos as responsabilidades que nos foram designadas a cumprir.

A Alegria de Voar

Há muitos anos, alguns colegas pilotos de linha aérea e eu decidimos realizar um sonho de infância de restaurar um avião antigo. Juntos, compramos um velho Piper Cub 1938 e começamos o trabalho de restaurá-lo à sua forma original. O projeto foi um trabalho de amor. Tinha um significado especial para mim, porque tinha aprendido a voar em um avião semelhante àquele, quando jovem.

Aquele avião foi construído pela primeira vez apenas 35 anos depois que os irmãos Wright fizeram seu primeiro voo. Quando penso nisso, sinto-me realmente bem velho.

O motor não tinha ignição elétrica; enquanto alguém ligava o motor na cabine, outro ficava no solo, agarrava a hélice e a girava com força até que o motor pegasse sozinho. Toda vez que o motor pegava, era um momento de entusiasmo e comemoração.

Quando o avião estava no ar, ficava claro que o Piper Cub não fora feito para ser veloz. Na verdade, quando havia um forte vento contrário, nem parecia que saíamos do lugar. Lembro-me de ter voado com

meu filho adolescente, Guido, sobre uma autoestrada na Alemanha, e sem dúvida os carros lá embaixo nos ultrapassavam com facilidade!

Mas, oh, como eu adorava aquele aviãozinho! Era o meio perfeito de vivenciar o assombro e a beleza de um voo. Podia-se ouvir, sentir, cheirar, provar e ver o que significava voar. Os irmãos Wright expressaram isso desta forma: “[Nada] há igual ao que os aviadores desfrutaram quando são levados pelo ar em grandes asas brancas”.¹

Em contraste, no início deste ano, tive o privilégio de voar num sofisticado caça a jato F-18 com os famosos Blue Angels, a esquadrilha de demonstração da marinha dos Estados Unidos. Foi como voar para o alto e para o passado, porque exatamente 50 anos antes, quase no mesmo dia, concluí meu treinamento como piloto de caça da força aérea.

A experiência de voar em um F-18, é claro, foi totalmente diferente da que tive no Piper Cub. Mostrou-me uma beleza mais dinâmica do voo. Foi como aplicar as leis existentes da aerodinâmica de modo mais perfeito.

Contudo, o voo com os Blue Angels rapidamente me fez lembrar de que pilotar um caça a jato é um jogo para jovens. Citando novamente os irmãos Wright: “Mais do que tudo, tem-se [ao voar] uma sensação de perfeita paz, mesclada com um entusiasmo que estira todos os nervos ao máximo”.² Além disso, voar com os Blue Angels foi um modo totalmente diferente de ter “anjos” ao redor, sustendo-nos.

Se me perguntassem de qual dessas duas experiências de voo gostei mais, não tenho certeza se saberia lhes dizer. Em alguns aspectos bem óbvios, elas foram no mínimo diferentes. Mas em outros aspectos, foram bem semelhantes.

Tanto no Piper Cub quanto no F-18, senti o entusiasmo, a beleza e a alegria de voar. Nos dois, pude sentir o chamado do poeta que nos conclama a “[escapar] dos rudes laços da Terra e [dançar] nos céus sobre asas prateadas de riso”.³

O Mesmo Sacerdócio em Toda Parte

Vocês podem estar se perguntando: o que essas experiências de voo totalmente diferentes têm a ver com nossa reunião de hoje ou com o sacerdócio que temos o privilégio de possuir ou com o serviço no sacerdócio que todos amamos tanto?

Irmãos, não é verdade que nossas experiências individuais de serviço no sacerdócio podem diferir muito? Poderíamos dizer que alguns de vocês voam em caças F-18, ao passo que outros voam em Piper Cubs. Alguns de vocês pertencem a alas e estacas em que todos os cargos, desde o de assistente do líder do grupo de sumos sacerdotes até o de secretário do quórum de diáconos, estão ocupados por um ativo portador do sacerdócio. Vocês têm o privilégio de participar de uma organização de ala que está completa.

Outros moram em áreas do mundo em que existe apenas um pequeno número de membros da Igreja e de portadores do sacerdócio. Pode ser que se sintam sozinhos e sobrecarregados com o fardo de tudo o que precisa ser feito. Para vocês, pode



ser necessário muito envolvimento pessoal para conseguir que o motor do serviço do sacerdócio comece a funcionar. Às vezes, pode até parecer que seu ramo ou sua ala não esteja saindo do lugar.

Contudo, não importam quais sejam suas responsabilidades ou circunstâncias, vocês e eu sabemos que sempre há uma alegria especial que advém do serviço dedicado no sacerdócio.

Sempre adorei voar, seja num Piper Cub, num F-18 ou em qualquer outro avião. Quando estou no Piper Cub, não reclamo da falta de velocidade. Quando estou no F-18, não resmungo quando as manobras aéreas radicais inexoravelmente revelam a realidade da minha idade avançada.

Sim, sempre há algo imperfeito em qualquer situação. Sim, é fácil encontrar coisas das quais reclamar.

Mas irmãos, somos portadores do Santo Sacerdócio, segundo a Ordem do Filho de Deus! Cada um de nós recebeu a imposição de mãos para receber o sacerdócio de Deus.

Foram-nos dadas a autoridade e a responsabilidade de agir em Seu nome, como Seus servos na Terra. Seja em uma ala grande ou num ramo pequeno, somos chamados para servir, para abençoar e para agir em todas as coisas para o bem de todos e de tudo o que foi colocado a nossos cuidados. Pode haver algo que dê maior prazer e entusiasmo?

Vamos compreender, apreciar e sentir a alegria do serviço no sacerdócio.

A Alegria do Sacerdócio

O fato de eu adorar voar influenciou o rumo de toda a minha vida. Mas por mais revigorantes e agradáveis que tenham sido minhas experiências pessoais como piloto, as que tive como membro desta Igreja são muito mais profundas e alegres. Ao dedicar-me completamente ao serviço da Igreja, senti o poder do Deus Todo-Poderoso e Suas ternas misericórdias.

Como piloto, toquei os céus. Como membro da Igreja, senti os céus me abraçarem.

De vez em quando, sinto saudades de uma cabine de avião. Mas o fato de servir com meus irmãos e minhas irmãs na Igreja facilmente compensa essa saudade. Podendo sentir a sublime paz e a alegria decorrentes de constituir uma pequena parte desta grande causa e obra, não perderia isso por nada deste mundo.

Estamos hoje reunidos como um imenso grupo de portadores do sacerdócio. É nossa sagrada alegria e privilégio servir ao Senhor e ao próximo e dedicar o melhor que temos dentro de nós à nobre causa de elevar os outros e edificar o reino de Deus.

Sabemos e compreendemos que o sacerdócio é o poder e a autoridade eternos de Deus. Podemos ter isso na memória e facilmente recitar a definição. Contudo, será que realmente compreendemos o significado do que estamos dizendo? Deixem-me repetir: *O sacerdócio é o poder e a autoridade eternos de Deus.*

Pensem nisso. Por meio do sacerdócio, Deus criou e governa os céus e a Terra.

Por meio desse poder, Ele redime e exalta Seus filhos, levando “a efeito a imortalidade e vida eterna do homem”.⁴

O sacerdócio, conforme explicou o Profeta Joseph Smith, é o “meio pelo qual o Todo-Poderoso começou a revelar Sua glória (...) [na] criação desta Terra e o meio pelo qual continuará a revelar-Se aos filhos dos homens até o presente momento e por meio do qual dará a conhecer Seus propósitos até o final dos tempos”.⁵

Nosso Todo-Poderoso Pai Celestial confiou a autoridade do sacerdócio a nós: seres mortais que, por definição, somos falhos e imperfeitos. Ele nos concede a autoridade para agir em Seu nome para a salvação de Seus filhos. Por meio desse grande poder, somos autorizados a pregar o evangelho, a administrar as ordenanças de salvação, a ajudar a edificar o reino de Deus na Terra e a abençoar e servir nossa família e nosso próximo.

Ao Alcance de Todos

Esse é o sagrado sacerdócio que possuímos.

O sacerdócio, ou qualquer responsabilidade a ele inerente, não pode ser comprado nem comandado. O uso do poder do sacerdócio não pode ser influenciado, controlado ou compelido por cargo, por riqueza ou por influência. É um poder espiritual que funciona de acordo com a lei

celeste. Ele se origina no grande Pai Celestial de todos nós. É um poder que somente pode ser controlado e dirigido pelos princípios da retidão,⁶ e não da hipocrisia.

Cristo é a fonte de toda autoridade verdadeira do sacerdócio e de todo poder na Terra.⁷ É a obra Dele, na qual temos o privilégio de auxiliar. “E ninguém pode participar desta obra, a menos que seja humilde e cheio de amor, tendo fé, esperança e caridade, sendo temperante em todas as coisas, em tudo o que lhe for confiado.”⁸

Não agimos para lucro pessoal, mas para procurar servir e elevar outras pessoas. Não lideramos por força, mas com “persuasão, (...) longanimidade, (...) brandura e mansidão e com amor não fingido”.⁹

O sacerdócio do Deus Todo-Poderoso está ao alcance dos homens dignos no mundo todo, onde quer que estejam — seja qual for sua ascendência, por mais humilde que seja sua situação, nos lugares próximos ou nos distantes confins do planeta. Está ao alcance de todos sem dinheiro ou orgulho mundano. Parafrazeando o antigo profeta Isaías: *todos* os que têm sede podem vir às águas, e não é preciso dinheiro para que venham e comam!¹⁰

E graças à eterna e incomensurável Expição de nosso Salvador, Jesus Cristo, o sacerdócio de Deus pode estar a seu alcance mesmo que vocês

tenham tropeçado ou sido indignos no passado. Por meio do processo de refinamento e purificação espiritual do arrependimento, vocês podem “erguer-se e brilhar”!¹¹ Graças ao ilimitado e misericordioso amor de nosso Salvador e Redentor, podem erguer os olhos, tornar-se limpos e dignos, e desenvolver-se até se tornarem nobres e justos filhos de Deus — portadores dignos do santíssimo sacerdócio do Deus Todo-Poderoso.

O Assombro e Privilégio do Sacerdócio

Sinto certa tristeza pelos que não compreendem nem valorizam o assombro e privilégio que é o sacerdócio. São como passageiros de avião que passam o tempo todo reclamando do tamanho do pacote do amendoim, enquanto se alçam pelo ar, bem acima das nuvens — algo pelo qual os antigos reis dariam tudo o que possuíam para experimentar uma única vez na vida!

Irmãos, temos a bênção de ser humildes participantes dessa grandiosa autoridade e poder do sacerdócio. Ergamos os olhos e vejamos, reconhecamos e aceitemos essa oportunidade pelo que ela realmente é.

Por meio do serviço justo, amoroso e dedicado no sacerdócio, podemos vivenciar o verdadeiro significado desta revelação: “Irei adiante de vós. Estarei a vossa direita e a vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração e meus anjos ao vosso redor para vos suster”.¹²

Aceitemos e compreendamos o assombro e privilégio que é o sacerdócio. Aceitemos e amemos as responsabilidades que nos foram designadas a cumprir — responsabilidades em nosso lar e em nossas unidades da Igreja, por maiores ou menores que sejam. Cresçamos constantemente em retidão, dedicação e serviço no sacerdócio. Encontremos a alegria de servir no sacerdócio!

O melhor meio de fazer isso é aplicar os princípios do conhecimento, da obediência e da fé.

Isso significa, em primeiro lugar, que precisamos conhecer e incorporar a doutrina do sacerdócio encontrada

Sobral, Brasil



na palavra revelada de Deus. É importante que compreendamos os convênios e mandamentos por meio dos quais funciona o sacerdócio.¹³

Em seguida, sejamos sábios e coloquemos em prática esse conhecimento adquirido, de modo constante e honroso. À medida que obedecermos às leis de Deus, disciplinarmos a mente e o corpo e sintonizarmos nossas ações aos padrões de retidão ensinados pelos profetas, desfrutaremos a alegria do serviço no sacerdócio.

E por fim, aprofundemos nossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Tomemos sobre nós Seu nome e nos comprometamos a cada dia a trilhar novamente o caminho do discipulado. Que nossas obras aperfeiçoem nossa fé.¹⁴ Por meio do discipulado, podemos ser aperfeiçoados um passo por vez, servindo à nossa família, a nossos semelhantes e a Deus.

Quando servimos no sacerdócio de todo o coração, poder, mente e força, temos a promessa de sublime conhecimento, paz e dons espirituais. Ao honrarmos o santo sacerdócio, Deus nos honrará, e “[nos apresentaremos] sem culpa perante Deus no último dia”.¹⁵

Que sempre tenhamos olhos para ver e coração para sentir o assombro e a alegria do sacerdócio de nosso grande e poderoso Deus, é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Wilbur Wright, James E. Tobin, *To Conquer the Air: The Wright Brothers and the Great Race for Flight*, 2003, p. 238.
2. Irmãos Wright, Tobin, *To Conquer the Air*, p. 397.
3. John Gillespie Magee Jr., “High Flight”, Diane Ravitch, ed., *The American Reader: Words That Moved a Nation*, 1990, p. 486.
4. Moisés 1:39.
5. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, pp. 113–114.
6. Ver Doutrina e Convênios 121:36.
7. Ver Hebreus 5:4–10; Doutrina e Convênios 107:3.
8. Doutrina e Convênios 12:8.
9. Doutrina e Convênios 121:41.
10. Ver Isaías 55:1.
11. Ver Doutrina e Convênios 115:5.
12. Doutrina e Convênios 84:88.
13. Ver Doutrina e Convênios 84:33–44; 121:34–46.
14. Ver Tiago 2:22.
15. Doutrina e Convênios 4:2.



Presidente Henry B. Eyring

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Ajudá-los a Estabelecer Metas Elevadas

Com sua orientação, aqueles que vocês lideram serão capazes de ver que podem atingir seu pleno potencial para o serviço no reino de Deus, de querer e de desejar atingi-lo.

Sou muito grato pela oportunidade de estar nesta grande reunião do sacerdócio, por ter ouvido esses ensinamentos e testemunhos maravilhosos. Lembrei-me de minha própria experiência. Quase tudo o que fui capaz de realizar como portador do sacerdócio foi por causa das pessoas que me conheceram e viram em mim coisas que eu não conseguia ver.

Quando eu era um jovem pai, orei para saber quais contribuições meus filhos poderiam fazer no reino do Senhor. Para os meninos, eu sabia que eles poderiam ter oportunidades do sacerdócio. Para as meninas, eu sabia que elas prestariam serviço representando o Senhor. Todos estariam fazendo a obra Dele. Eu sabia que cada um deles era um indivíduo e, portanto, o Senhor lhes daria dons específicos para cada um usar a serviço Dele.

Não posso dizer a cada pai e a cada líder de jovens quais são os detalhes do que é melhor para vocês fazerem. Mas posso prometer-lhes que terão a bênção de ajudá-los a reconhecer os dons espirituais com

os quais nasceram. Toda pessoa é diferente e tem uma contribuição diferente a fazer. Ninguém está destinado a fracassar. Ao buscarem a revelação para ver os dons que Deus vê naqueles a quem vocês lideram no sacerdócio, em especial os jovens, vocês terão a bênção de ampliar a visão deles para o serviço que eles podem desempenhar. Com sua orientação, aqueles que vocês lideram serão capazes de ver que podem atingir seu pleno potencial para o serviço no reino de Deus, de querer e de desejar atingi-lo.

No caso de meus próprios filhos, orei por revelação para saber como poderia ajudar cada um deles individualmente a preparar-se para suas oportunidades específicas de servir a Deus. Depois, procurei ajudá-los a visualizar, a esperar e a trabalhar por esse futuro. Entalhei um quadro para cada filho com uma citação das escrituras que descrevia seus dons especiais e uma imagem que representava esse dom. Embaixo da gravura e da legenda, entalhei as datas do batismo e da ordenação aos ofícios do sacerdócio de cada rapaz,



com a altura que tinham na data de cada marco da vida deles.

Vou descrever os quadros que entalhei para cada filho para ajudá-lo a ver seus dons espirituais e com o que ele podia contribuir para a obra do Senhor. Vocês podem ser inspirados a reconhecer, como eu, os dons específicos e as oportunidades exclusivas de cada um dos jovens que vocês amam e lideram.

Quando meu filho mais velho se tornou diácono e um escoteiro da pátria, a gravura de uma águia me veio à mente quando pensei nele e em seu futuro. Estávamos morando em Idaho, perto do sopé do monte South Teton, onde fazíamos caminhadas e observávamos as águias voando. Aquela imagem em minha mente deu-me o sentimento das palavras de Isaías:

“Dá força ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor.

Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os moços certamente cairão;

Mas os que esperam no Senhor renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão”.¹

Na verdade, com esse filho mais velho, havíamos interrompido nossa caminhada antes de chegar ao topo do monte South Teton porque meu filho ficou cansado e quis parar. Ele disse: “Será que sempre lamentarei por não termos chegado ao topo? Pai, vá em frente, não quero que você fique decepcionado”.

Respondi: “Nunca ficarei decepcionado, e você não vai lamentar. Sempre nos lembraremos de termos subido até aqui juntos”. No alto do quadro dele, entalhei uma águia e a inscrição “Nas Asas das Águias”.

Com o passar dos anos, meu filho voou mais alto como missionário do que eu jamais imaginara. Nos desafios do campo missionário, alguns dos que ele enfrentou pareciam estar além de sua capacidade. Para o rapaz que vocês encorajam, pode acontecer, como foi para meu filho, que o Senhor

o leve ainda mais alto do que eu achava possível ao pregar o evangelho em um idioma difícil. Se procurarem fazer com que cada jovem sinta suas possibilidades no sacerdócio, prometo que o Senhor vai dizer-lhes tudo o que lhes for necessário. O rapaz pode ter um potencial até maior do que o Senhor vai revelar a vocês. Ajudem-no a estabelecer metas elevadas.

O rapaz que vocês encorajam pode parecer tímido demais para ser um vigoroso servo no sacerdócio. Um de meus outros filhos era tão tímido, quando pequeno, que não conseguia entrar em uma loja e falar com o atendente. Ficava com muito medo. Preocupei-me ao orar pelo seu futuro no sacerdócio. Eu o imaginava no campo missionário — o que não parecia muito promissor. Fui conduzido a uma escritura em Provérbios: “Os ímpios fogem sem que haja ninguém a persegui-los; mas os justos são ousados como um leão”.²

Entalhei “Ousado como um Leão” no quadro dele, colocando embaixo a imagem da cabeça de um leão rugindo. Em sua missão e nos anos que se seguiram, ele cumpriu a esperança do que entalhei. Meu filho, antes tímido, pregou o evangelho com grande convicção e enfrentou perigos com bravura. Foi magnificado em suas responsabilidades para representar o Senhor.

Isso pode acontecer com o rapaz que vocês estão liderando. Vocês precisam edificar a fé que ele tem para que o Senhor possa transformá-lo em um servo mais corajoso do que o rapaz tímido que vocês agora veem.

Sabemos que o Senhor faz com que Seus servos sejam destemidos. Joseph, o rapaz que viu Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, em um bosque, foi transformado num gigante espiritual. Parley P. Pratt percebeu isso quando o Profeta Joseph Smith repreendeu os guardas iníquos que os mantinham cativos. O Élder Pratt escreveu:

“De repente, ele se ergueu e falou com a voz de trovão, como um leão a rugir, proferindo, pelo que me lembro, as seguintes palavras:



‘CALEM-SE, demônios do abismo infernal. Em nome de Jesus Cristo eu os repreendo e ordeno que se caleem; não viverei nem mais um minuto ouvindo esse tipo de linguagem. Parem com essa conversa, ou vocês ou eu morreremos NESTE INSTANTE!’

A respeito desse ocorrido, o Élder Pratt escreveu: “Dignidade e majestade vi apenas *uma vez*: num homem acorrentado, à meia-noite, numa masmorra, numa obscura cidadezinha do Estado do Missouri”.³

O Senhor dará oportunidades a Seus servos justos para que sejam desatimados como leões, quando falarem em Seu nome e testemunharem em Seu sacerdócio.

Outro filho, desde menino, tinha um grande círculo de amigos que com frequência procuravam sua companhia. Ele tinha facilidade em fazer amizade com as pessoas. Ao orar e tentar prever sua contribuição no reino de Deus, senti que ele teria o poder de reunir as pessoas em amor e união.

Isso me conduziu ao relato encontrado em Doutrina e Convênios que descreve o trabalho dos élderes do sacerdócio para edificar Sião no Missouri e o louvor dos anjos que viram os esforços e a contribuição deles. Isso exigiu grande sacrifício. A revelação em Doutrina e Convênios declara: “Não obstante, bem-aventurados sois, porque o testemunho que prestastes está registrado no céu para ser visto pelos anjos; e eles se regozijam

por vós e vossos pecados vos são perdoados”.⁴

No quadro do meu filho, entalhei: “Anjos Se Regozijam por Você”.

A grande habilidade que aquele filho tinha de reunir e influenciar pessoas se estendeu para além de seus anos na escola. Com seus colegas portadores do sacerdócio, ele organizou atividades de estaca que deram aos jovens de sua região a fé para suportar e até superar situações difíceis. Ao edificar a fé naqueles rapazes e naquelas moças, ele ajudou a edificar baluartes de Sião nos centros urbanos da América. No quadro, entalhei os anjos tocando trombetas, que talvez não seja exatamente como eles fizeram, mas era mais fácil entalhar uma trombeta do que um brado.

Os anjos se regozijam quando os líderes do sacerdócio do mundo inteiro edificam Sião em suas alas, estacas e missões. E vão regozijar-se pelos rapazes e pelas moças que vocês ajudam ao edificar Sião onde quer que estejam e em quaisquer situações que se encontrem. Sião é o resultado de pessoas ligadas por convênio e amor. Convido vocês a ajudar seus jovens a se unirem.

Para um de meus filhos, fui inspirado a entalhar um sol — um sol no céu — e as palavras da oração intercessória do Salvador: “A Vida Eterna É Esta”. Quase no fim de Seu ministério mortal, o Salvador orou a Seu Pai:

“E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus

verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer”.⁵

Meu filho prestou serviço do sacerdócio em três continentes, porém mais importante, em sua casa e em meio a sua família. Ele edificou sua vida em redor deles. Trabalha perto de casa e com frequência volta para se reunir com a esposa e os filhinhos na hora do almoço. A família dele mora bem perto da minha casa. Eles cuidam de nosso quintal como se fosse o deles. Esse filho está vivendo não apenas para qualificar-se para a vida eterna, mas também para viver eternamente rodeado de familiares gratos os quais ele está reunindo a sua volta.

A vida eterna é viver em união, nas famílias, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A vida eterna somente é possível por meio das chaves do sacerdócio de Deus, que foram restauradas por intermédio do Profeta Joseph Smith. Mostrar essa meta eterna para os jovens que vocês lideram é a maior dádiva que vocês podem conceder a eles. Vocês fazem isso principalmente pelo exemplo em sua própria família. Aqueles que vocês lideram talvez não tenham a família na Igreja, mas convido vocês a ajudá-los a sentir e desejar o amor da família em ambos os lados do véu.

Os quadros que descrevi são apenas um meio de ajudar os jovens a terem um vislumbre da grandiosidade que Deus vê neles, no futuro deles e no serviço especial que Ele os preparou para realizar. Ele vai ajudá-los a ver como fazer isso por seus filhos e por outros jovens. Mas, ao buscarem em espírito de oração visualizar por si mesmos esse futuro e comunicá-lo ao jovem, um a um, vocês saberão que Deus ama cada um de Seus filhos, individualmente, e vê dons grandiosos e especiais em cada um deles.

Como pai, tive a bênção de ver um grande futuro no reino de Deus para minhas filhas, assim como para meus filhos. Quando busquei orientação em espírito de oração, foi-me mostrado um meio de ajudar minhas filhas a



As Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Outubro de 2012

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Henry B. Eyring,
Primeiro Conselheiro



Thomas S. Monson,
Presidente



Dieter F. Uchtdorf,
Segundo Conselheiro

O QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS



Boyd K. Packer



L. Tom Perry



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard



Richard G. Scott



Robert D. Hales



Jeffrey R. Holland



David A. Bednar



Quentin L. Cook



D. Todd Christofferson



Neil L. Andersen

A PRESIDÊNCIA DOS SETENTA



Ronald A. Rasband



Walter F. González



L. Whitney Clayton



Donald L. Hallstrom



Tad R. Callister
























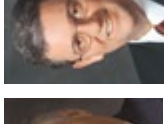
























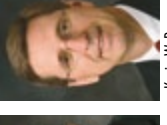


















Richard J. McInnes



Craig C. Christensen

O PRIMEIRO QUÓRUM DOS SETENTA
(em ordem alfabética)

| | | | | | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|---|--|--|---|---|---|---|
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  | |
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  | | | | |

O BISPADO PRESIDENTE

| | | |
|---|---|---|
|  |  |  |
| Primeiro Conselheiro | Bispo Presidente | Segundo Conselheiro |

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|--|---|
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|---|---|---|---|---|---|---|--|---|



Graças ao que o Presidente Thomas S. Monson chamou de "cobertura sem precedentes", os santos dos últimos dias de todo o mundo desfrutaram as bênçãos da conferência geral. As fotografias em sentido horário, a partir da esquerda, são membros e missionários de Quelimane, Moçambique; Talin, Estônia; Varsóvia, Polônia; Cidade do México, México; Edimburgo, Escócia; Taipei, Taiwan; e Gaborone, Botsuana.



reconhecer a confiança que Deus depositara nelas como servas que podiam edificar Seu reino.

Quando minhas filhas eram jovens, vi que podia ajudá-las a sentir o amor daqueles que estão além do véu, ao longo das gerações. Eu sabia que o serviço gera amor e traz esperança de vida eterna.

Por isso entalhei bandejas de pão nas quais colocamos um pão feito em casa e fomos juntos entregá-los a viúvas, viúvos e famílias. A legenda que entalhei em cada uma daquelas bandejas de pão dizia: “J’aime et J’espere”, que em francês significa “Amo e espero”. A evidência de seus dons espirituais especiais apareceu não apenas nas bandejas que entalhei, porém com mais clareza quando as entregamos para aqueles que necessitavam, em meio à dor ou à perda, da confirmação de que o amor do Salvador e Sua Expição poderiam produzir um perfeito resplendor de esperança. Essa é a vida eterna, para minhas filhas, e para cada um de nós.

Vocês podem estar pensando: “Irmão Eyring, você está dizendo que tenho que aprender a entalhar madeira?” A resposta é não. Aprendi a entalhar apenas com a ajuda de um bondoso e talentoso mentor, o Élder Boyd K. Packer. O pouco que sei pode ser atribuído ao grande talento que ele tem para esculpir e sua paciência como professor. Somente o céu pode prover um mentor assim como o Presidente Packer. Mas há muitas maneiras pelas quais vocês podem moldar o coração de seus filhos, sem ter de entalhar quadros de madeira para eles.

Por exemplo: as novas tecnologias de comunicação permitem o compartilhamento de mensagens de fé e esperança entre as distâncias que nos separam, instantaneamente e com pouco ou nenhum gasto. Minha mulher me ajuda a fazer isso. Começamos falando por telefone com os filhos e os netos com os quais conseguimos. Pedimos que contem suas histórias de sucesso pessoal ou de serviço prestado por eles. Também os convidamos a enviar fotos dessas

atividades. Usamos essas fotos para ilustrar alguns parágrafos de texto. Acrescentamos um ou dois versículos do Livro de Mórmon. Talvez Néfi e Mórmon não ficassem muito impressionados com a qualidade espiritual de nosso conteúdo ou do esforço reduzido para criar o que chamamos de “O Diário da Família: As Placas Menores”. Mas minha mulher e eu somos abençoados por esse esforço. Sentimos inspirados ao selecionar as passagens de escritura e as breves mensagens de testemunho que escrevemos. E vemos a evidência na vida de nossos netos de que seu coração se volta para nós e para o Salvador.

Há outras maneiras de influenciar as pessoas. Vocês já usam muitas dessas maneiras. Seus hábitos de oração familiar e leitura das escrituras vão criar lembranças mais duradouras e maiores mudanças no coração do que se dão conta hoje. Até atividades aparentemente seculares, como assistir a um evento esportivo ou ver um filme no cinema, podem moldar o coração de um filho. O que importa não é a atividade, mas os sentimentos que surgem quando vocês fazem isso. Descobri um bom teste para identificar atividades com o potencial para fazer uma grande diferença na vida de um jovem. É quando eles sugerem a atividade devido a um interesse que sentem e que lhes foi concedido como dom de Deus. Sei por experiência própria que isso é possível.

Quando me tornei diácono, aos 12 anos, morávamos em Nova Jersey, a 80 quilômetros da Cidade de Nova York. Eu sonhava em me tornar um grande jogador de beisebol. Meu pai concordou em levar-me para ver um jogo disputado no velho e lendário estádio Yankee, no Bronx. Ainda posso ver o bastão de Joe DiMaggio rebater uma bola para o centro do campo, com meu pai sentado a meu lado, a única vez em que fomos assistir juntos a um jogo importante de beisebol.

Porém, passar mais um dia com meu pai moldou minha vida para sempre. Ele levou-me de Nova Jersey até a casa de um patriarca ordenado, em Salt Lake City. Eu nunca o tinha

visto antes. Meu pai me deixou junto à porta dele. O patriarca me levou até uma cadeira, colocou as mãos sobre minha cabeça e proferiu uma bênção como um dom de Deus que incluía uma declaração do grande desejo de meu coração.

Ele disse que eu seria um daqueles de quem foi dito: “Bem-aventurados os pacificadores”.⁶ Fiquei tão surpreso que aquele homem totalmente desconhecido conhecesse meu coração, que abri os olhos para ver a sala na qual aquele milagre estava acontecendo. Aquela bênção descrevendo minhas possibilidades moldou minha vida, meu casamento e meu serviço no sacerdócio.

A partir daquela experiência pessoal e do que se seguiu, posso testificar: “Pois a todos não são dados todos os dons; pois há muitos dons e a cada homem é dado um dom pelo Espírito de Deus”.⁷

Pelo fato de o Senhor ter-me revelado um dom, pude reconhecer e preparar-me para oportunidades de exercê-lo para abençoar aqueles a quem amo e sirvo.

Deus conhece nossos dons. Meu desafio para vocês e para mim é orar para conhecer os dons que nos foram dados, para saber como desenvolvê-los e para reconhecer as oportunidades que Deus nos concede de servir ao próximo. Acima de tudo, oro para que sejam inspirados a ajudar outros a descobrir os dons divinos que eles têm para servir.

Prometo que se pedirem, terão a bênção de ajudar e elevar outros a seu pleno potencial no serviço daqueles que eles lideram e amam. Testifico que Deus vive, Jesus é o Cristo, esse é o sacerdócio de Deus, o qual Ele porta, e Deus nos preparou com dons especiais para servi-Lo além de nossas mais ternas esperanças. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Isaías 40:29–31.
2. Provérbios 28:1.
3. *Autobiography of Parley P. Pratt*, ed. Parley P. Pratt Jr., 1938, p. 211.
4. Doutrina e Convênios 62:3.
5. João 17:3–4.
6. Mateus 5:9.
7. Doutrina e Convênios 46:11.



Presidente Thomas S. Monson

Ver os Outros Como Eles Podem Vir a Ser

Devemos desenvolver a capacidade de ver os homens não como eles são, mas como podem vir a se tornar.

Meus queridos irmãos, duas vezes a cada ano, este magnífico Centro de Conferências fica lotado com o sacerdócio de Deus, ao nos reunirmos para ouvir mensagens de inspiração. Há um maravilhoso espírito que permeia a reunião geral do sacerdócio da Igreja. Esse espírito emana do Centro de Conferências e entra em todo edifício onde se reúnem os filhos de Deus. Sem dúvida sentimos esse espírito hoje à noite.

Há alguns anos, antes que este belo Centro de Conferências fosse construído, um visitante que estava na Praça do Templo, em Salt Lake City, assistiu a uma sessão de conferência geral no Tabernáculo. Ele ouviu as mensagens das Autoridades Gerais, prestou atenção nas orações, ouviu a bela música do Coro do Tabernáculo e maravilhou-se com a grandiosidade do magnífico órgão do Tabernáculo. Quando a reunião terminou, ouviram-no dizer: “Eu daria tudo o que tenho se soubesse que aquilo que os oradores disseram hoje é verdade”. Em essência, ele dizia: “Quem dera eu tivesse um testemunho do evangelho”.

Não há absolutamente nada neste mundo que dará mais consolo e felicidade do que um testemunho da verdade. Embora em níveis diferentes, creio que todo homem ou rapaz que está aqui hoje tem um testemunho. Se você sente que ainda não tem a profundidade de testemunho que gostaria, admoesto-o a trabalhar para alcançar esse testemunho. Se ele for forte e profundo, esforce-se para mantê-lo assim. Quão abençoados somos por ter um conhecimento da verdade!

Minha mensagem nesta noite, irmãos, é a de que há inúmeras pessoas que têm pouco ou nenhum testemunho neste instante, pessoas que poderiam e receberiam esse testemunho se estivessemos dispostos a fazer o esforço de compartilhar o nosso e a ajudá-las a mudar. Em alguns casos, *nós* podemos prover o incentivo para a mudança. Refiro-me em primeiro lugar àqueles membros que no momento não estão plenamente comprometidos com o evangelho.

Há muitos anos, numa conferência de área realizada em Helsinque, Finlândia, ouvi uma mensagem vigorosa, memorável e motivadora proferida

numa sessão para mães e filhas. Nunca esqueci aquela mensagem, embora quase 40 anos se tenham passado desde que a ouvi. Entre as muitas verdades abordadas pela oradora, ela disse que uma mulher precisa que lhe digam que ela é bonita. Precisa que lhe digam que é valorizada. Precisa que lhe digam que tem valor.

Irmãos, sei que os homens são muito semelhantes às mulheres nesse sentido. Precisamos ouvir que valem algo, que somos capazes e que temos valor. Precisamos ter uma chance de servir. Para os membros que se afastaram da atividade ou que se mantêm distantes e não se comprometem, podemos procurar, em espírito de oração, algum meio de tocá-los. A iniciativa de pedir que sirvam em algum chamado pode ser exatamente o incentivo de que precisam para voltar à plena atividade. Mas os líderes que poderiam ajudá-los nesse sentido às vezes relutam em fazê-lo. Precisamos ter em mente que as pessoas podem mudar. Elas podem abandonar maus hábitos. Podem arrepender-se de transgressões. Podem portar dignamente o sacerdócio. E podem servir ao Senhor diligentemente. Gostaria de oferecer algumas ilustrações.

Quando me tornei membro do Quórum dos Doze Apóstolos, tive a oportunidade de acompanhar o Presidente N. Eldon Tanner, conselheiro do Presidente David O. McKay, a uma conferência de estaca em Alberta, Canadá. Durante a reunião, o presidente de estaca leu o nome de quatro irmãos que se qualificavam para ser ordenados élderes. Eram homens que o Presidente Tanner conhecia, porque tinha morado naquela área. Mas o Presidente Tanner os conhecia e lembrava-se deles como eram antes, e não sabia que eles tinham mudado a vida e se qualificado plenamente para tornarem-se élderes.

O presidente da estaca leu o nome do primeiro homem e pediu que ele ficasse de pé. O Presidente Tanner sussurrou para mim: “Olhe para ele. Não achei que ele conseguiria”. O presidente da estaca leu o nome do segundo homem, e ele ficou de pé.



O Presidente Tanner me cutucou de novo e expressou seu assombro. E o mesmo aconteceu com todos os quatro irmãos.

Depois da reunião, o Presidente Tanner e eu tivemos a oportunidade de cumprimentar aqueles quatro irmãos. Eles demonstraram que os homens podem mudar.

Nas décadas de 1940 e 1950, um carcereiro americano, Clinton Duffy, ficou muito conhecido por seu trabalho de reabilitação de homens em sua prisão. Um crítico disse: “Você devia saber que cães velhos não aprendem truques novos!”

Clinton Duffy respondeu: “Você devia saber que não trabalho com cães, trabalho com homens, e os homens mudam todo dia”.¹

Há muitos anos, tive minha oportunidade de servir como presidente da Missão Canadense. Tínhamos ali um ramo com muitas limitações em relação ao sacerdócio. Sempre tivemos um missionário que presidia o ramo.

Tive a forte impressão de que precisávamos que um membro do ramo presidisse ali.

Tínhamos um membro adulto do ramo que era diácono no Sacerdócio Aarônico, mas não frequentava nem participava o suficiente para ser avançado no sacerdócio. Senti-me inspirado a chamá-lo como presidente do ramo. Sempre me lembrarei do dia em que o entrevistei. Eu lhe disse que o Senhor me havia inspirado a chamá-lo para ser o presidente do ramo. Após muitos protestos da parte dele, e muito incentivo da parte da esposa, ele disse que serviria. Eu o ordenei sacerdote.

Aquele foi o princípio de um novo dia para aquele homem. Sua vida foi rapidamente colocada em ordem, e ele me assegurou que viveria os mandamentos conforme era esperado dele. Em poucos meses, foi ordenado élder. Ele, a esposa e a família, por fim, foram ao templo, e foram selados. Seus filhos serviram missão e se

casaram na casa do Senhor.

Às vezes, fazer com que nossos irmãos saibam que são necessários e valorizados pode ajudá-los a dar o passo para o comprometimento e para a plena atividade. Isso pode se aplicar a portadores do sacerdócio de todas as idades. É nossa responsabilidade dar-lhes oportunidades para viver como devem. Podemos ajudá-los a vencer suas fraquezas. Precisamos desenvolver a capacidade de ver os homens não como eles são no momento, mas como podem vir a ser quando receberem um testemunho do evangelho de Cristo.

Assisti certa vez a uma reunião em Leadville, Colorado. Leadville situa-se a uma altitude de mais de 3.000 metros. Lembro-me particularmente daquela reunião por causa da altitude elevada, mas também por causa do que aconteceu ali naquela noite. Havia apenas um pequeno número de portadores do sacerdócio presentes. Como no ramo da Missão Canadense,

aquele ramo era presidido por um missionário, e sempre tinha sido.

Naquela noite, tivemos uma reunião muito agradável, mas quando cantávamos o último hino, tive a inspiração de que deveríamos ter um presidente de ramo local presidindo. Virei-me para o presidente da missão e perguntei: “Não há algum homem aqui que poderia presidir — um membro local?”

Ele respondeu: “Não conheço ninguém”.

Enquanto cantávamos aquele hino, olhei cuidadosamente para os irmãos que estavam sentados nas três primeiras fileiras. Minha atenção pareceu concentrar-se em um dos irmãos. Perguntei ao presidente da missão: “Será que ele poderia servir como presidente do ramo?”

Ele respondeu: “Não sei. Pode ser que sim”.

Eu disse: “Presidente, vou levá-lo para a outra sala e entrevistá-lo. Fale depois do último hino, até que voltemos”.

Quando nós dois voltamos para o salão, o presidente da missão concluiu seu testemunho. Apresentei o nome daquele irmão para ser o novo presidente do ramo. Desde aquele dia, Leadville, Colorado, tem tido um membro local a liderar a unidade ali.

O mesmo princípio, irmãos, aplica-se aos que ainda não são membros. Devemos desenvolver a capacidade de ver os homens não como eles são, mas como podem vir a se tornar quando forem membros da Igreja, quando tiverem um testemunho do evangelho e quando sua vida estiver em harmonia com seus ensinamentos.

No ano de 1961, uma conferência mundial foi realizada para presidentes de missão, e todo presidente de missão da Igreja foi trazido para Salt Lake City para participar dessas reuniões. Vim de minha missão, em Toronto, Canadá, a Salt Lake City.

Em uma determinada reunião, N. Eldon Tanner, que era o Assistente do Quórum dos Doze, acabara de retornar de sua primeira vez em que presidiu as missões da Inglaterra e da Europa Ocidental. Ele contou a

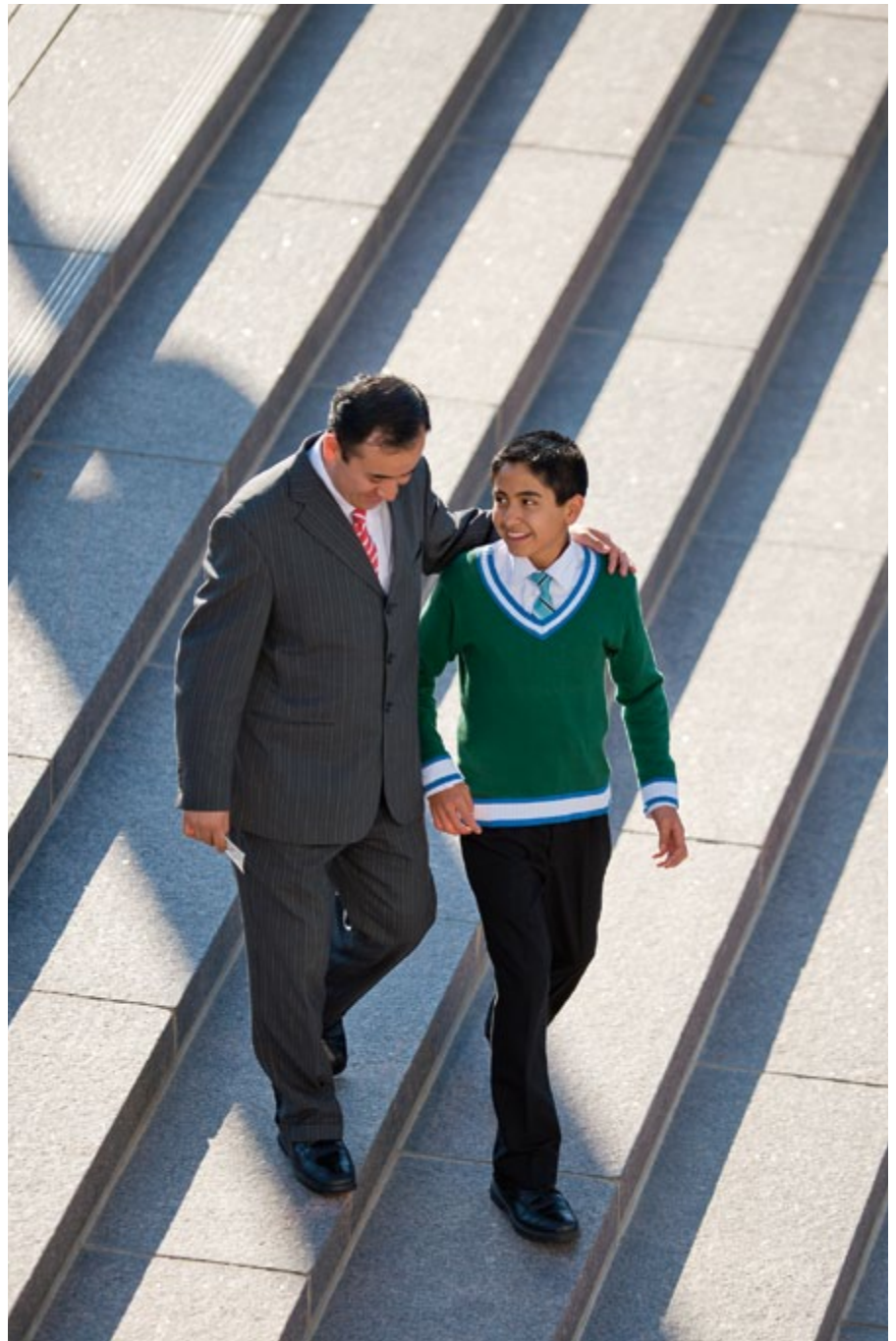
respeito de um missionário que tinha sido o mais bem-sucedido que ele conhecera em todas as entrevistas que fizera. Contou que ao entrevistar aquele missionário, disse a ele: “Suponho que todas as pessoas que você batizou vieram para a Igreja por meio de referências”.

O rapaz respondeu: “Não, encontramos todos elas enquanto batíamos em portas”.

O irmão Tanner perguntou o que havia de diferente em sua abordagem — por que ele tivera tamanho sucesso, quando outros não. O rapaz disse que ele tentava batizar toda pessoa que conhecia. Disse que se

ele batesse em uma porta e visse um homem fumando e usando roupas velhas, aparentemente desinteressado de tudo — principalmente de religião — o missionário visualizava na mente como se pareceria aquele homem em uma situação diferente. Em sua mente, olhava para ele como se estivesse bem barbeado, vestindo camisa e calças brancas. E o missionário se via conduzindo aquele homem para as águas do batismo. Ele disse: “Quando olho para alguém dessa forma, tenho a capacidade de prestar meu testemunho a ele de modo a poder tocar-lhe o coração”.

Temos a responsabilidade de olhar para nossos amigos, nossos colegas,



nossos vizinhos desse modo. Repito: temos a responsabilidade de ver as pessoas não como elas são, mas, sim, como podem vir a ser. Peço-lhes que pensem nelas dessa maneira.

Irmãos, o Senhor nos disse algo importante sobre este sacerdócio que possuímos. Ele disse que o recebemos com um juramento e convênio. Ele nos deu a instrução de que precisamos ser fiéis e leais em tudo o que recebermos, e de que temos a responsabilidade de guardar esse convênio até o fim. E então, tudo o que o Pai tem nos será dado.²

Coragem é a palavra que temos de ouvir e manter próxima do coração — coragem de dar as costas à tentação, coragem de erguer a voz em testemunho para todos com quem nos encontrarmos, lembrando que todos precisam ter a oportunidade de ouvir a mensagem. Isso não é uma coisa fácil para a maioria. Mas podemos vir a acreditar nas palavras de Paulo a Timóteo:

“Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação.

Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor”.³

Em maio de 1974, estive com o irmão John H. Groberg, nas ilhas tonganesas. Tínhamos uma audiência com o rei de Tonga e fomos recebidos em uma sessão formal. Trocamos os cumprimentos de praxe. Contudo, antes de sair, John Groberg disse algo que era fora do comum. Ele disse: “Vossa Majestade, deveis realmente tornar-vos mórmon, e vossos súditos também, porque assim os vossos problemas e os deles, em grande parte, serão solucionados”.

O rei deu um grande sorriso e respondeu: “John Groberg, talvez você esteja certo”.

Pensei no Apóstolo Paulo perante Agripa. Pensei na resposta que Agripa deu ao testemunho de Paulo: “Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!”⁴ O irmão Groberg teve a coragem de prestar seu testemunho a um rei.

Nesta noite, há muitos milhares de nós que servem ao Senhor em tempo

integral como Seus missionários. Em resposta a um chamado, eles deixaram para trás o lar, a família, os amigos e os estudos e foram servir. Aqueles que não compreendem se perguntam: “Por que eles respondem tão prontamente e com tanta disposição, doando tanto de si?”

Nossos missionários poderiam muito bem responder com as palavras de Paulo, aquele inigualável missionário do passado: “Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!”⁵

As santas escrituras não contêm uma proclamação mais relevante, uma responsabilidade mais forte, uma instrução mais direta do que o encargo dado pelo Senhor ressuscitado ao aparecer na Galileia aos 11 discípulos, dizendo:

“É-me dado todo o poder no céu e na terra.

Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.⁶

Esse mandamento divino, juntamente com sua gloriosa promessa, é nosso lema hoje, como foi no meridiano dos tempos: O trabalho missionário é uma característica identificadora da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sempre foi e sempre será. Como declarou o Profeta Joseph Smith: “Depois de tudo o que foi dito, o maior e mais importante dever é pregar o Evangelho”.⁷

Dentro de breves dois anos, todos os missionários que servem atualmente nesse nobre exército de Deus terão concluído seu trabalho de tempo integral e retornado para o lar e para seus entes queridos. Seus substitutos encontram-se nesta noite nas fileiras dos portadores do Sacerdócio Aarônico da Igreja. Rapazes, estão prontos para atender ao chamado? Estão dispostos a trabalhar? Estão preparados para servir?

O Presidente John Taylor resumiu os requisitos: “O tipo de homem que desejamos como portadores da mensagem deste evangelho são aqueles que têm fé em Deus, que têm fé em sua religião; homens que honram o sacerdócio; (...) homens cheios do Espírito Santo e do poder de Deus, (...) homens (...) honrados, íntegros, virtuosos e puros”.⁸

Irmãos, todos recebemos o mandamento de compartilhar o evangelho de Cristo. Se nossa vida for condizente com o próprio padrão de Deus, aqueles que estão em nossa esfera de influência jamais lamentarão, dizendo: “Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos”.⁹

O perfeito Pastor de nossa alma, o missionário que redimiu a humanidade, deu-nos Sua garantia divina:

“E, se trabalhades todos os vossos dias clamando arrependimento a este povo e trouxerdes a mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

E agora, se vossa alegria é grande com uma só alma que tiverdes trazido a mim no reino de meu Pai, quão grande será vossa alegria se me trouxerdes muitas almas!”¹⁰

Daquele que proferiu essas palavras presto meu testemunho pessoal. Ele é o Filho de Deus, nosso Redentor, e nosso Salvador.

Oro para que tenhamos a coragem de estender a mão da amizade, a tenacidade de tentar e tentar novamente, e a humildade necessária para buscar orientação de nosso Pai, ao cumprirmos o mandamento que recebemos de compartilhar o evangelho. A responsabilidade está sobre nossos ombros, irmãos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Bill Sands, *The Seventh Step*, 1967, p. 9
2. Ver Doutrina e Convênios 84:33–39.
3. II Timóteo 1:7–8.
4. Atos 26:28.
5. I Coríntios 9:16.
6. Mateus 28:18–20.
7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 343.
8. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: John Taylor*, 2001, p. 73.
9. Jeremias 8:20.
10. Doutrina e Convênios 18:15–16.



Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Onde Está o Pavilhão?

O pavilhão que parece interceptar o auxílio divino não cobre Deus, mas ocasionalmente ele nos cobre. Deus nunca está escondido, mas, às vezes, nós estamos.

Nas profundezas de sua angústia na Cadeia de Liberty, o Profeta Joseph Smith clamou: “Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre teu esconderijo?”¹ Muitos de nós, nos momentos de angústia pessoal, sentimos que Deus está longe. O pavilhão que parece interceptar o auxílio divino não cobre Deus, mas ocasionalmente ele nos cobre. Deus nunca está escondido, mas, às vezes, nós estamos cobertos por um pavilhão de motivações que nos afastam de Deus e O fazem parecer distante e inacessível. Nossos próprios desejos, em vez do sentimento de “seja feita a Tua vontade”,² criam o sentimento de um pavilhão que bloqueia Deus. Deus não está incapacitado de nos ver ou de Se comunicar conosco, mas podemos estar carentes da disposição de ouvir ou de nos submeter à vontade ou ao tempo Dele.

Nosso sentimento de separação de Deus diminui à medida que nos tornamos mais semelhantes a uma criança diante Dele. Isso não é fácil num mundo em que as opiniões de outros seres humanos podem ter tamanha influência sobre nossas motivações. Mas isto vai ajudar-nos a reconhecer

esta verdade: Deus está perto de nós e está ciente de nós e nunca Se esconde de Seus filhos fiéis.

Minha neta de três anos ilustrou o poder da inocência e da humildade para conectar-nos com Deus. Ela foi com a família à visitação pública do Templo de Brigham City, em Utah. Em uma das salas daquele belo edifício, ela olhou em volta e perguntou: “Mamãe, onde está Jesus?” A mãe explicou que ela não veria Jesus no templo, mas poderia sentir Sua influência em seu coração. Eliza ponderou cuidadosamente a resposta da mãe e pareceu ficar satisfeita. “Ah, Jesus foi ajudar outra pessoa”, concluiu ela.

Nenhum pavilhão obscurecia a compreensão de Eliza nem obstruía sua visão da realidade. Deus está perto dela, e ela se sente próxima Dele. Ela sabia que o templo é a casa do Senhor, mas também compreendia que Jesus Cristo ressuscitado e glorificado tem um corpo e só pode estar em um lugar em determinado momento.³ Se Ele não estava em Sua casa, ela reconhecia que deveria estar em outro lugar. E pelo que ela conhecia do Salvador, sabia que Ele

estaria em algum lugar fazendo o bem para os filhos de Seu Pai. Era evidente que ela tinha esperado ver Jesus, não como um milagre confirmador de Sua existência, mas simplesmente porque ela O amava.

O Espírito pode revelar à mente e ao coração da criança o consolo que todos nós queremos e do qual precisamos. Jesus Cristo vive e Ele nos conhece, zela por nós e cuida de nós. Nos momentos de dor, solidão ou confusão não precisamos ver Jesus Cristo para saber que Ele está ciente de nossa situação e que Sua missão é abençoar.

Sei por experiência própria que o que Eliza sentiu podemos sentir também, muito depois de deixarmos a infância para trás. Nos primeiros dias de minha carreira profissional, trabalhei arduamente para conseguir uma cadeira de professor na Universidade Stanford. Achei que tinha construído uma boa vida para mim mesmo e para minha família. Morávamos perto dos pais da minha mulher, numa vizinhança muito agradável. Pelos padrões do mundo, eu tinha alcançado sucesso. No entanto, recebi da Igreja a chance de sair da Califórnia e de ir para o Ricks College, em Rexburg, Idaho. Os objetivos profissionais de toda a minha vida talvez fossem um pavilhão separando-me de um Pai amoroso que sabia melhor do que eu o que o futuro me reservava. Porém, tive a bênção de saber que quaisquer que fossem os sucessos que eu tivera na carreira profissional e na vida familiar até aquele ponto, eles tinham sido uma dádiva de Deus. Então, como uma criança, ajoelhei-me em oração para perguntar o que devia fazer. Pude ouvir uma voz serena em minha mente, dizendo: “É a minha escola”. Não havia pavilhão separando-me de Deus. Com fé e humildade, submeti minha vontade à Dele, e senti Seu carinho e Sua proximidade.

Meus anos no Ricks College, durante os quais procurei buscar a vontade de Deus e executá-la, impediram que o pavilhão me cobrisse ou obscurecesse o papel ativo de Deus em minha vida. Ao procurar fazer



Sua obra, senti-me perto Dele e tive a certeza de que Ele conhecia meus assuntos e Se importava profundamente com minha felicidade. Mas como acontecera em Stanford, as motivações do mundo começaram a se apresentar a mim. Uma delas foi uma atraente oferta de emprego que me foi feita quando eu estava terminando meu quinto ano como reitor do Ricks College. Analisei a oferta, orei a respeito dela e até conversei com a Primeira Presidência. Eles responderam com carinho e de modo bem-humorado, mas sem dúvida, sem dar-me uma orientação. O Presidente Spencer W. Kimball me ouviu descrever a oferta que eu havia recebido de uma grande empresa e disse: “Ora, Hal, isso me soa como uma oportunidade maravilhosa! E se algum dia precisarmos de você, saberemos onde encontrá-lo”. Eles saberiam onde me encontrar, mas meus desejos por sucesso profissional poderiam ter criado um pavilhão que tornaria difícil encontrar Deus e

ainda mais difícil ouvir e seguir Seus chamados.

Minha mulher, sentindo isso, teve a forte impressão de que não deveríamos sair do Ricks College. “Seu sentimento já me basta”, afirmei. Mas ela insistiu, sabiamente, que eu devia obter minha própria revelação. Então orei de novo. Dessa vez recebi uma orientação na forma de uma voz em minha mente que dizia: “Eu vou *deixar* você ficar no Ricks College por mais algum tempo”. Minhas ambições pessoais podem ter obscurecido minha visão da realidade e me dificultaram o recebimento de revelação.

Trinta dias depois que fui abençoado com a decisão inspirada de recusar a oferta de emprego e de permanecer no Ricks College, a represa Teton rompeu. Deus sabia que aquela represa se romperia e que centenas de pessoas precisariam de ajuda. Ele deixou que eu buscasse conselhos e pediu Sua permissão para permanecer no Ricks College. Ele sabia todos os motivos pelos quais

meu serviço seria valioso na faculdade e em Rexburg. Assim, eu estava lá para perguntar ao Pai Celestial em frequente oração o que Ele gostaria que eu fizesse para ajudar aqueles que haviam sofrido qualquer tipo de dano. Passei horas trabalhando com outras pessoas para retirar lama e água das casas. Meu desejo de conhecer e fazer Sua vontade deu-me uma oportunidade de crescimento espiritual e prestação de serviço.

Aquele incidente ilustra outro modo pelo qual podemos criar uma barreira para conhecer a vontade de Deus ou sentir Seu amor por nós: não podemos insistir em *nossa* escolha do momento certo, quando o Senhor tem a Dele. Pensei que havia passado tempo suficiente em meu serviço em Rexburg e estava ansioso para ir adiante. Às vezes, nossa insistência em agir de acordo com nossa própria escolha do momento certo pode obscurecer nossa visão da vontade Dele para nós.

Na Cadeia de Liberty, o Profeta Joseph pediu ao Senhor que punisse aqueles que perseguiram os membros da Igreja no Missouri. Sua oração pedia que a retaliação fosse firme e rápida. Mas o Senhor respondeu que “[dali] a alguns anos”⁴ Ele faria algo em relação àqueles inimigos da Igreja. Nos versículos 24 e 35 da seção 121 de Doutrina e Convênios, Ele disse:

“Eis que meus olhos veem e conhecem todas as suas obras; e tenho em reserva um julgamento rápido, a seu próprio tempo, para todos eles;

Pois cada homem tem um tempo designado, de acordo com suas obras”.⁵

Removemos o pavilhão quando sentimos e dizemos em oração “seja feita a Tua vontade” e “em Teu próprio tempo”. O tempo Dele deve bastar para nós, já que sabemos que Ele deseja somente o que é melhor.

Uma de minhas noras passou muitos anos sentindo que Deus a havia coberto com um pavilhão. Ela era uma jovem mãe de três crianças, que ansiava por mais filhos. Depois de perder dois bebês, suas orações de súplica se tornaram angustiadas.

À medida que os anos se passavam e ela ainda continuava estéril, sentiu-se tentada a irar-se. Quando sua caçula foi para a escola, o vazio de sua casa parecia zombar de seu enfoque na maternidade. O mesmo fazia a gravidez não planejada e até não desejada de conhecidas suas. Ela se sentia tão comprometida e consagrada quanto Maria, que declarou: “Eis aqui a serva do Senhor”.⁶ Mas embora proferisse essas palavras no coração, não conseguia ouvir nada em resposta.

Esperando elevar seu espírito, o marido a convidou a acompanhá-lo em uma viagem de negócios na Califórnia. Enquanto ele participava de reuniões, ela caminhou por uma bela praia deserta. Seu coração estava prestes a romper, e ela orou em voz alta. Pela primeira vez, não pediu outro filho, mas uma missão divina. “Pai Celestial”, clamou ela, “eu Te doarei todo o meu tempo. Por favor, mostra-me como preenchê-lo”. Expressou sua disposição de levar a família para onde quer que lhes fosse exigido ir. Aquela oração resultou num inesperado sentimento de paz. Não satisfez o anseio que tinha na mente por uma certeza, mas, pela primeira vez em muitos anos, acalmou-lhe o coração.

A oração removeu o pavilhão e abriu as janelas do céu. Duas semanas depois, ela ficou sabendo que esperava um filho. O novo bebê tinha apenas um ano de idade quando meu filho e minha nora receberam um chamado para a missão. Tendo prometido fazer qualquer coisa, onde quer que fosse, ela pôs de lado os temores e levou seus filhos para o exterior. No campo missionário, ela teve outro filho, em um dia de transferência de missionários.

A plena submissão à vontade do céu, como fez aquela jovem mãe, é essencial para remover os pavilhões espirituais com que às vezes cobrimos a cabeça. Mas isso não garante uma resposta imediata a nossas orações.

O coração de Abraão aparentemente era justo muito antes de Sara conceber Isaque e antes de receberem sua terra prometida. O céu tinha outros propósitos para cumprir antes.

Esses propósitos incluíam não apenas a edificação da fé que Abraão e Sara tinham, mas também o ensino de verdades eternas que eles compartilharam com outros em sua longa e tortuosa rota até a terra preparada para eles. A demora do Senhor com frequência parece longa; às vezes dura a vida inteira. Mas ela sempre é planejada para abençoar. Não é preciso haver momentos de solidão, tristeza ou impaciência.

Embora o tempo Dele nem sempre coincida com o nosso, podemos ter a certeza de que o Senhor cumpre Suas promessas. Para qualquer um de vocês que agora sinta que é difícil chegar-se a Ele, testifico que dia virá em que todos O veremos face a face. Assim como nada há agora para obscurecer Sua vista de nós, não haverá nada que obscureça nossa visão Dele. Todos estaremos diante Dele, pessoalmente. Como minha neta, queremos ver Jesus Cristo agora, mas nosso encontro garantido com Ele no dia do juízo será mais agradável se fizermos em primeiro lugar as coisas que nos ajudam a conhecê-Lo como Ele nos conhece. À medida que O servimos, tornamo-nos mais semelhantes a Ele e nos sentimos próximos Dele ao se aproximar o dia em que nada cobrirá nossa visão.

O movimento rumo a Deus pode ser contínuo. O Salvador ensinou:

“Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”.⁷ E depois Ele nos disse como fazê-lo:

“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”.⁸

Ao fazermos o que Ele deseja que façamos pelos filhos de Seu Pai, o Senhor considera isso como algo que fizemos a Ele, então nos sentiremos mais próximos Dele, ao sentir Seu amor e Sua aprovação. Com o tempo nos tornaremos semelhantes a Ele e pensaremos no Dia do Juízo com feliz expectativa.

O pavilhão que parece estar ocultando vocês de Deus pode ser o temor do homem, em vez do desejo de servir outras pessoas. A única



motivação do Salvador era ajudar as pessoas. Muitos de vocês, como eu, já sentiram medo de falar com alguém que vocês ofenderam ou que os magoou. Mas já vi o Senhor abrandar corações muitas e muitas vezes, inclusive o meu próprio. Por isso desafio vocês a ir em nome do Senhor até alguém, apesar do temor que sentirem, para oferecer amor e perdão. Prometo que se fizerem isso, sentirão o amor do Senhor por aquela pessoa e o amor Dele por vocês, e não parecerá vir de muito longe. Para vocês, esse desafio pode estar em uma família, em uma comunidade ou do outro lado do país.

E, se forem em nome do Senhor para abençoar outras pessoas, Ele verá isso e vai recompensá-los. Se fizerem isso com frequência suficiente e pelo tempo suficiente, sentirão uma mudança em sua própria natureza, por meio da Expição de Jesus Cristo. Não apenas se sentirão mais próximos Dele, mas também sentirão cada vez mais que se tornam semelhantes a Ele. Então, quando O virem, como todos veremos, será para vocês como foi para Morôni, quando ele disse: “E agora me despeço de todos. Logo irei descansar no paraíso de Deus, até que meu espírito e meu corpo tornem a unir-se e eu seja carregado triunfante pelo ar, para encontrar-me convosco no agradável tribunal do grande Jeová, o Juiz Eterno tanto dos vivos como dos mortos. Amém”.⁹

Se servirmos com fé, humildade e desejo de fazer a vontade de Deus, testifico que o Dia do Juízo do grande Jeová será agradável. Veremos nosso amoroso Pai e Seu Filho como Eles nos veem agora — com perfeita clareza e com perfeito amor. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Doutrina e Convênios 121:1.
2. Ver Mateus 6:10; Lucas 11:2; 3 Néfi 13:10; Éter 12:29; Doutrina e Convênios 109:44; Moisés 4:2.
3. Ver Doutrina e Convênios 130:22.
4. Doutrina e Convênios 121:15.
5. Doutrina e Convênios 121:24–25.
6. Lucas 1:38.
7. Mateus 25:34.
8. Mateus 25:35–40.
9. Morôni 10:34.



Presidente Boyd K. Packer

Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos

A Expição

Aonde quer que nossos membros ou missionários possam ir, nossa mensagem é de fé e esperança no Salvador Jesus Cristo.

Minha mensagem é direcionada àqueles que entre nós estão sofrendo, sobrecarregados com culpa, fraqueza, fracasso, tristeza e desespero.

Em 1971, fui designado a participar de conferências de estaca na Samoa Ocidental, incluindo a organização de uma nova estaca na Ilha Upolu. Depois das entrevistas, alugamos um pequeno avião para as Ilhas Savai'i, a fim de realizar uma conferência de estaca ali. O avião aterrissou em um campo gramado em Faala e deveria retornar na tarde seguinte para nos levar de volta à Ilha Upolu.

No dia em que deveríamos voltar de Savai'i, estava chovendo. Sabendo que o avião não conseguiria pousar no campo molhado, fomos de carro até a extremidade ocidental da ilha, onde havia uma espécie de pista em cima de uma barreira de corais. Esperamos até escurecer, mas não chegou nenhum avião. Por fim, ficamos sabendo pelo rádio que houve uma tempestade e o avião não pôde decolar. Enviamos uma mensagem de volta pelo rádio dizendo que retornaríamos de barco. Alguém iria encontrar-se conosco em Mulifanua.

Ao partir do porto de Savai'i, o capitão do barco de 12 metros perguntou ao presidente da missão se

ele tinha uma lanterna. Felizmente, ele tinha e a presenteou ao capitão. Fizemos a travessia de 21 quilômetros até a Ilha Upolu em meio a mares bem revoltos. Nenhum de nós se dera conta de que uma forte tempestade tropical havia atingido a ilha, e que estávamos indo bem na direção dela.

Chegamos ao porto de Mulifanua. Havia uma estreita passagem que teríamos de passar em meio aos recifes. Uma luz posicionada na montanha que ficava acima da praia e uma segunda luz inferior marcavam a passagem estreita. Quando o barco era manobrado de modo que as duas luzes se alinhavam uma acima da outra, isso fazia com que a embarcação se colocasse no rumo certo para passar por entre as rochas perigosas que ladeavam a passagem.

Mas naquela noite havia uma única luz. Dois élderes estavam esperando em terra para nos receber, mas a travessia levava bem mais tempo do que de costume. Depois de esperarem por horas pelos sinais de nosso barco, os élderes ficaram cansados e caíram no sono, deixando de acender a segunda luz, a de baixo. Consequentemente, a passagem em meio aos recifes não estava clara.

O capitão manobrou o barco da melhor maneira que pôde em direção



à luz superior, enquanto um tripulante apontava a lanterna emprestada por sobre a murada do barco, procurando rochas à frente. Podíamos ouvir as ondas quebrando sobre os recifes. Quando chegávamos perto o suficiente para vê-los com a luz da lanterna, o capitão gritava freneticamente para que recuássemos, então tentávamos localizar novamente a passagem.

Depois de muitas tentativas, ele viu que seria impossível encontrar a passagem. Tudo o que podíamos fazer era tentar alcançar o porto que ficava em Ápia, a 64 quilômetros dali. Estávamos indefesos contra a força bruta dos elementos. Não me lembro de ter estado num lugar que estivesse tão escuro como aquele.

Não fizemos nenhum progresso na primeira hora, embora o motor estivesse funcionando a todo vapor. O barco avançava com dificuldade até o alto de uma onda gigantesca e depois se detinha, exausto, na sua crista, com as hélices fora da água. A vibração das hélices sacudia o barco até quase parti-lo em pedaços, antes que ele descesse pelo outro lado.

Estávamos deitados de bruços sobre a tampa do reservatório de

carga, agarrando-nos com as mãos de um lado e com os pés do outro, para não ser varridos pelas ondas para fora do barco. O irmão Mark Littleford se soltou e foi jogado contra a mureta de metal. Sofreu um corte na cabeça, mas a mureta impediu que fosse jogado no mar.

Por fim, movemo-nos à frente e, quase ao raiar do dia, chegamos finalmente ao porto de Ápia. Os barcos estavam todos amarrados uns aos outros, por segurança. Havia muitos deles no ancoradouro. Engatinhamos por entre eles, tentando não perturbar os que dormiam no cais. Fomos até Pesega, secamos nossas roupas e rumamos para Vailuutai para organizar a nova estaca.

Não sei quem estava esperando por nós na praia em Mulifanua. Recusei-me a deixar que me contassem. Mas é verdade que sem aquela luz de baixo, poderíamos todos ter perdido a vida.

Há em nosso hinário um hino muito antigo, e raramente cantado, que tem um significado muito especial para mim.

*Brilham raios de clemência
Do farol do eterno Deus*

*Cumpra a nós, com nossas luzes,
Ajudar os filhos Seus.
Projetemos nossas luzes,
Através do escuro mar
Ao errante marinheiro
Podemos resgatar.*

*Noite escura do pecado
Traz seu negro e denso horror
Ansiosos, muitos buscam
Um farol orientador.*

*Nossas luzes acendamos
Para aos naufragos mostrar
Um caminho mais seguro
Para o doce e eterno lar.¹*

Dirijo-me hoje aos que talvez estejam perdidos e buscam aquela luz de baixo para guiá-los de volta.

Era sabido, desde o princípio, que na mortalidade não conseguiríamos ser perfeitos. Não era esperado que vivêssemos sem transgredir uma ou outra lei.

“Porque o homem natural é inimigo de Deus e tem-no sido desde a queda de Adão e sê-lo-á para sempre; a não ser que ceda ao influxo do Santo Espírito e despoje-se do homem natural e torne-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor”.²

Na Pérola de Grande Valor, aprendemos que “nenhuma coisa impura pode [habitar no reino de Deus]”,³ por isso um meio foi providenciado para que todos os que pecarem se arrependam e se tornem dignos de voltar à presença de nosso Pai Celestial.

Um Mediador, um Redentor, foi escolhido, alguém que viveria uma vida perfeita, não cometeria pecado e Se ofereceria “em sacrifício pelo pecado, cumprindo, assim, todos os requisitos da lei para todos os quebrantados de coração e contritos de espírito; e para ninguém mais podem todos os requisitos da lei ser cumpridos”.⁴

No tocante à importância da Expição, em Alma aprendemos: “Pois é necessário que haja uma expiação; (...) do contrário, toda a humanidade inevitavelmente perecerá”.⁵

Se não cometermos nenhum erro, não precisamos da Expição. Se cometermos erros, e todos cometemos, sejam pequenos ou graves, então temos imensa necessidade de descobrir como eles podem ser apagados para que não permaneçamos nas trevas.

“[Jesus Cristo] é a luz e a vida do mundo.”⁶ Se fixarmos a vista firmemente em Seus ensinamentos, seremos guiados para o porto da segurança espiritual.

A terceira regra de fé declara: “Cremos que, por meio da Expição de Cristo, toda a humanidade pode ser salva por obediência às leis e ordenanças do Evangelho”.⁷

O Presidente Joseph F. Smith ensinou: “Os homens não podem perdoar seus próprios pecados; não podem limpar-se das consequências de seus pecados. Os homens podem parar de pecar e fazer o certo no futuro, de modo que seus atos sejam aceitáveis perante o Senhor e dignos de consideração. Mas quem irá reparar os erros que fizeram a si mesmos e a outros, que parecem ser impossíveis de serem consertados por conta própria? Por meio da Expição de Jesus Cristo, os pecados da pessoa que se arrependeu serão lavados; embora sejam vermelhos como carmesim, ficarão brancos como a neve [ver Isaías 1:18]. Essa é a



promessa que nos foi feita”.⁸

Não sabemos exatamente como o Senhor realizou a Expição. Mas sabemos que a tortura cruel da crucificação foi apenas parte da horrível dor que começou no Getsêmani — aquele local sagrado de sofrimento — e foi concluída no Gólgota.

Lucas relatou:

“E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava,

Dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua.

E apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia.

E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão”.⁹

Pelo que sei, há apenas um relato nas próprias palavras do Salvador que descreve o que Ele suportou no Jardim do Getsêmani. A revelação relata:

“Pois eis que eu, Deus, sofri essas coisas por todos, para que não precisem sofrer caso se arrependam;

Mas se não se arrependem, terão que sofrer assim como eu sofri;

Sofrimento que fez com que eu, Deus, o mais grandioso de todos, tremesse de dor e sangrasse por todos os poros”.¹⁰

Ao longo de sua vida, há ocasiões em que você foi a lugares que não deveria ter ido e fez coisas que não deveria ter feito. Se abandonar seu pecado, poderá um dia conhecer a paz que advém de seguir o caminho do pleno arrependimento.

Não importa quais tenham sido nossas transgressões, não importa o quanto nossas ações tenham magoado outros, essa culpa pode ser inteiramente apagada. Para mim, talvez a mais bela frase de todas as escrituras seja quando o Senhor disse: “Eis que aquele que se arrependeu de seus pecados é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro”.¹¹

Esta é a promessa do evangelho de Jesus Cristo e da Expição: tomar qualquer um que vier, qualquer um que se filiar e fazê-lo passar por uma experiência pessoal de modo que no final de sua vida, ele possa passar pelo véu, tendo se arrependido de seus pecados e tendo sido lavado e purificado pelo sangue de Cristo.¹²

É isso que os santos dos últimos dias fazem no mundo inteiro. Essa é a Luz que oferecemos aos que estão nas trevas e que perderam o rumo. Aonde quer que nossos membros ou missionários possam ir, nossa mensagem é de fé e esperança no Salvador Jesus Cristo.

O Presidente Joseph Fielding Smith escreveu a letra do hino “Parece Longa a Jornada?” Ele era um bom amigo meu. O hino contém um incentivo e uma promessa aos que procuram seguir os ensinamentos do Salvador:

*Parece longa a jornada?
É o caminho acidentado e íngreme?
Há sarças e espinhos pelo caminho?
Há pedras afiadas que lhe cortam
os pés
Ao esforçar-se para erguer-se
Às alturas no calor do dia?*

*Está seu coração cansado e triste,
Está sua alma exausta
Ao trabalhar sob o fardo das
preocupações?
Parece pesado o fardo
Que você é obrigado a erguer agora?
Não há ninguém para compartilhar
sua carga?*

*Que não lhe desfaleça o coração
A jornada começou
Há Um que ainda o convida.
Portanto, olhe para cima, com alegria
E pegue na mão Dele;
Ele vai guiá-lo a alturas que são
novas,*

*A uma terra santa e pura,
Onde todos os problemas chegam
ao fim,
E sua vida será livre de todo pecado,
Onde não serão derramadas
lágrimas,
Porque ali não restam tristezas.
Pegue Sua mão e entre com Ele.¹³*

Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. “Brilham Raios de Clemência”, *Hinos*, nº 202.
2. Mosias 3:19.
3. Moisés 6:57.
4. 2 Néfi 2:7.
5. Alma 34:9.
6. Mosias 16:9.
7. Regras de Fé 1:3.
8. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith*, 1998, pp. 99–100.
9. Lucas 22:41–44.
10. Doutrina e Convênios 19:16–18.
11. Doutrina e Convênios 58:42.
12. Ver Apocalipse 1:5.
13. “Does the Journey Seem Long?” [A Jornada Parece Longa?] *Hymns*, nº 127.



Linda K. Burton

Presidente Geral da Sociedade de Socorro

Primeiro Observar, Depois Servir

Com a prática, cada um de nós pode tornar-se mais semelhante ao Salvador, ao servir aos filhos de Deus.

Uma das maiores evidências que temos de que nosso amado profeta, o Presidente Thomas S. Monson, é o servo escolhido do Senhor é que ele aprendeu a seguir o exemplo do Salvador, servindo individualmente, um por um. Nós que entramos nas águas do batismo fizemos o convênio de fazer o mesmo. Fizemos o convênio de “sempre nos lembrar [do Salvador] e guardar [seus] mandamentos”,¹ e Ele disse: “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”.²

Observem como as seguintes palavras do Presidente Monson incluem o mesmo convite: “Estamos cercados por pessoas que necessitam de nossa atenção, de nosso incentivo, de nosso apoio, de nosso consolo e de nossa bondade. (...) Somos as mãos do Senhor aqui na Terra, com o encargo de servir e edificar Seus filhos. Ele precisa de cada um de nós”.³

Vocês ouviram o convite de amarmos uns aos outros? Para alguns, a tarefa de servir ou ministrar um por um, seguindo o exemplo do Salvador, não é assim tão fácil. Mas, com a prática, cada um de nós pode tornar-se

mais semelhante ao Salvador, ao servir aos filhos de Deus. Para ajudar-nos a amar melhor uns aos outros, gostaria de sugerir quatro palavras a ser lembradas: “Primeiro observar, depois servir”.

Há quase 40 anos, meu marido e eu fomos ao templo para nossa noite de sexta-feira. Estávamos casados havia pouco tempo, e eu estava nervosa porque aquela era apenas a minha segunda vez como recém-casada. Uma irmã, sentada ao meu lado, deve ter notado isso. Ela se inclinou para mim e sussurrou reverentemente: “Não se preocupe. Vou ajudá-la”. Meus temores se dissiparam e pude desfrutar o restante da sessão do templo. Ela primeiro observou, depois serviu.

Somos todos convidados a seguir os ensinamentos de Jesus e ministrar às pessoas. Esse convite não se restringe a irmãs angelicais. À medida que eu compartilhar alguns exemplos cotidianos de membros que aprenderam a primeiro observar e depois a servir, procurem ver os ensinamentos de Jesus que eles ilustram.

Uma criança de seis anos da Primária disse: “Quando fui escolhido como ajudante da classe, eu podia escolher



um amigo para trabalhar comigo. Escolhi [um menino da minha classe que me tratava mal] porque ele nunca era escolhido pelos outros. Queria que ele se sentisse bem”.⁴

O que esse menino observou? Ele percebeu que o menino rude da classe nunca era escolhido. O que fez para servir? Simplesmente o escolheu para ser seu amigo como ajudante da classe. Jesus ensinou: “Amai a vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam”.⁵

Em certa ala, os portadores do Sacerdócio Aarônico primeiro observaram e agora servem de modo significativo. Todas as semanas, os rapazes chegam cedo e ficam do lado de fora da capela, faça chuva, neve ou calor abrasador, esperando a chegada dos muitos membros idosos de sua ala. Eles tiram dos carros cadeiras de roda e andadores, oferecem um braço forte para apoio e acompanham pacientemente os idosos grisalhos para dentro do prédio. Estão realmente cumprindo seu dever para com Deus. Ao observar e depois servir, eles são um exemplo vivo deste ensinamento do Salvador: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”.⁶

À medida que o novo currículo dos jovens for implementado, os olhos daqueles rapazes, sem dúvida, se abrirão mais ainda para oportunidades de servir como Cristo faria.

O empenho de observar e servir, às vezes, exige grande esforço. Uma moça inspirada chamada Alexandria notou que sua prima Madison não conseguia completar os próprios requisitos do Progresso Pessoal porque sofria de autismo severo. Alexandria reuniu as moças de sua ala, aconselhou-se com suas líderes e decidiu fazer algo por Maddy, que ela não conseguiria fazer por si mesma. Cada uma das moças completou parte das atividades e dos projetos do Progresso Pessoal em lugar da Maddy, para que ela recebesse seu próprio medalhão.⁷

Aquelas moças vão progredir bastante em seu papel de mãe e de irmãs da Sociedade de Socorro, porque estão aprendendo a primeiro observar e depois servir de modo caridoso.

O Presidente Monson lembrou-nos de que “a caridade, esse puro amor de Cristo”⁸ — ou em outras palavras, observar e servir — “se evidencia quando uma viúva idosa é lembrada e levada aos programas da unidade”

e “quando a irmã que se senta sozinha na Sociedade de Socorro recebe o convite: ‘Venha, sente-se conosco’”.⁹ A regra de ouro se aplica aqui: “Portanto tudo o que vós quereis que os homens [ou mulheres] vos façam, fazei-o também a eles”.¹⁰

Um marido observador serviu de duas maneiras importantes. Ele conta:

“Eu ajudava minha esposa, certo domingo, com sua classe da Primária cheia de agitadas crianças de sete anos de idade. Quando começou o tempo de compartilhar na Primária, vi que uma das alunas estava encolhida em sua cadeira. Não parecia estar passando bem. O Espírito sussurrou a mim que ela precisava de consolo, então me sentei ao lado dela e perguntei o que havia de errado. Ela não respondeu, (...) então comecei a cantar baixinho.

A Primária estava aprendendo um hino novo, e quando cantamos ‘Se eu escutar com o coração, eu ouço o Salvador’, comecei a sentir uma luz e um calor incríveis encherem minha alma. (...) recebi um testemunho pessoal do amor de nosso Salvador a ela, e a mim. (...) Aprendi que somos as mãos Dele quando servimos ao próximo um a um”.¹¹

Aquele irmão, que é semelhante a Cristo, não apenas percebeu a necessidade de ajudar a mulher com uma classe cheia de agitadas crianças de sete anos, mas também prestou serviço individual a uma criança necessitada. Ele seguiu o Salvador, que ensinou: “As obras que me vistes fazer, essas também fareis”.¹²

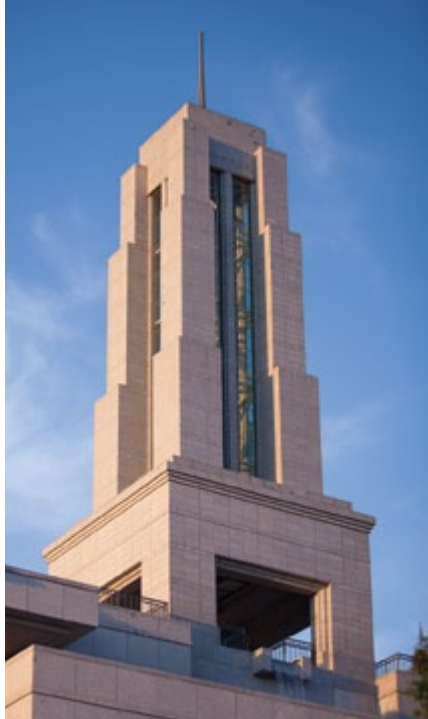
Recentemente, uma inundação ofereceu muitas oportunidades para que os discípulos de Jesus Cristo primeiro observassem e depois servissem. Homens, mulheres, adolescentes e crianças viram casas e lojas ser destruídas e largaram tudo para ajudar a limpar e a consertar os prédios danificados. Alguns observaram a necessidade de ajudar na imensa tarefa de lavar as roupas. Outros limpavam meticolosamente fotografias, documentos legais, cartas e outros papéis importantes, e depois os penduraram cuidadosamente para secar, a fim de preservar o que pudessem. A tarefa de observar e depois servir nem sempre é conveniente e nem sempre se encaixa em nossa própria programação.

Que melhor lugar para primeiro observar e depois servir do que no lar! Um exemplo da vida do Élder Richard G. Scott ilustra isso:

“Certa noite, nosso filhinho Richard, que tinha um problema cardíaco, acordou chorando. (...) Normalmente, minha esposa era quem sempre se levantava para cuidar do bebê que chorava, mas daquela vez eu disse: ‘Eu vou cuidar dele’.

Por causa de seu problema, quando ele começava a chorar, seu coração batia muito rapidamente. Ele vomitava e sujava toda a roupa de cama. Naquela noite, eu o segurei bem perto de mim para tentar acalmar-lhe o coração acelerado e fazê-lo parar de chorar, enquanto trocava sua roupa e o lençol. Segurei-o até ele adormecer. Não sabia então que, apenas alguns meses mais tarde, ele viria a falecer. Sempre me lembrarei de quando o segurei em meus braços no meio da noite”.¹³

Jesus disse: “Todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal”.¹⁴



Às vezes, somos tentados a servir da maneira que queremos e não necessariamente da maneira que é necessária no momento. Quando o Élder Robert D. Hales ensinou o princípio do viver previdente, ele contou o exemplo de quando comprou um presente para sua esposa, e ela perguntou: “Você está comprando isso para mim ou para você?”¹⁵ Se adaptarmos essa pergunta a nós mesmos quando servimos, perguntando-nos: “Estou fazendo isso pelo Salvador ou por mim mesmo?” Será mais provável que nosso ministério se assemelhe ao do Salvador. O Salvador perguntou e devemos fazer o mesmo: “Que quereis que vos faça?”¹⁶

Há poucas semanas, eu estava apressada e cansada, e com uma lista de muitas coisas para fazer. Esperava ir ao templo naquele dia, mas simplesmente estava ocupada demais. Assim que esse pensamento de estar ocupada demais para servir no templo me passou pela mente, despertei para o que eu precisava fazer mais que tudo. Saí do meu escritório e caminhei até o Templo de Salt Lake, perguntando-me quando conseguiria recuperar o tempo que estava perdendo. Felizmente, o Senhor é paciente e misericordioso, e me ensinou uma bela lição naquele dia.

Quando me sentei na sala de sessões, uma jovem irmã se inclinou

para mim e reverentemente sussurrou: “Estou muito nervosa. Esta é apenas minha segunda vez no templo. Poderia me ajudar, por favor?” Como ela poderia saber que aquelas eram exatamente as palavras que eu precisava ouvir? Ela não sabia, mas o Pai Celestial, sim. Ele tinha observado minha maior necessidade. Eu precisava servir. Ele inspirou aquela humilde e jovem irmã a me servir convidando-me a lhe prestar serviço. Asseguro-lhes que fui eu quem mais me beneficiei.

Reconheço com profunda gratidão as muitas pessoas semelhantes a Cristo que prestaram serviço a nossa família ao longo dos anos e expresso especial gratidão a meu amado marido e a minha família que servem abnegadamente com grande amor e sem ostentação.

Que todos busquemos primeiro observar, depois servir. Ao fazermos isso, estaremos guardando nossos convênios, e nosso serviço, tal como o do Presidente Monson, será a evidência de nosso discipulado. Sei que o Salvador vive. Sua Expição nos permite viver Seus ensinamentos. Sei que o Presidente Monson é nosso profeta hoje. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Doutrina e Convênios 20:77.
2. João 15:12.
3. Thomas S. Monson, “O Que Fiz Hoje por Alguém?” *A Liahona*, novembro de 2009, p. 84.
4. Canyon H., “A Good Choice”, *Friend*, janeiro de 2012, p. 31.
5. Mateus 5:44.
6. Mateus 25:40.
7. Ver “For Madison”, LDS.org/youth/video/for-madison.
8. Morôni 7:47.
9. Thomas S. Monson, “A Caridade Nunca Falha”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 122; ver também *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*, 2011, p. 109.
10. 3 Néfi 14:12.
11. Al VanLeeuwen, “Servir Um a Um”, *A Liahona*, agosto de 2012, p. 19; ver também Sally DeFord, “Se Eu Escutar com o Coração”, *Esboço para o Tempo de Compartilhar*, 2011, p. 28.
12. 3 Néfi 27:21.
13. Richard G. Scott, “As Bênçãos Eternas do Casamento”, *A Liahona*, maio de 2011, p. 94.
14. Mateus 20:26.
15. Robert D. Hales, “Tornar-se Provedores Prudentes Temporal e Espiritualmente”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 7.
16. Mateus 20:32.



Élder Walter F. González
Da Presidência dos Setenta

Aprender com o Coração

Um meio de chegar-nos a Cristo é procurar aprender verdades essenciais com o coração.

“Ordenei que viésseis a mim para que vísseis e sentísseis.”¹ Esse foi o mandamento que o Salvador deu aos habitantes da América antiga. Eles sentiram com as mãos e viram com os próprios olhos que Jesus era o Cristo. Esse mandamento que receberam é tão importante para nós hoje como foi para eles em sua época. Ao chegar-nos a Cristo poderemos sentir e ver “com toda a certeza”² — não com as mãos e com os olhos — mas com todo o coração e com toda a mente que Jesus é o Cristo.

Um meio de chegar-nos a Cristo é procurar aprender verdades essenciais com o coração. Ao fazer isso, recebemos impressões de Deus que nos dão um conhecimento que não podemos adquirir de nenhum outro modo. O Apóstolo Pedro sabia, com certeza, que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo. O Salvador explicou que a fonte do conhecimento de Pedro não era a “carne e o sangue, mas [o] Pai, que está nos céus”.³

O Profeta Abinádi explicou o papel dos sentimentos que vêm de Deus a nosso coração. Ele ensinou que não podemos entender as escrituras

completamente a menos que usemos nosso coração para aprender.⁴

Essa verdade foi bem especificada no livro infantil *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Nele, o pequeno príncipe faz amizade com uma raposa. Ao partir, a raposa compartilha um segredo com o pequeno príncipe. Ela disse: “Eis o meu segredo (...) só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos”.⁵

O irmão Thomas Coelho, aos 88 anos, é um bom exemplo de alguém que viu com o coração as coisas essenciais. Ele era um membro fiel de nosso sumo conselho, em Paysandú, Uruguai. Antes de se tornar membro da Igreja, ele teve um acidente ao andar de motocicleta. Enquanto estava caído no chão, sem conseguir se levantar, dois de nossos missionários o ajudaram a se levantar e a voltar para casa. O irmão Coelho disse que sentiu algo especial quando os missionários foram socorrê-lo. Mais tarde, ele teve novamente um sentimento muito forte quando os missionários o ensinaram. O impacto desses sentimentos foi tão grande que ele leu o Livro de Mórmon de capa a capa em apenas

poucos dias. Ele foi batizado e serviu incansavelmente a partir daquele dia. Lembro-me de vê-lo em sua motocicleta, andando para cima e para baixo, nas ruas de nossa cidade, mesmo no inverno frio e chuvoso, para levar pessoas à igreja, para que sentissem, vissem e soubessem com a mesma certeza que ele tinha.

Estamos hoje cercados de tanta informação que podemos achar que ao navegar por milhões de páginas da Internet teremos tudo o que precisamos saber. Podemos encontrar informações boas e ruins na Internet, mas a informação por si só não é o suficiente. Deus nos deu outra fonte de maior conhecimento,⁶ sim, um conhecimento enviado do céu. Nosso Pai Celestial pode dar-nos esse conhecimento quando navegamos pela rede celestial em nossa mente e em nosso coração. O Profeta Joseph Smith disse que tinha “o livro mais antigo de todos no coração, sim, o dom do Espírito Santo”.⁷

Acessamos essa fonte celestial quando fazemos coisas como ler as escrituras, dar ouvidos ao profeta vivo e orar. É importante também que estejamos quietos,⁸ sintamos e sigamos a inspiração celestial. Quando fizermos isso, vamos “sentir e ver” coisas que não podem ser aprendidas com a tecnologia moderna. Depois de adquirir alguma experiência em navegar por essa rede celeste, discerniremos a verdade, mesmo ao ler a história secular ou outros tópicos. Os que sinceramente buscam a verdade conhecerão a verdade de todas as coisas pelo poder do Espírito Santo.⁹

Agora, uma palavra de cautela: o acesso a essa rede celestial é prejudicado pela iniquidade ou quando se esquece do Senhor. Néfi disse a seus irmãos que eles não podiam perceber as palavras do Senhor porque eram “rápidos em cometer iniquidades [e] vagarosos em lembrar-[se] do Senhor”.¹⁰ A iniquidade prejudica nossa capacidade de ver, sentir e amar as pessoas. Quando somos rápidos em lembrar-nos do Senhor, orando “com toda a energia de [nosso] coração”¹¹ e recordando nossas experiências



Barcelona, Espanha

espirituais, aumentamos nossa capacidade de ver e sentir as coisas de Cristo.

- Lembram-se da paz que sentiram quando, após muita tribulação, clamaram ao Pai em fervorosa oração pedindo ajuda?
- Vocês se lembram de mudar sua lista de tarefas a fazer para seguir uma inspiração recebida no coração?

Os grandes homens do Livro de Mórmon propiciaram o acesso a um conhecimento maior, trazendo à lembrança suas principais experiências espirituais. Alma fortaleceu seus filhos lembrando-os do que aconteceu em sua conversão.¹² Helamã ensinou Néfi e Leí a lembrar — a lembrar de que era sobre a rocha de Cristo que eles teriam de edificar seu alicerce para que o diabo não tivesse poder sobre eles.¹³ Devemos fazer o mesmo. A lembrança de Deus nos ajuda a sentir e viver. Isso dá um significado mais profundo às palavras do rei Benjamim, que disse: “E agora, ó homem, lembra-te e não pereças”.¹⁴

Uma das lembranças mais sagradas que guardo com carinho é o sentimento que tive quando soube que o Livro de Mórmon era a palavra de Deus. Aprendi que podemos sentir uma alegria que não se pode

expressar em palavras. Naquele mesmo dia, de joelhos, senti e soube, com toda a certeza, coisas que não poderia ter aprendido de nenhum outro modo. Essa lembrança é motivo de gratidão eterna e me fortalece nos momentos difíceis.

Aqueles que recebem conhecimento, não da carne nem do sangue, mas de nosso Pai Celestial, saberão com toda a certeza que Jesus é o Cristo e que esta é Sua Igreja. Esse conhecimento nos proporciona a força para fazer as mudanças necessárias para chegar-nos a Cristo. Por essa razão, convidamos cada alma a ser batizada, a arrepender-se e a volver a Ele, hoje.¹⁵

Ao chegar-se a Cristo, cada alma pode ver, sentir e saber com toda a certeza que Cristo sofreu e expiou por nossos pecados, para que possamos ter vida eterna. Se nos arrependermos, não sofreremos desnecessariamente.¹⁶ Graças a Ele, as almas feridas podem ser saradas e os corações quebrantados podem ser curados. Não há fardo que Ele não possa aliviar ou remover. Ele conhece nossas enfermidades e doenças. Prometo e testifico a vocês que, quando todas as portas parecerem fechadas, quando tudo o mais aparentemente falhar, Ele não vai desampará-los. Cristo vai ajudar e mostrar a saída, seja na luta contra um vício, contra a depressão ou qualquer outra coisa. Ele sabe como

socorrer Seu povo.¹⁷ O casamento e a família que estiverem em dificuldades por qualquer motivo — problemas econômicos, má influência da mídia ou dinâmica familiar — vão sentir uma influência tranquilizadora do céu. É reconfortante “sentir e ver” que Ele ressuscitou dos mortos “com cura em Suas asas”,¹⁸ que graças a Ele encontraremos e abraçaremos novamente os entes queridos que faleceram. Sem dúvida, nossa conversão a Ele é recompensada com nossa cura.¹⁹

Sei com toda a certeza que tudo isso é verdade. Por esse motivo, uno a minha voz à dos antigos habitantes da América antiga, exclamando: “Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo!”²⁰ Ele nos dá a salvação. Presto testemunho de que Jesus é o Cristo, o santo Messias. Ele é o Senhor dos Exércitos, nosso Salvador e Redentor. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. 3 Néfi 18:25.
2. 3 Néfi 11:15.
3. Ver Mateus 16:16–17
4. Ver Mosias 12:27
5. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, *O Pequeno Príncipe*, tradução de Dom Marcos Barbosa, Rio de Janeiro: Agir, 2006.
6. Ver Éter 4:13
7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 138.
8. Ver Doutrina e Convênios 101:16.
9. Ver Morôni 10:3–5.
10. 1 Néfi 17:45.
11. Morôni 7:48.
12. Ver Alma 36:5–24; 38:6–9.
13. Ver Helamã 5:12.
14. Mosias 4:30.
15. Ver 3 Néfi 9:13.
16. Ver Doutrina e Convênios 19:16.
17. Ver Alma 7:12.
18. 2 Néfi 25:13; ver também 3 Néfi 25:2.
19. Ver 2 Néfi 16:10; 3 Néfi 9:13.
20. Ver 3 Néfi 11:17.





Élder Jeffrey R. Holland
Do Quórum dos Doze Apóstolos

O Primeiro Grande Mandamento

Temos uma vida de dedicado discipulado para demonstrar nosso amor pelo Senhor.

Quase não há na História um grupo de quem eu sinta mais pena do que os 11 apóstolos remanescentes, imediatamente após a morte do Salvador do mundo. Acho que às vezes nos esquecemos quão inexperientes eles ainda eram e quão totalmente dependentes de Jesus tinham sido. Ele lhes disse: “Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido (...)?”¹

Mas, é claro que para eles, Jesus não tinha ficado com eles o tempo suficiente. Três anos não é muito tempo para se chamar todo um Quórum de Doze Apóstolos dentre uns poucos recém-conversos, eliminar do meio deles os erros dos antigos caminhos, ensinar-lhes as maravilhas do evangelho de Jesus Cristo e deixá-los sozinhos para levar a obra adiante até que eles também fossem mortos. Era um panorama bem assustador para um grupo de élderes recém-ordenados.

Especialmente a parte referente a serem deixados sozinhos. Por várias vezes, Jesus tentou dizer-lhes que Ele *não* ia permanecer fisicamente presente com eles, mas ou não conseguiam ou não queriam

compreender algo tão angustiante. Marcos escreveu:

“Ensinava os seus discípulos, e lhes dizia: O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, e matá-lo-ão; e, morto ele, ressuscitará ao terceiro dia.

Mas eles não entendiam esta palavra, e receavam interrogá-lo”.²

Então, após um período de tempo muito curto para aprenderem e menos ainda para se prepararem, aconteceu o inimaginável, o inacreditável se tornou realidade. Seu Senhor e Mestre, seu Conselheiro e Rei foi crucificado. Seu ministério mortal chegou ao fim e a pequena Igreja em dificuldades que Ele havia estabelecido parecia fadada ao escárnio e à extinção. Seus apóstolos realmente O testemunharam em Seu estado ressuscitado, mas isso apenas os deixou ainda mais aturdi-dos. Sem dúvida, eles devem ter-se perguntado: “O que faremos agora?” Para ter resposta, voltaram-se para Pedro, o apóstolo sênior.

Peço agora que me permitam tomar algumas liberdades que não se acham nas escrituras, ao retratar essa conversa. Em suma, Pedro disse a seus companheiros: “Irmãos, estes

foram três anos gloriosos. Nenhum de nós teria imaginado, há bem poucos meses, todos os milagres que vimos e toda a divindade que desfrutamos. Conversamos, oramos e trabalhamos com o próprio Filho de Deus. Andamos com Ele, choramos com Ele e, na noite daquele terrível desfecho, ninguém chorou mais amargamente do que eu. Mas isso passou. Ele terminou Sua obra e ressuscitou. Operou Sua salvação e a nossa. E então, vocês perguntam: ‘O que faremos agora?’ Não sei mais o que lhes dizer a não ser que voltemos a nossa antiga vida, com regozijo. Pretendo ‘ir pescar’. E ao menos seis dos dez outros apóstolos restantes concordaram, dizendo: “Também nós vamos contigo”. João, que era um deles, escreveu: “Foram, e subiram logo para o barco”.³

Mas infelizmente a pescaria não foi muito boa. Na primeira noite em que voltaram para o mar, não pescaram nada, nem um único peixe. Com o despontar dos primeiros raios de sol, voltaram desapontados para a praia, onde viram à distância uma pessoa que os chamou: “Filhos, tendes alguma coisa de comer?” Melancolicamente, os apóstolos que voltaram a ser pescadores deram a resposta que nenhum pescador quer dar. “Não pescamos nada”, murmuraram, e para piorar as coisas, foram chamados de “filhos”, como se fossem crianças.⁴

“Lançai a rede para o lado direito do barco, e achareis”,⁵ gritou o desconhecido — e aquelas simples palavras fizeram com que comessem a reconhecer quem era Ele. Apenas três anos antes, aqueles mesmos homens estavam pescando naquele mesmo mar. Naquela ocasião, também tinham “trabalhado toda a noite, nada [apanhando]”,⁶ como narram as escrituras. Mas outro galileu na praia havia gritado para que lançassem as redes, e eles “colheram uma grande quantidade de peixes”,⁷ o suficiente para arrebentar suas redes, enchendo dois barcos que ficaram tão pesados a ponto de começarem a afundar.

O mesmo estava acontecendo novamente. Aqueles “filhos”, como foram justamente chamados,

apressadamente lançaram sua rede, e “já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes”.⁸ João disse o óbvio: “É o Senhor”.⁹ E o impetuoso Pedro pulou da borda do barco no mar.

Depois de um alegre reencontro com Jesus ressuscitado, Pedro teve uma conversa com o Salvador, que eu considero o ponto decisivo e crucial do ministério apostólico em geral, e sem dúvida em termos pessoais para Pedro, conduzindo aquele homem firme como uma rocha a uma vida magnífica de serviço e liderança. Olhando para seus pequenos barcos desgastados pelo uso, para suas redes esgarçadas e para uma incrível pilha de 153 peixes, Jesus disse a Seu apóstolo sênior: “Pedro, amas-me mais do que amas tudo isso?” Pedro respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”.¹⁰

O Salvador respondeu, mas continuou a fitar Seu discípulo nos olhos e disse novamente: “Pedro, tu me amas?” Sem dúvida, um pouco confuso pela repetição da pergunta, o grande pescador respondeu pela segunda vez: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”.¹¹

O Salvador novamente deu uma breve resposta, mas com implacável rigor, perguntou pela terceira vez: “Pedro, tu me amas?” A essa altura, Pedro se sentia realmente desconfortável. Talvez houvesse em seu coração a lembrança do que ocorrera poucos dias antes, quando por três vezes lhe fizeram outra pergunta, à qual ele havia respondido de modo igualmente enfático, porém na negativa. Ou talvez ele tivesse começado a se perguntar se havia compreendido mal a pergunta do Mestre dos mestres. Ou talvez estivesse examinando seu coração, em busca da sincera confirmação da resposta que dera tão prontamente, de modo quase automático. Sejam quais tenham sido seus sentimentos, Pedro disse pela terceira vez: “Senhor, (...) tu sabes que eu te amo”.¹²

Ao que Jesus respondeu (e novamente reconheço a liberdade que tomo) talvez dizendo algo assim: “Pedro, então por que você está aqui? Por que voltou a esta mesma praia, junto às mesmas redes, tendo

essa mesma conversa? Não era óbvio naquela época e não é óbvio agora que se eu quiser peixe, posso conseguir peixes? Do que eu realmente preciso, Pedro, são discípulos, e preciso deles para sempre. Preciso de alguém para apascentar minhas ovelhas e para salvar meus cordeiros. Preciso de alguém para pregar meu evangelho e defender minha fé. Preciso de alguém que me ame, de verdade, e que ame o que nosso Pai Celestial me comissionou a fazer. Nossa mensagem não é frágil e a tarefa não é fugaz. Não é desafortunada nem irrealizável, nem será relegada às cinzas da história. É a obra do Deus Todo-Poderoso, e deve mudar o mundo. Portanto, pela segunda e presumivelmente pela última vez, Pedro, estou lhe pedindo que deixe tudo isso, para ensinar e testificar, para trabalhar e servir lealmente até o dia em que eles farão com você exatamente o que fizeram comigo”.

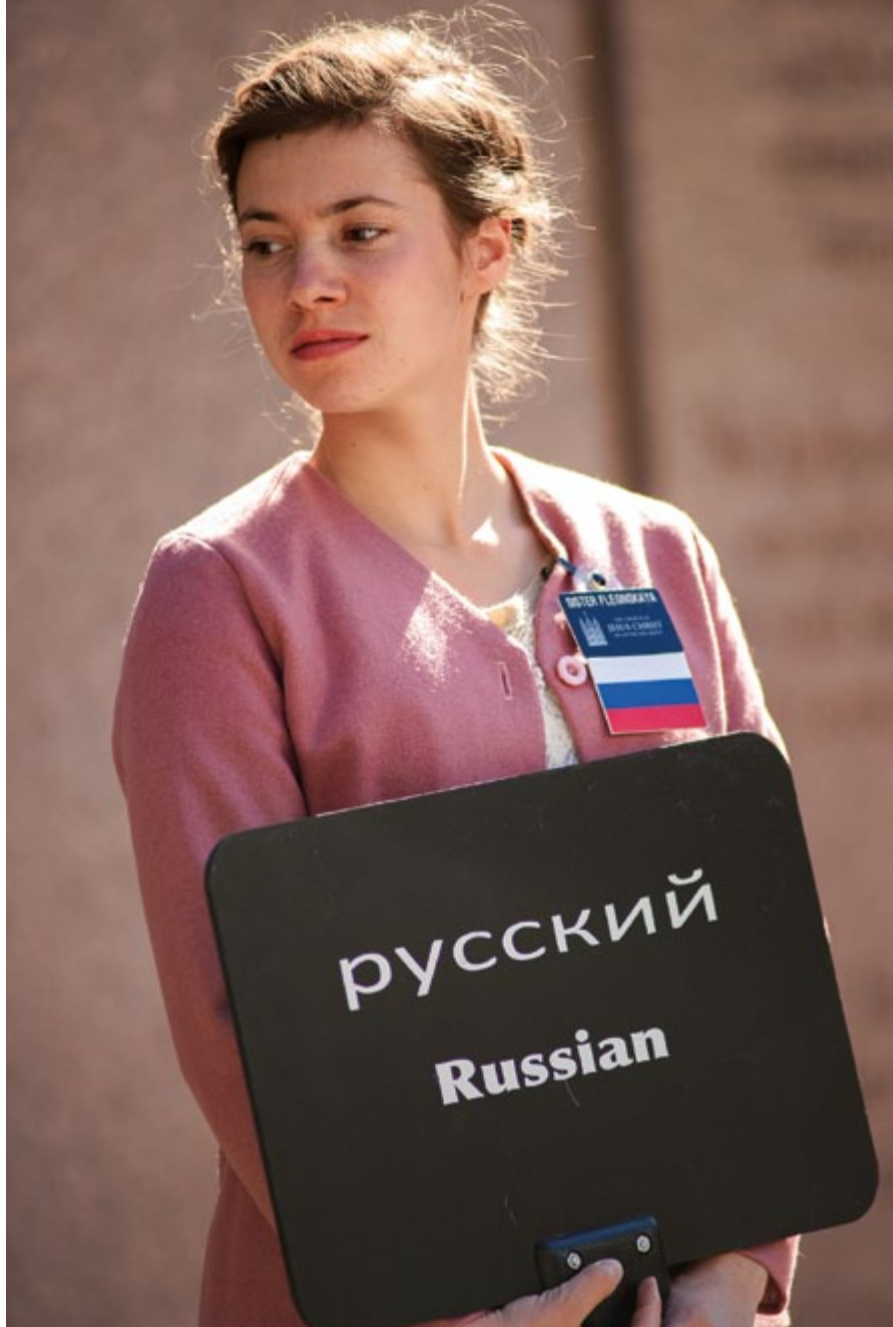
Depois, voltando-se para todos os apóstolos, Ele pode muito bem ter dito algo como: “Será que vocês foram tão tolos quanto os escribas, os fariseus, quanto Herodes e Pilatos? Acharam, tal como eles, que esta obra poderia ser destruída simplesmente

me matando? Acharam, tal como eles, que a cruz e os cravos e a sepultura foram o fim de tudo, e que cada um poderia alegremente voltar a fazer o que fazia antes? Filhos, será que minha vida e meu amor não lhes tocaram o coração mais profundamente do que isso?”

Amados irmãos e irmãs, não sei exatamente como será nossa experiência no Dia do Juízo, mas ficarei muito surpreso se em algum ponto da conversa, Deus não nos fizer exatamente a mesma pergunta que Cristo dirigiu a Pedro: “Você me amou?” Creio que Ele desejará saber se em nossa própria escolha muito humana, muito inadequada e às vezes infantil das coisas, ao menos compreendemos *um* mandamento, o primeiro e grande mandamento de todos: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento”.¹³ E se naquele momento pudermos dizer, gaguejantes: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo”; então talvez Ele nos lembre que a principal característica do amor sempre foi a lealdade.

“Se me amais, guardai os meus mandamentos”,¹⁴ disse Jesus. Portanto,





alguns aperitivos culturais do bufê da Restauração, deixando de lado o resto do banquete, digo que temo que terão pela frente muitas noites longas e redes vazias. O chamado é para que voltemos, permaneçamos fiéis, amemos a Deus e estendamos a mão para ajudar. Incluo nessa conclamação permanente de fidelidade todo ex-missionário que já esteve dentro de uma pia batismal com o braço erguido em ângulo reto, dizendo: “Tendo sido comissionado por Jesus Cristo”.¹⁶ Você foi comissionado para mudar o seu converso para sempre, mas isso devia certamente ter mudado você também para sempre. Para os jovens da Igreja que aguardam a missão, o templo e o casamento, dizemos: “Amem a Deus e permaneçam limpos do sangue e dos pecados desta geração. Vocês têm um trabalho monumental para fazer, salientado pelo maravilhoso anúncio feito ontem de manhã pelo Presidente Thomas S. Monson. “O Pai Celestial espera seu amor e sua lealdade em todas as fases da vida.”

Para todos os que me ouvem, a voz de Cristo ressoa ao longo das eras perguntando a cada um de nós enquanto ainda há tempo: “Tu me amas?” E por todos nós, respondo com minha honra e minha alma: “Sim, Senhor, nós te amamos”. E tendo posto a “mão no arado”,¹⁷ jamais olharemos para trás até que este trabalho esteja terminado e o amor a Deus e ao próximo governe o mundo. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

temos vizinhos para abençoar, filhos para proteger, pobres para erguer e a verdade para defender. Temos coisas erradas para corrigir, verdades para compartilhar e coisas boas para fazer. Em resumo, temos uma vida de dedicado discipulado para demonstrar nosso amor pelo Senhor. Não podemos desistir nem recuar. Depois de um encontro com o Filho vivo do Deus vivo, nada jamais será como foi antes. A Crucificação, a Expição e a Ressurreição de Jesus Cristo assinalam o início da vida cristã, não o seu fim. Foi essa verdade, essa realidade, que permitiu que um punhado de pescadores galileus que voltaram

a ser apóstolos, sem uma só sinagoga ou uma única espada,¹⁵ deixasse suas redes uma segunda vez e partisse para moldar a história do mundo no qual agora vivemos.

Testifico do fundo do coração, com a intensidade de minha alma, a todos os que podem ouvir-me que essas chaves apostólicas foram restauradas na Terra e se encontram em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Para aqueles que ainda não se uniram a nós nesta grande e final causa de Cristo, dizemos: “Por favor, venham”. Para aqueles que já estiveram conosco mas recuaram, preferindo escolher e pegar apenas

NOTAS

1. João 14:9.
2. Marcos 9:31–32.
3. João 21:3.
4. Ver João 21:5.
5. João 21:6.
6. Lucas 5:5.
7. Lucas 5:6.
8. João 21:6.
9. João 21:7.
10. João 21:15.
11. João 21:16.
12. João 21:17.
13. Lucas 10:27; ver também Mateus 22:37–38.
14. João 14:15.
15. Frederick William Farrar, *Life of Christ* [A Vida de Cristo], 1994, p. 656; ver o capítulo 62 para mais informações sobre as delicadas condições daquela recém-fundada Igreja.
16. Doutrina e Convênios 20:73.
17. Lucas 9:62.



Presidente Thomas S. Monson

Pensem nas Bênçãos

Nosso Pai Celestial está ciente de nossas necessidades e Ele vai nos auxiliar se O invocarmos pedindo ajuda.

Meus amados irmãos e irmãs, esta conferência marca os 49 anos desde que fui apoiado, em 4 de outubro de 1963, como membro do Quórum dos Doze Apóstolos. Quarenta e nove anos é um longo tempo. Em muitos aspectos, porém, parece ter sido bem curto o tempo que se passou desde que subi ao púlpito do Tabernáculo e fiz meu primeiro discurso de conferência geral.

Muita coisa mudou desde 4 de outubro de 1963. Vivemos numa época inigualável da história do mundo. Somos abençoados com muitas coisas. No entanto, às vezes é difícil ver os problemas e a permissividade a nosso redor e não nos sentirmos desencorajados. Descobri que, em vez de nos concentrarmos no que é negativo, se olharmos para trás e ponderarmos as bênçãos que temos na vida, inclusive as aparentemente pequenas e muitas vezes despercebidas, poderemos encontrar uma felicidade maior.

Ao analisar os últimos 49 anos, fiz algumas descobertas. Uma delas é a de que inúmeras experiências pessoais que tive não foram necessariamente as que alguém consideraria extraordinárias. Na verdade, na época em que ocorreram, com frequência pareceram de pouca importância ou

até comuns. Mas em retrospectiva, elas enriqueceram e abençoaram vidas — e não menos a minha própria. Eu recomendaria o mesmo exercício a vocês — ou seja, que façam um inventário de sua vida e procurem especificamente as bênçãos, grandes e pequenas, que receberam.

Vi ser constantemente reforçado em minha própria análise dos anos o meu conhecimento de que nossas orações são ouvidas e respondidas. Conhecemos bem a verdade que se encontra em 2 Néfi, no Livro de Mórmon: “Os homens existem para que tenham alegria”.¹ Testifico que muito dessa alegria vem quando reconhecemos que podemos nos comunicar com nosso Pai Celestial por meio de oração, e que essas orações *serão* ouvidas e respondidas — talvez não como e quando esperamos, mas elas serão respondidas por um Pai Celestial que nos conhece e nos ama perfeitamente, e que deseja nossa felicidade. Acaso não nos prometeu: “Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e dará resposta a tuas orações”?²

Nos próximos minutos que tenho, gostaria de compartilhar com vocês uma pequena amostra das experiências pessoais que tive, nas quais orações foram ouvidas e respondidas, e as quais lembro terem proporcionado

bênçãos em minha vida e na vida de outras pessoas. Meu diário, que mantenho ao longo de todos estes anos, ajudou-me a recordar alguns detalhes específicos que, de outra forma, provavelmente eu não poderia relatar.

No início de 1965, fui designado a assistir a conferências de estaca e a realizar outras reuniões na área do sul do Pacífico. Aquela foi minha primeira visita naquela parte do mundo e ficou sendo uma ocasião inesquecível. Muitas coisas de natureza espiritual ocorreram durante aquela designação, ao reunir-me com líderes, membros e missionários.

No fim de semana de 20 e 21 de fevereiro, sábado e domingo, estávamos em Brisbane, Austrália, para realizar as sessões normais de conferência da Estaca Brisbane. Nas reuniões do sábado, fui apresentado ao presidente do distrito de uma área adjacente. Ao apertar sua mão, tive a forte impressão de que precisava conversar com ele e aconselhá-lo, por isso perguntei se ele poderia me acompanhar na sessão da manhã de domingo, no dia seguinte, para que isso pudesse ser feito.

Depois da sessão do domingo, tivemos a oportunidade de nos reunir. Conversamos sobre suas muitas responsabilidades como presidente de distrito. Ao fazê-lo, senti-me inspirado a dar-lhe algumas sugestões específicas a respeito da obra missionária e de como ele e seus membros poderiam ajudar os missionários de tempo integral em seu trabalho em sua área. Mais tarde, fiquei sabendo que aquele homem estivera orando para receber orientação a esse respeito. Para ele, nossa conversa foi um testemunho especial de que suas orações tinham sido ouvidas e respondidas. Aparentemente nada houve de extraordinário naquela entrevista, mas estou convencido de que ela foi guiada pelo Espírito e fez uma diferença na vida e no trabalho daquele presidente de distrito, na vida de seus membros e no sucesso dos missionários ali.

Meus irmãos e irmãs, os propósitos do Senhor com frequência são cumpridos quando damos ouvidos



à orientação do Espírito. Creio que quanto mais colocarmos em prática a inspiração e as impressões que recebemos, mais o Senhor nos confiará coisas para fazer em Seu nome.

Aprendi, como mencionei em mensagens anteriores, a jamais adiar a resposta a uma inspiração. Em certa

ocasião, há muitos anos, eu estava nadando no velho Ginásio Deseret, em Salt Lake City, quando senti a inspiração de ir ao Hospital Universitário visitar um bom amigo meu que havia perdido a capacidade de usar as pernas devido a um câncer e à cirurgia subsequente. Saí imediatamente

da piscina, vesti-me e logo me pus a caminho para ver aquele bom homem.

Quando cheguei a seu quarto, vi que não havia ninguém ali. Ao perguntar, fiquei sabendo que provavelmente o encontraria na piscina do hospital, que era usada para fisioterapia. E realmente o encontrei ali. Ele tinha ido até lá em sua cadeira de rodas e era a única pessoa no local. Estava do outro lado da piscina, perto da parte funda. Eu o chamei, e ele manobrou sua cadeira de rodas para vir me cumprimentar. Tivemos uma conversa agradável, e eu o acompanhei de volta até seu quarto de hospital e lhe dei uma bênção.

Mais tarde, fiquei sabendo pelo meu amigo que ele estava extremamente desanimado naquele dia e pensara em tirar a própria vida. Tinha orado pedindo alívio, mas começara a sentir que suas orações não eram respondidas. Foi até a piscina com a intenção de acabar com seu sofrimento — jogando-se com sua cadeira de rodas na parte funda da piscina. Eu cheguei em um momento crítico, em resposta ao que sei ter sido uma inspiração do alto.

Meu amigo ainda viveu muitos anos — anos repletos de felicidade e de gratidão. Como fico feliz por ter sido um instrumento nas mãos do Senhor naquele dia crítico à beira da piscina!

Em outra ocasião, quando minha mulher e eu voltávamos para casa de carro, depois de ter visitado uns amigos, tive a impressão de que deveríamos passar pela cidade — um desvio de muitos quilômetros — para visitar uma viúva idosa que já morava em nossa ala. O nome dela era Zella Thomas. Na época, ela morava em um asilo para idosos. No início daquela tarde, nós a encontramos muito debilitada, porém deitada serenamente em seu leito.

Havia muito que Zella estava cega, mas ela reconheceu imediatamente nossa voz. Perguntou se eu poderia dar-lhe uma bênção, acrescentando que estava preparada para morrer, caso o Senhor a quisesse de volta ao

lar. Havia um doce e sereno espírito naquele quarto, e todos sentimos que o tempo que lhe restava na mortalidade seria breve. Zella pegou em minha mão e disse que havia orado fervorosamente para que eu fosse vê-la e para que lhe desse uma bênção. Eu lhe disse que tinha ido vê-la por causa de uma inspiração direta de nosso Pai Celestial. Beijei-a na testa, sabendo que talvez não a veria de novo na mortalidade. E foi o que aconteceu, porque ela faleceu no dia seguinte. O fato de eu ter podido prover algum consolo e alguma paz para nossa querida Zella foi uma bênção para ela e para mim.

A oportunidade de ser uma bênção na vida de outra pessoa, em geral, chega de modo inesperado. Numa noite extremamente fria de sábado, no inverno de 1983–1984, minha mulher e eu percorremos vários quilômetros de carro até o vale das montanhas de Midway, Utah, onde temos uma casa. A temperatura naquela noite chegara a menos 31 graus centígrados, e queríamos ter certeza de que tudo estava bem em nossa casa ali. Verificamos e descobrimos que tudo estava bem, por isso partimos de volta para Salt Lake City. Mal tínhamos percorrido alguns quilômetros até a rodovia, quando nosso carro parou de funcionar. Estávamos completamente encahalados. Raramente ou nunca passamos tanto frio quanto naquela noite.

Relutantemente, começamos a caminhar até a cidade mais próxima, com os carros passando a toda velocidade por nós. Por fim, um carro parou, e um rapaz se ofereceu para nos ajudar. Acabamos descobrindo que o diesel de nosso tanque havia congelado com o frio, impossibilitando-nos de dirigir o carro. Aquele bondoso rapaz nos levou de volta a nossa casa em Midway. Tentei reembolsá-lo pelo serviço prestado, mas ele delicadamente se recusou a receber o dinheiro. Disse que era escoteiro e queria fazer uma boa ação. Eu disse para ele quem eu era, e ele expressou sua gratidão pelo privilégio de ter podido ajudar.

Presumindo que estivesse na idade de ser missionário, perguntei se tinha planos de servir uma missão. Ele disse que não tinha certeza do que queria fazer.

Na segunda-feira seguinte, escrevi uma carta àquele rapaz e agradeci a ele por sua bondade. Na carta, eu o incentivei a servir uma missão de tempo integral. Anexei um exemplar de um de meus livros e sublinhei os capítulos sobre o serviço missionário.

Mais ou menos uma semana depois, a mãe do rapaz me telefonou e me informou que seu filho era um rapaz extraordinário, mas que devido a certas influências em sua vida, o desejo que sempre tivera de servir uma missão havia diminuído. Ela disse que ela e o pai dele haviam jejuado e orado para que seu coração mudasse. Colocaram o nome dele na lista de orações do Templo de Provo. Esperavam que, de alguma forma, de algum modo, seu coração fosse tocado para o bem, e que ele voltasse a ter o desejo de cumprir uma missão e servir ao Senhor fielmente. A mãe queria que eu soubesse que ela considerava os acontecimentos daquela noite fria como uma resposta a suas orações em favor dele. Eu disse: “Concordo com você”.

Após vários meses e outras comunicações com aquele rapaz, minha mulher e eu ficamos muito contentes em participar de sua despedida missionária antes de ele partir para a Missão Canadá Vancouver.

Será que foi por acaso que nossos caminhos se cruzaram naquela fria noite de dezembro? Não creio nisso nem por um momento sequer. Em vez disso, creio que nosso encontro foi a resposta à oração sincera de uma mãe e de um pai em favor do filho que eles amavam.

Repito, meus irmãos e irmãs, que nosso Pai Celestial está ciente de nossas necessidades e Ele vai nos auxiliar se O invocarmos pedindo ajuda. Não creio que nenhuma preocupação que tenhamos seja demasiadamente pequena ou insignificante. O Senhor conhece os detalhes de nossa vida.

Gostaria de concluir relatando um fato recente que afetou centenas de pessoas. Foi na celebração cultural do Templo de Kansas City, há apenas cinco meses. Como muitas coisas que ocorrem em nossa vida, na época pareceu apenas outro acontecimento em que tudo deu certo. No entanto, ao ficar sabendo das circunstâncias associadas à celebração cultural da véspera da dedicação do templo, percebi que a apresentação daquela noite não havia sido comum. Pelo contrário, tinha sido extraordinária.

Como em todos os eventos culturais realizados em conjunto com a dedicação de um templo, os jovens do Distrito do Templo de Kansas City Missouri tinham ensaiado para a apresentação em grupos separados, em suas próprias áreas. O plano era que se reunissem todos, no grande centro municipal alugado, na manhã do sábado da apresentação para que pudessem saber quando e onde deviam entrar, onde deviam se sentar, quanto espaço haveria entre cada um deles e a pessoa ao lado, como sair do piso principal, etc. — muitos detalhes que teriam de aprender rapidamente naquele dia, à medida que os encarregados juntavam as várias cenas para que a apresentação final ficasse refinada e profissional.

Havia apenas um problema importante naquele dia. Toda a produção dependia de segmentos pré-filmados que seriam mostrados no telão conhecido como Jumbotron. Esses segmentos filmados eram essenciais para toda a produção. Não apenas uniam tudo, mas cada segmento televisionado introduzia a apresentação seguinte. Os segmentos de vídeo proporcionariam a estrutura da qual dependia toda a produção. Mas o Jumbotron não estava funcionando.

Os técnicos trabalharam freneticamente para resolver o problema, enquanto os jovens, centenas deles, esperavam, perdendo um tempo precioso de ensaio. A situação começou a parecer insolúvel.

A roteirista e diretora da celebração, Susan Cooper, explicou depois: “Ao passarmos do plano A para o



esquecerão, não porque o piso fosse duro, mas porque o Espírito lhes derreteu os ossos”.⁴

Pouco depois, um dos técnicos foi dizer-lhes que o problema havia sido descoberto e corrigido. Ele atribuiu a solução do problema à sorte, mas todos aqueles jovens sabiam o que havia acontecido.

Quando entramos no centro municipal naquela noite, não tínhamos ideia das dificuldades enfrentadas naquele dia. Somente mais tarde é que ficamos sabendo delas. O que testemunhamos, porém, foi uma apresentação muito bela e refinada: uma das melhores que já vi. Os jovens irradiavam um espírito glorioso e vigoroso que foi sentido por todos os presentes. Pareciam saber exatamente por onde entrar, onde ficar e como interagir com todos os outros participantes a seu redor. Quando fiquei sabendo que seu ensaio havia sido interrompido e que muitos dos números não haviam sido ensaiados pelo grupo inteiro, fiquei admirado. Ninguém imaginaria isso. O Senhor realmente havia compensado o que lhes faltava.

Nunca cesso de admirar como o Senhor pode motivar e dirigir a extensão e a vastidão de Seu reino e ainda ter tempo para proporcionar inspiração referente a uma pessoa — ou a uma celebração cultural ou a um Jumbotron. O fato de que Ele pode e faz isso é um testemunho para mim.

Meus irmãos e irmãs, o Senhor está na vida de todos nós. Ele nos ama. Quer nos abençoar. Quer que busquemos Sua ajuda. À medida que Ele nos guia, nos dirige, ouve e responde nossas orações, encontramos aqui e agora a felicidade que Ele deseja para nós. Que estejamos cientes de Suas bênçãos em nossa vida, é minha oração em nome de Jesus Cristo, nosso Salvador. Amém. ■

NOTAS

1. 2 Néfi 2:25.
2. Doutrina e Convênios 112:10.
3. Susan Cooper, Maurine Proctor, “Nothing’s Too Hard for the Lord: The Kansas City Cultural Celebration”, *Meridian Magazine*, 9 de maio de 2012, LDSmag.com.
4. Proctor, *Meridian Magazine*, 9 de maio de 2012.

B, até o Z, sabíamos que não estava dando certo. (...) Ao consultarmos a programação, vimos que aquilo estava além do nosso controle, mas sabíamos que tínhamos uma das maiores forças no piso abaixo: três mil jovens. Precisávamos descer e contar [a eles] o que estava acontecendo e usar a fé que eles tinham”.³

Apenas uma hora antes de o público começar a entrar no centro,

3.000 jovens se ajoelharam e oraram juntos. Oraram para que aqueles que trabalhavam no Jumbotron fossem inspirados para saber o que fazer para consertá-lo. Pediram que o Pai Celestial compensasse o que eles próprios não podiam fazer devido ao pouco tempo que tinham.

Ela disse que escreveu o seguinte a esse respeito, mais tarde: “Foi uma oração que os jovens jamais



Élder Robert D. Hales
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Ser um Cristão Mais Cristão

Essa é a conclamação de Cristo a todo cristão de hoje: “Apascenta meus cordeiros. (...) Apascenta as minhas ovelhas”.

○ que significa ser cristão? Um cristão tem fé no Senhor Jesus Cristo e crê que Ele é literalmente o Filho de Deus, enviado por Seu Pai para sofrer por nossos pecados, no supremo ato de amor que conhecemos como a Expição.

Um cristão acredita que pela graça de Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, podemos arrepende-nos, perdoar os outros, guardar os mandamentos e herdar a vida eterna.

A palavra *cristão* denota que tomamos sobre nós o nome de Cristo. Fazemos isso sendo batizados e recebendo o dom do Espírito Santo pela imposição de mãos, por aqueles que possuem a autoridade de Seu sacerdócio.

Um cristão sabe que ao longo das eras, os profetas de Deus sempre prestaram testemunho de Jesus Cristo. Esse mesmo Jesus, acompanhado do Pai Celestial, apareceu ao Profeta Joseph Smith no ano de 1820 e restaurou o evangelho e a organização de Sua Igreja original.

Por meio das escrituras e do testemunho de Joseph Smith, sabemos que Deus, nosso Pai Celestial, tem um corpo glorificado e aperfeiçoado de carne e ossos. Jesus Cristo é Seu Filho Unigênito na carne. O Espírito Santo é um ser de espírito cujo trabalho é prestar testemunho do Pai e do Filho. A Trindade são três seres separados e distintos, unidos em propósito.

Com essas doutrinas como alicerce de nossa fé, pode haver alguma dúvida ou discordância de que nós, membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sejamos cristãos? Mas para todo cristão, uma simples pergunta permanece: Que tipo de cristãos somos nós? Em outras palavras, como estamos nos saindo em nosso empenho de seguir Cristo?

Analise comigo o que aconteceu com dois discípulos cristãos:

“Jesus, andando junto ao mar da Galileia, viu a dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores;

E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no”.¹

Como cristãos, hoje, temos a oportunidade de agir logo, imediatamente, de modo decisivo, assim como Pedro e André fizeram: “E, deixando logo as suas redes, o seguiram”.² Nós também somos conclamados a deixar nossas redes, a rejeitar hábitos, costumes e tradições do mundo. Também somos conclamados a abandonar nossos pecados. “E chamando a si a multidão, (...) disse-lhes [Jesus]: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me.”³ O fato de negar-nos a toda conduta ímpia é o início do arrependimento, que resulta numa vigorosa mudança no coração, até que “não [tenhamos] mais disposição para praticar o mal”.⁴

Essa mudança, chamada de conversão, somente é possível por intermédio do Salvador. Jesus prometeu: “E se os homens vierem a mim, mostrar-lhes-ei sua fraqueza (...); e minha graça basta a todos os que se humilham perante mim; porque caso se humilhem perante mim e tenham fé em mim, então *farei com que as coisas fracas se tornem fortes para eles*”.⁵ Quando nos tornamos *uma nova pessoa* em Cristo, nossa própria natureza muda, e não mais queremos voltar a nossos velhos hábitos.

Mesmo assim, os cristãos fiéis sempre terão a bênção de passar por dificuldades e decepções. Quando esses desafios refinadores chegam, podemos ser tentados a voltar a nossos velhos hábitos. Depois da crucificação do Salvador, Ele apareceu às mulheres e lhes disse que os irmãos O encontrariam na Galileia. Quando Pedro, o apóstolo sênior, retornou à Galileia, ele também voltou a fazer o que sabia fazer — o que se sentia confortável em fazer. “Vou pescar”,⁶ explicou ele, e levou vários discípulos consigo.

De fato, Pedro e os outros pescaram a noite inteira sem apanhar nenhum peixe. Na manhã seguinte, Jesus apareceu na praia e gritou para eles por sobre as águas: “Joguem suas redes do lado direito”. Os discípulos



que permaneceram no barco seguiram Suas instruções e rapidamente descobriram que milagrosamente suas redes se encheram até se romperem. João imediatamente reconheceu a voz do Salvador, e Pedro na mesma hora se jogou ao mar e nadou até a praia.⁷

Para os cristãos que retornaram a seus antigos caminhos menos fiéis, considerem o exemplo fiel de Pedro. Não demorem. Venham ouvir e reconhecer a voz do Mestre que chama. Depois, retornem imediatamente a Ele e recebam suas abundantes bênçãos novamente.

Quando os discípulos voltaram à praia, descobriram um banquete de peixe e pão. “Vinde, comei”,⁸ convidou o Salvador. Enquanto os alimentava, Ele perguntou a Pedro três vezes: “Simão, filho de Jonas, amas-me?” Quando Pedro expressou seu amor, o Salvador implorou a ele: “Apascenta os meus cordeiros. (...) Apascenta as minhas ovelhas”.⁹

Essa é a conclamação de Cristo a todo cristão de hoje: “Apascenta meus cordeiros. (...) Apascenta as minhas

ovelhas” — compartilhe o evangelho tanto com jovens quanto com idosos, elevando, abençoando, consolando, encorajando e edificando-os, especialmente aqueles que pensam e acreditam de modo diferente do nosso. Apascentamos Seus cordeiros em nosso lar pelo modo como vivemos o evangelho: guardando os mandamentos, orando, estudando as escrituras e imitando Seu amor. Apascentamos Suas ovelhas na Igreja quando servimos nos quórums do sacerdócio e nas organizações auxiliares. E apascentamos Suas ovelhas no mundo inteiro, sendo bons vizinhos cristãos, praticando a pura religião de visitar e servir as viúvas, os órfãos, os pobres e todos os necessitados.

Para muitos, a conclamação para que sejamos cristãos pode exigir muito, até nos sobrecarregar. Mas não precisamos ter receio nem nos sentir inadequados. O Salvador prometeu que fará com que estejamos à altura de Sua obra. “E disse-lhes: Vinde após mim, e *eu* vos farei pescadores de homens”.¹⁰ Quando O seguimos,

Ele nos abençoa com dons, talentos e força para que cumpramos Sua vontade, permitindo que saíamos de nossa zona de conforto e façamos coisas que nunca antes pensamos ser possíveis. Isso pode significar compartilhar o evangelho com vizinhos, resgatar os que estão espiritualmente perdidos, servir uma missão de tempo integral, trabalhar no templo, criar um filho com necessidades especiais, amar o filho pródigo, servir um cônjuge enfermo, suportar mal-entendidos ou sofrer aflição. Significa prepararmos para responder a Seu chamado dizendo: “Aonde mandares irei; o que ordenares direi; o que quiseres que eu faça farei; tal como mandares, serei”.¹¹

Para sermos quem o Pai Celestial deseja que sejamos, seguimos Jesus Cristo. Testifico que Ele está continuamente nos chamando para que O sigamos. Se você está começando a aprender a respeito do comprometimento cristão dos santos dos últimos dias ou se não tem participado plenamente na Igreja e deseja segui-Lo novamente, não tema! Os primeiros



discípulos do Senhor eram todos membros novos da Igreja, recém-convertidos a Seu evangelho. Jesus pacientemente ensinou um por um. Ele os ajudou a cumprir suas responsabilidades. Ele os chamou de Seus amigos e deu a vida por eles. E Ele já fez o mesmo por vocês e por mim.

Testifico que por meio de Seu infinito amor e de Sua graça, podemos tornar-nos cristãos mais cristãos. Considerem as seguintes qualidades cristãs. Como estamos nos saindo em fortalecê-las dentro de nós mesmos?

Amor cristão. O Salvador valorizava todos. Sendo bondoso e compassivo com todos, Ele deixava as noventa e nove para procurar a que se desgarrou,¹² porque “até os cabelos da [nossa] cabeça estão todos contados”¹³ para Ele.

Fé cristã. Apesar das tentações, provações e perseguições, o Salvador confiava em nosso Pai Celestial e decidiu ser fiel e obediente a Seus mandamentos.

Sacrifício cristão. Ao longo de toda a Sua vida o Salvador dedicou Seu tempo, Sua energia e, por fim, por meio da Expição, deu a própria vida para que todos os filhos de Deus pudessem ser ressuscitados e ter a oportunidade de herdar a vida eterna.

Zelo cristão. Como o bom samaritano, o Salvador estava continuamente estendendo a mão para resgatar, amar e nutrir as pessoas a Seu redor, independentemente da cultura, do credo ou da situação delas.

Serviço cristão. Seja tirando água de um poço, preparando peixes para uma refeição ou lavando pés empoeirados, o Salvador passou Seus dias servindo às pessoas — erguendo o cansado e fortalecendo o forte.

Paciência cristã. Em Seu próprio sofrimento e tristeza, o Salvador esperou em Seu Pai. Com paciência conosco, Ele espera que reconheçamos o que é certo e voltemos a Ele.

Paz cristã. Ao longo de Seu

ministério, Ele pediu compreensão e promoveu a paz. Especialmente entre Seus discípulos, Ele ensinou que os cristãos não podem brigar com outros cristãos, mesmo que tenham diferenças.

Perdão cristão. Ele nos ensinou a abençoar os que nos maldizem e mostrou-nos o caminho orando para que aqueles que O crucificavam fossem perdoados.

Conversão cristã. Tal como Pedro e André, muitos reconhecem a veracidade do evangelho assim que o ouvem. São instantaneamente convertidos. Para outros, pode levar mais tempo. Em uma revelação dada por intermédio de Joseph Smith, o Salvador ensinou: “Aquilo que é de Deus é luz; e aquele que recebe luz e persevera em Deus recebe mais luz; e essa luz se torna mais e mais brilhante, até o dia perfeito”,¹⁴ o dia perfeito de nossa conversão. Jesus Cristo é “a luz e o Redentor do mundo; o Espírito da verdade”.¹⁵

Perseverança cristã até o fim. Em todos os Seus dias, o Salvador jamais deixou de fazer a vontade de Seu Pai, mas prosseguiu em retidão, bondade, misericórdia e verdade até o fim de Sua vida mortal.

Essas são algumas das características daqueles que ouvem e atendem à voz do Salvador. Como uma de Suas testemunhas especiais na Terra, presto meu testemunho cristão de que Ele está clamando a vocês hoje: “Vem, e segue-me”.¹⁶ Venham trilhar a senda que conduz à felicidade, alegria e vida eterna no reino de nosso Pai Celestial. Em nome de Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor. Amém. ■

NOTAS

1. Mateus 4:18–20.
2. Marcos 1:18.
3. Marcos 8:34.
4. Mosias 5:2.
5. Éter 12:27; grifo do autor.
6. João 21:3.
7. Ver João 21:3–8.
8. João 21:12.
9. Ver João 21:15–17.
10. Mateus 4:19; grifo do autor.
11. Ver “Aonde Mandares Irei”, *Hinos*, nº 167.
12. Ver Mateus 18:12–14.
13. Lucas 12:7.
14. Doutrina e Convênios 50:24.
15. Doutrina e Convênios 93:9.
16. Lucas 18:22.



Élder Richard G. Scott
Do Quórum dos Doze Apóstolos

A Alegria de Redimir os Mortos

“Ele [plantaria] no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e o coração dos filhos [voltar-se-ia] para seus pais.”

O Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith a sublime doutrina referente à sagrada ordenança do batismo. Aquela luz veio quando as outras igrejas cristãs ensinavam que a morte determinava de modo irrevogável e eterno o destino da alma. Ensinavam que aqueles que tinham sido batizados eram recompensados com alegria sem fim, ao passo que os outros enfrentariam o tormento eterno, sem esperança de redenção.

A revelação do Senhor de que, por meio da devida autoridade do sacerdócio, o batismo podia ser realizado vicariamente pelos mortos preservava a justiça desta Sua declaração: “Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”.¹ O batismo vicário pode misericordiosamente prover essa ordenança essencial para todos os falecidos dignos que não a receberam na mortalidade.

Essa gloriosa doutrina é outro testemunho da natureza totalmente abrangente da Expição de Jesus Cristo. Ele colocou a salvação ao alcance de toda alma arrependida. Sua Expição conquistou a morte, e Ele permitiu que os falecidos dignos recebessem

vicariamente todas as ordenanças de salvação.

Em uma epístola, escrita há mais de 150 anos, Joseph Smith declarou: “Os santos têm o privilégio de realizar o batismo em favor de seus antepassados falecidos (...) que receberam o Evangelho no espírito (...) por meio (...) daqueles que foram comissionados a pregar a eles (...)”.² Depois, acrescentou: “Os santos que [negligenciarem fazer isso] em prol de seus parentes falecidos, colocam em risco a sua própria salvação”.³

O profeta Elias comissionou as chaves do trabalho vicário a Joseph Smith, no Templo de Kirtland,⁴ para cumprir a promessa do Senhor de que “ele [plantaria] no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e o coração dos filhos [voltar-se-ia] para seus pais”.⁵

Por meio de outras revelações dadas a Joseph Smith e aos profetas subsequentes, compreendeu-se e foram tomadas providências para a realização do trabalho do templo e de história da família que o sustém. Todo profeta desde Joseph Smith salientou a necessidade premente de prover todas as ordenanças para nós mesmos e para nossos antepassados falecidos.

O trabalho do templo e de história da família é um único trabalho dividido em duas partes. Elas estão unidas entre si, tal como as ordenanças do batismo e do dom do Espírito Santo. Alguns membros talvez não sejam capazes de fazer as duas coisas, devido à saúde ou à distância para irem ao templo.

O Presidente Howard W. Hunter ensinou:

“Precisamos realizar o trabalho do sacerdócio referente às ordenanças do templo, ele é necessário para nossa própria exaltação; depois devemos fazer o trabalho necessário para aqueles que não tiveram a oportunidade de aceitar o evangelho em vida. O trabalho realizado para os outros ocorre em duas etapas: primeiro, pela pesquisa de história da família, para saber quem são nossos progenitores; e segundo, pelas ordenanças do templo, para dar-lhes as mesmas oportunidades oferecidas aos vivos.

No entanto, há muitos membros da Igreja que têm acesso limitado aos templos. Eles fazem o melhor que podem. Pesquisam a história da família e cuidam para que o trabalho de ordenanças do templo seja realizado por outros. Por outro lado, há alguns membros que se envolvem no trabalho do templo, mas não conseguem fazer a pesquisa de história da família nas linhagens de sua própria família. Embora realizem um serviço divino ao ajudar outros, eles perdem uma bênção por não buscar seus próprios parentes falecidos como foram divinamente instruídos pelos profetas dos últimos dias.

Aprendi que aqueles que se envolvem na pesquisa de história da família e, em seguida, realizam o trabalho de ordenanças do templo para aqueles cujos nomes encontraram conhecem a alegria adicional de receber as duas metades da bênção”.⁶

O Pai Celestial quer que cada um de nós receba as duas partes da bênção desse trabalho vicário essencial. Ele instruiu outros a nos mostrar como nos qualificar. Cabe a nós reivindicar essas bênçãos.

Todo trabalho que vocês fazem no templo é um tempo bem utilizado, mas o recebimento das ordenanças vicárias por um de seus próprios antepassados tornará o tempo despendido no templo ainda mais sagrado, e bênçãos ainda maiores serão recebidas. A Primeira Presidência declarou: “Nossa obrigação mais preeminente é a de buscar e identificar *ossos próprios* antepassados”.⁷

Será que vocês, jovens, querem um modo seguro de eliminar a influência do adversário em sua vida? Dedicuem-se à pesquisa de seus antepassados, preparem o nome deles para as ordenanças vicárias que podem ser realizadas no templo, e depois vão ao templo para servir de procuradores, a fim de que eles recebam as ordenanças do batismo e do dom do Espírito Santo. Quando ficarem mais velhos, poderão participar do recebimento de outras ordenanças também. Não conheço nenhuma proteção maior contra a influência do adversário em sua vida.

Na Missão Rússia Rostov-na-Donu, os jovens foram convidados a indexar 2.000 nomes, e depois a qualificar pelo menos um nome de sua própria família para as ordenanças do templo. Os que atingiram essa meta foram convidados para uma longa viagem até o novo Templo de Kiev Ucrânia. Um rapaz contou sua experiência pessoal: “Eu passava muito tempo com jogos no computador. Quando comecei a indexar, não tive mais tempo para os jogos. A princípio, pensei: ‘Oh, não! Como pode ser!’ Mas quando esse projeto terminou, até perdi o interesse pelos jogos. O trabalho genealógico é algo que podemos fazer aqui na Terra e que tem continuidade no céu”.

Muitos santos fiéis fizeram o trabalho de pesquisa de sua linhagem familiar e estão usando o recurso de reserva do FamilySearch para realizar as ordenanças por seus próprios familiares, servindo como procuradores. A intenção da reserva de nomes é permitir um período de tempo razoável para que as pessoas realizem as ordenanças por antepassados e pessoas das linhagens colaterais.

Atualmente, há aproximadamente doze milhões de nomes e milhões de ordenanças correspondentes que estão reservadas. Muitos nomes estão reservados há anos. Os antepassados que foram encontrados, sem dúvida, estão ansiosos e emocionados por seus nomes terem sido liberados para as ordenanças. No entanto, talvez não estejam muito felizes por terem de continuar a esperar que suas ordenanças sejam realizadas.

Incentivamos vocês que têm uma grande reserva de nomes que os compartilhem para que seus parentes ou membros da ala e da estaca possam ajudá-los a terminar esse trabalho. Vocês podem fazer isso distribuindo cartões do templo para membros da ala e da estaca que estejam dispostos a ajudar ou usando o sistema computadorizado FamilySearch para enviar os nomes diretamente ao templo. Essa última opção é algo que Cindy Blevins, de Casper, Wyoming, vem fazendo há anos.

A irmã Blevins foi batizada quando adolescente e é o único membro de sua família que se filiou à Igreja. Ela concluiu um imenso volume de

trabalho genealógico. No entanto, havia nomes demais para que ela e seus parentes conseguissem completar. Consequentemente, a irmã Blevins enviou os nomes para o templo, os quais, segundo ela, frequentemente são completados numa questão de semanas, geralmente em um dos dois templos mais próximos de sua casa. Ela diz que gosta de pensar que amigos e vizinhos de sua própria ala e estaca estão entre aqueles que ajudaram a completar o trabalho por seus antepassados. Ela sente muita gratidão por eles terem feito isso.

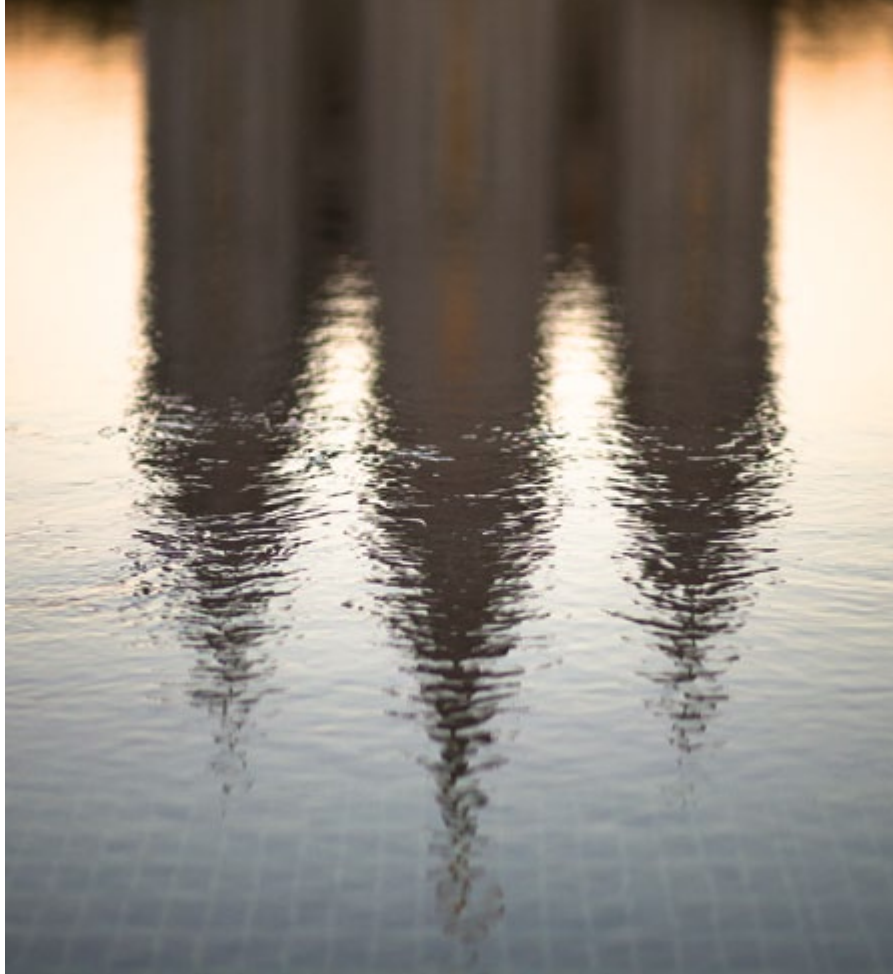
Minha amada esposa, Jeanene, adorava fazer pesquisa de história da família. Quando nossos filhos eram pequenos, ela costumava pagar uma babá para ter algumas horas a cada período de poucas semanas para trabalhar na pesquisa de nossas linhagens familiares. Depois que nosso caçula saiu de casa, ela escreveu em seu diário pessoal: “Acabei de tomar uma decisão e quero proclamá-la em alta voz. O antigo quarto do Mike se tornou minha sala de trabalho de genealogia. Está bem equipado para



organizar os registros e trabalhar neles. Minha vida agora vai concentrar-se na pesquisa da história da família e no envio de nomes para o templo. Estou muito entusiasmada e ansiosa para começar”.⁸

Outra anotação do diário diz: “Um (...) milagre me ocorreu no escritório de História da Família de Mel Olsen, que me mostrou um impresso com todas as minhas linhagens genealógicas conhecidas, extraídas da atualização dos registros computadorizados do programa Ancestral File que foram enviados para a sociedade genealógica. Em sua maioria, saíram dos registros do programa de quatro gerações que foi lançado pela Igreja, há muitos anos. Eu havia me sentido sobrecarregada ao pensar na imensa tarefa que me aguardava de coletar todos os registros de pesquisa de meus antepassados, das organizações familiares, e colocá-los no computador para a primeira distribuição computadorizada do Ancestral File. E lá estavam todos eles, lindamente organizados e impressos a laser, bem ali na mesa, diante de mim. Fiquei tão emocionada que simplesmente parei e fiquei ali aturdida, e então comecei a chorar, tamanha foi a alegria. (...) Para alguém que tinha pesquisado tão obstinada e arduamente, por 30 anos, a informatização de todos aqueles registros é realmente emocionante. E quando penso nas centenas de milhares de pessoas que agora ou em breve estarão informatizando imensos blocos de recenseamento e discos de pesquisa particular, fico muito animada. Esta é realmente a obra do Senhor, e Ele a está dirigindo”.⁹

Provei o suficiente dos frutos deste sublime trabalho para saber que as chaves que Elias restaurou a Joseph Smith permitem que nosso coração se volte e que cada um de nós se una àqueles nossos antepassados que esperam nossa ajuda. Por meio de nosso trabalho nos templos sagrados aqui na Terra, usando a autoridade delegada pelo Salvador, nossos progenitores recebem as ordenanças de salvação que lhes permitem desfrutar a felicidade eterna.



No passado, motivados por uma profunda convicção da santidade da obra, houve pessoas que valorosamente encararam um desafio equivalente ao de ceifar manualmente toda a colheita de cereais do Nebraska. Agora, muitas colheitadeiras poderosas estão trabalhando. Juntos podemos e iremos realizar o trabalho exigido.

Testifico que o Espírito de Elias está tocando o coração de muitos filhos do Pai no mundo inteiro, fazendo com que o trabalho pelos mortos seja acelerado a uma velocidade sem precedentes.

Mas e quanto a você? Já orou a respeito do trabalho por seus próprios antepassados? Deixe de lado aquelas coisas de sua vida que realmente não importam. Decida fazer algo que tenha consequências eternas. Talvez já tenha sido inspirado a procurar antepassados, mas sentiu que não era genealogista. Percebeu que não precisa ser? Tudo começa com amor e um desejo sincero de ajudar aqueles que estão do outro lado do véu e que não podem ajudar a si mesmos. Verifique

a seu redor. Deve haver alguém onde você mora que possa ajudá-lo a ter sucesso.

Esta é uma obra espiritual, um trabalho monumental de cooperação de ambos os lados do véu, no qual a ajuda vem nas duas direções. Em qualquer lugar do mundo em que estiver, com oração, fé, determinação, diligência e algum sacrifício, você pode fazer uma vigorosa contribuição. Comece agora. Prometo que o Senhor vai ajudá-lo a encontrar um meio. E isso vai fazê-lo sentir-se maravilhosamente bem. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. João 3:5.
2. *History of the Church*, vol. 4, p. 231.
3. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 497.
4. Ver Doutrina e Convênios 110:13–16.
5. Doutrina e Convênios 2:2; grifo do autor.
6. Presidente Howard W. Hunter, “Um Povo Motivado pelo Templo”, *A Liahona*, maio de 1995, p. 3.
7. Carta da Primeira Presidência, 29 de fevereiro de 2012; grifo do autor.
8. Diário pessoal de Jeanene Scott, abril de 1988.
9. Diário pessoal de Jeanene Scott, 23 de setembro de 1989.



Russell T. Osguthorpe
Presidente Geral da Escola Dominical

Um Passo para Mais Perto do Salvador

A conversão é a meta de todo aprendizado e ensino do evangelho. A conversão não é um acontecimento único na vida. É a jornada de uma vida inteira para tornar-nos mais semelhantes ao Salvador.

No verão passado, um breve artigo que escrevi apareceu nas revistas *A Liahona* e *Ensign*. Meu filho me enviou um e-mail dizendo: “Pai, você bem que podia avisar-nos quando artigos seus forem publicados”. Respondi: “Querida apenas ver se vocês estão lendo as revistas da Igreja”. Ele escreveu de volta explicando que sua filha de dez anos havia “passado no teste. Ela pegou a revista *Ensign* na caixa do correio, entrou em casa e a leu. Depois, foi até o nosso quarto e nos mostrou seu artigo”.

Minha neta leu a revista *Ensign* porque queria aprender. Ela agiu por conta própria exercendo seu arbítrio. A Primeira Presidência aprovou recentemente, para os jovens, novos recursos de aprendizado que vão estimular o desejo inato que os jovens têm de aprender, viver e compartilhar o evangelho. Esses novos recursos estão agora disponíveis na Internet para serem examinados. Em janeiro começaremos a usá-los nas salas de aula. (Para saber mais sobre os novos recursos para os jovens, acesse: LDS.org/youth/learn.)

Quando o Salvador ensinava, o arbítrio de quem aprendia era de primordial importância. Ele nos mostrou não apenas o que ensinar, mas também como ensinar. Ele se concentrava nas necessidades de quem aprendia. Ajudava as pessoas a descobrir verdades por si mesmas.¹ Sempre ouvia as perguntas que faziam.²

Esses novos recursos de aprendizado vão ajudar todos a aprender e ensinar à maneira do Salvador, em casa e nas salas de aula.³ Ao fazermos isso, estaremos aceitando o convite que Ele nos fez, ao dizer: “Vem, e segue-me”⁴, tal como o Élder Robert D. Hales tão zelosamente ensinou. Quando esses novos recursos estavam sendo desenvolvidos, vi líderes e professores das auxiliares e do seminário se aconselharem com os pais para poder atender às necessidades de seus alunos. Vi moças em suas classes, rapazes nos quórums do Sacerdócio Aarônico e jovens na Escola Dominical aprenderem a exercer seu arbítrio e a agir por si mesmos.

Uma jovem professora da Escola Dominical se perguntou como poderia ajudar dois rapazes com autismo a exercer o arbítrio deles e a agir por si mesmos. Quando convidou os alunos a compartilhar o que haviam aprendido, ela se preocupou, achando que aqueles dois rapazes recusariam o convite. Mas eles não o recusaram. Um deles se levantou para ensinar o que havia aprendido e depois convidou seu colega autista a ajudá-lo. Quando o primeiro começou a ter dificuldades, o colega ficou ao lado dele e sussurrou em seu ouvido para que conseguisse ter sucesso. Os dois estavam ensinando naquele dia. Estavam ensinando *o que* o Salvador ensinou, mas também estavam ensinando *como* o Salvador ensinou. Quando o Salvador ensinava, Ele demonstrava por meio de ações o amor que sentia pela pessoa a quem Ele ensinava, assim como o colega fez pelo amigo.⁵

Quando aprendemos e ensinamos Sua palavra à maneira Dele, aceitamos o convite que Ele nos fez, dizendo: “Vem, e segue-me”. Nós O seguimos, um passo por vez. A cada passo, aproximamo-nos do Salvador. Mudamos. O Senhor sabia que o crescimento espiritual não acontece de uma vez. Vem gradualmente. Toda vez que aceitamos Seu convite e decidimos segui-Lo, progredimos ao longo do caminho rumo à plena conversão.

A conversão é a meta de todo aprendizado e ensino do evangelho. A conversão não é um acontecimento único na vida. É a jornada de uma vida inteira para tornar-nos mais semelhantes ao Salvador. O Élder Dallin H. Oaks nos lembrou que apenas “saber” não é suficiente. “[Para] ‘converter-nos’, [é preciso] que *façamos* e nos *tornemos* algo”.⁶ Portanto, aprender para conversão é um processo contínuo de se conhecer, fazer e tornar-se. Da mesma forma, ensinar para conversão exige uma doutrina-chave, convites à ação e bênçãos prometidas.⁷ Quando ensinamos a doutrina verdadeira, ajudamos o aluno a conhecer. Quando convidamos as pessoas a agir, nós as ajudamos a executar ou viver a doutrina.

E quando chegam as bênçãos que o Senhor prometeu, somos mudados. Tal como Alma, podemos tornar-nos novas criaturas.⁸

Os novos recursos de aprendizado para os jovens têm uma meta central: ajudar os jovens a se converter ao evangelho de Jesus Cristo. Recentemente, em uma classe de jovens da Escola Dominical, vi um rapaz descobrir a verdade por si mesmo. Quando notei que ele estava tendo dificuldade para relacionar a Expição com sua própria vida, perguntei se ele alguma vez tinha sentido o perdão. Ele respondeu: “Sim, como na vez em que quebrei o nariz de um rapaz quando estávamos jogando futebol. Eu me senti muito mal com isso. Perguntei-me o que precisaria fazer para me sentir melhor. Então fui até a casa dele e pedi que me perdoasse, mas eu sabia que precisava fazer mais, por isso orei, e então senti que o Pai Celestial me perdoara também. É isso que a Expição significa para mim”.

Quando contou essa experiência pessoal na classe naquele dia, ele leu João 3:16 — “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” — e depois prestou testemunho do poder da Expição. Aquela doutrina já não era mais um conceito abstrato para aquele rapaz. Tornou-se parte de sua vida porque ele fez sua própria pergunta e depois exerceu seu arbítrio para agir.⁹

Aquele rapaz estava se tornando mais convertido, e o mesmo se dava com seus colegas. Eles se concentraram em uma doutrina-chave estudando as escrituras. Relacionaram aquelas palavras sagradas a sua própria vida e depois prestaram testemunho das bênçãos que receberam por viver a doutrina. Quando ensinamos o evangelho de Jesus Cristo, focalizamos nas escrituras e nas palavras dos profetas modernos. Usamos o texto sagrado para ajudar a fortalecer a fé, edificar um testemunho e ajudar todos a se tornarem mais plenamente convertidos. Os novos recursos de aprendizado para os jovens vão ajudar todos os que os usarem a compreender e a viver a palavra de Deus.



Ao ensinar os santos da Costa Rica, mostrei um exemplar de *Ensino: Não Há Maior Chamado* e perguntei: “Então, quantos de vocês têm um exemplar deste manual?” Quase todos ergueram a mão. Com um sorriso, eu disse: “E aposto que o estão lendo todos os dias, sem falta”. Para minha surpresa, uma irmã da primeira fileira ergueu a mão, indicando que ela o lia todos os dias. Pedi que viesse até o púlpito e explicasse. Ela respondeu: “Leio o Livro de Mórmon todas as manhãs. Depois leio algo no manual *Ensino: Não Há Maior Chamado* para poder ensinar a meus filhos da melhor forma possível o que acabei de aprender”.

Ela queria aprender e ensinar Sua palavra à maneira Dele, por isso estudava Sua palavra nas escrituras e depois estudava como ensinar Sua palavra para que os filhos pudessem ser plenamente convertidos. Seu

padrão de aprendizado e ensino do evangelho não aconteceu, creio eu, de uma vez. Ela tomou a decisão de fazer algo. E quanto mais ela fazia o que sabia que devia fazer, mais o Senhor a fortalecia para que andasse em Seu caminho.

Às vezes, o caminho para a conversão pode ser longo e árduo. Meu cunhado ficou menos ativo na Igreja por 50 anos. Foi somente quando estava com seus 60 anos que começou a aceitar o convite do Salvador para voltar. Muitos o ajudaram ao longo do caminho. Um mestre familiar lhe enviava um cartão postal a cada mês, por 22 anos. Mas ele precisou decidir que queria voltar. Teve que exercer seu arbítrio. Teve que dar aquele primeiro passo — e depois outro e mais outro. Agora ele e a mulher foram selados, e ele está servindo em um bispado.

Recentemente mostramos a ele os vídeos que foram desenvolvidos



Atenas, Grécia

para ajudar os líderes e professores a implementar os novos recursos de aprendizado. Depois de ver os vídeos, meu cunhado se recostou na cadeira e disse, um tanto emocionado: “Talvez se eu tivesse tido isso quando era jovem, não teria me afastado”.

Há várias semanas, conheci um rapaz que enfrentava dificuldades. Perguntei se ele era membro da Igreja. Ele disse que era agnóstico, mas que numa época anterior de sua vida tinha conhecido a Igreja. Quando lhe falei do meu chamado na Escola Dominical e que falaria na conferência geral, ele disse: “Ei, se você vai falar, vou assistir à sessão”. Espero que ele esteja assistindo hoje. Sei que se estiver, ele aprendeu algo. Este Centro de Conferências é um lugar especial de aprendizado e ensino para conversão.

Quando vivemos os princípios ensinados por aqueles a quem apoiamos como profetas, videntes e reveladores, aprendemos à maneira do Salvador.¹⁰ Damos um passo para mais perto Dele. À medida que esta conferência chega ao seu final, convido todos os que me ouvem a dar esse passo. Como os antigos nefitas, podemos voltar para nossas “casas, [e meditar] sobre as coisas que [foram ditas] e [pedir] ao Pai, em [nome de Cristo], que as [possamos] entender”.¹¹

Queremos que todos os jovens compreendam. Queremos que aprendam, ensinem e vivam o evangelho de Jesus Cristo todos os dias. É isso que o Senhor deseja para todos os Seus filhos. Quer vocês sejam uma criança, um jovem ou um adulto, convido

vocês a vir e seguir Seus passos. A cada passo que damos, testifico que o Senhor vai nos fortalecer. Ele vai nos ajudar a seguir o restante do caminho. Depois, quando surgirem obstáculos, vamos seguir em frente. Quando as dúvidas aparecerem, vamos seguir em frente. Nunca vamos retroceder. Nunca vamos nos afastar.

Testifico que Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, vivem. Testifico que o Salvador continua a nos convidar, assim como o fez no passado, para irmos a Ele. Todos podemos aceitar Seu convite. Todos podemos aprender, ensinar e viver Sua palavra à Sua maneira, dando um passo para mais perto do Salvador. Ao fazermos isso, vamos nos tornar verdadeiramente convertidos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver João 3:1–7. Nesta passagem o Salvador respondeu à pergunta que o próprio Nicodemos fez. Ele ensinou de acordo com as necessidades de Nicodemos. Permitiu que ele exercesse seu arbítrio para aprender e o ajudou a descobrir a resposta por si mesmo.
2. Ver João 3:4; Joseph Smith—História 1:18.
3. Ver “Ensinar o Evangelho à Maneira do Salvador”, LDS.org/youth/learn/guidebook/teaching.
4. Ver Lucas 18:18–22.
5. Ver I João 4:19.
6. Dallin H. Oaks, “O Desafio de Tornar-se”, *A Liahona*, janeiro de 2001, p. 40. “Testificar é *saber e declarar*. O evangelho desafia-nos a ‘convertermo-nos’, o que exige que *façamos e nos tornemos* algo. Se algum de nós confiar somente no próprio conhecimento e testemunho do evangelho, estará na mesma posição que os apóstolos a quem Jesus desafiou que fossem ‘convertidos’. Todos conhecemos alguém que possui um forte testemunho, mas não o vive na prática a ponto de converter-se.”
7. Ver Abraão 2:11.
8. Ver Mosias 27:24–26; II Coríntios 5:17.
9. Ver David A. Bednar, “Vigiar com Toda a Perseverança”, *A Liahona*, maio de 2010, p. 42: “Será que estamos ajudando nossos filhos a se tornarem agentes que atuam e buscam conhecimento pelo estudo e pela fé, ou estamos treinando nossos filhos a esperar que sejam ensinados e recebam a ação? Será que, como pais, estamos basicamente dando a nossos filhos o equivalente a um peixe espiritual para comer, ou estamos constantemente ajudando-os a agir, a aprender por si mesmos e a permanecer firmes e inamovíveis? Estamos ajudando nossos filhos a se engajarem avidamente no empenho de pedir, buscar e bater?”
10. Ver Dennis B. Neuenschwander, “Profetas Vivos: Videntes e Reveladores”, *A Liahona*, janeiro de 2001, p. 49.
11. 3 Néfi 17:3.



Élder Marcus B. Nash
Dos Setenta

Pela Fé Todas as Coisas São Cumpridas

A fé nos ajudará a subir em segurança pelo caminho do evangelho, a vencer todo desafio da mortalidade e a retornar à majestosa presença de nosso Pai Celestial.

Há pouco tempo, nós da família Nash, subimos ao topo do Huayna Picchu, um alto pico adjacente às antigas ruínas incas de Machu Picchu, nas montanhas do Peru. É uma escalada muito íngreme, com vistas de tirar o fôlego e abismos profundos. Infelizmente, algumas pessoas perderam a vida, ao cair daquela trilha estreita e íngreme. Para evitar essas tragédias, foram instalados fortes cabos presos à rocha sólida, ao longo da encosta do monte Huayna Picchu. Agarrávamo-nos a esses cabos ao subir, e eles permitiram que chegássemos em segurança ao topo, onde a vista era majestosa!

Tal como a trilha de Huayna Picchu, nossa jornada mortal é uma subida íngreme e difícil, que exige a ajuda de nosso Pai Celestial para que consigamos completá-la com sucesso. Por esse motivo, Ele estabeleceu os princípios e as ordenanças do evangelho para levarnos ao Salvador e a Seu poder de salvação.¹ O primeiro desses princípios, fé no Senhor Jesus Cristo,² assemelha-se aos cabos de Huayna Picchu: se estiver firme e seguramente presa à rocha de nosso Redentor,³ a fé nos ajudará a

subir em segurança pelo caminho do evangelho, a vencer todo desafio da mortalidade⁴ e a retornar à majestosa presença de nosso Pai Celestial. Todas as coisas são cumpridas pela fé.⁵

A fé é um princípio de ação e de poder.⁶ “Não é ter um perfeito conhecimento das coisas; portanto, se tendes fé, tendes esperança nas coisas que se não veem e que são verdadeiras.”⁷ É uma certeza⁸ do Espírito obtida por meio de nosso aprendizado que nos motiva à ação⁹ de seguir o exemplo do Salvador e guardar fervorosamente Seus mandamentos, mesmo nos momentos de sacrifício e provação.¹⁰ A fé nos proporciona o poder do Senhor que, entre outras coisas, se manifesta pela esperança em coisas boas que virão,¹¹ milagres que confirmam nossa fé¹² e proteção divina em assuntos espirituais e seculares.¹³

A vida de Ann Rowley, uma pioneira do início da Igreja, demonstra como exercitar a fé influencia nossa vida para sempre. A irmã Rowley era uma viúva da Inglaterra que exerceu a fé para atender ao chamado do profeta para reunir-se aos santos em Sião. Ela estava na companhia Willie

de carrinhos de mão, que se deparou com nevascas intensas ao longo da trilha, no outono de 1856. Chegaram a um ponto da jornada em que seus sete filhos estavam literalmente morrendo de fome. Ela escreveu: “Angustiava-me ver meus filhos passar fome. (...) A noite chegava e não havia comida para a refeição da noite. Pedi ajuda a Deus, como sempre fiz. Ajoelhei-me, lembrando-me de dois biscoitos que (...) haviam restado da viagem de navio. Não eram grandes e eram tão duros que não podiam ser partidos. Sem dúvida, não era o suficiente para alimentar oito pessoas, mas cinco pães e dois peixes também não eram o suficiente para alimentar 5.000 pessoas, mas por meio de um milagre Jesus fez com que fossem. Portanto, com a ajuda de Deus, nada é impossível. Encontrei os biscoitos, coloquei-os em um caldeirão, cobri-os de água e pedi a bênção de Deus. Depois, pus a tampa na panela e a coloquei sobre as brasas. Quando tirei a tampa, algum tempo depois, encontrei a panela cheia de comida. Ajoelhei-me com minha família e agradei a Deus por Sua bondade. Naquela noite, minha família teve comida suficiente.”¹⁴

Ann Rowley estava vivendo o evangelho à custa de grande sacrifício pessoal. Ela precisou de ajuda e a pediu em oração. Graças a sua fé, encheu-se de esperança e por meio de um milagre obteve alimento para sua família. O Senhor também a abençoou com a capacidade significativa e eterna de “perseverar com fé até o fim”.¹⁵ Apesar de um futuro incerto, ela não exigiu saber como iria alimentar seus filhos no dia seguinte; em vez disso, “[esperou] pacientemente no Senhor”¹⁶ e prosseguiu com esperança, tal como este belo hino expressa:

*Na escuridão, ó brilha, meiga luz!
Guitar-me vem!
Na negra noite brilha e me conduz.
Guitar-me vem!
Não peço luz a fim de longe ver,
Somente luz em cada passo ter.¹⁷*

Nós também podemos exercer essa mesma fé no Senhor, acreditando e



que a esperança produzida seja uma âncora para sua alma — e para sua razão.²⁵ É por isso que somos ordenados a “[procurar] conhecimento (...) pelo estudo *e também* pela fé”.²⁶ Lembrem-se de que a fé precede e produz milagres para os quais não se encontra uma explicação imediata em nossa experiência de vida, assim como produzir um caldeirão cheio de comida a partir de dois pequenos biscoitos ou simplesmente perseverar na fé contra todas as possibilidades.²⁷

Segundo, o medo nos distrai da fé no Salvador e a enfraquece. O Apóstolo Pedro olhou para o Senhor na noite tempestuosa e andou sobre as águas — até que desviou o olhar e “sentindo o vento forte, teve medo” — então afundou no mar revolto.²⁸ Ele poderia ter continuado a andar se não tivesse sentido medo! Em vez de nos concentrar no vento forte, nas ondas tempestuosas de nossa vida e temer essas coisas, o Senhor nos convida, dizendo: “Buscai-me em cada pensamento; não duvideis, não temais”.²⁹

Terceiro, o pecado diminui a presença do Espírito em nossa vida, e sem o Espírito Santo, carecemos do vigor espiritual para apegar-nos à fé e exercê-la. É melhor exercer fé para “não [tocar] nem na dádiva má nem no que é impuro”³⁰ e para “[ser] diligentes na obediência a todos os (...) mandamentos, para que (...) vossa fé não vos falhe e vossos inimigos triunfem”.³¹ Se o pecado maculou sua vida, peço que exerçam “fé para o arrependimento”,³² e o Salvador, por meio da Expição, vai purificar e curar sua vida.

Irmãos e irmãs, de acordo com nossa fé, o Senhor vai cumprir Suas promessas e trabalhar conosco para vencer todo desafio.³³ Ele fez isso por Ann Rowley e por Seu povo em todas as nações e em todas as eras e gerações. Como Ele é um “Deus de milagres” e “não muda”, da mesma forma vai abençoar cada um de nós com esperança, proteção e poder, de acordo com nossa fé Nele.³⁴ Se tivermos uma firme fé no Senhor Jesus Cristo — tal como os cabos na trilha

confiando que nosso bondoso e constante Deus¹⁸ vai nos abençoar com Seu milagroso poder, de acordo com nossas circunstâncias e a Seu próprio tempo. Se fizermos isso, também veremos a mão de Deus se manifestar em nossa vida.

O Senhor ordenou que tomemos “o escudo da fé com o qual podereis apagar *todos* os dardos inflamados dos iníquos”.¹⁹ Satanás usará coisas como a dúvida, o medo ou o pecado para tentar-nos, fazendo com que percamos a fé e abandonemos a proteção que ela oferece. Examinemos brevemente cada um desses desafios à fé para que possamos reconhecer e resistir às tentações do adversário.²⁰

Primeiro, a descrença no Senhor ou em Seu evangelho nos fará resistir ao Espírito de Deus.²¹ O antídoto do Senhor para a dúvida é simples. Como declarou o rei Benjamim: “Acreditei em Deus; acreditei que ele existe e

que criou todas as coisas, tanto no céu como na Terra; acreditei que ele tem toda a sabedoria e todo o poder, tanto no céu como na Terra; acreditei que o homem não compreende todas as coisas que o Senhor pode compreender”.²²

Se devido à descrença ou à dúvida, nossa fé fraquejar, lembremo-nos de que até os antigos apóstolos imploraram ao Senhor, dizendo: “Acrescenta-nos a fé”.²³ Tendo em mente que a fé e a razão são companheiras necessárias, pensem nesta analogia: a fé e a razão são como as duas asas de um avião. Ambas são essenciais para manter o voo. Se da sua perspectiva parecer que a razão contradiz a fé, pare e lembre-se de que nossa perspectiva é extremamente limitada quando comparada à do Senhor.²⁴ Assim como não se destaca a asa de um avião em voo, não descarte a fé. Em vez disso, alimente uma partícula de fé e permita

para Huayna Picchu — ela vai ancorar a nós e a nossos entes queridos à “rocha de nosso Redentor”³⁵ e Seu incomparável poder para salvar.

O Presidente Thomas S. Monson declarou: “O futuro é tão brilhante quanto sua fé”.³⁶ Presto testemunho dessa verdade sublime e convido cada um de vocês a prosseguir com firmeza tendo fé no Senhor, “em nada duvidando”.³⁷ Sei que o Salvador vive, que Ele é “o autor e aperfeiçoador de [nossa] fé”³⁸ e o “galardoador dos que o buscam”.³⁹ Presto testemunho disso, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Doutrina e Convênios 84:19–21.
2. Ver Regras de Fé 1:4.
3. Ver Helamã 5:12.
4. Ver Doutrina e Convênios 76:53.
5. Ver Éter 12:3.
6. Ver *Lectures on Faith*, 1985, p. 3; ver também Jacó 4:6; Éter 12:7–22; Hebreus 11:4–40.
7. Alma 32:21.
8. Ver Tradução de Joseph Smith, Hebreus 11:1 (em Hebreus 11:1, nota de rodapé b).
9. Ver 2 Néfi 25:23; Alma 34:15–17; Éter 12:6; Tiago 2:17–26.
10. Ver Éter 12:4–6; *Lectures on Faith*, p. 69.
11. Ver Morôni 7:40–42.
12. Ver Bible Dictionary, “Faith”; ver também Mórmon 9:8–21; Morôni 7:33–37.
13. Ver Doutrina e Convênios 27:17; Alma 57:19–27; 58:10–13.
14. Ann Rowley, Andrew D. Olsen, *The Price We Paid: The Extraordinary Story of the Willie and Martin Handcart Pioneers*, 2006, p. 113.
15. Doutrina e Convênios 20:25.
16. Isaías 40:31.
17. “Brilha, Meiga Luz”, *Hinos*, nº 60.
18. Ver Jacó 4:10; Mórmon 9:9.
19. Doutrina e Convênios 27:17; grifo do autor.
20. Ver 1 Néfi 8:33–34; Alma 37:33; Doutrina e Convênios 20:22.
21. Ver Alma 32:28.
22. Mosias 4:9.
23. Lucas 17:5.
24. Ver Mosias 4:9–10; Provérbios 3:5–7; Isaías 55:8–9.
25. Ver Éter 12:4.
26. Doutrina e Convênios 88:118; grifo do autor.
27. Ver Morôni 7:33–38; Éter 12:19.
28. Ver Mateus 14:25–31.
29. Doutrina e Convênios 6:36.
30. Morôni 10:30.
31. Doutrina e Convênios 136:42.
32. Ver Alma 34:15–17; ver também Éter 12:3.
33. Ver Éter 12:29; Alma 7:27.
34. Ver Mórmon 9:18–21; ver também Morôni 7:33–38; Alma 37:16–17.
35. Helamã 5:12.
36. Thomas S. Monson, “Tenham Bom Ânimo”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 89.
37. Ver Tiago 1:6–8.
38. Morôni 6:4; ver também Hebreus 12:2.
39. Hebreus 11:6; ver também Éter 12:41.



Élder Daniel L. Johnson
Dos Setenta

Tornar-se um Verdadeiro Discípulo

Ao obedecermos a Seus mandamentos e servirmos a nosso próximo, tornamo-nos melhores discípulos de Jesus Cristo.

Aqueles de nós que entraram nas águas do batismo e receberam o dom do Espírito Santo fizeram o convênio de que estariam dispostos a tomar sobre si o nome de Jesus Cristo, ou em outras palavras, declaramos que somos discípulos do Senhor. Renovamos esse convênio todas as semanas ao tomar o sacramento e demonstramos esse discipulado pelo modo como vivemos. Esse discipulado foi lindamente demonstrado em acontecimentos recentes no México.

Era uma bela primavera para as comunidades produtoras de frutas do norte do México. As árvores frutíferas estavam em plena floração, havendo alta expectativa de uma colheita abundante. Já haviam sido feitos planos para o pagamento dos empréstimos, a substituição dos equipamentos necessários, a reposição dos pomares mais velhos e o pagamento de obrigações pessoais como a mensalidade da escola para os membros da família. Já haviam sido feitos planos até para as férias da família. Havia otimismo no ar. Então, na tarde de uma segunda-feira, no final de março, uma tempestade de inverno chegou, e começou a nevar. Continuou nevando até por volta das

três da madrugada. Depois, quando as nuvens se foram, a temperatura despencou. Por toda a noite e pela manhã bem cedo, fizeram todo o possível para salvar ao menos parte da colheita de frutas. Mas de nada adiantou. Simplesmente havia esfriado demais e a colheita toda congelou. Não haveria frutas para colher e vender naquele ano. A terça-feira amanheceu com a triste e desalentadora perda de todos os maravilhosos planos, expectativas e sonhos do dia anterior.

Recebi um e-mail a respeito daquela terrível manhã de terça-feira, de Sandra Hatch, a esposa de John Hatch, na época, primeiro conselheiro na presidência do Templo Colônia Juárez Chihuahua. Vou citar alguns trechos desse e-mail: “John levantou-se cedo, por volta das 6h30 e foi correndo ao templo ver se deveríamos cancelar a sessão daquela manhã. Voltou dizendo que o estacionamento e a estrada estavam livres de neve, por isso decidimos prosseguir. Imaginamos que talvez viessem alguns trabalhadores que não tinham pomares, e poderíamos colocar todos os oficiantes na sessão. (...) Foi muito inspirador ver os

homens chegarem, um após o outro. Lá estavam eles, sem ter dormido nada, imaginando que suas colheitas estavam perdidas. (...) Eu os observei durante nossa reunião de preparação e vi que estavam tendo dificuldade para se manterem acordados. Mas em vez de imaginar que teriam uma boa desculpa para não vir, estavam todos ali. E havia 38 pessoas na sessão (uma sessão completa)! Foi uma manhã inspiradora para nós, e agradecemos ao Pai Celestial por pessoas tão boas que cumprem seu dever, não importando o que aconteça. Senti um espírito especial naquela manhã. Estou certo de que Ele ficou contente de saber que amamos Sua casa e sentimos que era um bom lugar para estar naquela manhã difícil”.

A história não termina aí e o fato ainda continua.

A maioria dos que perderam suas colheitas tinha alguma terra disponível onde plantar produtos alternativos para a estação, como pimentas ou feijões. Aquelas colheitas proveriam ao menos algum dinheiro, suficiente para sobreviverem até a colheita de frutas do ano seguinte. Contudo, havia um bom irmão com uma jovem família que não tinha terras adicionais e enfrentaria um ano inteiro sem nenhuma renda. Outros da

comunidade, vendo a situação difícil daquele irmão e agindo por iniciativa própria e com os próprios recursos, arranjaram uma gleba de terra, usaram seu próprio equipamento para preparar a terra e proveram-lhe pés de chili para plantar.

Conheço os homens que acabo de mencionar. Por conhecê-los, não fiquei surpreso com o que fizeram. Mas aqueles que não os conhecem provavelmente estarão fazendo duas perguntas, ambas começando com *por quê*. Por que eles iriam ao templo para desempenhar seus deveres e servir, depois de terem ficado acordados a noite inteira, simplesmente para se darem conta de que haviam perdido grande parte de sua renda do ano inteiro? Por que eles usariam seus recursos, que se tornaram escassos e muito preciosos, para ajudar outro desesperadamente necessitado, quando eles próprios estavam em situação financeira tão apertada?

Se vocês compreendem o que significa ser um discípulo de Jesus Cristo, então sabem a resposta para essas duas perguntas.

O convênio que fazemos de ser um discípulo de Cristo é o início de um processo para a vida inteira, e o caminho nem sempre é fácil. Ao nos arrependermos de nossos pecados

e nos esforçarmos para fazer o que Ele deseja que façamos, e servirmos nosso próximo como Ele o serviria, inevitavelmente nos tornamos mais semelhantes a Ele. Nossa meta e nosso objetivo sublimes são tornar-nos semelhantes a Ele e unos com Ele, e essa é essencialmente a própria definição do verdadeiro discipulado.

Como o Salvador perguntou a Seus discípulos ao visitar o continente americano: “Portanto, que tipo de homens deveréis ser?” E respondendo a Sua própria pergunta, Ele disse: “Em verdade vos digo que deveréis ser como eu sou” (3 Néfi 27:27).

Não é fácil nos tornar semelhantes ao Salvador, especialmente no mundo em que vivemos. Enfrentamos obstáculos e adversidade praticamente todos os dias de nossa vida. Há um motivo para isso, e esse é um dos propósitos básicos da mortalidade. Como lemos em Abraão 3:25: “E assim os provaremos para ver se farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes ordenar”.

Esses testes ou essas provações variam em natureza e intensidade. Mas ninguém sairá desta existência mortal sem passar por eles. Na maioria dos casos, visualizamos provações como a perda de uma colheita ou de um emprego, a morte de um ente querido, enfermidades, incapacidade física, mental ou emocional, pobreza ou perda de amigos. Contudo, até objetivos aparentemente válidos trazem seus próprios perigos como o orgulho inútil, quando aspiramos mais às honras dos homens do que a aprovação do céu. Isso pode incluir a popularidade do mundo, o reconhecimento público, o desempenho físico, o talento artístico ou esportivo, a prosperidade e as riquezas. No tocante a estas últimas provações, alguns de nós podem ter sentimentos semelhantes aos expressos por Teyve, na peça *Um Violinista no Telhado*. “Se as riquezas são uma maldição, que [Deus] me fira com elas, e que eu nunca me recupere.”¹

Mas estes últimos tipos de provação podem ser até mais assustadores, perigosos e mais difíceis de superar



do que os anteriores. Nosso discipulado se desenvolverá e será provado não pelo tipo de prova que enfrentamos, mas pelo modo como as suportamos. Como foi ensinado pelo Presidente Henry B. Eyring: “A grande prova da vida é ver se escutaremos os mandamentos de Deus e obedeceremos a eles em meio às tempestades da vida. Não é enfrentar as tempestades, mas escolher o certo durante as tempestades. A tragédia da vida é não passar nessa prova e, portanto, não se qualificar para voltar com glória ao lar celestial” (“Preparação Espiritual: Começar Cedo e Ser Constante”, *A Liahona*, novembro de 2005, p. 37).

Sou o avô orgulhoso de 23 netos. Eles nunca param de me surpreender com sua compreensão das verdades eternas, mesmo quando bem pequenos. Ao preparar-me para este discurso, pedi a cada um deles que me enviasse uma breve definição do que significa para eles ser um discípulo ou seguidor de Jesus Cristo. Recebi respostas maravilhosas de todos eles, mas gostaria de compartilhar esta resposta do Benjamin, que tem oito anos: “Ser um discípulo de Jesus Cristo significa ser um exemplo. Significa ser um missionário e preparar-se para ser um missionário. Significa servir as pessoas. Significa ler as escrituras e fazer oração. Significa santificar o Dia do Senhor. Significa dar ouvidos aos sussurros do Espírito Santo. Significa ir à Igreja e ao templo”.

Concordo com o Benjamin. O discipulado tem tudo a ver com fazer e tornar-se. Ao obedecermos a Seus mandamentos e servirmos a nosso próximo, tornamo-nos melhores discípulos de Jesus Cristo. A obediência e a submissão a Sua vontade nos trazem a companhia do Espírito Santo, juntamente com as bênçãos de paz, alegria e segurança que sempre acompanham esse membro da Trindade. E não há nenhum outro meio de recebê-las. No final, é pela total submissão à vontade Dele que nos tornamos semelhantes a nosso Salvador. Novamente, nossa meta e nosso objetivo sublimes são



tornar-nos semelhantes a Ele e unos com Ele, e essa é essencialmente a própria definição do verdadeiro discipulado.

O discipulado é o que vi ser praticado no Templo Colônia Juárez e em seus campos próximos, quando irmãos e irmãs na fé reafirmaram seu compromisso a Deus e uns com os outros, a despeito de uma adversidade avassaladora.

Testifico que se obedecermos a Seus mandamentos, servirmos ao próximo e submetermos nossa vontade à vontade Dele, sem dúvida nos tornaremos Seus verdadeiros discípulos. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTA

1. Ver Joseph Stein, Jerry Bock, Sheldon Harnick, *Um Violinista no Telhado*, 1964, p. 61.



Élder Don R. Clarke
Dos Setenta

As Bênçãos do Sacramento

Seremos abençoados se sentirmos gratidão pela Expição de Jesus Cristo, renovarmos nossos convênios batismais, sentirmos o perdão e recebermos inspiração do Espírito Santo.

Cresci em Rexburg, Idaho, onde fui influenciado e ensinado por uma família maravilhosa e por amigos, professores e líderes excelentes. Há experiências especiais na vida de todos nós que nos tocam a alma e tornam as coisas diferentes para sempre. Uma dessas experiências pessoais aconteceu em minha juventude. Ela transformou minha vida.

Sempre fui ativo na Igreja e progredi ao longo do Sacerdócio Aarônico. Quando eu era adolescente, o irmão Jacob, meu professor, pediu que eu anotasse em um cartão as coisas em que pensava durante o sacramento. Peguei meu cartão e comecei a escrever. No primeiro lugar da lista, estava um jogo de basquete que tínhamos ganhado na noite anterior. E depois, um encontro que tive depois do jogo, e assim por diante. Bem no final, e sem dúvida com pouco destaque, estava o nome de Jesus Cristo.

Todos os domingos, o cartão era preenchido. Para um jovem portador do Sacerdócio Aarônico, o sacramento e a reunião sacramental assumiram um novo e maior significado espiritual. Eu ansiava pelos domingos e

pela oportunidade de tomar o sacramento, à medida que a compreensão da Expição do Salvador começou a me mudar. Todos os domingos até hoje, ao tomar o sacramento, visualizo meu cartão e repasso na mente a minha lista. Agora, em minha lista, em primeiro lugar, está o Salvador da humanidade.

No Novo Testamento, lemos a respeito da ocasião em que o Salvador e Seus apóstolos se reuniram no cenáculo para o banquete de Páscoa.

“E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; *fazei isto em memória de mim.*”

Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, *que é derramado por vós.*”¹

Jesus também instituiu a ordenança do sacramento durante Sua visita aos nefitas.² Aprendi a reconhecer a importância desses dois acontecimentos.

O Presidente David O. McKay disse: “Sinto-me inspirado a salientar a que o Senhor designou como a mais importante reunião da Igreja,

e essa é a reunião sacramental”.³ Se nos prepararmos adequadamente para o sacramento, podemos transformar nossa vida. Gostaria de sugerir cinco princípios que podem abençoar nossa vida ao tomarmos o sacramento dignamente.

I – Ter um sentimento de gratidão pela Expição de Jesus Cristo

O primeiro princípio é ter, durante o sacramento, um sentimento de gratidão ao Pai Celestial pela Expição de Seu Filho. Conta-se a seguinte história sobre a distribuição do sacramento.

“O sacramento nunca significou muito para mim até o domingo em que fui ordenado diácono. Naquele dia, passei o sacramento pela primeira vez. Antes da reunião, um dos diáconos me preveniu: ‘Cuidado com o irmão Schmidt; você talvez tenha de acordá-lo!’ Enfim, chegou o momento em que participaria da distribuição do sacramento. Desempenhei o trabalho muito bem nas seis primeiras fileiras de bancos. As crianças e os adultos partilharam do pão sem qualquer problema ou irreverência. Então cheguei à fileira seguinte, onde o irmão Schmidt se encontrava e fiquei surpreso, pois em vez de achá-lo dormindo, ele estava bem acordado. Ao contrário de muitos dos outros, ele partilhou do pão com profundo sentimento e devoção.

Poucos minutos depois, lá estava eu de novo chegando àquela mesma fila, trazendo a água. Desta vez meu amigo estava certo. O irmão Schmidt estava de cabeça baixa e olhos fechados, evidentemente dormindo. O que eu poderia dizer? Como agir? Olhei por um momento sua testa enrugada e marcada por muitos anos de trabalho e fadiga. Ele havia-se filiado à Igreja na juventude em uma cidadezinha da Alemanha e tinha sofrido muita perseguição. Ouvira muitas vezes sua história nas reuniões de testemunho. Por fim, decidi sacudir gentilmente seu ombro, para que despertasse. Ao aproximar-me para tocá-lo, ele levantou a cabeça, devagar. Lágrimas banhavam-lhe a face e vi em seus olhos júbilo e amor. Ele estendeu o braço e bebeu da água. Embora eu só



tivesse 12 anos, guardo ainda a vívida lembrança do que senti ao ver aquele homem idoso partilhar do sacramento. Tive plena convicção de que ele experimentava pelo sacramento uma emoção que eu jamais sentira. Tomei, naquele instante, a firme decisão de ter em meu íntimo um sentimento igual àquele.”⁴

O irmão Schmidt havia-se comunicado com o céu, e o céu havia-se comunicado com ele.

II – Lembrar que estamos renovando convênios batismais

O segundo princípio é lembrar que estamos renovando nossos convênios batismais ao tomar o sacramento. Algumas das promessas que fazemos que estão registradas nas escrituras incluem:

“[Entrai] no rebanho de Deus [para] ser chamados seu povo, (...) [para] carregar os fardos uns dos outros, para (...) chorar com os que choram (...) e servir de testemunhas de Deus”⁵.

“[Vinde] com o coração quebrantado e o espírito contrito (...) dispostos a tomar sobre si o nome de Jesus Cristo, tendo o firme propósito de servi-lo até o fim”,⁶ e guardar Seus mandamentos e sempre lembrar Dele.⁷

As orações sacramentais são um lembrete desses convênios. Quando

tomamos o sacramento, renovamos nosso compromisso de viver à altura desses convênios. Creio que seria adequado memorizar as orações sacramentais na mente e no coração. Isso vai nos ajudar a concentrar-nos na renovação de nossos convênios batismais. Quer tenhamos 8 ou 80 anos ao ser batizados, espero que jamais nos esqueçamos desse dia e dos convênios que fizemos.

III – Durante o sacramento podemos sentir que fomos perdoados de nossos pecados

O terceiro princípio é que, durante o sacramento, podemos sentir que fomos perdoados de nossos pecados. Se passarmos um tempo antes da reunião sacramental nos arrependendo de nossos pecados, podemos sair dela sentindo-nos limpos e puros. O Presidente Boyd K. Packer disse: “O sacramento renova o processo de perdão. Todos os domingos quando o sacramento é servido, essa é uma cerimônia de renovação do processo de perdão. Todos os domingos, purificamo-nos para que, no devido tempo, quando morrermos, nosso espírito esteja limpo”.⁸ Ao tomar o sacramento dignamente podemos sentir-nos como o povo do rei Benjamim, que se “[encheu] de alegria, havendo

recebido a *remissão de seus pecados e tendo paz de consciência*”.⁹

IV – Podemos receber inspiração para resolver nossos problemas

O quarto princípio é que podemos receber, durante a reunião sacramental, a inspiração para resolver nossos problemas. Quando fui presidente de missão na Bolívia, minha esposa, Mary Anne e eu tivemos a bênção de assistir a um seminário de presidentes de missão com o Presidente Henry B. Eyring. Naquela reunião, ele ensinou que há três importantes meios de nos prepararmos para nos beneficiar em uma reunião. Devemos chegar com nossos problemas, humildes como crianças prontas a aprender e com o desejo de ajudar os filhos de Deus.

Se formos à reunião sacramental com humildade, podemos ser abençoados com a inspiração para resolver nossos problemas diários. Precisamos chegar preparados, estar dispostos a escutar e não nos distrair. Lemos nas escrituras: “Mas eis que eu te digo que deves *estudá-lo bem* em tua mente; depois me deves *perguntar se está certo* e, se estiver certo, farei *arder dentro de ti o teu peito*; portanto *sentirás que está certo*”.¹⁰ Podemos saber o que devemos fazer para solucionar nossos problemas.

V – Se tomarmos o sacramento dignamente, poderemos ficar plenos do Espírito Santo

O quinto princípio é que, se tomarmos o sacramento dignamente, poderemos ficar plenos do Espírito Santo. Ao instituir o sacramento durante Sua visita aos nefitas, Jesus declarou: “Aquele que come este pão, come do meu corpo para a sua alma; e aquele que bebe deste vinho, bebe do meu sangue para a sua alma; e sua alma nunca terá fome nem sede, mas ficará satisfeita”.¹¹ Foi-lhes prometido que se tivessem fome e sede de retidão, ficariam plenos do Espírito Santo. A oração sacramental também promete que, se vivermos à altura de nossos convênios, teremos Seu Espírito sempre conosco.¹²

O Élder Melvin J. Ballard disse: “Sou testemunha de que há um espírito presente na administração do sacramento que aquece a alma dos pés à cabeça. Sentimos as feridas do espírito serem curadas e os fardos serem aliviados. Consolo e felicidade advêm à alma que é digna e realmente desejosa de partilhar desse alimento espiritual”.¹³

Seremos abençoados se sentirmos gratidão pela Expição de Jesus Cristo, renovarmos nossos convênios batismais, sentirmos o perdão e recebermos inspiração do Espírito Santo ao tomarmos o sacramento a cada semana. Sempre será uma excelente reunião sacramental, se o sacramento for o ponto central de nossa adoração. Expresso minha gratidão pela Expição de Jesus Cristo. Sei que Ele vive. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Lucas 22:19–20; grifo do autor.
2. Ver 3 Néfi 18.
3. David O. McKay, *Conference Report*, outubro de 1929, p. 11.
4. *O Livro de Mórmon – Manual do Aluno* (Religião 121–122), Sistema Educacional da Igreja, 1979, p. 417.
5. Mosias 18:8–9.
6. Doutrina e Convênios 20:37.
7. Ver Doutrina e Convênios 20:77.
8. Boyd K. Packer, *Mine Errand from the Lord*, 2008, p. 196.
9. Mosias 4:3; grifo do autor.
10. Doutrina e Convênios 9:8; grifo do autor.
11. 3 Néfi 20:8.
12. Ver Doutrina e Convênios 20:77.
13. Melvin J. Ballard, Bryant S. Hinckley, *Sermons and Missionary Services of Melvin Joseph Ballard*, 1949, p. 149.



Élder David A. Bednar
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Convertidos ao Senhor

O conhecimento de que o evangelho é verdadeiro é a essência de um testemunho. A constante fidelidade ao evangelho é a essência da conversão.

Meu discurso concentra-se na relação entre a aquisição de um testemunho de que Jesus é o Cristo e a conversão a Ele e a Seu evangelho. Geralmente, abordamos separada e independentemente o tópico do testemunho e o da conversão. Contudo, adquirimos uma perspectiva valiosa e maior convicção espiritual quando analisamos juntos esses dois importantes assuntos.

Rogo que o Espírito Santo instrua e edifique cada um de nós.

E Vós, Quem Dizeis Que Eu Sou?

Podemos aprender muito sobre o testemunho e a conversão com o ministério do Apóstolo Pedro.

Quando chegou aos termos da Cesareia de Felipe, Jesus fez esta pungente pergunta a Seus discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?”

Pedro respondeu com determinação:

“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus” (Mateus 16:15–17).

Conforme evidenciado na resposta de Pedro e nas instruções do Salvador,

um testemunho é um conhecimento pessoal de uma verdade espiritual obtido por revelação. O testemunho é um dom de Deus e está ao alcance de todos os Seus filhos. Todo aquele que busca sinceramente a verdade pode obter um testemunho exercendo a necessária “partícula de fé” em Jesus Cristo, “pondo à prova” (Alma 32:27) “a virtude da palavra de Deus” (Alma 31:5), cedendo “ao influxo do Santo Espírito” (Mosias 3:19) e despertando para Deus (ver Alma 5:7). O testemunho traz maior responsabilidade pessoal, sendo uma fonte de determinação, certeza e alegria.

A busca e a obtenção do testemunho de uma verdade espiritual exige que perguntemos, busquemos e batamos (ver Mateus 7:7; 3 Néfi 14:7) com sinceridade de coração, real intenção e fé no Salvador (ver Morôni 10:4). Os componentes fundamentais de um testemunho são o conhecimento de que o Pai Celestial vive e nos ama, que Jesus Cristo é nosso Salvador e que a plenitude do evangelho foi restaurada na Terra nestes últimos dias.

Quando Te Converteres

Quando ensinou Seus discípulos na Última Ceia, o Salvador disse a Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos



[quis] cirandar como trigo;

Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos” (Lucas 22:31–32).

É interessante lembrar que aquele vigoroso apóstolo tinha conversado e andado com o Mestre, havia testemunhado muitos milagres e tinha um forte testemunho da divindade do Salvador. Mas até Pedro precisava de instruções adicionais de Jesus sobre o poder de conversão e santificação do Espírito Santo e instruções sobre sua obrigação de servir fielmente.

A essência do evangelho de Jesus Cristo produz uma mudança fundamental e permanente em nossa própria natureza, graças à Expição do Salvador. A verdadeira conversão ocasiona uma mudança nas crenças, no coração e na vida de uma pessoa, para que aceite a vontade de Deus e se sujeite a ela (ver Atos 3:19; 3 Néfi 9:20), o que inclui o compromisso consciente de tornar-se um discípulo de Cristo.

A conversão é uma ampliação, um aprofundamento e uma expansão do alicerce subjacente do testemunho. É o resultado da revelação de Deus, acompanhada do arrependimento, da obediência e da diligência individuais. Todo aquele que busca sinceramente

a verdade pode converter-se ao sentir uma vigorosa mudança no coração e nascer espiritualmente de Deus (ver Alma 5:12–14). À medida que honramos as ordenanças e os convênios de salvação e exaltação (ver D&C 20:25), “[prosseguindo] com firmeza em Cristo” (2 Néfi 31:20) e perseverando com fé até o fim (ver D&C 14:7), tornamo-nos novas criaturas em Cristo (ver II Coríntios 5:17). A conversão é uma oferta de nós mesmos que fazemos a Deus em gratidão pela dádiva do testemunho.

Exemplos de Conversão do Livro de Mórmon

O Livro de Mórmon está repleto de relatos inspiradores de conversão. Amaléqui, um descendente de Jacó, declarou: “E agora, meus queridos irmãos, quisera que viésseis a Cristo, que é o Santo de Israel, e participásseis de sua salvação e do poder de sua redenção. Sim, vinde a ele e ofertai-lhe toda a vossa alma, como dádiva” (Ômni 1:26).

É importante e necessário saber pelo poder do Espírito Santo que Jesus é o Cristo. Mas é preciso muito mais do que o mero conhecimento para nos achegarmos sinceramente a Ele e Lhe entregarmos toda a nossa alma como oferta. A conversão exige

todo nosso coração, todo nosso poder e toda nossa mente e força (ver D&C 42).

O povo do rei Benjamim reagiu a seus ensinamentos exclamando: “Sim, acreditamos em todas as palavras que nos disseste e também sabemos que são certas e verdadeiras, por causa do Espírito do Senhor Onipotente que efetuou em nós, ou melhor, em nosso coração, uma vigorosa mudança, de modo que não temos mais disposição para praticar o mal, mas, sim, de fazer o bem continuamente” (Mosias 5:2). A aceitação das palavras proferidas, a aquisição de um testemunho de sua veracidade e o exercício da fé em Cristo produziram uma vigorosa mudança de coração e a firme determinação de melhorar.

Os lamanitas convertidos do livro de Helamã foram descritos como um grupo de pessoas que “segue o caminho de seus deveres, anda circunspectamente perante Deus e esforça-se para guardar seus mandamentos e seus estatutos e suas ordenanças. (...)”

Esforçando-se com infatigável diligência para que o conhecimento da verdade seja levado ao restante de seus irmãos” (Helamã 15:5–6).

Como destacado nesses exemplos, as características principais associadas à conversão são uma vigorosa



mudança no coração, a disposição de fazer o bem continuamente e o empenho de seguir o caminho de seus deveres, andar prudentemente perante Deus, guardar os mandamentos e servir com infatigável diligência. Fica bem claro que aquelas almas fiéis tinham-se tornado profundamente devotadas ao Senhor e a Seus ensinamentos.

Converter-se

Para muitos de nós, a conversão é um processo contínuo, e não um acontecimento único resultante de uma experiência dramática. Linha sobre linha e preceito sobre preceito, gradual e quase imperceptivelmente, nossas motivações, nossos pensamentos, nossas palavras e nossas ações se tornam condizentes com a vontade de Deus. A conversão ao Senhor exige tanto persistência quanto paciência.

Samuel, o lamanita, identificou cinco elementos básicos da conversão ao Senhor: (1) acreditar nos ensinamentos e nas profecias dos santos

profetas conforme registrados nas escrituras, (2) exercer fé no Senhor Jesus Cristo, (3) arrepender-nos, (4) sentir uma vigorosa mudança no coração e (5) tornar-nos “firmes e inquebrantáveis na fé” (ver Helamã 15:7–8). Esse é o padrão que conduz à conversão.

Testemunho e Conversão

O testemunho é o início e um pré-requisito da conversão contínua. O testemunho é um ponto de partida, não o destino final. Um testemunho forte é o alicerce sobre o qual a conversão é estabelecida.

O testemunho por si só não será suficiente para proteger-nos das tempestades de escuridão e da maldade destes últimos dias em que vivemos. O testemunho é importante e necessário, mas não é o suficiente para prover a força e a proteção espiritual de que necessitamos. Alguns membros da Igreja que tinham um testemunho fraquejaram e caíram. Seu conhecimento e comprometimento espiritual

não estavam à altura dos desafios que enfrentaram.

Uma importante lição sobre a relação entre testemunho e conversão se evidencia no trabalho missionário dos filhos de Mosias.

“E tão certo quanto o Senhor vive, assim também quantos acreditaram, ou seja, quantos foram levados a conhecer a verdade pelas pregações de Amon e seus irmãos, segundo o espírito de revelação e de profecia e o poder de Deus que fazia milagres por meio deles—sim, (...) assim como o Senhor vive, todos os lamanitas que acreditaram em suas pregações e foram convertidos ao Senhor nunca apostaram.

Pois tornaram-se um povo justo e depuseram as armas de sua rebelião, para não mais lutarem contra Deus. (...)

Ora, estes são os que se converteram ao Senhor” (Alma 23:6–8).

Dois elementos importantes são descritos nesses versículos: (1) o *conhecimento da verdade*, que pode

ser interpretado como testemunho, e (2) *a conversão ao Senhor*, que entendo como a conversão ao Salvador e a Seu evangelho. Assim, a vigorosa combinação do testemunho com a conversão ao Senhor produz firmeza e estabilidade, e proporciona proteção espiritual.

Eles nunca apostataram e depuseram “as armas de sua rebelião, para não mais lutarem contra Deus”. Para depor as estimadas “armas de rebelião”, como o egoísmo, o orgulho e a desobediência, é preciso mais do que meramente acreditar e conhecer. A convicção, a humildade, o arrependimento e a submissão precedem o abandono de nossas armas de rebelião. Será que ainda possuímos armas de rebelião que nos impedem de converter-nos ao Senhor? Se for esse o caso, então precisamos arrependê-los agora mesmo.

Observem que os lamanitas não se converteram aos missionários que os ensinaram ou aos excelentes programas da Igreja. Não foram convertidos à personalidade de seus líderes ou à preservação de um legado cultural ou às tradições de seus pais. Foram convertidos ao Senhor — a Ele como o Salvador e a Sua divindade e doutrina — e nunca apostataram.

Um testemunho é o conhecimento espiritual da verdade obtido pelo poder do Espírito Santo. A conversão contínua é a constante devoção à verdade revelada que recebemos — com um coração solícito e por motivos justos. O conhecimento de que o evangelho é verdadeiro é a essência de um

testemunho. A constante fidelidade ao evangelho é a essência da conversão. Devemos saber que o evangelho é verdadeiro e ser leais ao evangelho.

Testemunho, Conversão e a Parábola das Dez Virgens

Quero usar agora uma das muitas possíveis interpretações da parábola das dez virgens, a fim de destacar a relação existente entre testemunho e conversão. Dez virgens, cinco prudentes e cinco tolas, levaram consigo suas lâmpadas e foram encontrar-se com o noivo. Pensem nas lâmpadas usadas pelas virgens como as lâmpadas do testemunho. As virgens tolas levaram consigo sua lâmpada do testemunho, mas não levaram azeite. Pensem no azeite como sendo o azeite da conversão.

“Mas as prudentes levaram azeite [da conversão] em suas vasilhas, com as suas lâmpadas [de testemunho].

E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.

Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.

Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas [de testemunho].

E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite [sim, o azeite de conversão], porque as nossas lâmpadas [de testemunho] se apagam.

Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós” (Mateus 25:4–9).

Será que as cinco virgens prudentes foram egoístas e se recusaram a compartilhar, ou será que estavam explicando corretamente que o azeite da conversão não podia ser emprestado? Será que a força espiritual resultante da obediência constante aos mandamentos pode ser concedida a outra pessoa? Será que o conhecimento obtido pelo estudo diligente das escrituras e pela reflexão pode ser transmitido a alguém carente dele? Será que a paz que o evangelho proporciona a um santo dos últimos dias fiel pode ser transferida a uma pessoa que enfrenta uma adversidade ou um grande desafio? A clara resposta para cada uma dessas perguntas é não.

Tal como as virgens prudentes devidamente salientaram, cada um de nós precisa “comprar para si mesmo”. Aquelas mulheres inspiradas não descreviam uma transação comercial, mas, sim, enfatizavam nossa responsabilidade individual de manter nossa lâmpada do testemunho ardendo e de obter um amplo suprimento do azeite da conversão. Esse precioso azeite é adquirido uma gota por vez — “linha sobre linha [e] preceito sobre preceito” (2 Néfi 28:30), com paciência e persistência. Não há atalhos. Não é possível fazer preparativos de última hora.

“Portanto sede fiéis, orando sempre, mantendo vossas lâmpadas preparadas e acesas e tendo convosco óleo, para que estejais prontos na vinda do Esposo” (D&C 33:17).

Testemunho

Prometo que à medida que adquirirmos um conhecimento da verdade e formos convertidos ao Senhor, permaneceremos firmes e inquebrantáveis e nunca apostataremos. Com avidez deporemos nossas armas de rebelião. Seremos abençoados com a radiante luz de nossa lâmpada do testemunho tendo um amplo suprimento do azeite da conversão. E à medida que cada um de nós se tornar plenamente convertido, fortaleceremos nossa família, nossos amigos e as pessoas de nosso convívio. Presto testemunho dessas verdades no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■





Presidente Thomas S. Monson

Deus Vos Guarde

Se inserirmos as mensagens dos dois últimos dias em nosso coração e em nossa vida, seremos abençoados.

Meus queridos irmãos e irmãs, chegamos ao término de outra conferência geral inspiradora. Pessoalmente, fui nutrido e elevado espiritualmente e sei que vocês também sentiram o espírito especial desta conferência.

Expressamos nossa sincera gratidão a todos os que participaram de alguma maneira. As verdades do evangelho foram ensinadas e reenfazadas de forma admirável. Se inserirmos as mensagens dos dois últimos dias em nosso coração e em nossa vida, seremos abençoados.

Como de costume, os procedimentos desta conferência estarão disponíveis nas próximas edições das revistas *Ensign* e *A Liahona*. Incentivo a todos a ler os discursos e a novamente ponderar sobre as mensagens neles ensinadas. Em minha própria vida, descobri que tiro maior proveito desses sermões inspirados quando os estudo em maior profundidade.

A imprensa efetuou uma cobertura sem precedentes desta conferência, que se estendeu por todos os continentes e oceanos, para pessoas do mundo inteiro. Embora estejamos bem distantes de muitos de vocês, sentimos seu espírito e lhes enviamos nosso amor e apreço.

Às Autoridades Gerais que foram

desobrigadas nesta conferência, expresso a sincera gratidão de todos nós por seus muitos anos de serviço dedicado. Incontáveis são aqueles que foram abençoados por suas contribuições à obra do Senhor.

Irmãos e irmãs, comemorei recentemente 85 anos de idade e sou grato por todos esses anos que o Senhor

me concedeu. Ao refletir sobre as experiências de minha vida, agradeço a Ele por Suas muitas bênçãos. Como mencionei em minha mensagem desta manhã, tenho sentido Sua mão dirigir meus esforços ao procurar zelosamente servi-Lo e servir a todos vocês.

O chamado de Presidente da Igreja requer muita abnegação. Como sou grato por meus dois conselheiros, que servem ao meu lado e que estão sempre dispostos e são extraordinariamente capazes de ajudar no trabalho requerido da Primeira Presidência. Expresso minha gratidão, da mesma forma, aos nobres irmãos que compõem o Quórum dos Doze Apóstolos. Eles trabalham incansavelmente na causa do Mestre, tendo os membros dos Quóruns dos Setenta a assisti-los de forma inspirada.

Desejo também louvar a vocês, irmãos e irmãs, onde quer que estejam neste mundo, por tudo o que fazem em suas alas, estacas, em seus ramos e distritos. Ao cumprir de bom grado os chamados que lhes são feitos, vocês estão ajudando a edificar o reino de Deus na Terra.

Que possamos cuidar uns dos outros, ajudando-nos mutuamente



sempre que necessário. Deixemos de julgar os outros ou de ser críticos, mas sejamos tolerantes, sempre imitando o exemplo da amorosa bondade do Salvador. Nessa mesma linha, sirvamos uns aos outros de boa vontade. Que possamos orar pela inspiração de saber das necessidades dos que nos rodeiam, de forma a lhes oferecermos a ajuda necessária.

Tenhamos bom ânimo em toda a nossa vida. Embora estes sejam dias cada vez mais perigosos, o Senhor nos ama e Se preocupa conosco. Ele sempre está ao nosso lado quando fazemos o que é certo. Ele nos ajudará em época de necessidade. Temos dificuldades na vida, até problemas que não prevíamos e que evitaríamos, se pudéssemos. Ninguém está imune. O propósito da vida mortal é aprender e crescer para nos assemelharmos ao nosso Pai, e é em geral durante as dificuldades que mais aprendemos, por mais dolorosas que sejam as lições. Nossa vida pode ser plena de alegria, se seguirmos os ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo.

O Senhor admoestou: “Tende bom ânimo, eu venci o mundo”.¹ Que grande felicidade pode nos advir por sabermos disso. Ele viveu por nós e morreu por nós. Ele pagou o preço por nossos pecados. Que possamos imitar Seu exemplo. Que possamos mostrar enorme gratidão a Ele aceitando Seu sacrifício e vivendo de forma a nos qualificarmos para retornar um dia e viver com Ele.

Como já mencionei em outras conferências, sou grato por suas orações em meu favor. Preciso delas e sinto seu resultado. Nós, como Autoridades Gerais, também nos lembramos de vocês e oramos para que recebam as bênçãos mais especiais do Pai Celestial.

Agora, queridos irmãos e irmãs, esta conferência entrará em recesso por seis meses. Que Deus esteja com vocês até nos reencontrarmos da próxima vez. No sagrado nome do nosso Salvador e Redentor, sim, Jesus Cristo. Amém. ■

NOTA

1. João 16:33.



Linda K. Burton

Presidente Geral da Sociedade de Socorro

Temos a Fé na Expição de Jesus Cristo Escrita em Nosso Coração?

A realização de convênios, o cumprimento deles e a alegria que sentimos por eles será a evidência de que a Expição de Jesus Cristo está realmente escrita em nosso coração.

Minhas queridas irmãs, vocês tem estado em minha mente e em meu coração há meses, ao ponderar esta responsabilidade desafiadora. Embora não me sinta à altura da responsabilidade que me foi dada, sei que o chamado veio do Senhor por meio de Seu profeta escolhido e, por enquanto, isso é o suficiente. As escrituras ensinam que “seja pela [voz do Senhor] ou pela voz de [Seus] servos, é o mesmo”.¹

Uma das preciosas dádivas associadas a este chamado é a certeza de que o Pai Celestial ama todas as Suas filhas. Tenho sentido Seu amor por todas nós individualmente!

Como vocês, amo as escrituras! No livro de Jeremias, encontramos uma escritura que me é muito querida. Jeremias vivia numa época e num lugar

difíceis, mas o Senhor permitiu-lhe prever “uma época de esperança durante a coligação de Israel nos últimos dias”² — os nossos dias. Jeremias profetizou:

“Depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. (...)”

Todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor; porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados”.³

Somos o povo que Jeremias viu. Será que convidamos o Senhor a escrever a lei, ou a doutrina, em nosso coração? Será que acreditamos que o perdão obtido por meio da Expição a que Jeremias se referiu se aplica a nós pessoalmente?



Há poucos anos, o Élder Jeffrey R. Holland compartilhou seus sentimentos sobre a profunda fé exercida pelos pioneiros que se empenharam em chegar ao Vale do Lago Salgado, mesmo depois da morte de seus filhos. Ele disse: “Não fizeram essa jornada por causa de um programa ou uma atividade social. Eles a fizeram por causa da fé no evangelho de Jesus Cristo que traziam na alma, na medula dos seus ossos”.

Expressou, com terna emoção:

“Foi só por isso que aquelas mães foram capazes de, depois de enterarem [seus bebês] em uma pequena caixa, seguir em frente e dizer: ‘A terra prometida está adiante. Nós chegaremos ao vale’.

Isso ocorreu por causa dos convênios, da doutrina, da fé, da revelação e do Espírito”.

Concluiu, com estas palavras instigantes: “Se mantivermos isso em nossa família e na Igreja, muitas outras coisas vão acontecer naturalmente. Muitas coisas vão deixar de ser importantes para nós. Foi-me dito que nos carrinhos de mão não cabia muita coisa. Os pioneiros tiveram que escolher o que levar. Assim como fizeram nossos antepassados, talvez o Século XXI nos leve a ter que decidir: ‘O que levaremos neste carrinho?’ Levaremos a substância da nossa alma; aquilo que está na medula dos ossos”.⁴ Ou em outras palavras, levaremos o que está *escrito em nosso coração!*

Como nova presidência da Sociedade de Socorro, buscamos sinceramente o Senhor para saber que coisas essenciais Ele gostaria que puséssemos no carrinho de mão da Sociedade de Socorro, para que Sua obra continuasse a progredir. Sentimos que o Pai Celestial gostaria, em primeiro lugar, que ajudássemos Suas amadas irmãs a compreender a doutrina da Expição de Jesus Cristo. Ao fazer isso, sabemos que nossa fé vai aumentar, bem como nosso desejo de viver em retidão. Em segundo lugar, ao levarmos em consideração a necessidade crítica de fortalecer a família e o lar, sentimos que o Senhor gostaria que incentivássemos Suas amadas filhas a apegar-se com alegria a seus convênios. Quando os convênios são cumpridos, a família é fortalecida. Por fim, sentimos que Ele gostaria que trabalhássemos em união com as outras auxiliares e com nossos líderes do sacerdócio, esforçando-nos para procurar e para ajudar os necessitados a progredir ao longo do caminho. É nossa fervorosa oração que cada uma de nós abra o coração e deixe que o Senhor grave nele as doutrinas da Expição, dos convênios e da união.

Como podemos esperar fortalecer as famílias ou ajudar outros, sem que primeiramente tenhamos escrito em nosso coração uma profunda e duradoura fé em Jesus Cristo e em Sua infinita Expição? Nesta noite, gostaria de compartilhar três princípios da Expição que, se forem escritos em

nosso coração, vão aumentar nossa fé em Jesus Cristo. Espero que a compreensão desses princípios abençoe cada uma de nós, quer sejamos novas na Igreja ou tenhamos sido sempre membros dela.

Princípio 1: “Tudo o que é injusto nesta vida pode ser corrigido por meio da Expição de Jesus Cristo”.⁵

Nós, tal como vocês, prestamos testemunho da Expição de nosso Salvador, Jesus Cristo. Nosso testemunho, como o de vocês, foi escrito em nosso coração ao enfrentarmos vários desafios e várias adversidades angustiantes. Sem uma compreensão do perfeito plano de felicidade do Pai Celestial e da Expição do Salvador, como um ponto central desse plano, esses desafios poderiam parecer injustos. Todos compartilhamos as provações da vida juntos. Mas no coração dos fiéis está escrito que “tudo o que é injusto nesta vida pode ser corrigido por meio da Expição de Jesus Cristo”.

Por que o Senhor permite que haja sofrimento e adversidade em nossa vida? Em termos simples, isso faz parte do plano para nosso crescimento e progresso! Nós “jubilamos”⁶ quando soubemos que teríamos a oportunidade de vir à Terra para vivenciar a mortalidade. O Élder Dallin H. Oaks ensinou: “As tão necessárias conversões costumam alcançar-se com mais rapidez por meio do sofrimento e da adversidade do que pelo conforto e a tranquilidade”.⁷

O exemplo de uma fiel irmã pioneira ilustra essa verdade. Mary Lois Walker casou-se aos 17 anos com John T. Morris, em St. Louis, Missouri. Eles cruzaram as planícies com os santos em 1853, entrando no Vale do Lago Salgado pouco depois de seu primeiro aniversário de casamento. Em sua jornada, sofreram as mesmas privações que os outros santos sofreram. Mas seu sofrimento e sua adversidade não tiveram fim quando chegaram ao Vale do Lago Salgado. No ano seguinte, Mary, então com 19 anos, escreveu: “Um filho nos nasceu. (...) Certa noite, quando ele tinha dois ou três meses (...) algo

sussurrou para mim: ‘Você vai perder este pequenino’.”

Naquele inverno, a saúde do bebê ficou debilitada. “Fizemos tudo o que pudemos, (...) mas o bebê foi piorando cada vez mais. (...) No dia dois de fevereiro, ele morreu (...) então bebi a amarga taça de separar-me da minha própria carne e meu próprio sangue.” Mas suas provações ainda não haviam terminado. O marido de Mary também ficou doente, e três semanas depois de perder seu bebê, ele morreu.

Mary escreveu: “Lá estava eu, ainda adolescente, tendo perdido no curto período de 20 dias meu marido e meu único filho, numa terra estranha a centenas de quilômetros de meus parentes e com uma montanha de problemas diante de mim (...) então desejei também morrer e unir-me a meus entes queridos”.

Mary prosseguiu, dizendo: “Numa noite de domingo, eu estava fazendo uma caminhada com minha amiga. (...) Lembrei-me da ausência [do meu marido] e de minha intensa solidão e enquanto chorava amargamente, vi em minha mente a íngreme ladeira da vida que eu deveria escalar e senti a realidade disso com grande intensidade. Uma profunda depressão me acometeu, porque o inimigo sabe quando nos atacar, *mas nosso [Salvador, Jesus Cristo,] é poderoso para salvar*. Com (...) a ajuda concedida pelo Pai, consegui batalhar contra todas as forças que pareciam ter-se unido contra mim naquele momento”.⁸

Mary aprendeu na tenra idade de 19 anos que a Expição nos dá a certeza de que todas as coisas injustas desta vida podem ser e serão corrigidas, até mesmo as tristezas mais profundas.

Princípio 2: Há poder na Expição para capacitar-nos a vencer o homem ou mulher natural e a tornar-nos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.⁹

Há um meio de saber quando aprendemos uma doutrina ou um princípio do evangelho. É quando conseguimos ensinar a doutrina ou o princípio de modo que uma criança



consiga entender. Um valioso recurso para ensinar as crianças a compreender a Expição é uma analogia que se encontra em uma lição da Primária. Talvez isso possa ajudar-nos quando formos ensinar nossos próprios filhos, netos ou amigos de outra religião que desejam compreender essa doutrina essencial.

“[Uma mulher] que estava andando pela estrada caiu em um buraco fundo demais para que conseguisse sair [sozinha]. Apesar de tudo o que fez, [ela] não conseguiu sair. [A mulher] pediu ajuda e ficou contente quando uma pessoa bondosa que passava baixou uma escada para dentro do buraco. Com isso, conseguiu sair do buraco e recuperar a liberdade.

Nós somos como [a mulher] do buraco. O pecado é como cair no buraco: não podemos nos livrar sozinhos. Assim como a pessoa bondosa que passava ouviu o pedido de socorro [da mulher], o Pai Celestial enviou Seu Filho Unigênito para proporcionar-nos um meio de escapar. O sacrifício expiatório de Jesus Cristo é comparável à escada que foi baixada: fornece o meio para escaparmos.”¹⁰ Mas o Salvador faz mais do que apenas baixar a escada, Ele “desce ao fundo do buraco e faz com que nos seja possível usar a escada para escapar”.¹¹ “Temos que nos arrepender de nossos pecados e obedecer aos princípios e às ordenanças do evangelho para sair do pecado e fazer com



que a Expição tenha efeito em nossa vida, do mesmo modo que [a mulher] que estava no buraco teve de subir a escada para sair do buraco. Assim, depois de fazermos tudo o que pudermos, a Expição torna possível nos tornarmos dignos de voltar à presença do Pai Celestial.”¹²

Recentemente, tive o privilégio de conhecer uma pioneira moderna, uma amada filha de Deus e recém-conversa à Igreja, no Chile. Ela é uma mãe que cria sozinha dois filhos pequenos. Pelo poder da Expição, tornou-se capaz de deixar o passado para trás e agora se esforça sinceramente para tornar-se uma verdadeira discípula de Jesus Cristo. Ao pensar nela, um princípio ensinado pelo Élder David A. Bednar me veio à mente: “Uma coisa é saber que Jesus Cristo veio à Terra para *morrer* por nós — isso é fundamental e básico para a doutrina de Cristo. Mas também precisamos ser gratos pelo fato de o Senhor desejar, por meio de Sua Expição e pelo poder do Espírito Santo, *viver* em nós — não apenas para nos dirigir, mas também para nos capacitar”.¹³

Quando aquela irmã chilena e eu conversamos sobre como nos manter no caminho que leva à vida eterna, ela garantiu-me com entusiasmo que

estava determinada a continuar nesse caminho. Disse que estivera fora do caminho na maior parte da vida e declarou que não havia nada “lá fora” do caminho que ela gostaria de ter novamente em sua vida. O poder capacitador da Expição está vivo dentro dela. Está sendo escrito em seu coração.

Esse poder não apenas nos permite escapar do buraco, mas também nos dá a capacidade de continuar no caminho estreito e apertado que nos conduz de volta à presença de nosso Pai Celestial.

Princípio 3: A Expição é a maior evidência que temos do amor do Pai por Seus filhos.

Bem faríamos em ponderar este tocante pensamento do Élder Oaks: “Pensem em como deve ter afligido nosso Pai Celestial enviar Seu Filho para suportar um sofrimento incompreensível por nossos pecados. Essa é a maior evidência de Seu amor a cada um de nós!”¹⁴

Esse ato supremo de amor deve fazer com que nos ajoelhemos em humilde oração para agradecer a Nosso Pai Celestial por nos amar a ponto de enviar Seu Filho Unigênito e perfeito para sofrer por nossos

pecados, por nossas tristezas e por tudo o que nos parece injusto na vida.

Lembram-se da mulher sobre a qual o Presidente Dieter F. Uchtdorf falou recentemente? Ele disse: “Certa mulher que passara por anos de provações e tristezas disse, em meio às lágrimas: ‘Cheguei à conclusão de que sou como uma velha nota de 20 dólares — amassada, rasgada, suja, maltratada e manchada. Mas ainda sou uma nota de 20 dólares. Valho alguma coisa. Muito embora não tenha boa aparência e esteja danificada e usada, ainda valho todos os 20 dólares’.”¹⁵

Aquela mulher sabia que era uma filha amada de seu Pai Celestial e que tinha valor suficiente para que Ele enviasse Seu Filho para expiar por ela, individualmente. Toda irmã da Igreja deve saber o que aquela irmã sabia: que é uma amada filha de Deus. Como o conhecimento de nosso valor para Ele muda o modo como guardamos nossos convênios? Como o conhecimento de nosso valor para Ele afeta nosso desejo de ministrar às pessoas? Como o conhecimento de nosso valor para Ele aumenta nosso desejo de ajudar os necessitados a compreender a Expição como nós compreendemos do fundo do coração? Quando cada um de nós tiver a doutrina da Expição escrita no fundo do coração, começaremos a tornar-nos o tipo de pessoas que o Senhor deseja que sejamos quando Ele voltar. Ele vai nos reconhecer como Seus verdadeiros discípulos.

Que a Expição de Jesus Cristo cause uma “vigorosa mudança” em nosso coração.¹⁶ Ao despertarmos para essa doutrina, que um anjo de Deus declarou serem “boas novas de grande alegria”,¹⁷ prometo que sentiremos o mesmo que sentiu o povo do rei Benjamim. Depois de orarem vigorosamente para que a Expição fosse aplicada à vida deles, “encheram-se de alegria”¹⁸ e estavam “dispostos a fazer um convênio com nosso Deus, de cumprir a sua vontade e obedecer a seus mandamentos em todas as coisas”.¹⁹ A realização de convênios, o cumprimento deles e a alegria que sentimos por eles será a evidência de que a Expição de Jesus

Cristo está realmente escrita em nosso coração. Lembrem-se destes três princípios, irmãs:

1. “Tudo o que é injusto na vida pode ser corrigido por meio da Expição de Jesus Cristo.”²⁰
2. Há poder na Expição para capacitar-nos a vencer o homem ou a mulher natural e a tornar-nos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.²¹
3. A Expição é a maior evidência que temos do amor do Pai por Seus filhos.²²

“Depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e *a escreverei no seu coração*; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.”²³ Possamos todos pedir ao Senhor que escreva esses princípios da Expição em nosso coração. Testifico que são verdadeiros. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Doutrina e Convênios 1:38
2. *Velho Testamento: Manual do Professor de Doutrina do Evangelho*, 2001, p. 198.
3. Jeremias 31:33–34; grifo da autora.
4. Jeffrey R. Holland, “Painel de Debate”, *Reunião de Treinamento Mundial de Liderança*, 9 de fevereiro de 2008, p. 28.
5. *Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 52.
6. Jó 38:7.
7. Dallin H. Oaks, “O Desafio de Tornar-se”, *A Liahona*, janeiro de 2001, p. 40.
8. Autobiografia de Mary Lois Walker Morris (cópia em posse de Linda Kjar Burton).
9. Ver David A. Bednar, “A Expição e a Jornada da Mortalidade”, *A Liahona*, abril de 2012, p. 12.
10. *Primária 7: O Novo Testamento*, 1997, p. 104.
11. Ver Joseph Fielding Smith, *Doutrinas de Salvação*, comp. por Bruce R. McConkie, 3 vols., 1954–1956, vol. I, p. 134.
12. *Primária 7*, p. 104.
13. David A. Bednar, “A Expição e a Jornada da Mortalidade”, *A Liahona*, abril de 2012, p. 12.
14. Dallin H. Oaks, “O Amor e a Lei”, *A Liahona*, novembro de 2009, p. 26.
15. Dieter F. Uchtdorf, “Vós Sois Minhas Mãos”, *A Liahona*, maio de 2010, p. 28.
16. Ver Alma 5:12–14.
17. Mosias 3:3.
18. Ver Mosias 4:1–3.
19. Ver Mosias 5:2–5.
20. *Pregar Meu Evangelho*, p. 52.
21. Ver David A. Bednar, *A Liahona*, abril de 2012, p. 12.
22. Ver Dallin H. Oaks, “O Amor e a Lei”, *A Liahona*, novembro de 2009, p. 26.
23. Jeremias 31:33; grifo da autora.



Carole M. Stephens

Primeira Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

Despertar Plenamente para Nossos Deveres

Precisamos estar despertas para nosso dever e prosseguir com fé, confiando no poder de consolo, fortalecimento, capacitação e cura da Expição.

Após meu chamado para a presidência geral da Sociedade de Socorro, tive o desejo de saber mais sobre as mulheres que serviram antes de mim. Fiquei impressionada com os ensinamentos da irmã Zina D. Young, primeira conselheira na segunda presidência geral da Sociedade de Socorro. Ela disse: “Irmãs, cabe a nós estarmos amplamente despertas para nossos deveres”.¹ Ponderei as palavras *desperta* e *dever*, e fiz mais algumas pesquisas nas escrituras.

No Novo Testamento, Paulo ensinou aos santos de sua época:

“Já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto. (...)”

A noite é passada, e o dia é chegado. (...) Vistamo-nos das armas da luz”.²

No Livro de Mórmon, Alma ensinou a seu povo os sagrados deveres daqueles que fazem um convênio com Deus:

“E agora, sendo que desejas entrar no rebanho de Deus e ser chamados seu povo; e sendo que estais dispostos a carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves;

Sim, e estais dispostos a chorar com os que choram; sim, e consolar os que necessitam de consolo e servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares. (...)”

Agora vos digo que, se for este o desejo de vosso coração, o que vos impede de serdes batizados em nome do Senhor, como um testemunho, perante ele, de que haveis feito convênio com ele de servi-lo e guardar seus mandamentos, para que ele possa deramar seu Espírito com mais abundância sobre vós?

E quando ouviram estas palavras, bateram palmas de alegria e exclamaram: Este é o desejo de nosso coração.”³

A declaração da irmã Young e essas escrituras me fizeram ponderar os “deveres” para os quais devemos estar despertas em nossos dias.

Quando somos batizadas, fazemos um convênio. O Élder Robert D. Hales ensinou: “Ao fazermos e guardarmos convênios, saímos do mundo e ingresamos no reino de Deus”.⁴

Somos mudadas. Parecemos diferentes e agimos de modo diferente. As

coisas que ouvimos, lemos e dizemos são diferentes, e o que vestimos é diferente porque nos tornamos filhas de Deus, ligadas a Ele por convênio.

Quando somos confirmadas, recebemos o dom do Espírito Santo, o direito de ter a constante influência de um membro da Trindade para guiá-nos, consolar-nos e proteger-nos. Ele nos avisa quando somos tentadas a desviar-nos de nossos convênios e voltar ao mundo. O Presidente Boyd K. Packer ensinou que nenhuma de nós “jamais cometerá um erro grave sem antes receber um aviso pelos sussurros do Espírito Santo”.⁵

Para receber esse dom e ter sempre o Espírito conosco, precisamos ser dignas e vigilantes em verificar a condição de nosso coração. Será que nosso coração é brando? Temos um coração humilde, ensinável e bondoso? Ou será que nosso coração foi gradualmente se endurecendo ao permitirmos que o excessivo ruído do mundo nos desviasse do suave sussurro que, sem dúvida, provém do Espírito?

Quando fomos batizadas, nosso coração foi mudado e despertamos para Deus. Em nossa jornada mortal,

precisamos periodicamente perguntar a nós mesmas: “Se [eu senti] uma mudança no coração, (...) [posso] agora sentir isso?”⁶ E se não, por que não?

Muitos dos antigos santos “[sentiram] esta poderosa mudança em [seu] coração”.⁷ Isso os despertou para que recebessem as bênçãos do templo que os fortaleceram em seus deveres. Os antigos santos de Nauvoo “ficavam no templo o dia inteiro e até bem tarde da noite”⁸ para receber ordenanças e fazer convênios antes de iniciar sua jornada para o Oeste.

Sarah Rich, uma irmã da Sociedade de Socorro de Nauvoo, disse o seguinte: “Muitas foram as bênçãos que recebemos na casa do Senhor, o que nos trouxe alegria e consolo em meio a todas as tristezas e nos possibilitou ter fé em Deus sabendo que Ele nos guiaria e nos ampararia na jornada desconhecida que tínhamos à frente”.⁹

Com o coração mudado pela fé no Salvador, eles confiaram no poder de Sua Expição. Eles despertaram para a ação. Sabiam, no fundo do coração, que havia alguém — o Salvador — que compreendia suas adversidades

pessoais porque havia sofrido por elas no Jardim do Getsêmani e na cruz. Ele sentiu o temor, a dúvida, a dor e a solidão que eles sentiram. Sofreu as tristezas, as perseguições, a fome, o cansaço e as perdas que sofreram. E por ter sofrido todas essas coisas, Ele podia dizer-lhes: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”.¹⁰

E eles foram. Confiaram em seu profeta e o seguiram. Sabiam que a jornada seria longa e que seus deveres seriam difíceis. Sabiam que seria exigido sacrifício, mas sustentados pela fé e apegando-se a seus convênios, estavam espiritualmente preparados.

Antes de partir de Nauvoo, um grupo de santos escreveu uma mensagem na sala de assembleia do templo que foram obrigados a abandonar, que dizia: “O Senhor viu nosso sacrifício: sigam-nos”.¹¹

Particpei recentemente de uma jornada pioneira com os rapazes e as moças de nossa ala. Todas as manhãs eu me perguntava: “Qual é meu sacrifício? Como posso segui-los?”

No segundo dia da jornada, quando chegamos a um lugar da trilha chamado “a força das irmãs”, havíamos puxado nossos carrinhos de mão por 13 quilômetros. Os homens foram separados das mulheres e eles foram enviados à frente, colina acima. Quando começamos a puxar nossos carrinhos de mão, olhei para o alto e vi nossos irmãos do sacerdócio, jovens e velhos, enfileirados ao lado da trilha, com o chapéu na mão em respeito às mulheres.

O caminho foi fácil a princípio, mas logo surgiu areia profunda e a colina ficou mais íngreme. Eu estava de cabeça baixa, puxando com toda a força, quando senti um empurrão no carrinho, então ergui o rosto e vi Lexi, uma de nossas moças e minha vizinha. Ela tinha puxado seu carrinho até o topo e, vendo que precisávamos de ajuda, correu de volta. Quando chegamos ao topo e largamos ali exaustas o nosso carrinho, eu queria muito correr de volta para ajudar as que vinham atrás, mas estava ofegante, e meu coração batia tão forte





que as palavras *ataque cardíaco* me vieram à mente mais de uma vez! Observei com gratidão que outras moças largaram seu carrinho de mão e correram para ajudar.

Quando todas nós chegamos ao topo, passamos algum tempo registrando nossos sentimentos no diário. Eu escrevi: “Não me preparei o bastante fisicamente, por isso não tive forças para ajudar as que vinham atrás de mim. Pode ser que nunca mais tenha de puxar um carrinho de mão de novo, mas jamais quero deixar de ajudar minhas irmãs espiritualmente, jamais!”

Foi uma experiência sagrada que me despertou espiritualmente para meus deveres para com minha família e outras pessoas. Por toda a jornada, refleti sobre o que havia aprendido.

Primeiro, pensei em minhas irmãs, as que *tinham* puxado e as que *continuam hoje* a puxar seus carrinhos de mão sozinhas. Aproximadamente 20% das mulheres daquelas antigas companhias de carrinhos de mão estavam sozinhas, pelo menos em parte do caminho. Eram mulheres que não haviam se casado, eram divorciadas ou viúvas. Muitas criavam

os filhos sozinhas.¹² Todas se esforçaram juntas: filhas do convênio, jovens e idosas, em diferentes circunstâncias, no mesmo caminho, com a mesma meta.

Aquelas que correram para ajudar suas irmãs necessitadas me lembraram das resgatadoras, visíveis ou não, que são rápidas em observar, ver uma necessidade e agir.

Pensei nas palavras do Senhor: “Irei adiante de vós. Estarei a vossa direita e a vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração e meus anjos ao vosso redor para vos sustentar”.¹³

Enfileirados de ambos os lados da trilha estavam homens fiéis, obedientes e cumpridores de seus convênios. Seu poder do sacerdócio — o poder que Deus usa para abençoar todos os Seus filhos — nos ergueu, fortaleceu-nos e apoiou-nos. Eles eram um lembrete de que nunca estamos sozinhas. Podemos ter sempre esse poder conosco, se guardarmos nossos convênios.

Pensei nos homens que, durante a jornada, foram separados da família, deixando-as puxar o carrinho de mão sozinhas. Muitos homens morreram na jornada. Alguns deixaram filhos para

trás fazendo missão em sua terra natal. Outros emigraram antes a fim de fazer os preparativos para a chegada da família ao Vale do Lago Salgado. Alguns homens estavam ausentes por escolha própria, pois decidiram não cumprir seus convênios.

Como aquelas que nos precederam, muitas hoje vivem em circunstâncias que não são ideais. Continuamos a ensinar e a nos empenhar para alcançar esse ideal porque sabemos que o esforço contínuo nos manterá progredindo ao longo do caminho e nos preparará para as oportunidades de receber todas as bênçãos prometidas, se “[esperarmos] no Senhor”.¹⁴

Cada uma de nós teve e continuará a ter adversidades na vida. Esta vida mortal é um tempo de provação e continuaremos a ter oportunidades de usar nosso arbítrio para escolher o que iremos aprender com as adversidades que, sem dúvida, virão.

Como filhas de Deus, continuamos no caminho com fé, porque reconhecemos o que o Presidente Thomas S. Monson ensinou: “As ordenanças de salvação recebidas no templo, que nos permitem um dia voltar à presença de nosso Pai Celestial em um

relacionamento familiar eterno, além da investidura de bênçãos e de poder do alto valem todo sacrifício e todo esforço”.¹⁵

Não é o suficiente apenas estar na jornada. Precisamos estar despertas para nosso dever e prosseguir com fé, confiando no poder de consolo, fortalecimento, capacitação e cura da Expição.

Irmãs, amo vocês. Não conheço muitas de vocês pessoalmente, mas sei *quem* vocês são! Somos filhas que guardam convênios em Seu reino e, investidas de poder por meio de nossos convênios, estamos preparadas para realizar nosso dever.

A Sociedade de Socorro prepara as mulheres para as bênçãos da vida eterna despertando-nos espiritualmente para que aumentemos nossa fé e retidão pessoal. Vamos começar com nós mesmas. Começemos de onde estamos. Começemos hoje. Se estivermos espiritualmente despertas, seremos mais capazes de fortalecer as famílias e os lares, e ajudar outras pessoas.

Este é um trabalho de salvação, e o poder fortalecedor e capacitador da Expição torna tudo isso possível. Despertem para quem somos. Despertem para nosso dever. Somos filhas de nosso Pai Celestial, que nos ama. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Zina D. H. Young, *Woman's Exponent*, 15 de outubro de 1877, p. 74.
2. Romanos 13:11–12.
3. Mosias 18:8–11.
4. Robert D. Hales, “Recato: Reverência pelo Senhor”, *A Liahona*, agosto de 2008, p. 18.
5. Boyd K. Packer, “Como Sobreviver em Território Inimigo”, *A Liahona*, outubro de 2012, p. 34.
6. Alma 5:26.
7. Alma 5:14.
8. *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*, 2011, p. 31.
9. Sarah Rich, *Filhas em Meu Reino*, p. 32.
10. Mateus 11:28.
11. *Filhas em Meu Reino*, p. 32.
12. Pesquisa feita por Jolene S. Allphin, compilada de históricos e registros das companhias; ver *Tell My Story, Too*, 8ª ed., 2012.
13. Doutrina e Convênios 84:88.
14. Isaías 40:31.
15. Thomas S. Monson, “O Templo Sagrado Um Farol para o Mundo”, *A Liahona*, maio de 2011, p. 90.



Linda S. Reeves

Segunda Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

O Senhor Não Se Esqueceu de Vocês

Nosso Pai Celestial e nosso Salvador, Jesus Cristo, nos conhecem e nos amam. (...) Podemos sentir o amor e a compaixão que Eles têm quando sofremos.

Ao conhecermos irmãs no mundo inteiro, ficamos admiradas com a força de seu testemunho. Muitas de vocês são a primeira ou a segunda geração de membros da Igreja. Vemos muitas irmãs que servem em mais de um cargo, viajam longas distâncias para assistir às reuniões da Igreja e fazem sacrifícios para realizar e guardar convênios sagrados. Honramos vocês. Vocês são as pioneiras modernas do Senhor!

Recentemente, meu marido, Mel, e eu conhecemos uma mulher que trabalhava como guia voluntária chamada Mollie Lenthal ao visitarmos um museu na Austrália. Descobrimos que Mollie era uma adorável mulher na casa dos 70 anos, não tinha filhos e nunca se casara. Era filha única, e seus pais já tinham falecido havia vários anos. Seus parentes mais próximos eram duas primas que moravam em outro continente. De repente, fui tocada pelo Espírito que me testificou, quase como se o Pai Celestial estivesse me falando: “Mollie *não* está sozinha! Mollie é *minha* filha! Eu sou o Pai dela! Ela é uma filha muito importante em *minha* família e ela *nunca* está sozinha!”

Uma de minhas histórias favoritas a respeito do Salvador é a de Lázaro. As escrituras narram que “Jesus amava a Marta, e a sua irmã [Maria], e a Lázaro”.¹ Mandaram dizer a Jesus que Lázaro estava muito enfermo, mas Jesus não foi visitá-lo imediatamente. Permaneceu dois ou mais dias onde estava, declarando que “[aquela] enfermidade não [era] para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus [fosse] glorificado por ela”.²

Ao ouvir que Jesus chegara, Marta “saiu-lhe ao encontro”³ e contou-lhe o que havia acontecido. Lázaro “já havia quatro dias que estava na sepultura”.⁴ Muito triste, Marta correu de volta para casa, a fim de dizer a Maria que o Senhor tinha chegado.⁵ Maria, tomada de dor, correu até Jesus, caiu a Seus pés e chorou.⁶

Lemos que, “quando (...) [Jesus] viu [Maria] chorar, (...) moveu-se muito em espírito, e perturbou-se”, e perguntou onde o haviam colocado.

“Disseram-lhe: Senhor, vem, e vê.”⁷

Lemos então algumas das mais compassivas e amorosas palavras das escrituras: “Jesus chorou”.⁸

O Apóstolo James E. Talmage



escreveu: “A visão das duas mulheres tão dominadas pela dor (...) fez Jesus sofrer de tal forma [com elas], que ficou com o espírito conturbado e profundamente comovido”.⁹ Isso testifica a compaixão, empatia e o amor que nosso Salvador e nosso Pai Celestial sentem por todas nós, toda vez que estamos sobrecarregadas de angústia, pecado, adversidade e dor nesta vida.

Queridas irmãs, nosso Pai Celestial e nosso Salvador, Jesus Cristo, nos conhecem e nos amam. Eles sabem quando estamos sofrendo ou sentindo qualquer tipo de dor. Não dizem: “Não importa que estejam sentindo dor agora, porque logo tudo vai dar certo. Vocês serão curadas, ou seu marido encontrará um emprego, ou seu filho errante voltará”. Eles sentem a profundidade de seu sofrimento, e podemos sentir o amor e a compaixão que Eles têm quando sofremos.

Alma testificou:

“E ele seguirá, sofrendo dores e aflições e tentações de toda espécie; e isto para que se cumpra a palavra

que diz que ele tomará sobre si as dores e as enfermidades de seu povo.

“E tomará sobre si (...) as suas enfermidades, para que se lhe encham de misericórdia as entranhas, (...) para que saiba (...) como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades”.¹⁰

Quando nos perguntamos se nosso Salvador e nosso Pai Celestial nos conhecem ou *quão bem* Eles nos conhecem pessoalmente, podemos lembrar-nos das palavras do Salvador a Oliver Cowdery:

“Se desejas mais um testemunho, volve tua mente para a noite em que clamaste a mim em teu coração a fim de saberes a respeito da veracidade destas coisas”.¹¹

Antes disso, o Salvador havia declarado a ele: “Ninguém há, a não ser Deus, que conheça teus pensamentos e os intentos de teu coração”.¹²

O Salvador lembrou Oliver que Ele conhecia cada detalhe daquela súplica em oração — e lembrava — o horário exato, a noite específica.

Há muitos anos, meu marido ficou muito enfermo com uma doença rara. À medida que as semanas passavam, e ele piorava, mais eu me convencia de que ele estava morrendo. Não contei a ninguém os meus temores. Tínhamos uma família grande e jovem, um casamento eterno amoroso, e a ideia de perder meu marido e de criar meus filhos sozinha encheu-me de solidão, desespero e até raiva. Envergonho-me de dizer que me afastei do meu Pai Celestial. Por vários dias, parei de orar. Parei de planejar: só chorava. Por fim, dei-me conta de que não conseguiria fazer aquilo sozinha.

Pela primeira vez, em muitos dias, ajoelhei-me e abri o coração a meu Pai Celestial, suplicando perdão por ter-me afastado Dele, expressando a Ele meus profundos sentimentos e, por fim, clamando que se aquilo era o que Ele realmente queria que eu fizesse, eu o faria. Eu sabia que Ele devia ter um plano para nossa vida.

Ao permanecer de joelhos, abrindo meu coração, o mais doce, sereno e amoroso sentimento tomou conta



Assim como o Senhor testificou para mim que não havia esquecido Sua preciosa filha Mollie Lenthal, testifico que Ele *não Se esqueceu de vocês!* Seja qual for o pecado, a fraqueza, dor, dificuldade ou provação pelos quais estejam passando, Ele conhece e compreende esses momentos. Ele ama vocês e vai carregá-las ao longo desses momentos, assim como o fez com Maria e Marta. Ele pagou o preço para que pudesse saber como nos socorrer. Coloquem seus fardos sobre Ele. Digam a seu Pai Celestial como se sentem. Contem a Ele suas dores e aflições e depois as entreguem a Ele. Estudem as escrituras *diariamente*. Nelas vocês vão encontrar grande consolo e ajuda também.

Nosso Salvador perguntou:

“Pois pode uma mulher esquecer o filho que está amamentando e deixar de sentir compaixão do filho de suas entranhas? Sim, pode esquecer; eu, porém, não te esquecerei. (...)”

Eis que te tenho gravada nas palmas de minhas mãos”.¹⁴

“E vistes que eu mandei que *nenhum* de vós se afastasse, mas ordenei que viésseis a mim para que vísseis e sentísseis; e da mesma forma fareis ao mundo”.¹⁵

Esse é nosso encargo. Precisamos ver e sentir por nós mesmas e depois ajudar todos os filhos do Pai Celestial a ver, sentir e saber que nosso Salvador tomou sobre Si não apenas todos os nossos pecados, mas também nossas dores, nossos sofrimentos e nossas aflições, para que pudesse saber como nos sentimos e como nos consolar. Presto testemunho Dele em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. João 11:5.
2. João 11:4.
3. João 11:20.
4. João 11:17.
5. Ver João 11:28.
6. Ver João 11:32.
7. João 11:33–34.
8. João 11:35.
9. James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, 3ª ed., 1916, p. 476.
10. Alma 7:11–12.
11. Doutrina e Convênios 6:22–23.
12. Doutrina e Convênios 6:16.
13. Ver Alma 36:14–22; grifo da autora.
14. 1 Néfi 21:15–16.
15. 3 Néfi 18:25; grifo da autora.

de mim. Foi como se um cobertor de amor me envolvesse. Foi como se eu pudesse sentir o Pai Celestial dizendo: “Era tudo o que eu precisava saber”. Decidi jamais me afastar Dele novamente. De modo gradual e assombroso, meu marido começou a melhorar, até se recuperar completamente.

Anos depois, meu marido e eu nos ajoelhamos ao lado de nossa filha de 17 anos e imploramos pela vida dela. Dessa vez, a resposta foi negativa, mas aquele mesmo sentimento de amor e paz que o Salvador prometeu foi igualmente vigoroso, e sabíamos que, embora o Pai Celestial a estivesse chamando de volta ao lar, tudo ficaria bem. Aprendemos o que significa colocar nossos fardos sobre o Senhor e saber que Ele nos ama e sente compaixão por nós em nossos sofrimentos e em nossas dores.

Um dos momentos mais tocantes entre pai e filho, no Livro de Mórmon, é o testemunho de Alma, o filho, a

seu filho Helamã. Alma descreveu o “inexprimível horror” que sentiu ao imaginar que seria levado à presença de Deus para ser julgado por suas muitas transgressões. Depois de sentir o peso de todos os seus pecados, por três dias e noites, ele se arrependeu e suplicou ao Salvador que tivesse misericórdia dele. Então, descreveu a Helamã o “belo e doce” sentimento de alegria por “já não” se lembrar de suas dores. Em vez de sentir “inexprimível horror” ao pensar que se apresentaria diante do trono de Deus, Alma teve a visão de “Deus sentado em seu trono” e declarou: “Minha alma *sentia o desejo* de lá estar”.¹³

Será que é isso que sentimos agora, minhas queridas irmãs, ao arrependermos e contemplar o amor, a misericórdia e a gratidão que sentimos por nosso Pai Celestial e por nosso Salvador, de modo que também sintamos “o desejo de lá estar”, para sermos carinhosamente abraçadas por Ele novamente?



Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

A Cuidadora

Vocês serão fortalecidas, mas também inspiradas a conhecer o limite de sua capacidade de servir.

Sinto-me grato por estar na companhia de vocês, nesta noite. As mulheres da Igreja de Jesus Cristo estão a caminho de se tornar a sociedade de irmãs que a mãe do Profeta Joseph Smith, Lucy Mack Smith, descreveu com estas palavras: “Precisamos amar-nos mutuamente, cuidar umas das outras, consolar umas às outras e adquirir instrução, para que possamos todas viver no céu juntas”.¹

Há três partes nessa extraordinária descrição das qualificações para associar-se com Deus em um estado de felicidade. Uma delas é cuidar umas das outras. A outra é ensinar umas às outras e ser ensinadas. E a terceira é viver juntas com Deus.

Meu propósito, nesta noite, é ajudá-las a sentir o reconhecimento e o apreço de Deus pelo que já fizeram para ajudar umas às outras a atingir essa meta sublime. E em segundo lugar, quero descrever algo do que ainda está por vir ao servirem em união.

Como as irmãs de uma época anterior, vocês aceitaram o chamado do Senhor de ir em socorro de outras pessoas. Em 1856, o profeta Brigham Young pediu aos santos que fossem ajudar os pioneiros de carrinho de mão que estavam retidos na neve das montanhas. Ele disse aos membros naquele momento de necessidade,

em uma conferência geral: “Nossa fé, religião e profissão de fé não vão salvar uma alma sequer dentre nós no reino celestial de nosso Deus, a menos que coloquemos em prática os princípios que agora lhes ensino. Vão e tragam aquelas pessoas que estão agora nas planícies, e cumpram estritamente as coisas a que chamamos de temporais, (...) caso contrário nossa fé será em vão”.²

Centenas de mulheres de Utah atenderam à conclamação. Em sua pobreza, encheram carroções com tudo de que puderam dispor e com tudo o que puderam coletar de outros para confortar os aflitos. Uma daquelas valorosas irmãs escreveu: “Nunca senti maior satisfação, e diria até prazer, em qualquer trabalho que realizei na vida, tal era a união de sentimentos que prevalecia”.³

Quando o resgate foi concluído e a neve derreteu, aquela mesma irmã registrou a pergunta de seu fiel coração: “O que nossas mãos dispostas podem fazer em seguida?”⁴

Em nossos dias, muitas irmãs valorosas do mundo inteiro transformaram sua fé em ações, em centenas de lugares. E perguntam o mesmo em seu coração e em suas orações sobre o futuro de sua vida de serviço ao próximo.

Cada uma de vocês está em uma posição especial em sua jornada rumo à vida eterna. Algumas têm anos de experiência e outras estão no início de seu discipulado mortal. Cada uma de vocês tem sua própria história pessoal e seus desafios. Mas todas são irmãs e amadas filhas de nosso Pai Celestial, que as conhece e cuida de cada uma de vocês.

O que vocês fazem extraordinariamente bem é cuidar umas das outras, amarem-se e consolarem-se mutuamente. Fui testemunha desse milagre triplo há apenas um mês, no serviço que prestaram a uma irmã. Como pai dela, agradeço a vocês e a Deus, que guiou uma professora visitante.

Nossa filha Elizabeth, que mora em outro estado com outro fuso horário, estava em casa com sua filha de três anos. Sua outra filha estava em sua primeira semana no jardim de infância. Elizabeth estava grávida de seis meses e ansiando pelo nascimento de seu terceiro filho, que os médicos disseram que seria outra menina. O marido, Joshua, estava fora trabalhando.

Quando ela viu que estava perdendo sangue e que o fluxo aumentava, telefonou para o marido. Ele a orientou a chamar uma ambulância, dizendo que se encontraria com ela no hospital, que ficava a 20 minutos de sua casa. Antes que ela pudesse fazer a ligação, ouviu alguém bater na porta.

Ao abrir a porta, ficou surpresa ao ver sua companheira de dupla de professoras visitantes da Sociedade de Socorro. Elas não tinham nada marcado para aquela manhã. A companheira simplesmente sentira que devia passar para ver a Elizabeth.

Ela a ajudou a entrar no carro. Chegaram ao hospital minutos antes de Joshua, que vinha do seu trabalho. Os médicos decidiram em menos de 20 minutos que fariam uma cesariana para salvar a Elizabeth e o bebê. E assim, uma menininha veio ao mundo, chorando bem alto, 15 semanas antes da data prevista. Pesava pouco mais de 700 gramas. Mas estava viva, e a Elizabeth também.



alguém aflito, honramos o bom samaritano tanto pelo que ele não fez quanto pelo que ele fez. Ele não passou de largo, mesmo que o viajante ferido na estrada fosse um estranho e talvez um inimigo. Ele fez o que pôde pelo homem ferido e depois elaborou um plano específico para que outros fizessem mais. Fez isso porque compreendeu que para ajudar os outros talvez fosse preciso mais do que aquilo que uma única pessoa poderia fazer.

As lições ensinadas nessa história podem guiá-las em tudo o que o futuro lhes reservar. Essas mesmas lições estão disponíveis em sua própria infância e em suas experiências pessoais recentes.

Ao menos uma vez, e talvez com frequência, vocês foram surpreendidas ao encontrar alguém necessitando de cuidados. Pode ter sido um de seus pais, um dos avós, uma irmã ou um filho, enfermo ou deficiente. Seus sentimentos de compaixão prevaleceram a seus desejos humanos. Assim, vocês começaram a oferecer ajuda.

Como na história do bom samaritano das escrituras, é provável que a ajuda necessária se transforme em cuidados prolongados que vocês não poderão oferecer sozinhas. O samaritano precisou confiar o viajante aos cuidados do estalajadeiro. O plano do Senhor para o serviço aos necessitados utiliza equipes.

O bispo e a presidente da Sociedade de Socorro sempre convidam os membros da família a ajudarem-se uns aos outros quando há uma necessidade. Há muitos motivos para esse princípio. O mais importante é prover a mais pessoas a bênção de um amor maior que advém do serviço mútuo.

Vocês observaram e sentiram essa bênção. Sempre que cuidaram de alguém, mesmo que por um curto período de tempo, sentiram amor pela pessoa a quem prestaram serviço. À medida que o tempo de serviço oferecido se prolongava, o sentimento de amor tendia a aumentar.

Como somos mortais, esse amor maior pode ser interrompido por sentimentos de frustração e cansaço. Esse

As palavras de Lucy Mack Smith cumpriram-se parcialmente naquele dia. Uma fiel irmã da Sociedade de Socorro, inspirada pelo Espírito Santo, cuidou de sua irmã no reino de Deus, amou-a e consolou-a. Ela e dezenas de milhares de outras que prestaram esse serviço inspirado, ao longo das gerações, contam não apenas com o agradecimento das pessoas a quem elas ajudaram e de seus entes queridos, mas também do Senhor.

Lembrem Suas palavras de apreço aos que recebem pouco reconhecimento por sua benevolência: “E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”.⁵

Mas o milagre de uma irmã da Sociedade de Socorro chegar para ajudar no momento exato é multiplicado pelo poder de uma sociedade unida de irmãs. Vou ler parte da mensagem que o bispo de Elizabeth enviou para ela e Joshua no hospital, poucas horas depois que o bebê nasceu: “A presidente da Sociedade de Socorro tem tudo sob controle. Já estamos elaborando um plano futuro a fim de ajudá-la com suas filhas em casa, para que a Elizabeth possa ir e vir do hospital enquanto o lindo bebê, ainda sem nome, permanecer aí. Já fizemos isso antes, por muito tempo, e [nosso] povo está ávido pela oportunidade de servir”.

O bispo continuou, falando por si mesmo e pela ala: “Até fomos ao hospital e brincamos com as crianças na sala de brinquedos, quando as mães não tinham outro lugar para deixá-las.

Não vamos executar nosso plano sem que vocês o coordenem e concordem com ele, é claro. Só queria que soubessem que não precisam se preocupar com as coisas que podemos fazer [e faremos]”.

O que fizeram por minha filha possibilitou que ela tivesse um momento precioso, quando segurou no colo pela primeira vez sua pequenina filha.

Então o bispo encerrou suas palavras a Joshua e Elizabeth com a mensagem que as irmãs enviam de seu comprometimento de servir-se mutuamente, no mundo todo, em nome do Mestre: “Mantenha a fé”.

Com todas as diferenças de sua situação pessoal e com toda a experiência de vida que tenho, posso dizer-lhes algo do que as espera. Se mantiverem a fé, serão com frequência convidadas pelo Senhor para prestar serviço a alguém necessitado, quando isso não parecer conveniente. Talvez pareça uma tarefa desagradável ou até impossível. Quando o chamado vier, talvez pareça que vocês não sejam necessárias ou talvez pareça que outra pessoa possa facilmente oferecer o auxílio.

Lembrem-se de que, quando o Senhor permite que encontremos

é outro motivo pelo qual o Senhor permite que tenhamos ajuda de outros no serviço que prestamos aos necessitados. É por isso que o Senhor criou sociedades de cuidadoras.

Há poucas semanas, eu estava presente quando uma jovem se ergueu para ser apoiada na reunião sacramental como coordenadora adjunta das professoras visitantes, um cargo que eu não sabia que existia. Perguntei-me se ela sabia que grande tributo o Senhor lhe havia prestado. Como seu filho estava agitado, ela teve que sair da reunião antes que eu pudesse dizer-lhe o quanto o Senhor a amaria e teria gratidão por sua ajuda ao coordenar os esforços de Seus discípulos.

A tarefa de cuidar dos necessitados exige uma equipe, uma sociedade amorosa e unida. É isso que o Senhor está fazendo com que vocês se tornem. Ele as ama por qualquer função que desempenhem.

Uma prova de Seu apreço é que Deus permite que vocês sintam um crescente amor por aqueles a quem servem. Esse é o motivo pelo qual vocês choram quando alguém a quem prestaram serviço por muito tempo vem a falecer. A perda da chance de cuidar delas pode parecer uma perda ainda maior do que a separação temporária. Ouvi recentemente uma mulher, a quem eu conhecia havia muito tempo, na semana em que seu marido faleceu, prestar um testemunho de gratidão pela oportunidade que teve de servi-lo até o fim de sua vida. Suas lágrimas não eram visíveis, mas via-se seu sorriso feliz.

Mesmo que o serviço prestado com amor às pessoas seja ricamente recompensado, vocês aprenderam que há limites físicos, emocionais e financeiros no que é possível fazer. A pessoa que presta cuidados por muito tempo pode tornar-se aquela que precisa de cuidados.

O Senhor, que é o Mestre Cuidador das pessoas necessitadas, deu um conselho inspirado às cuidadoras fatigadas, nestas palavras proferidas pelo rei Benjamim e registradas no Livro de Mórmon: “Para conservardes a remissão de vossos pecados, (...) quisera

que repartísseis vossos bens com os pobres, cada um de acordo com o que possui, alimentando os famintos, vestindo os nus, visitando os doentes e aliviando-lhes os sofrimentos, tanto espiritual como materialmente, conforme as carências deles”.⁶

Mas depois, Ele prossegue advertindo aqueles que deixam de dar atenção à evidência de que estão se esforçando demais ou por tempo excessivo em seu serviço de amor: “E vede que todas estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem; porque não se exige que o homem [ou qualquer prestadora de serviço] corra mais rapidamente do que suas forças o permitam. E, novamente, é necessário que ele seja diligente, para que assim possa ganhar o galardão; portanto todas as coisas devem ser feitas em ordem”.⁷

Esse conselho parece difícil de seguir quando temos de equilibrar o desejo de fazer todo o possível para ajudar os outros com a prudência de atender a nossas próprias necessidades, a fim de preservar nossa capacidade de servir. Pode ser que tenham visto outras pessoas se debaterem

com essas escolhas difíceis. Um exemplo é a decisão de cuidar de alguém que está no final da vida em casa ou em um asilo para idosos, quando estamos próximos da exaustão.

O que conhecemos a respeito do plano de salvação pode ser nosso guia nessas escolhas emocionalmente dramáticas. Esse é um dos motivos pelos quais Lucy Mack Smith sabiamente aconselhou que as irmãs deveriam “adquirir instrução”.

É muito útil ter a segura convicção do propósito que o Senhor tem para cada filho Seu na severa prova da vida mortal. Ele ensinou a essência do plano de salvação ao Profeta Joseph desta maneira, quando este se debatia para compreender provações aparentemente intermináveis: “E então, se as suportares bem, Deus te exaltará no alto”.⁸

Então, nossa escolha de ajudar da melhor maneira alguém ao longo de difíceis provações torna-se: “Que rumo devo tomar para ajudar melhor a pessoa a quem amo e sirvo a ‘suportar bem?’” Cabe a nós tornar mais provável que ele ou ela exerça fé em





Cristo, mantenha um esplendor de esperança de vida eterna e pratique a caridade, o puro amor de Cristo, até o final da vida.

Já vi irmãs no reino que colocam essa ênfase no Salvador e nos propósitos Dele. Penso nas ocasiões em que entro na sala onde aconteceu a reunião da Sociedade de Socorro, da Primária ou das Moças.

Uma gravura do Salvador ou Suas palavras talvez não estejam evidentes, mas sabemos que um testemunho da realidade e do valor de Sua Expição foi prestado naquela hora, assim como foi prestado esta noite. Talvez não haja uma gravura de um templo sagrado ou as palavras “As Famílias Podem Ser Eternas”, mas pode-se ver a esperança no sorriso delas.

E vocês já viram, como eu vi, uma sábia professora visitante edificar a confiança de uma irmã hesitante de que o serviço que ela presta a outra

pessoa, mesmo que essa irmã seja falha, ainda é necessário e valioso. Excelentes presidentes de Sociedade de Socorro encontram maneiras de permitir que aquelas carentes de ajuda cuidem de outras. Criam oportunidades para que as irmãs suportem provações enquanto cuidam uma das outras com o puro amor de Cristo. Isso pode incluir o gentil conselho de que a cuidadora cansada descanse ou aceite a ajuda de outras.

As irmãs tornam isso possível procurando não julgar as que passam por provações. A maioria das pessoas que carrega fardos pesados começa a duvidar de si mesma e de seu próprio valor. Aliviamos seu fardo ao ser pacientes com suas fraquezas e ao comemorar toda virtude que vemos nelas. O Senhor faz isso. Poderíamos seguir Seu exemplo, o do maior Cuidador de todos.

Falamos frequentemente da força

do círculo de irmãs, na Igreja de Jesus Cristo. Precisamos aprender a reconhecer que o Salvador está sempre no círculo quando O convidamos.

Cada vez mais, vemos as filhas de Deus convidar outras irmãs para entrar no círculo com elas. Quando as irmãs chegam a uma reunião e procuram um lugar para sentar, elas ouvem alguém dizer baixinho: “Venha sentar-se aqui comigo”.

Ouviremos essas palavras naquele dia futuro que Lucy Mack Smith previu, quando as irmãs irão “viver juntas no céu”. Não nos preparamos para aquele dia de um momento para o outro. Isso é fruto de dias e anos de cuidados mútuos e do acúmulo de palavras de vida eterna no fundo de nosso coração.

Minha oração é que muitos de nós estejamos juntos no glorioso futuro que temos pela frente. Presto-lhes meu testemunho de que nossa esperança nesses dias será justificada. O Senhor Jesus Cristo, por intermédio de Sua infinita Expição, tornou isso possível para cada um de nós. O Pai Celestial ouve e responde nossas orações de fé, ao pedirmos orientação e ajuda para perseverar em nosso serviço a Ele.

O Espírito Santo é enviado a vocês e àquelas a quem vocês servem. Vocês serão fortalecidas, mas também inspiradas a conhecer o limite de sua capacidade de servir. O Espírito vai consolá-las quando se perguntarem: “Será que fiz o suficiente?”

Testifico que o Senhor estará com vocês e que seu caminho será preparado e marcado para vocês por Ele em seu serviço aos que Ele ama, em suas necessidades e provações. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Lucy Mack Smith, *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*, 2011, p. 26.
2. Brigham Young, *Filhas em Meu Reino*, p. 39.
3. Lucy Meserve Smith, *Filhas em Meu Reino*, p. 40.
4. Lucy Meserve Smith, *Filhas em Meu Reino*, p. 40.
5. Mateus 25:40.
6. Mosias 4:26.
7. Mosias 4:27.
8. Doutrina e Convênios 121:8.

Índice das Histórias Contadas na Conferência

A lista abaixo, com experiências selecionadas dentre os discursos da conferência geral, pode ser usada no estudo pessoal, na noite familiar e em outras situações de ensino. Os oradores estão alistados em ordem alfabética e o número se refere à primeira página do discurso.

| ORADOR | HISTÓRIA |
|--------------------------------|--|
| Neil L. Andersen | (39) A fé exercida por uma família não se abala depois da morte da filha. |
| Shayne M. Bowen | (15) Shayne M. Bowen e seu companheiro missionário ensinam a uma família que as crianças não precisam de batismo. |
| Linda K. Burton | (78) Uma mulher ajuda Linda K. Burton em sua segunda visita ao templo como recém-casada. (111) A pioneira Mary Lois Walker perde o marido e um filho ao cruzar as planícies. |
| Craig C. Christensen | (12) Ben Christensen, de seis anos, sente o Espírito na visitação pública de um templo. |
| D. Todd Christofferson, | (47) Um rapaz da Índia trabalha arduamente para ajudar sua família e para obter uma formação educacional. |
| Quentin L. Cook | (6) O atleta olímpico britânico Eric Liddell se recusa a correr no domingo. |
| Ann M. Dibb | (10) Uma moça veste confiante uma camiseta que afirma que ela é membro da Igreja. |
| Larry Echo Hawk | (32) O sargento instrutor de Larry Echo Hawk descobre seu exemplar do Livro de Mórmon. |
| Henry B. Eyring | (60) Henry B. Eyring entalha um quadro para cada um dos filhos representando os dons especiais de cada um. (72) A neta de Henry B. Eyring procura Jesus na visitação pública de um templo. (72) Henry B. Eyring sai da Universidade Stanford para aceitar um emprego no Ricks College. (72) A nora de Henry B. Eyring ora na praia e dedica seu tempo ao Senhor. |
| Robert C. Gay | (34) O pai de Robert C. Gay pergunta se ele venderia a alma por dez centavos. (34) Robert C. Gay segue a inspiração de ajudar um menino que soluçava ao lado da estrada. |
| Daniel L. Johnson | (101) Santos dos últimos dias vão ao templo depois que uma tempestade destruiu sua plantação de frutas. |
| Thomas S. Monson | (68) N. Eldon Tanner se surpreende ao ver quatro homens serem avançados no sacerdócio. (68) Thomas S. Monson recebe inspiração para chamar presidentes de ramo. (68) John H. Groberg presta seu testemunho ao rei de Tonga. (86) Thomas S. Monson segue a inspiração de oferecer sugestões para o trabalho missionário. (86) Thomas S. Monson segue a inspiração de visitar um amigo no hospital. (86) Thomas S. Monson incentiva um rapaz a servir missão. (86) Uma oração feita pelos jovens em uma celebração cultural de um templo é respondida. |
| Russell M. Nelson | (18) Um homem segue a inspiração de “parar os rapazes de bicicleta”. |
| Russell T. Ogusthorpe | (96) Jovens que frequentam uma classe da Escola Dominical ajudam dois colegas com autismo a compartilhar o que aprenderam. |
| Boyd K. Packer | (75) O barco de Boyd K. Packer é atingido por uma forte tempestade no mar, na Samoa Ocidental. |
| Linda S. Reeves | (118) Linda S. Reeves se volta para Deus depois que seu marido fica doente. |
| Richard G. Scott | (93) Jovens da Rússia indexam 2.000 nomes cada um e enviam o nome de um antepassado para o trabalho do templo. |
| Carole M. Stephens | (115) Moças ajudam umas às outras durante a encenação de uma jornada pioneira. |
| Gary E. Stevenson | (51) Um estudante universitário sai de uma festa no Japão depois de recusar cigarros de maconha. |
| Scott D. Whiting | (37) Empreiteiros do templo corrigem dois pequenos defeitos no Templo de Laie Havaí. |

Redução da Idade para os Missionários de Tempo Integral

Heather Whittle Wrigley

Notícias e Acontecimentos da Igreja

Na abertura da 182ª Conferência Geral Semestral, o Presidente Thomas S. Monson anunciou que, a partir de agora, os homens podem iniciar o serviço missionário aos 18 anos de idade, e as mulheres, aos 19 anos.

Mais tarde, em uma entrevista coletiva, o Élder Russell M. Nelson, do Quórum dos Doze Apóstolos, enfatizou que a mudança é uma opção: “Os rapazes e as moças não devem iniciar o trabalho antes de estar preparados espiritual e materialmente”, respondeu. A escolaridade, as circunstâncias familiares e a saúde ainda são

considerações importantes para decidir quando iniciar o serviço missionário.

O Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, explicou que os missionários em perspectiva devem ser recomendados pelo bispo e pelo presidente da estaca para o serviço de tempo integral 120 dias antes da data de completarem 18 anos ou da data de disponibilidade deles. Os rapazes podem entrar no centro de treinamento missionário (CTM) após terem se formado no Ensino Médio ou equivalente e completarem 18 anos de idade. As mulheres podem entrar após completarem 19 anos de idade.

Os rapazes e as moças podem agora iniciar o serviço missionário aos 18 e aos 19 anos, respectivamente, dependendo das circunstâncias individuais e da determinação dos líderes locais do sacerdócio.

É solicitado que os missionários em perspectiva estejam mais bem preparados antes de entrar no CTM.

“Deus está acelerando Seu trabalho”, disse o Élder Holland. “E Ele precisa de mais e mais missionários dignos que estejam dispostos a levar a luz, a verdade, a esperança e a salvação do evangelho de Jesus Cristo a um mundo sombrio e temeroso.”

O Élder Holland disse que provavelmente mais missões serão criadas.

Para ajudar a acomodar o aumento antecipado de missionários nas missões em todo o mundo, o tempo que os missionários ficam no CTM será reduzido a um terço para todos os missionários. Um treinamento de 12 semanas, administrado no campo missionário, foi recentemente implementado para ajudar a preparar melhor os missionários. ■

Leia mais sobre o assunto no site news.LDS.org em “idade para o serviço missionário”.

Ensinaamentos para os Nossos Dias

De outubro de 2012 até março de 2013, as aulas do quarto domingo para as classes do Sacerdócio de Melquisedeque e da Sociedade de Socorro devem ser preparadas com base em um ou mais discursos da conferência geral de outubro de 2012. Em abril de 2013, os discursos selecionados podem ser da conferência de outubro de 2012 ou de abril de 2013. Os presidentes de estaca e distrito devem escolher quais serão os discursos usados em sua área.

Para saber mais, veja a seção “Ensinaamentos para os Nossos Dias” da revista *A Liahona* de maio de 2012 (LDS.org/liahona). ■





Vinde a Mim é um novo currículo que irá ajudar os professores a ensinar à maneira do Salvador e auxiliar os jovens a tornarem-se mais plenamente convertidos ao evangelho.

A Igreja Apresenta o Novo Currículo dos Jovens para 2013

A Igreja anunciou o novo material — *Vinde a Mim: Recursos de Aprendizado para os Jovens* — para os quóruns do Sacerdócio Aarônico, para as classes das Moças e da Escola Dominical dos jovens para 2013.

Uma das principais metas do material *Vinde a Mim* é ajudar os professores — na igreja e no lar — a ensinar à maneira do Salvador, tornando as lições mais centralizadas em conversas sobre o evangelho. Os jovens serão convidados a ter um papel mais significativo no ensino e aprendizado.

“É dada ênfase ao fortalecimento e à edificação da fé, à conversão e ao testemunho, usando-se os ensinamentos mais atuais das Autoridades Gerais e das presidências das auxiliares,” diz a carta da Primeira Presidência, com data de 12 de setembro de 2012.

O material *Vinde a Mim* está organizado em unidades que enfatizam um tópico doutrinário a cada mês e é compartilhado entre as classes da Escola Dominical, das Moças e do Sacerdócio Aarônico.

Cada unidade contém mais lições do que o número de aulas de cada mês, por isso os professores e líderes devem buscar inspiração e reunir-se para determinar quais lições irão utilizar.

Um novo guia, *Ensinar o Evangelho à Maneira do Salvador*, ajudará os líderes e professores a entenderem melhor como adaptar as lições às necessidades particulares dos seus jovens e como ajudá-los a aprender o evangelho.

Todas as lições estão disponíveis na Internet para ser impressas. As versões para impressão do material *Vinde a Mim* estarão disponíveis posteriormente. Até o final do ano de 2012, todos os esboços de lição estarão disponíveis online em 23 idiomas.

Os membros, líderes e professores podem examinar o novo currículo online no site **LDS.org/youth/learn**.

Os líderes locais e de área darão treinamento aos líderes e professores antes do final de 2012. ■

Saiba mais no site news.LDS.org. Ver também a página 96 desta edição.

Novas Ferramentas para Ajudar os Membros a Prepararem Nomes de Familiares

Em uma carta de 8 de outubro de 2012, a Primeira Presidência convidou os membros, em particular os jovens e os jovens adultos solteiros, a receberem a plenitude das bênçãos do templo ao prepararem nomes de seus próprios familiares para levar ao templo.

Além disso, aqueles com “um grande número de nomes de familiares reservados [são incentivados] a liberar esses nomes rapidamente para que as ordenanças necessárias sejam realizadas”.

Para ajudar os membros a atenderem ao chamado da Primeira Presidência, a Igreja está desenvolvendo novos recursos e experiências que podem ser encontrados em dez idiomas no site familysearch.org.

Uma atualização recente do new.familysearch.org chamado Family Tree [Árvore Genealógica], por exemplo, oferece um reforço a nossa pesquisa de história da família permitindo aos usuários (1) conectar-se e colaborar com linhagens familiares compartilhadas, (2) alterar e apagar dados incorretos e (3) enviar facilmente nomes de antepassados ao templo para a realização de ordenanças. Os usuários também encontram vídeos em “Normas para o Envio de Nomes para o Templo” e outros treinamentos no familysearch.org/treetraining. ■



Élder Craig C. Christensen

Da Presidência dos Setenta

○ Élder Craig C. Christensen iniciou seu serviço como membro da Presidência dos Setenta no dia 1º de agosto de 2012, após seu chamado em abril de 2012.

Filho de Sheron e Colleen Christensen, o Élder Christensen nasceu em Salt Lake City, Utah, EUA, em março de 1956 e foi criado no norte da Califórnia em uma “família SUD ativa e participativa”. Ele destacou que sempre acreditou que o evangelho é verdadeiro, ainda que seu testemunho tenha sido fortalecido durante o serviço missionário no Chile.

“Como missionário, meu desejo de sentir o Espírito Santo tornou-se constante e meu testemunho do evangelho aprofundou-se e tornou-se mais real para mim”, disse ele. Na missão, ele adquiriu um amor pelo Livro de Mórmon que continua em seus ensinamentos hoje.

O Élder Christensen é membro do Primeiro e do Segundo Quóruns dos Setenta desde 2002. Recentemente, serviu como Diretor Executivo do Departamento do Sacerdócio. Seus últimos chamados incluem o de presidente da Área México Sul, presidente da Missão Cidade do México Leste, bispo, sumo conselheiro e presidente da missão da estaca.

O Élder Christensen é bacharel em Contabilidade pela Universidade Brigham Young e tem mestrado em Administração de Empresas pela Universidade de Washington. Foi proprietário e administrador de negócios no setor de automóveis e imóveis, e foi instrutor visitante em diversas universidades.

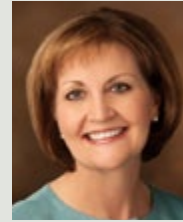
O Élder Christensen casou-se com Debora Jones, em 28 de março de 1978. Eles moram em Holladay, Utah, e têm quatro filhos e cinco netos. ■

Presidências Gerais das Auxiliares

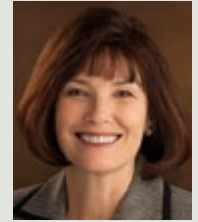
SOCIEDADE DE SOCORRO



Carole M. Stephens
Primeira Conselheira



Linda K. Burton
Presidente



Linda S. Reeves
Segunda Conselheira

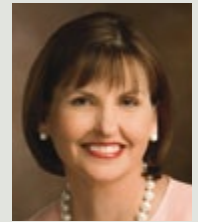
MOÇAS



Mary N. Cook
Primeira Conselheira

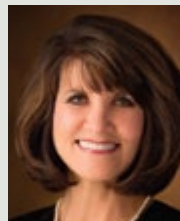


Elaine S. Dalton
Presidente



Ann M. Dibb
Segunda Conselheira

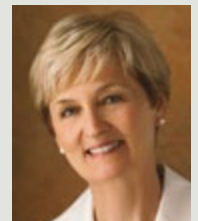
PRIMÁRIA



Jean A. Stevens
Primeira Conselheira



Rosemary M. Wixom
Presidente



Cheryl A. Esplin
Segunda Conselheira

RAPAZES



Larry M. Gibson
Primeiro Conselheiro



David L. Beck
Presidente



Adrián Ochoa
Segundo Conselheiro

ESCOLA DOMINICAL



David M. McConkie
Primeiro Conselheiro



Russell T. Osguthorpe
Presidente



Matthew O. Richardson
Segundo Conselheiro



**Um Passo de Fé,
Michael T. Malm**

*“E os discípulos, vendo
[Jesus] andando sobre o
mar, assustaram-se. (...)*

*Jesus, porém, lhes
falou logo, dizendo:
Tende bom ânimo,
sou eu, não temais.*

*E respondeu-lhe
Pedro, e disse: Senhor,
se és tu, manda-me ir
ter contigo por cima
das águas.*

*E ele disse: Vem.
E Pedro, descendo
do barco, andou
sobre as águas para
ir ter com Jesus
(Mateus 14:26–29).*



“Estou feliz por anunciar que, a vigorar a partir de agora, todos os rapazes dignos e capazes que tiverem se formado no Ensino Médio ou equivalente, independentemente de onde morem, terão a opção de serem recomendados para o serviço missionário a partir dos dezoito anos de idade, em vez de aos dezenove”, anunciou o Presidente Thomas S. Monson na sessão de abertura da 182ª Conferência Geral Semestral da Igreja. Ele também disse: “Hoje, tenho o prazer de anunciar que toda moça capaz e digna que tenha o desejo de servir pode ser recomendada para o serviço missionário a partir dos dezenove anos de idade, em vez de aos 21”.